This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 868,765

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

310/4511

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

VIII

BOCAGE

III

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

SCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE SUAS QUALIDADES E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

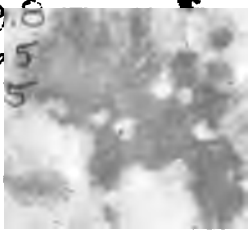
TOMO TERCEIRO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS, — AUG. DURAND, EDITOR, RUA CUJAS, 9

1867

Ficão reservados todos os direitos de propriedade.

869.8
B665
C35
V.3



63-275388

NOTICIA

DA VIDA E OBRAS

DE M. M. BARBOSA DU BOCAGE

CAPITULO XIX

Continuação das relações de Bocage com varios contemporaneos. — José Daniel. — Saunier. — Antonio José Alvares. — Soyé. — Soares de Carvalho. — Torrezão. — Padre Fernandes. — Laborim. — Costa e Silva. — Ribeiro Soares. — Cardoso. — Henrique P. da Costa. — Gama. — Figueiredo. — Gomes. — Moura Leitão. — Almeida. — Maneschi. — Paz. — Rodrigues. — Ramos. — Coutinho. — Chaves. — Mendonça Arraes. — Blancheville. — Cordeiro. — Vianna. — J. B. Gomes. — I. G. M. de S. Mascarenhas. — M. A. Rodrigues.

JOSÉ DANIEL

José Daniel Rodrigues da Costa, official das portas da cidade em Belem para impedir a entrada do vinho sem guia, era por Bocage denominado *Beleguim do Parnaso*. Posto que inferior a alguns elogios que lhe faz o *Jornal de Coimbra*, não era desprovido de merito; e entre os seus numerosos escriptos algo houvera deixado mais importante que o *Almocreve das Petas*, se educação, es-

tudo, descanso e gosto o tivessem mais generosamente favorecido.

Tinha José Daniel por uso andar com as algibeiras pejadas dos seus folhetos, offerecendo-os pelas ruas a quantas pessoas topava. Antes porém de os encaminhar para a imprensa, sujeitava-os á lima de Belchior Semmedo, o qual, com summa paciencia, lh'os castigava.

Contra este pobre homem disparou Bocage muitos sonetos; entre outros, este, que dedicou *ao machucho poetarrão :*

Das petas o almocreve é cousa tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto :
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
É de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perua,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor que tens composto,
Inda que de artificio e graças nua.

A gente por Lisboa anda pasmada
Vendo-te farto, e cheio como um ovo,
Dos alvos pintos que te deu por nada;

E frio de terror susurra o povo,
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cedo se espera um parto novo.

Est'outro, precedeu-o do titulo : *A I. D. R. C., esbirro terrivel pela penna e cordel :*

« Não presta Coridon, não presta Elpino,
« Filinto é ninharia, é lixo Alfeno,
« Albano falla só no Tejo ameno,
« Só tardes e manhãs descreve Alcino,

« Trescala aos seiscentistas o Paulino:
« Pois Bocage! isso é peste, isso é veneno! »

Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino.

« Quem tem vossas mercês, » lhe sahe d'um lado
Taful do serio rancho das lunetas,
« Que seja para versos extremado? »

« Quem! diz o tal: não fação lá caretas:
« Um que de seus papeis anda pejado,
« Poeta de pregões, cantor de petas. »

Mas se a penna de Bocage o não poupava, menos ainda a sua lingua mordaz, que frequentemente em publico o ultrajava. (Diz Couto que, quando Bocage ouvia os cegos apregoar obras do José Daniel, lembrado do traductor das Georgicas, e escandalisado do homonymo, voltava-se para o cego e dizia-lhe : « *O' bruto, ou tira-lhe Daniel ou põe-lhe Rodrigues!* » Mas quem será este Daniel? Será Leonel?)

Já se vê que a penna e a lingua de Bocage não podião deixar de perder completamente a quem assim ridiculisavão. Contou-nos D. Gastão a seguinte anecdota, que poremos na sua boca :

« Uma tarde, estando eu na loja do José Pedro, entra Bocage, e diz-me :

« — Sabes quem me veio hoje procurar? o homem das Petas. Vinha muito concho e modesto, exaltando-me ás nuvens..... até que o intrugi, quando me tartamudeou :

« — Cá eu não me posso medir com Vm.

« — Mas eu tambem não sou nenhum covado, lhe respondi.

« — Mas é que a sua concurrencia.....

« — Eu não trago contracto arrematado.

« — Pois traga ou não, torna o homem quasi a cho-

rar, pelo amor de Deos não me tome á sua conta, que eu não quero glorias, quero pão!

« — Tive dó do homem, tive, accrescentava Bocage, mas lá os taes versos d'elle, como amigo sempre digo que lh'os não comprem!

« Sahímos da loja de bebidas, para o Passeio, e ao voltar a esquina do Rocio, deu Bocage com os olhos n'um cartaz annunciando o IIº tomo das *Rimas* de José Daniel, com os maiores e mais nauseabundos elogios. Ahi lhe vi eu fazer um maravilhoso esforço! Mal tinha olhado para o cartaz, começou, como se estivesse lendo o que se achasse escripto na parede, a recitar, sem hesitação n'uma unica syllaba, o seguinte soneto :

Tomo segundo á luz sahio das *Rimas*
De José Daniel Rodrigues Costa;
Obra mui devagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doutas limas.

Falla em opios, em manas, falla em primas;
Diz cousas de que a plebe não desgosta;
Malha em peraltas, na relé disposta
A saltos, macaquices, pantomimas.

Por estas, e por outras que tem feito,
Verá qualquer leitor, nas obras suas,
Que elle para versar nasceu com geito.

Achão-se em tendas, achão-se em commuas;
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio autor por essas ruas.

Temos motivos para suppôr que a seguinte anecdota é anterior, e entre outros individuos, apezar da opinião constante.

Asseverão que entre Bocage e José Daniel se dera uma

vez, no tempo em que erão amigos, o dialogo que vai ler-se:

— Ó José Daniel, entremos aqui no Nicola.

— Prompto.

— Manda vir genebra e cigarros.

Depois de refocilados, diz Bocage:

— Ora agora paga, para irmos dar uma volta á Lage.

— Paga! *Non potest esse*, que estou á paz de pirolo. Paga tu!

— Eu é que não professo real.

— Tambem eu não arroto de ricaço; não convidasses um pobretão.

— Pobretão! Pobretão!

Todo o homem pobretão
Deve ser como o cabrito;
Ou morrer em pequenito,
Ou crescer para cabrão.

Ha uma boa glosa d'esta quadra, feita por Bressane. Ao Sr. Francisco de Paula Bressane a devemos:

— Não saber se ri, se chora;
— Mentir, té quando não mente;
— Buscar a sucia da gente,
E a gente lançal-o fóra;
— Ter por premio, se namora,
Bofetada ou cachação;
— Não ter valor nem razão;
— Trocar sempre em mal o bem;
— É esta a sorte que tem
Todo o homem pobretão.

N'elle tudo são azares:
— Roem-lhe a casaca os ratos;
— Andão sujos os sapatos,
Em guerra co'os calcanhares;

— Busca o bem, acha pezares;
— N'ella a virtude é delicto;
— Se lhe dão, não solta um grito;
Só appella á paciencia;
— Por pacifica influencia
Deve ser como o cabrito.

Sim : o cabrito nasceu;
É bonito, dá pulinhos,
Mal com seus ternos carinhos
A mãi cabrinha o lambeu.
Vai o cabrito — cresceu!
Eis perde o ser de bonito :
Vê por um decreto escripto
Lá n'esses tartareos fornos
— Ou que ha de viver com cornos,
— *Ou morrer em pequenito.*

D'est'arte nasce o que é pobre :
— É bonito, tem gracinhas;
— A mãi intima ás vizinhas
Que seu filho é rico, é nobre.....
— Vôa o ouro, a prata, o cobre,
Fica o rapaz pobretão,
De bode seus fados são :
Deve, qual cabrina raça,
— Ou morrer quando tem graça,
— *Ou crescer para cabrão.*

SAUNIER

Antonio Chrispiniano Saunier, cujo anagramma era *Insauro*, pobre idiota, autor de umas miseraveis *Rimas*, offerecidas, em 1800 e 1801, á duqueza de Lafões, ainda pejou o prelo em 1802, 1815, 1817, 1819, e não sabemos quando mais. Realmente não merecia a honra que lhe fazião, pois mais não valia que um bôbo. Para darmos amostra da sua benemerencia, escolhamos, entre os seus

raros versos certos, algumas quadras de um folheto dedicado em 1802 por Saunier ao intendente Manique:

Pastoras sinceras
Vos trazem, gostosas,
Regaços mui bellos
Das mais puras rosas.

Apollo se encosta
Em os nossos braços,
Que fazem á musa
Os ternos compassos.

É nossa alegria,
Gosto especial,
Ver um intendente
De fama immortal!

Por occasião da morte de Gomes Freire, publicou Saunier uma *Epistola á horrorosa conjuração*. Encontra Francisco Dias, e pergunta-lhe:

— V. S.ª já vio a minha *Epistola á horrorosa conjuração?*

— Eu, não senhor.

— Pois tinha vontade de saber a sua opinião.

— A minha opinião é que escrever *epistolas a conjurados* é cousa muito perigosa; agora *ás conjurações*, não sei.

Costumava Saunier fazer aos gallegos cartas eloquentes para a terra a tres vintens, epistolas amatorias em prosa a tostão, e jaculatorias em verso a seis vintens. Era hediondo, e andava sempre enterrado n'uma immensa gravata historica (a que elle mesmo chamava *espeque*), que o cobria como capuz de frade.

Um dia, estando Bocage em casa de Antonio Bressane, entra o Morgado rindo muito, e contando que o Saunier

fôra, pela ronda, preso na vespera, por suspeito. Interrompeu logo Bressane, dizendo:

— Pois lá vai a historia do Saunier em verso:

Á meia noite
Sahio de um cano,
Pondo a gravata [1],
Chrispiniano.

Eis que da ronda
Tropel insano
Divisa ao longe
Chrispiniano.

Capuz o cobre.....
« És Franciscano? »
Só lhe responde:
« Chrispiniano! »

Chega o alcaide,
Dá-lhe um abano.....
Sahe da gravata
Chrispiniano!

D'estas quatro quadras, que fazem um todo indissoluvel, andão duas destacadas, estropiadas, e insertas nas collecções de obras de Bocage, sendo ellas de Bressane, segundo contemporaneos nos affirmão.

Seguio-se a este chistoso improviso um dialogo mui animado, sendo-lhe assumpto o pobre Saunier:

— Pois que queres tu? dizia Bocage. Ainda hoje é que eu o soube. Que queres tu de um homem que tem a pouca vergonha de se chamar Chrispiniano!

Houve, durante longo tempo, um tiroteio de satyras

[1] Ha variantes a este verso:

— A ler seus versos — o
— Cheio de.....

desalmadas, dirigidas pelos poetas do *Agulheiro dos Sabios* a Saunier, e por este áquelles. Costumava Saunier ir para uma loja de bebidas á esquina da Boa Hora, antagonista da do Rocio, e onde, apenas congregados os bronzeos emulos dos aureos versificadores, chovião convicios, chufas e facecias contra a roda de Bocage: por uma taça de café, um copo de genebra, ou ainda alguns cobres que lhe dessem, escrevinhava Saunier uma cousa a que chamava poesia, e que, applaudida e victoriada pelo sagaz auditorio, era logo por um gallego enviada, em carta fechada, com sobrescripto ao Sr. José Pedro. Apenas os maliciosos poetas recebião tão jograes missivas, disputavão entre si a penna, com que, em meio de alaridos e risadas, traçavão no papel myriades de graciosos epigrammas, que o paciente gallego esperava para levar aos seus primeiros freguezes. Havia cadernos d'essa correspondencia, mas suppomos que tudo se perdeu.

Só uma producção se salvou, que muito folgamos de ter podido alcançar, já por ser um tão fallado como desconhecido *inedito*, já principalmente porque a satyra a José Agostinho, e esta, são as duas unicas poesias de tal genero, e de certas dimensões, que de Bocage se conservão. Por dous amigos d'elle fôra-nos denunciada como soberba esta satyra, que suppunhão perdida, e de que só lhes lembravão alguns versos. Ao opulento deposito de preciosidades litterarias de Francisco Joaquim Pereira e Souza devemos a cópia (talvez unica) d'este rarissimo *inedito*.

Esta epistola famosa foi tambem escripta no botequim do Rocio, e deu-lhe origem a seguinte circumstancia. Saunier, que o seu circulo de conhecidos excitava sempre

a maldizer de Bocage, acabava de escrever um soneto em louvor d'este! era sim um tecido de necedades, mas cumpria levar em conta a intenção. N'esse dia, apenas Bocage entrou, foi assaltado, cingido, abafado por todos os seus socios, D. Gastão, Pato Moniz, Bressane, Assentiz, e os outros, todos á uma, endoudecendo-o com ironias e motejos, pelos elogios de Saunier, em côro de *Roberto do Diabo*. Bocage, para lavar-se da affronta de semelhante panegyrico, teve de escrever em continenti a seguinte epistola. Dirieis Hercules arrancando um pinheiro do Eta para matar uma mosca.

ELMANO A INSAURO

Besta e mais besta! O positivo é nada.....
(Perdôa, se em grammatica te fallo,
Arte que ignoras, como ignoras tudo.)
Besta e mais besta! Na palavra embirro;
Que a besta annexa ao mais teu ser definem.

Dás-me louvor servil na voz do prelo,
Grande me crês, proclamas-me famoso,
Excelso, transcendente, incomparavel,
Confessas que d'Elmano a furia temes.....
E, debil estorninho, aguias provocas,
Aves de Jove, que o corisco empunhão!

És de rabula vil corrupta imagem:
Tu vendes o louvor, como elle as partes;
Mas elle na enxovia infamias paga,
E tu com tustios, que aos calouros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a ver se embrusca,
Qual em tenra mãozinha esconde a face
Mimoso infante, de papões vexado.
Util descuido aos carceres te furta,
Á digna habitação de ti saudosa
(Digo, o Castello), estancia equivalente
Aos meritos moraes que em ti reluzem.

De saloios vintens larapio sujo,
A gloria de teu odio restitue
A quem no teu louvor desacreditas.

Se honrada pelos sabios d'Ulysséa
(D'Ulysséa não só, de Lysia toda)
Galgando a musa minha aos céos não fosse,
E se a nojenta epistola brotasse
D'entre o lameiro das idéas tuas,
Em regras, que são mais, ou que são menos
Do que exigem do metro as leis de Apollo,
(Em regrinhas áquem, e além do metro,
Que versos hão de ser, ou versos forão,
Quando o que a musa quer é só que o sejão)
Dissera a gente, gritaria o mundo:
« Louvado e louvador são dous patetas! »

Oh! versos aleijões! De Insauro, oh! versos!
Prosa de toda a gente, e versos d'elle!
Fóra! Eu me benzo, eu renuncio o pacto!
Antes um corno pelos peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelos ouvidos,
Bem que indagados de attenção miuda
Synonymo parecem — corno e verso —
Quando em linhas venaes gallegos tentas,
Teus socios, teus collegas, teus patronos;
Ou quando semsabor, ou quando insano
Louvas de graça, e por dinheiro infamas,
(Que a resposta, eu bem sei, rendeu-te cobres).

Fallas em faxa? e com que faxa, e como!
Não sabes que, apezar da atroz gravata,
Sahe teu focinho a malquistar-te ás vezes
Com quantos olhos ha, que todos negão
Seres da especie racional primeira,
E a negra fórma macacal te impinge?

Quindorna tens, que por amor te engomma.
Tanto soffreis, ó Cotovia, ó Taipas!
Jámais se envileceu luxuria tanto,
E tanto na eleição jámais sincaste:

Só se vós por ser burro amais Insauro!
Esses podres c...., que vendem peste,
Esses, meu nome, teu trovão, teu raio,
Esses, em sucia torpe, aonde és gente,
Meu nome, a gloria minha envovalhárão;
Que mulher de decoro, esposa virgem,
Se manchasse, em te ouvir, seu grão, su'alma,
O cahos volvêra, e se abysmára o globo.

Espoja-te a meus pés! baqueia, ó bruto,
E em actos burricaes o que és pregôa!
Ou da matula vil, onde patinhas,
Irás á fama em satyras d'Elmano,
Que é peior para ti do que ir ao Lethes!

ANTONIO JOSÉ ALVARES

Foi um dos mais generosos protectores do poeta, e sobretudo lhe provou cordial amizade, nos dias de provação e das suas grandes adversidades.

Bocage lhe dedicou o II° tomo das *Rimas*, e na respectiva epistola se lê:

A minha gratidão te dá meus versos
. . . . . .
Os lares vão saudar, propicios lares
Que em doce recepção me contiverão
Incertos passos da indigencia errante.
Dos olhos vão ser lidos, que apiedára
A catastrophe acerba de meus dias.
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que forão
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o peso dos grilhões me aligeirárão,
Que sobre espinhos me espargirão flôres
Emquanto não recentes, vãos, amigos,
Inuteis corações, voluvel turba,
A versos mais attenta que a suspiros,
No Lethes mergulhou memorias minhas.

E no prologo em prosa, d'esse volume, accrescenta Bocage:

« Poderão os zoilos abocanhar a minha musa; mas serão obrigados a reconhecer a minha gratidão na epistola dedicatoria que dirijo ao extremoso amigo, cuja beneficencia me adoçou o infortunio, e deu a saber que o seculo do egoismo ainda soffre excepções proveitosas aos infelizes. »

Já mesmo de dentro das grades o poeta com effusão lhe agradecêra, no seguinte soneto:

N'este horrendo lugar, onde comigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o ser ao nada,
Equivocados carcere e jazigo;

Aqui onde o fantasma do castigo
Assusta a liberdade agrilhoada,
Tornão minha oppressão menos pesada
Mãos providentes do piedoso amigo.

No tempo infando, na corrupta idade
Em que após o egoismo as almas correm,
E em que se crê phenomeno a amizade,

Ouro, fervor, desvelos me soccorrem
De um genio raro... Ó doce humanidade!
Tuas virtudes, tuas leis não morrem.

N'outro soneto, fallou Bocage d'este amigo, de quem igualmente recebeu uma epistola, a que respondeu com a que se lê no tomo IV (1820), pag. 84, e começa: *Foi lida, foi relida, etc.*

E por não tornarmos demasiadas estas transcripções, aqui apontaremos rapidamente alguns outros individuos com quem Bocage entreteve relações.

SOYÉ

João de Soyé Waffer e O'Connor remetteu o soneto (*Improvisos*, pag. 44, tomo VI, pag. 11):

De Elmano aura vital ameaçada.....

a Bocage, que redarguio pelos mesmos consoantes (*Improvisos*, pag. 45):

Bem que do eterno luto ameaçada....

Disse-nos o nosso bom amigo e sabio escriptor brasileiro monsenhor J. Pinto de Campos ter ouvido a um conhecido de Bocage, o Dr. Felippe Nery, dar como verdadeiro o seguinte facto. Por occasião da morte do Sr. D. José, sahio á luz uma obra intitulada *Noites Josephinas*, de Soyé, acompanhada de finas estampas. Esta publicação fez sua bulha, e conquistou certa nomeada ao autor. Bocage, incapaz de tragar silencioso os louvores alheios, tendo-se por unico digno de monopolisar a admiração geral, projectou aguar o prazer do pobre padre, que se revia na popularidade do seu livro. Avistando-o Bocage um dia na loja onde se vendia a obra, julgou asada a opportunidade. Entrou; pedio um exemplar; pagou-o (se é que pagou), e, acto continuo, pedio uma tesoura, pondo-se a cortar todas as estampas; depois metteu-as na algibeira, e atirou o livro sobre o balcão, dizendo, em ar desdenhoso: « D'esta obra, só as estampas. » Bastou isto para fazer descer o cambio ao gosto das *Noites Josephinas*. O triste poeta, que tanto se lisonjeára ao ver a sua obra procurada pelo maligno improvisador, quasi perdeu a cabeça com semelhante desfecho.

SOARES DE CARVALHO

Joaquim Antonio Soares de Carvalho fez pelos mesmos finaes de um soneto religioso de Bocage, o que começa (tomo VI, pag. 27):

Em teu genio se inflamma fogo intenso.....

TORRESÃO

José Botelho Torresão, frade paulista, lente de theologia, prégador regio, de quem já fallámos tratando da descripção do enterro de Bocage, seu intimo amigo, foi autor de versos improprios para o prelo, de poesias em latim e portuguez, entre as quaes uma *A' regencia do Sr. D. João*, e *Ao matrimonio do marquez d'Angeja*, e diversas obras religiosas e philosophicas.

PADRE FERNANDES

José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa, o honradissimo professor de latinidade em Coimbra, cuja biographia appareceu no jornal *Panorama*, e que imprimio as suas poesias em cadernos consecutivos, inserio n'um d'elles a ode que a Bocage dirigira, na sua enfermidade:

Quaes innocentes pombas que escapando.....

LABORIM

José Joaquim Gerardo de Sampaio, recem-fallecido visconde de Laborim, remetteu-lhe a epistola (*Improvisos*, pag. 61):

Voaste onde voou altivo cysne.....

COSTA E SILVA

José Maria da Costa e Silva, autor de mui numerosas producções, e de uma curta noticia biographica do nosso autor, dirigio-lhe o idyllio (*Improvisos*, pag. 92):

Cobria a sombra maxima as montanhas.....

RIBEIRO SOARES

Pedro Ignacio Ribeiro Soares fez a ode (*Improvisos*, pag. 83):

Cedendo á furia dá raivosa idade.....

retribuida com o soneto (*Id.*, pag. 19):

Eu, esse, cujos dons medrárão tanto.....

CARDOSO

Vicente José Ferreira Cardoso, desembargador do Porto (velho liberal), autor de importantes escriptos juridicos, e perseguido por suas idéas politicas, endereçou a Bocage varias poesias. Na valiosa *Collecção* do Sr. I. F. da Silva se lê (III, pag. 402) uma epistola de Cardoso, e (pag. 410) uma brevissima epistola de Bocage, que era inedita. Tambem (*Improvisos*, pag. 54; tomo IV, pag. 7) Cardoso lhe dirigio o soneto:

A fama derramou lugubre agouro,
Que as musas assustou no ethereo assento,
Annunciando o ultimo momento
De Elmano, que afinava a lyra de ouro.

Veloz correndo desde o Tejo ao Douro,
A triste nova espalha o sentimento;

E, para não ser de outrem ornamento,
As folhas despe verdenegro louro.

Lysia, por sua voz enriquecida
Co'os thesouros da Grecia e mais de Roma,
Tudo daria por salvar-lhe a vida:

Eis que no céo de luz um raio assoma,
E Camões apparece em dura lida,
Braço a braço co'a morte, até que a doma.

a que o poeta respondeu pelos mesmos finaes:

Eu cantava de amor... eis negro agouro.....

Bocage ainda honrou Cardoso com a elegia:

O vate Corydon, tão caro a Phebo.....

HENRIQUE PEDRO DA COSTA

A este respondeu Bocage com o seguinte soneto:

Toldado o foco á luz da fantasia,
Turva do metro a limpida nascente,
Inerme o corpo, soledade a mente,
Em ocio ou em lethargo a sympathia:

O Elmano outr'ora, o vate de algum dia,
O que sentio, pensou, viveu..... não sente,
Nem pensa ou vive: automato, não ente,
É mão, que versos machinaes te envia.

Tu lhe enverdece co'um bafejo a palma,
Faze um prodigio mais, tu, mais que humano,
A quem nunca do Cirrha o vento acalma;

E Lysia julgará, com doce engano,
Que em momento phebeo creando-os n'alma,
Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

GAMA

Antonio José Bernardo da Gama, de Setubal. Ao seu natalicio dirigio o soneto:

Da fria habitação, da vitrea gruta.....

FIGUEIREDO

Manoel de Figueiredo (*Lyrodas Cynthio*), official-maior da secretaria da guerra, e um dos fundadores da Arcadia, autor de treze volumes de *Theatro*, e dous que ficam publicados como *Obras posthumas*. Foi tambem protector de Bocage, o qual lhe dirigio o soneto:

Musa, não cantes barbara proesa.....

GOMES

José Barreto Gomes, director geral do correio, recebeu o soneto:

Embora torpes gralhas esvoacem.....

MOURA LEITÃO

Joaquim Manoel de Moura Leitão, escrivão do crime da côrte e casa, foi objecto do que principia:

Os principios moraes, por que governo.....

ALMEIDA

Francisco José de Almeida (Dr. Almeidinha, que morreu barão de Almeida) teve de Bocage o soneto:

Da gloria, que não morde á roda zune.....

MANESCHI

João Pedro Maneschi era um dos mais queridos amigos do vate, de quem recebeu, por occasião de um incendio, em que perdêra quanto possuira, o soneto :

Nos puros lares teus tassoma irado.....

PAZ

Francisco José da Paz, amigo intimo, que, enviuvando, obteve de pezames est'outro :

Deploro, caro amigo, o que deploras.....

RODRIGUES

Marcos Aurelio Rodrigues, outro grande bemfeitor do poeta, o qual lhe dedicou a *Collecção dos Novos Improvisos*, com o soneto :

Piedoso Aurelio meu, caracter puro.....

RAMOS

João Sabino dos Santos Ramos dirigio um soneto a Manoel Maria, que respondeu, pelos mesmos consoantes, com o :

Do fado vencedor, que o prostra fero.....

COUTINHO

Luiz Pinto de Souza Coutinho (depois visconde de Balsemão) era, como sua talentosa esposa, cultor das musas. Bocage lhe dirigio a ode

Inculto habitador das agrestes serras.....

CHAVES

Joaquim Rodrigues Chaves, igualmente bemfeitor, a quem o nosso poeta escreveu, da prisão, a epistola :

A ti, que ás outras leis da humanidade.....

MENDONÇA ARRAES

Francisco de Mendonça Arraes e Mello, ainda outro bemfeitor, ao qual Bocage, estando com um forte accesso de rheumatismo, mandou a epistola :

Caro, amavel Mendonça, o teu Bocage.....

Poderiamos ainda citar D. J. Blancheville, F. I. J. Cordeiro (*Falmeno*), G. J. R. Vianna, João Baptista Gomes (*Jonio*), I. G. M. de S. Magalhenhas, M. A. Rodrigues, e outros muitos.

Seria porém catalogo de pouco interesse, e já nos tarda passar a assumpto mais curioso, e que constitue uma das mais vistosas paginas dos fastos d'aquelles dias.

CAPITULO XX

A campanha dos Titães. — Sua historia. — Alcacer-Quibir foi tambem tumulo das lettras portuguezas. — Quanto ellas havião antes primado.— O jugo castelhano e o gongorismo. — Independencia e seus milagres. — Esforços dos Portuguezes para fazerem resurgir o gosto e aperfeiçoar o idioma. — Trabalhos collectivos emprehendidos com esse intuito. — Apenas Portugal se solta da Hespanha, creação de sociedades litterarias.— Academia dos Generosos. — Dita dos Singulares. — Associações dos Solitarios, dos Illustrados, dos Occultos, dos Insignes. — Academia Instantanea. — Conferencias discretas dos Scientes de Lisboa. — Academia dos Anonymos. — Academia Real de Historia Portugueza. — Arcadia de Lisboa.— Academia Real das Sciencias. — Academia das Bellas-Lettras (Nova Arcadia). — O Sr. D. João V e a Arcadia. — Exercicios academicos da Velha Arcadia. — Sua dissolução. — Que a creação de todas estas sociedades teve sempre um impulso aristocratico. — Trabalhos da Nova Arcadia. — Bocage denominando-se Elmano Sadino. — Guerra entre elle e muitos dos consocios. — Causas. — Luta é o estado natural dos espiritos. — Está lançada e levantada a luva.

Passemos ora á phlegrea campanha, onde as cincoenta cabeças e cem braços do nosso Briarêo nunca encontrárão Neptuno que o prostrasse, ou Etna que o soterrasse, pois ao contrario triumphou sempre de todos os moradores do Olympo. Mas primeiro permittão-se-nos algumas palavras sobre um ponto de historia litteraria, que intimamente se prende com a gloria nacional.

A escravidão de um povo é como a escravidão de um ente humano : envilece; embrutece. Houve um dia, em que alguns Portuguezes julgárão que a legitimidade chamava os Felippes ao throno lusitano, e commettêrão a imprudencia de tolerarem ao leão lançar garra sobre as quinas. Esse erro, por mais curta que fosse a sua duração, desentranhou-se em desastres de todas as naturezas. A derrota de Alcacer-Quibir cavou tumulo á monarchia, á

independencia, ás glorias nacionaes, ás lettras de Portugal.

Sim, ás lettras não menos.

Torrão que em todos os tempos soubera occupar brilhante posto no convivio das nações, extremando-se em todos os ramos da intelligencia e da actividade humana, apresentava outr'ora, aos olhos da Europa, sob o aspecto litterario, adiantamento que honraria mais orgulhosos Estados. Patria dos Egas Monizes, dos G. Hermigues, dos Ferreiras, dos Lobos, dos Sás de Miranda; povo que havião governado D. Diniz, D. Duarte, D. João III; litteratura que exhibira os cancioneiros mais formosos; paiz que se collocava ao lado de quantos se esforçavão em alargar o dominio das lettras.

Ai! N'este campo o derradeiro brado verdadeiramente portuguez, soltou-o na prosa um ciceroniano Osorio; soltou-o no verso um virgiliano Camões; clarões que bruxuleárão ao apagar da alampada.

Durante o jugo hespanhol lá surgírão, sim, um G. Pereira de Castro, um Balthazar Estaço, um Jacintho Freire de Andrade, um Braz Garcia de Mascarenhas, um D. Francisco Manoel de Mello (quasi todos aliás superviventes á restauração da patria), que ainda pugnavão, na arena litteraria, pelo bom nome do paiz que lhes fôra berço.

Triste periodo da nossa suprema decadencia! Triumphava a escola dos conquistadores. Introduzio-se o gongorismo por todos os poros, e invadio até a historia: a antiga singeleza, elegancia, naturalidade, cedêra lugar a alambicadas affectações, conceitos extravagantes, trocadilhos, antitheses, metaphoras violentas, e outra falsa moeda, d'estas com que as decadencias têm por uso commerciar.

Mas as nações não morrem; seus espasmos illudem muitas vezes, porém são transitorios, e depois nova seiva, vida nova se desata por todo o corpo apparentemente condemnado.

Apenas os Portuguezes novamente se sentírão Portuguezes, abrírão logo olhos para o estado de abatimento e languor em que as suas lettras havião decahido; reconhecêrão a necessidade de retemperar o genio nacional; estabelecêrão nas lettras, como na politica, um cordão sanitario ás fronteiras de Castella; buscárão expurgar-se do virus que se lhes havia inoculado; e como o enfermo, que, para firmar o curativo, foge para mais pura e remota atmosphera, entendêrão que urgia voltar ás fontes do bello, abraçar-se com a natureza, ou pelo menos com as musas greco-latinas, que tão delicadamente a sabião copiar, a ella, a grande mestra.

Que meritorios não são os esforços então feitos n'este sentido! O *Verdadeiro methodo de estudar*, publicado em 1746 por Verney, a *Arte poetica*, de frei J. Freire, e os outros analogos trabalhos patentêão a util direcção que desde então se buscou dar aos espiritos.

Desde a emancipação do jugo hespanhol, tem porém sobretudo achado alimento o fogo sagrado das lettras em corporações, phenices que nunca fenecêrão senão para das proprias cinzas resurgirem!

Penna competente nos promette estudo precioso sobre a successão, quasi diremos a genealogia, o *autem genuit* das sociedades litterarias em Portugal; mas aqui, de corrida, veremos como, desde a independencia, aquelle meio civilisador foi empregado, com grande proveito das lettras.

A paz com a Hespanha só se firmou em 1668, comquanto a restauração deva contar-se de 1640.

Em 1647 foi fundada, na casa do trinchante-mór D. Antonio Alvares da Cunha, a *Academia dos Generosos*, cuja divisa era uma vela acesa, com a inscripção *Non extinguitur*; e em realidade custou a extinguir-se, pois continuou até 1668, e refloresceu não só em 1685 sob a presidencia de D. Luiz da Cunha, filho d'aquelle fidalgo, mas novamente em 1717.

Já pelos annos de 1663 achamos a *Academia dos Singulares*, cujas composições poeticas, em estylo geralmente joco-serio, se dedicavão a assumptos frivolos; mas era seu emblema uma pyramide, com os nomes inscriptos dos maiores poetas, e o distico :

Solaque non possunt hæc monumenta mori.

Era primeiro passo para a cultura da poesia, por meio de esforços conjuntos, e de uma união geradora de força.

Nos annos de 1664 e seguintes vemos reunirem-se as associações dos *Solitarios*, dos *Illustrados*, dos *Occultos*, dos *Insignes*, e outros nomes exquisitos, associações que ião manifestando qual a vereda nova dos animos.

Seria pelo anno de 1683 que em casa do bispo D. Fernando Corrêa de Lacerda, antigo socio dos *Generosos*, e autor da *Catastrophe de Portugal*, se reunia a *Academia Instantanea*.

Por 1696, sob o nome de *Conferencias discretas dos Scientes de Lisboa*, se começou a reunir, na livraria do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, uma assembléa escolhida, que, em saráos, aos domingos, praticava sobre questões physicas e moraes, e estudo da lingua portugueza, com intuito de lhe imprimir a maxima elegancia, tanto na prosa como na poesia.

Em 1718 funccionava mais a *Academia dos Anonymos*, de Lisboa.

Em 1720, el-rei o Sr. D. João V (socio da Arcadia de Roma, onde tinha o nome pastoril de *Albano*) fundou, com cincoenta membros, a *Academia Real de Historia Portugueza*, cujo motto era *Restituet omnia*, e cujo principal fim, esclarecer com verdade as façanhas narradas em nossos fastos, e continual-os. Foi esta mãi da seguinte.

Em 1756 creárão em particular a *Arcadia de Lisboa* (*Velha Arcadia*) Diniz e Negrão, aos quaes se aggregárão os principaes vultos da quadra. O fim da associação era a reforma da lingua, eloquencia e poesia portugueza, e seus trabalhos durão até hoje, pois se a *Arcadia*, com esse nome, acabou em 1776, foi por ter sido, em 1779, incorporada verdadeiramente, pelo duque de Lafões, D. João de Bragança, na *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, a qual, varias vezes reformada, se conserva uma das glorias portuguezas, e substituida tambem pela *Academia das Bellas-Lettras de Lisboa* (vulgo *Nova Arcadia*).

E eis-ahi como, desde o instante do restabelecimento da nossa autonomia, um só dia se não tem passado sem, por meio d'estas associações (afóra innumeraveis outras), progredirmos na senda honrosa traçada por nossos avós.

Relativamente ás duas *Arcadias*, é util juntarmos aqui alguns factos; serve-nos tambem, em alguma parte, de pharol uma boa Memoria de Trigoso, inserta na *Collecção da Academia*.

Dissemos que, já desde o anno de 1720, o Sr. rei D. João V, assignalado protector das lettras e sciencias, instituira a *Academia de Historia*, ao passo que estabelecia livrarias, e em Lisboa o seminario patriarchal, de-

pois transportado para Santarem, varias cadeiras de ambos os direitos na universidade de Evora, escolas militares para estudo das mathematicas puras e applicadas, etc. A tal ponto chegou sua régia munificencia para as lettras, que mandou comprar em Roma um palacio, só para os seus collegas arcades celebrarem sessões, com grandeza e satisfação. Essa *Arcadia*, de Roma, instituida pouco antes, em 1690, e modelo da portugueza, destinára-se a declarar guerra ao máo gosto de poetas, a esse tempo diffundido pela Italia, e a restituir as musas ao bom caminho, de que tanto se havião desviado.

O nome *Arcadia* nascêra de uma provincia da Grecia, que ficou famosa por seu apurado gosto da poesia e da musica.

Afim de conservarem á instituição as fórmas bucolicas, os alumnos em nossa *Arcadia* denominavão-se *Arcades*, e escolhião, para reciprocamente se tratarem, nomes de pastor; e a antonomasia de *Monte Menalo* designava o lugar das conferencias.

Erão curiosos os exercicios academicos. Nas frequentes reuniões secretas, repetião todos producções, ou em verso sobre assumpto livre, ou em prosa, sobre assumpto muitas vezes obrigado. Distribuião-se as composições a um censor, o qual, n'outra conferencia, expunha por escripto seu parecer; ouvida a defesa, sentenciavão presidente e arbitros, devendo as emendas ser feitas pelo autor em presença da sociedade; e conservando-se secretos estes livros de pareceres e resoluções, a ponto de ser excluido quem violasse o segredo.

Pelo andar dos tempos, introduzio-se a discordia entre os innocentes pastores, porque emfim elles sempre erão da carne e do osso de que é formado o *genus irritabile*.

A politica, e as dissensões que ella gera, aggravárão desunião e zizania. A perseguição feita a varios, e particularmente a Garção, fallecido no captiveiro; e finalmente a partida de Diniz para o Rio de Janeiro, não menos que a creação da *Academia Real*, tudo isso matou a *Velha Arcadia*.

Poucos annos depois, outro fidalgo instituia a *Nova Arcadia*. E é aqui lugar de reflectir que sempre entre nós, nos ultimos seculos, a iniciativa litteraria partio das mais altas regiões aristocraticas. Reis, taes como os Srs. D. Diniz, D. Duarte, D. João III, D. Pedro V, forão tão cultores como protectores das musas. O *Cancioneiro de Rezende* (e naturalmente o mesmo succederia com o do *Collegio dos Nobres*) tem por collaboradores, em seculos aliás obscuros, toda a primeira fidalguia do reino. Vimos um trinchante-mór fundando a *Academia dos Generosos*, e seu filho continuando-a; um bispo creando a *Instantanea;* o conde da Ericeira recebendo os *Scientes de Lisboa* em sua livraria, como em templo adequado para tal culto; o Sr. rei D. João V, arcade, creando a *Academia de Historia;* o duque de Lafões pondo-se á frente da *Academia Real das Sciencias*. Veremos agora o conde de Pombeiro, José de Vasconcellos e Souza, depois marquez de Pombas, recebendo nas salas do seu palacio a *Academia de Bellas-Lettras*, e sendo proclamado *protector perpetuo* d'ella.

É esta a *Nova Arcadia*, a que hão pertencido varios engenhos que fechárão o passado seculo, cumprindo confessar que mais notoria ficou essa assembléa pela curiosa guerra civil, ferida em seu proprio seio, que por serviços duradouros prestados ás lettras, dos quaes só é conhecida a publicação, em 1793, do *Almanak das Mu-*

sas, insignificancia em quatro volumes, de que pouco se póde aproveitar. Releva igualmente observar que a composição da *Nova Arcadia* estava longe de equiparar á da antiga, a que pertencêrão Garção, Diniz, Quita, Gonzaga, e outros peregrinos talentos.

Deveu-se o primeiro pensamento da fundação da moderna a Belchior Manoel Curvo Semmedo e Joaquim Severino Ferraz de Campos, os quaes convidárão os principaes homens de lettras para se congregarem e tratarem de poesia e litteratura, em praticas fraternaes. Esta Arcadia devia fulgurar como pacifica morada da felicidade, innocencia e sabedoria (*templa serena*).

Não podia Bocage ser esquecido, antes, convidado dos primeiros, figurou na qualidade de membro instituidor.

Presidia as assentadas d'esta sociedade, que se reunia ás quartas-feiras, o beneficiado Domingos Caldas Barbosa, nascido no Brasil, e que tinha faceis entradas com o conde de Pombeiro, e muitos fidalgos.

Usavão os arcades dous nomes pastoris, indicativos, o primeiro do nome verdadeiro, o segundo do da terra do nascimento. Eis como Bocage se chamou *Elmano Sadino*, sendo Elmano o anagramma do nome Manoel (antepondo a ultima syllaba ás primeiras), e Sadino em memoria do Sado, rio de Setubal.

Frequentou Bocage, com a assiduidade de que era capaz, a sua *Arcadia*, e já dissemos que nas sessões dadas a 8 de Dezembro por esses pastores, em louvor de Nossa Senhora da Conceição, o nosso recitou tres poemettos em 1790, 1791 e 1792; e pois que já o *Almanak das Musas*, em 1793, admittio as maiores invectivas contra elle, suppomos que a causa proxima da ruptura deve ter occorrido n'esse mesmo anno de 1793.

Quem foi o provocador? Quem o culpado? Reciprocamente se arremessárão as culpas dos dous campos, e não descobrimos utilidade em esmerilhar esse ponto. Dizem uns que, depois das publicações de 1791, o orgulho e desabrimento do poeta se tornára intoleravel, sendo seus proprios companheiros alvo de suas invectivas; que, desde os primeiros dias, Bocage, que em nada soffria igual, se pôz a affectar uma superioridade incommoda, e a dar leis aos seus collegas; que elle pretendia dominar, absorver tudo, reinar despoticamente, arvorar-se em imperador dos versos, em sultão, que, á moda musulmana, precisava, para subir ao throno, estrangular seus irmãos.

Redargue-se que os seus antagonistas, impacientes de uma reconhecida superioridade, forão os que primeiros tentárão derrubar o idolo do pedestal, praticando para com elle o que de outrem diz um poeta:

> Leurs mains ont retourné ta robe, dont le lustre
> Irritait leur fureur.
> Avec la même pourpre, ils t'ont fait vil, d'illustre,
> Et forçat, d'empereur.

E o que era essa batalha campal? Quem sabe? Talvez um divertimento, um alimento da alma, uma social excitação hygienica. O homem é naturalmente gallo cochinchino, brigão por indole; em lhe tirando as rixas, já não presta, fica peixe fóra da agua.

Esta expansão, esta força viva, esta necessidade de luta, este caracteristiço da turbulencia humana, em todos os tempos e lugares rebenta em combates; o que varia é o campo. A questão é pelejar; seja sobre assumptos religiosos, ou internacionaes, ou civis, ou industriaes, ou

litterarios, isso é indifferente. Por exemplo, nos annos de graça em que vivemos, gozamos da fortuna de respirar sob fórmas de governo tão previdentes, que já por si mesmas organisão a luta como *super hanc petram*, base fundamental das sociedades; e assim é bom. Não, senhor. Lá culto á patria, todos nós prestamos purissimo... mas cada um a nosso modo, e segundo nossos interesses. Hoje, temos partidos arregimentados, intolerantes, com generaes, capitães, soldados (e grande cópia de cabos de esquadra), e muitas vezes arrebanhando-se apenas por considerações pessoaes, sem que as bandeiras diversifiquem no motto. Ora pois, em 1793, em Portugal, a politica era fructo prohibido, e não se brincava com a inquisição nem com as autoridades. Mandava a prudencia escolher terreno diverso, e o que hoje é politica, então erão as lettras. Este ardor de polemica nos espiritos arrojados, esta febre contagiosa, alimentava-se de sonetos odientos; e nem admira: nos tempos ociosos, as paixões do coração (ou antes da cabeça) reduzem-se a debates litterarios, ou batalhas á roda de um piano.

Accresce ainda:

Estas satyras litterarias, estes epigrammas fraternaes parece que não só em Portugal erão moda por esses tempos. Muitos se poderião citar em França; por exemplo, aquella decima de Lebrun aos poetas da Academia:

Malgré deux succès dramatiques,
La Harpe n'est qu'un rimailleur;
Chamfort polit des vers étiques;
Lemierre en forge d'helvétiques;
Saint-Lambert les fait narcotiques;
Marmontel ne plaît qu'au railleur.
L'adroit et gentil émailleur
Qui brillanta les *Géorgiques*,

Des poëtes académiques,
Delille est encor le meilleur.

Seja como fôr, o certo é que se desencadeou entre Bocage e a maioria dos seus collegas uma Sebastopoli de papel. Dizião elles que Elmano se considerava uma oitava maravilha, obra prima da creação, constrangendo o Creador á descansar, depois de haver produzido tal portento.

Impressionado Bocage de que os seus emulos lhe imputassem tão desmedido orgulho, que se collocasse em esphera superior a todos os poetas da nova, e até da velha Arcadia, compôz um soneto, em que, depois de tecer grandes encomios a Garção, Mattos (Albano), Quita (Alcino), e Diniz (Elpino), diz que é incensal-os a elles condemnar os delirios do seu proprio zoilo:

Encantador Garção, tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venuzino;
Suave Albano, delicado Alcino,
Musas do terno amor, vós me sois gratas.

Adoro altos prodigios que relatas,
Cantor da gloria, majestoso Elpino,
Tu que, agitado de impeto divino
Acesos turbilhões na voz desatas.

Ó cysnes immortaes do Tejo ameno!
A carrancuda inveja em mim não cria
Viboras prenhes de infernal veneno.

O clarão que esparzis, me acende e guia.
Culto, incenso vos dou, quando condemno
Delirios que o meu zoilo ao prelo envia.

Em que consistirão individualmente as hostilidades, cumpre que o especifiquemos em capitulos particulares.

CAPITULO XXI

Manifesto da guerra civil da Arcadia. — Quem compôz o soneto *Preside o neto?* — Bocage impaciente de censura. — Soneto contra Bocage. — Este, ignorando o autor, desencadêa-se contra muitos companheiros. — Bocage é despedido. — Poesias que dispara contra todos os Arcades collectivamente, que suppõe inimigos. — Domingos Caldas Barbosa. — Belchior Manoel Curvo Semmedo.

No precedente capitulo apontámos as causaes da insurreição occorrida no reino da Arcadia. Incidentes desagradaveis começárão a tomar corpo, convertendo-se finalmente em dissabores e frieza, proxima a romper em hostilidades, situação já intoleravel, e que foi terminada pela vulgarisação de ùm manifesto de guerra. Dizia-se pois ter sahido da penna de Bocage, o Arcade, o collega de Caldas, Belchior, Macedo e outros, o seguinte soneto[1]:

Preside o neto da rainha Ginga
Á corja vil, aduladora, insana,
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Por copos desiguaes se esgota a pinga;

[1] Deixando ao publico por juiz, cumpre-nos apresentar lealmente todas as peças do processo; e por isso, diremos não ter sido sem admiração que n'uma carta que Bingre nos dirigio a 4 de Setembro de 1847, lêmos a asserção que passamos a transcrever litteralmente:

« O soneto *Preside o neto da rainha Ginga* não é de Bocage, mas sim de *Belmiro*, que, por disfarce, se introduzio a si mesmo n'elle; o que eu posso afiançar, *porque lh'o vi compôr;* porém o pobre do Bocage é que padeceu o furor do conde de Pombeiro, regedor da justiça, que deu ordem para elle ser preso; por cujo motivo esteve escondido muito tempo em Santarem, em casa dos Salinas; e custou muito a descapacitar o conde de que elle não fôra o seu autor. Circumstancia mui singular d'este soneto, é que foi elle a causa de findarem as quartas-feiras de Lereno em casa do conde. » Asseverou-nos porém D. Gastão que mais de uma vez ouvíra repetir a Bocage aquelle soneto como seu.

Vem pão, manteiga, chá, tudo á catinga:
Masca a farinha a chusma americana,
O orang-outang a corda á banza abana
Com gestos e visagens de mandinga:

Um milhão de comparses logo acode
Do fofo conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode.

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode...
Eis-aqui de Lereno as quartas-feiras [1].

[1] Apparece este soneto, transcripto na excellente *Collecção* de 1853, como sendo incontestavelmente de Bocage; e n'uma nota se lê:

« Servímo-nos da cópia que houvemos por mais correcta; visto que *todas as vezes* que até agora tem sido impresso, o ha sido com mais ou menos alterações e variantes, das quaes algumas se conhece serem evidentemente erradas. »

Ora, como nós, dando o soneto na edição de 1847, dissemos achar-se a nossa cópia mui diversa da que vem estropiada na collecção de Couto, onde apenas ha quatro versos como o autor os compôz, cremos que a nós allude aquella observação de um critico para nós do maior respeito, e apressámo-nos em confrontar o nosso soneto e o da collecção, afim de ver se era certo achar-se o nosso inçado de erros; felizmente o resultado da acariação tranquillisou-nos.

Eis-aqui as differenças:

1ª Puzemos nós: *Por copos desiguaes se esgota a pinga*, e a collecção diz: *Em copos;* o que é engano; bebe-se *por copos*, e não *em copos*.

2ª Puzemos: *Vem pão, manteiga, chá, tudo á catinga;* a collecção diz: *E chá*, emenda que nos não parece aceitavel. Não só sem o conjunctivo fica mais rapida a phrase, senão que o *e chá* denotaria que nada mais vem, emquanto no seguinte verso se diz que tambem vem farinha.

3ª Puzemos: *Masca a farinha a chusma americana*, e a collecção: *Masca farinha a turba*. Ha aqui duas alterações, cada uma das quaes nos parece peiorar o soneto: *Mascar a farinha* dá mais animação do que *mascar farinha*. *Cafarinha* é consonancia pouco bocagiana. N'este lugar, *turba*, termo elevado, vale menos que *chusma*, plebêo; *turba* póde ser de gente considerada, e *chusma* costuma significar tropel de gente ordinaria, sendo aliás, em taes casos, esta a palavra preferida por Bocage, como no verso:

A *chusma* de teus incolas pregôa.

4ª Puzemos: *O orang-outang a corda á banza abana*, e a collecção põe: *E o ourang-outang*. Essa junção do *e* parece-nos inadmissivel:

Fosse pois este soneto de Bocage, como nol-o asseverou D. Gastão, e geralmente se crê, ou, como nol-o afiançou Bingre, de Semmedo, com o intuito de expôr Bocage (ou, como hoje se diz, compromettêl-o), já toda a harmonia entre aquelles homens se tornára impossivel. Ainda todavia Elmano frequentava a Arcadia, quando appareceu, ridiculisando-o, um bom soneto, que muito se vulgarisou, sendo geralmente attribuido, senão á sociedade, a algum dos seus mais preponderantes membros.

É tradicional a impaciencia com que Bocage supportava qualquer censura. Um dos seus mais graciosos sonetos é o que fez a certo sujeito, que mal sabendo escrever seu nome (dizia elle) ousára sentenciar que os seus versos erão errados :

Cara de réo, com fumos de juiz,
Figura de presepe ou de entremez,
Mal haja quem te soffre e quem te fez,
Já que mordeste as decimas que fiz.

Hei de pôr-te na testa um T com giz,

1° Já sem isso o verso é arrevezado, e ficaria anti-bocagianissimo fazendo-se uma só syllaba de *e o ou*, isto é, de duas vogaes e um diphthongo diversissimos; 2° esse *e*, longe de accrescentar cousa alguma, seria illogico : deveria tal conjuncção significar o derradeiro quadro de uma das descripções, emquanto a collecção a antepõe á primeira de outra descripção : acabára o poeta de pintar a scena da comida, e agora figura Caldas a afinar a viola para cantar, constituindo novo painel os dous ultimos versos do segundo quarteto com o primeiro terceto; não podia este novo quadro começar por *e*.

5ª Puzemos : *Um milhão de comparses logo acode*, e a collecção : *Um bando de comparsas*. Um *bando de* é uma incorrecção d'aquellas a que Bocage fugia sempre. A exageração do *um milhão* casa-se mais com o intuito da poesia. Diz-se indistinctamente *comparsas* ou *comparses*, mas para masculino preferimos *comparses* : 1° para differençar do feminino; 2° porque o termo vem directamente do francez *comparse;* 3° porque a derivação mais afastada (*cum parte*), tambem dá a terminação em *e*.

E não ha mais alteração alguma.

Por mais e mais pinótes que tu dês;
E depois com dous murros, ou com tres,
Acabrunhar-te os queixos e o nariz.

Quem da cachola vã te inflamma o gaz,
E a abocanhares syllabas te induz,
Ó dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o *abc*, pobre lapuz,
E, pasmo de que, sendo um satanaz,
Com tinta faças o signal da cruz.

A semelhante *mimosa sensitiva* dedicárão pois um insolente soneto, que era *inedito*, mas que nós devemos á bondade e memoria de D. Gastão, e reza asssim:

Ha, junto do Parnaso, um turvo lago,
Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cerebro frouxo ou de miolo vago.

Por mais infamia sua, e mais estrago,
Doou-lhes Phebo os animos damnados,
P'ra que exprimão em versos desasados,
Os seus destinos vis, nos quaes cu...

Aqui Bocage vive, e d'aqui ralha,
E co'a tartarea lingua ponte-aguda
Bons e máos, máos e bons, tudo atassalha.

É vil insecto, e o genio atroz não muda,
Bem como a escura còr não muda a gralha,
E o hediondo fedor não perde a arruda.

Avalie-se quanto pungiria Bocage a satyra... e, mais do que ella, o acolhimento que no publico encontrára; pois quanto a estas lutas de espirito, não se póde d'elle dizer o que Sheridan disse de outro:

His wit in the combat, as gentle as bright,
Never carried a heart-stain away on its blade.

O autor do soneto foi o abbade de Almoster; mas Bocage, por mais que barafustou, nunca o pôde descortinar. Então, ignorando quem lhe cravára a garrocha, disparou o touro ás cegas contra quantos pisavão a arena do Menalo, convencido de que assim ferindo todos, feriria o seu satyrisador. Por dilatado tempo, de mais se não occupou que de vilipendiar a Arcadia, em versos contra a sociedade, ou contra seus membros, mórmente os mais influentes.

É mister aqui recordar os nomes pastoris dos que principalmente entrárão na batalha :

Bocage, *Elmano Sadino*.
D. Caldas Barbosa, *Lereno Celynuntino*.
Belchior M. Curvo Semmedo, *Belmiro Transtagano*.
José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagidio*.
Luiz Corrêa França Amaral, *Melysêo Silenio*.
José Thomaz Quintanilha, *Eurindo*.
Joaquim Franco de Araujo, *Corydon Neptunino*.
Miguel Antonio de Barros, *Melibêo*.

E para dar idéa da composição da sociedade, indicaremos alguns dos outros membros seus, que se não intromettêrão no pugilato poetico :

Domingos Maximiano Torres, *Alfeno Cynthio*.
Joaquim Severino Ferraz Campos, *Alcino Lisbonense*.
Francisco Joaquim Bingre, *Francelio Vouguense*.

Começaremos, referindo algumas das satyras arremessadas contra todos collectivamente, e fallaremos depois de cada um em particular, podendo-se ás rubricas individuaes ir procurar a intelligencia do que n'estes sonetos se não comprehender.

Apenas se divulgou o primeiro de Bocage, os mais ardentes dos Arcades fizerão á sociedade a sua profissão de

fé, e acabárão ladrando que d'ella desertarião se tal monstro alli fosse uma só vez mais admittido. No proprio *Almanak das Musas*, além dos trechos que transcreveremos, ficou, em uma cançoneta dythirambica de Francelio Vouguense (tomo III, p. 54) vestigio d'esta ruptura :

Ah! que se outra vez Elmano
Eu vir com Belmiro em guerra, etc.

E a guerra se encarniçou entre as duas potencias. A *potencia Arcadia* decretou que se dessem cartas de corso contra a *potencia Bocage* a quanto pirata as pedisse. A potencia Bocage encouraçou-se, a sós, contra a turba dos juncos chins.

Despedírão Bocage com ignominia... a tempo em que já ás sessões não concorria. Os mais fervorosos potentados da alliança anti-bocagiana forão Belchior e Macedo, os quaes por tôdas as fórmas protestavão não dar quartel ao inimigo. D'estes *protestantes* era tal a iniciativa, que não sabemos distinguir qual fosse o verdadeiro Melanchthon, qual o verdadeiro Luthero.

Eis-aqui alguns dos sonetos que Bocage dirigio copulativamente ao grupo dos Arcades :

Não tendo que fazer Apollo um dia,
Ás musas disse : « Irmãs ! é beneficio
Vadios empregar ! Demos officio
Aos socios vãos da magra Academia !

O Caldas satisfaça á padaria :
O França d'enjoar tenha exercicio :
E o *autor do entremez do rei egypcio*
O Pegaso veloz conduza á pia.

Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade :
Da sala o Quintanilha acenda as velas,
Em se juntando alguma sociedade.

Bernardes nenias faça, e c... n'ellas :
Belmiro, porque tem habilidade,
Como d'antes trabalhe em bagatellas !

Tu, França, que na ode és mar em calma,
Tu, mocho da pieria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade,
Com dous versos á morte o estro acalma;

Quintanilha, pygmeo no corpo e n'alma ;
Da matriz d'Almoster, tu, calvo abbade ;
Belmiro, anão de Apollo ; e tu, ex-frade,
Que em trovas de bumbum levas a palma ;

Vates, que mereceis do cardo a rama ;
Turba, que as settas da calumnia afias,
Momentaneo borrão da alheia fama ;

Dá cabo das sessões com que enfastias;
Por mão do secretario entrega ás chammas
Papelada servil de ninharias !

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a gallegage.
Em phrase hirsuta, em gothica linguage
Belmiro um dythirambo principia.

Taful, que o portuguez não lhe entendia,
Nem ao resto da comica selvage,
Saca o soneto, que lhe fez Bocage,
E conheceu-se n'elle a Academia.

Dos socios o peior silvou qual cobra,
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
Dando ao triste Bocage... o que lhe sobra.

Fez na calumnia vis, crueis ensaios,
E jaz com grandes creditos a obra
Entre mãos de marujos e lacaios.

Contra Elmano Sadino, urrando, avança
O esteril Corydon, o vão Belmiro,
Bernardo, ó Nenias, lugubre vampiro,
Que do extincto Miguel possue a herança,

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro:
Vibrão tiros ao vate; e cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança.

Elmano solta um..... eis foge tudo!
Eis os socios ganindo ao som do.....
Quaes de funil appenso os cães no entrudo.

Mas se inda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens no Almanaque.

Vós, ó Françes, Semmedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condemnadas!
Vós, de cujas businas penduradas
Tremem de Jove as delicadas filhas!

Vós, nescios, que mamais das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insossas gargalhadas,
Por versos máos, por trovas aleijadas,
De que engenhais as vossas maravilhas;

Deixai Elmano qué, innocente e honrado,
Nunca de vós se lembra, meditando,
Em cousas sérias, de mais alto estrado.

E, se quereis, os ólhos alongando
Eil-o! Vede-o no Pindo recostado,
De p... erguida sobre vós c...!

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

Aqui d'el-rei! Não se faça a este pobre beneficiado a honra de o confundir com o padre Antonio Pereira de

Souza Caldas, traductor de grande parte do *Psalterio* de David, autor de poesias sacras e profanas, impressas em dous tomos, em Paris, no anno de 1820. De Caldas escreveu Filinto na sua *Arte poetica :*

> Os versinhos anões a anãs Nerinas
> Do santarino Caldas, a quem parvos
> Poêm alcunha de Anacreonte luso,
> E a quem melhor de Anacreonte fulo
> Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
> Imita Anacreonte em versos, quanto
> Negro perú, na alvura, ao branco cysne.

Era presidente da Arcadia este Domingos, mulato, feiissimo, que tinha por uso acompanhar á viola os seus improvisos e trovas; e não só presidente, como dictador da Arcadia, e cortezão do conde de Pombeiro. Deixou muitas trovas colligidas na sua *Viola de Lereno* (tomo I de 1819, e tomo II de 1826), e diversas producções, como odes, cantatas, quintilhas, epistolas, etc.

Na *Revista trimensal* do Instituto Brasileiro, tomo IV, pag. 210, ha uns apontamentos biographicos de Caldas, escriptos pelo conego J. da C. Barbosa, e seguidos de um *Retrato de Ancira*, estupendo disparate em verso (?), de que se póde formar idéa por estes extractos :

> Os poetas que pintão as bocas
> Com perolas dentro, por fóra rubim,
> Vejão beijos e dentes de Ancira
> Mais rico que tudo quanto ha para mim.
> — Só se póde chamar venturoso
> Quem tem a fortuna de a possuir.
>
> Eu não sei o que vejo no seio,
> Quando elle respira, mover-se e bulir.
> E' sympathico o seu movimento

Que faz os desejos nos olhos subir.
— Só se póde chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Não se encontra figura mais bella
Nem corpo mais lindo, formoso e gentil;
Se me prostro a seus pés, e se os beijo,
Eu devo fazêl-o mil vezes e mil.
— Só se póde chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Está o famoso *Almanak das Musas* (o livro dos doze vintens) pejado de denominadas poesias do mesmo infatigavel, de quilates não mui superiores aos d'esta; sendo para pasmar que semelhante reputação usurpada houvesse conquistado applausos de varios contemporaneos distinctos, se não lhe soubessemos de dous outros talentos sublimes : o de ser bom empenho para fidalgos, e o da delicadeza e profusão dos seus jantares.

Entre os epigrammas de Caldas, distingue-se este (*inedito*) :

De todos sempre diz mal
O impio Manoel Maria;
E se de Deos o não disse,
Foi porque o não conhecia.

É imitação do epitaphio que o Aretino compôz para si mesmo :

Qui giace l'Aretin, poeta tosco,
Che di ognun disse mal, fuor che di Cristo,
Scusandosi col dir : No lo conosco!

Por essa occasião é que Bocage fez aquelle epigramma :

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage aferra o dente.....

Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

Para alcançar a licença da censura, trocou o primeiro verso em

Dizem que Flavio glotão,

como publicamos no tomo I, pag. 109; mas *branco é, gallinha o põe;* para que a intenção não permanecesse duvidosa, sotopôz desde o principio ao epigramma esta dedicatoria: « A um mulato comilão, que murmurava de mim. »

Dirigio pois Bocage varios sonetos contra Caldas, por exemplo o seguinte (*inedito*) :

Nojenta prole da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de nico,
Loquaz saguim, burlesco Theodorico,
Osga torrada, estupido resinga,

Eu não te accuso de poeta pinga!.
Tens lido o Mestre Ignacio e o Bom Sapico;
De ôcas idéas tens o caco rico...
Mas teus versos tresandão a catinga.

Se a tua musa nos outeiros campa,
Se ao Miranda fizeste ode demente,
E o mais que ao mundo estolido se encampa,

É porque sendo, ó Caldas, tão sómente
Um cafre, um gôso, um néscio, um parvo, um tr...,
Queres metter nariz em... de gente.

Transcrevemos ainda mais dous:

Por casa Phebo entrou co'um vil bugio.
As musas o animal não conhecião;

E, fugindo assustadas do que vião,
Foi de ventas á terra a pobre Clio.

« Não fujão! Venhão cá! Não é bravio! »
Gritava o deos... E as musas que tremião,
Todas por uma voz lhe respondião:
« Ai! que bicho tão feio! ai! não me fio!

« Qual feio (acode Apollo)! é mui galante,
« E na figura e gestos dá mil provas
« De ser em parte aos homens semelhante.

« Caldas o nomeei. Com graças novas
« Faz-me estalar de riso a cada instante...
« Em premio lhe concedo o dom das trovas! »

AO TROVISTA CALDAS, PARDO DE FEIÇÕES, E GRENHA CRESPA E REVOLTA.

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De pregar aos mortaes estranha peta:
Um mono pilha, que infernal careta
Lhe faz de longe e lhe arreganha o dente.

Caçando-o, por mercê do Averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda; põe-lhe uma roupeta;
E os guinchos lhe converte em voz de gente.

Deixa-lhe os calos; deixa-lhe a catinga...
E eis que entre os Lusos o animal sem rabo
Prole se acclama da tostada Ginga.

Dos trovistas se vê modelo e cabo!
A sua alta sciencia é a mandinga,
O seu divino Apollo é o diabo.

Não cremos que seja de Bocage o soneto que apparece na collecção:

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates...

N'uma sociedade, tendo-se dado o mote:

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio,

cantou Caldas ao som da sua viola esta decima (*inedita*):

Tenho visto até agora
Mil cousas que são portentos;
Trinta velhos rabujentos
Eu vi nos braços da aurora;
Um cão puxar uma nora;
Correr para trás um rio;
Velas arder sem pavio;
Vi um defunto a correr...
Só me falta agora ver
O sol tremendo com frio!

Não era acabada a decima, quando, vendo a dulcissima expressão com que uma velha, namorada de Caldas, tomava a sua pitada, embriagando-se de amor, admiração e tabaco, lhe disparou Bocage est'outra (*inedita*):

Se isto vai de foz em fóra,
Tambem com lua diamantina,
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora.
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio!
Ver os effeitos do frio!
Cantar modas um macaco!
A lua a tomar tabaco!
E o sol tremendo com frio!

Faz algum tanto lembrar aquella famosa descripção da opera, por Panard:

J'ai vu Mars descendre en cadence;
J'ai vu des vols prompts et subtils;

J'ai vu la justice en balance,
Et qui ne tenait qu'à deux fils.

J'ai vu le soleil et la lune,
Qui faisaient des discours en l'air, etc.

BELCHIOR MANOEL CURVO SEMMEDO

Deixou-nos cinco voluminhos de poesias, dos quaes reimprimirão um. Em todas ellas ha mais ou menos merito; porém no dythirambo e no apologo, póde ser considerado, entre nós, a par dos primeiros modelos.

Entre Semmedo e Bocage fermentou rivalidade profunda, que se convertia em quotidianos sarcasmos. Não consistia a verdadeira causa d'este mutuo ciume em real paridade de merito, pois não se cria Semmedo, em sua consciencia, o igual de Bocage. Mas durante muito tempo a opinião publica os nivelou a ambos, até que a luz da imprensa permittio mais seguro juizo. A convicção de Bocage pungia-se da confrontação: o amor-proprio de Belchior com a *vox populi* se alentava.

Houve portanto entre ambos um tiroteio vivissimo de improperios, e mais satyras se conservão ainda de Belchior contra Bocage que vice-versa. Fez o Morgado de Assentiz as maiores diligencias para alcançar a reconciliação, convidando aos dous para se reunirem no seu theatrinho, mas em vão.

Comecemos pòr trasladar satyras de Belchior, sendo a primeira um soneto pouco posterior ao regresso de Bocage da India, *inedito*, que devemos á memoria de D. Gastão:

Morreu Bocage! Sepultou-se em Góa!
Chorai, moças venaes; chorai, pedantes,

O insulso estragador dos consoantes,
Que tantos tempos aturdio Lisboa!

Por aventuras mil teve a corôa
Que a frente cinge dos heróes andantes.
Inda veio, de climas tão distantes,
A tôa vegetar, versar á tôa.

Este que vês, com olhos macerados,
Não é focage, não, rei dos bregeiros;
São sómente os seus ossos descarnados;

Fugio do cemiterio aos companheiros;
Anda agora purgando os seus peccados,
Glosando aos c...çaes pelos outeiros.

Emquanto o meu zôilo,
Convulso d'inveja,
De longe, incessante,
Me ladra e moteja;

Eu, surdo a seus échos,
A lyra pulsando,
Meu nome eterniso
D'Inalia cantando.

Á baixa lisonja
Louvores não urdo,
Nem fôfo á vil plebe
Com trovas aturdo.

Erato me empresta
Harmonica lyra,
E amor é sómente
Quem versos me inspira.

Applausos mereço
De Alfeno e Jacindo;
Elmiro me louva,
E o Melico Eurindo.

Inalia mil vezes
Ouvir-me procura,
E ao som de meu canto
Se abrasa em ternura.

Embora em meus versos
Mil satyras chovão,
Se Inalia os estima
E os sabios os louvão.

Pelo que em Lavater li,
E no Gal[illegible]nho estudado,
Se não me engana a lição,
Os signaes, que vejo em ti,
São d'um basofio chapado,
E d'um perfeito asneirão.

D'ignorante me notou
Certo palrante enfunado,
Porque eu estive calado,
E elle só papagueou.
Se é certo que horas inteiras
Não [illegible]i palavra esse dia,
Foi por [illegible]r as asneiras,
Que a todo o instante lhe ouvia.

« Passei tres dias em [illegible] dos versos! »
A fôfo vate Euripides [illegible]:
« Pois eu, diz-lhe elle, [illegible]ço mil n'um dia. »
« Não duvido (lhe torna o sabio em trôco)
« Pórem com esta differença, ó louco,
« Que os meus dez serão annos mil prezados,
« E os teus mil nem tres dias supportados. »

Talvez que o precedente epigramma seja variante de um, de Gombaud :

Tircis fait cent vers en une heure.
Je vais moins vite et n'ai pas tort:
Les siens mourront avant qu'il meure;
Les miens vivront après ma mort.

Se máos e bons atassalhas,
Se tudo a eito laceras
Nas chochas trovas, que espalhas,
De quem louvores esperas?
Repara que todo aquelle,
Que a louvar-te se proponha,
Vai applaudir sem vergonha
O mal que tens dito d'elle.

Zoilo mordaz me insulta impaciente:
Mas d'elle se publica
Que os máos poetas louva, os bons critica:
Se Apollo tal consente,
Ó zoilo, ó maldizente,
Não sabes, não, depois que te conheço,
Quanto as criticas tuas agradeço.

Por vir immediatamente após este epigramma no *Almanak das Musas*, pela audaciosa nota que o acompanha, dizendo dirigir-se a um máo poeta que dizia encontrarem-se nos seus versos algumas pequenas manchas, mas que em fogo nenhuns lhe excedião, e pela natureza de tal accusação em taes dias (1794), cremos que Belchior se dirigia a Bocage no seguinte epigramma:

O fogo de teus versos me exageras;
E logo me asseveras
Que leves manchas n'elles se divisão;
Mas eu tenho observado
Que os versos todos que me tens mostrado
Manchas não têm; só fogo é que precisão.

N'uma epistola ao Dr. Quintanilha, depois de se queixar os poetas de então, que vai descrevendo, continúa assim:

Outros na profissão menos doutores,
Mas em ostro suppondo-se uns abortos,
Gabão-se que a insultante padaria,
Assim que a voz lhes ouve nos outeiros,
Em torno boqui-aberta, ouvido á escuta,
Troca em palmas, em vivas, em obsequios,
O picante *dicterio*, o chulo *áparte*.
Se ouvir um d'estes busco, vou topal-o
Entre nymphas boçaes, marmanjas velhas,
Tescões peraltas, que não lêm por cima,
D'improviso glosando a cada mote
De sonetos e decimas chorrilhos,
Sem nexo, sem linguagem, sem cadencia,
Partos informes da loucura humana.
E é comtudo applaudido, porque um nescio
Acha outro nescio, que lhe dê louvores...
. . . . . .
Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer: *Componho inclitos versos!*
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole, ou antithese rançosa,
Exclamar: *isto é meu, isto não morre!*
O amor-proprio dá leis, reina a vaidade.

Tambem se referia a Bocage nos seguintes versos da epistola ao lente de mathematica J. M. de Oliveira, homem não só mui sabio nas materias da sua profissão, mas tambem, como José Agostacio da Cunha, distinctissimo poeta:

Ah! que receias? que temor te prende?
Temes acaso que te conte o vulgo
Na chusma dos estolidos trovistas,
Que as frageis lojas dos cafés entupem,
E a troco de licor, fervente ponche,
Aos patinhos, que em torno a penna [illegible]

Insulsas trovas a rosnar vomitão?
Se o vulgo errado o nome de poeta
Concede francamente ao nescio, ao tolo,
Porque glosa uma decima, um soneto,
O sabio austero a poucos o concede,
Que o sabio os nomes confundir não usa.
Dize-me! Acaso, em teu juizo estando,
Por cantora terás famosa velha,
Que ao som dos baques do dansante berço,
Ao neto canta do papão cantigas?
Chamarás picador ao chanfaneiro,
Que assim que a venda acaba da hortaliça,
Montando-se de um pulo entre as cangalhas,
Mette de trote o bruto esparvonado?
Ou musico ao lacaio chamarias
Porque toca na banza, ou na bandurra,
O fandango hespanhol, a chula, a fôfa?
Pois d'igual sorte o nome de poeta
Quadra ao trovista, glosador de motes.
Que injuria mais atroz fazer podias
Ao sabio Palomino, ao sabio Rume,
Se a par os fosses pôr do rabequista,
Que no páteo dos bichos toca aos ursos!
Aos vates se faz sempre igual affronta
Quando chamamos aos trovistas vates.

Na parte IV do *Almanak das Musas*, impressa em 1794 pela Arcadia, apparece entre outras producções anti-bocagianas uma epistola a Belmiro, sem assignatura, e talvez de Caldas, em que se lhe roga com instancia que não leve avante o seu plano de desamparar a sociedade, ao que Belmiro se mostrava decidido, em consequencia da attitude assumida pelo arcade Bocage:

Como é possivel que deixar intentes
A nossa Arcadia em triste soledade!
Queres abandonar fieis amigos,
Que estremecem por ti, que por ti chorão,
Por loucura de um zoilo arrebatado!

Que não diria o mesmo teu contrario?
Cheio de presumpção talvez dissesse
Que a tua retirada era receio
De repetires versos junto a elle.
Deixa embora rosnar zoilos malditos,
Deixa chover mil satyras infames,
E em vez de abandonares esta Arcadia,
Como, ingrato Belmiro, projectavas,
Façamos que ella venha a ser olhada
Com respeito dos povos do universo.

Tambem ahi, n'uma epistola a Caldas, se exprime Quintanilha assim, em relação a Semmedo:

Tambem me ouvirás sempre que a despeito
Da magra detracção, baixa, ferina,
Nas azas dos acesos dythirambos
Ha de (sabio Lereno) o delicado,
O correcto Belmiro eternisar-se.

Mas depois de tanta injusta satyra, a linguagem de Belchior, completamente mudada, apparece digna de si e de Bocage. Eis-aqui o soneto que elle lhe dirigio, durante a perigosa doença de que então se suppunha que Bocage poderia escapar.

Ao som da lyra o thracio, egregio vate
Demanda as tristes regiões do luto;
Encanta as furias, e adormece o bruto,
Que no Orco ás sombras tem tres bocas late.

Obtem do esposo da triforme Hecate
Dada a posse, de suspiros fructo,
Que a maga força do seu canto arguto
Lhe afiança o ledo, insolito resgate.

Mas se trouxe da estancia somnolenta
De novo ao mundo a misera consorte,
Da lei geral foi victima cruenta.

Mais digno Elmano do favor da sorte,
Como do Lethes o seu nome isenta,
Salva seus dias do furor da morte.

Absolutamente analogo, e igualmente injusto e desigual foi o comportamento de Bocage. Já em algumas satyras aos Arcades vimos Belmiro maltratado por elle; outras muitas ha, directamente endereçadas ao Lafontaine portuguez. Taes são os seguintes sonetos:

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
Affectando entoar canções divinas,
Fez, cansado de as ouvir pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha.

No idyllio desprezivel, onde ralha
O grosseiro amador com phrases finas,
Pôz o cornudo Pan, deos das campinas,
De bruços a beber na vinea talha.

Um Nume que apezar do pé caprino
Obteve altar, incenso, reverencia,
A beber como os burros! irra! afino.

Que mesquinhez de vate! que insolencia!
E isto por cinco réis... quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia.

Quarta-feira, quatorze do corrente,
Se ha de outra vez fazer, com bom scenario,
No Salitre a comedia do Antiquario,
A que tem concorrido immensa gente.

É peça traduzida novamente
Por um poeta, amigo do emprezario,
Memorião, que engole um diccionario
E orna de verdes pampanos a frente.

Depois do entremez se ha de seguir

Do franco a muito guapa e curiosa
Tragedia de Sesostris, que faz rir.

Tem versos naturaes, parecem prosa:
Que [illegible]ha o nobre publico applaudir
Esperta companhia obsequiosa.

Junto ao Tejo, entre os tenros amorinhos,
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Havião fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travessos [illegible]nos,
Que são mui folgazões e mui traquinas,
Armárão mil subtis alfcantimas
E os lançárão depois n'uns bispotinhos:

Eis Tagide louçã de eburneo collo,
A quem não vencerá, por mais que lute,
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: « Filhinho escute;
« Olhe com que noticia hoje o consolo!
« É poeta do rei de Lilipute! »

N'este soneto, em que Bocage despacha Belchior para pe[illegible]o rei dos pygmêos, censura elle o abuso dos di[illegible]s, que Belmiro commettia em seus versos: o com[illegible]e do oitavo verso é outro.

Tinha Bocage por uso citar, quando ouvia versos de Belchior em que recahisse bem aquella censura, a galante decima da *Miscellanea* de Garcia de Rezende:

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pelotinhos,
Golpinhos e sapatinhos,
Fundas pequenas, mullinhas,
Gibõezinhos, barretinhos,
Estreitas cabeçadinhas,

Pequenas nominazinhas,
Estreitinhas guarnições...
E muito más invenções,
Pois que tudo são *couzinhas!*

Intruso no Apollineo sanctuario,
Dar leis a cegos, illudir pedantes,
Uivar entre as freneticas Bacchantes,
Qual vago lobishome em seu fadario;

Voar de diccionario em diccionario
Pilhando aqui e alli locções brilhantes;
Aguarentar com [illegible] ripiantes,
Pygmêo de Cintra [illegible] erario:

Por fôfos versos com[illegible]assar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chã roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos;
Eis os progressos do pavão Belmiro.

Bocage zombava a cada passo da pequena estatura de Semmedo. Parece ter sido este quem mais provocára a vulgarisação da satyra de J. A. de Macedo, e por isso na resposta de Bocage se lê:

Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derribas...

Couto aponta o final de outro soneto, que affirma ser de Bocage contra Semmedo (pouco mais ou menos assim):

Bem sei que navegar sem vela e remos
É tolice; e asseverão os rapazes
Que roças da ignorancia nos extremos.

Mas ha *pais velhos* gregos e romanos.

Não te fartes de os ler, e em ti veremos
Um poeta meão, dentro em dez annos.

Da mesma penna, santo Deos! d'onde sahírão estes soberbos, mas satyricos versos, e ao mesmo homem que d'elles foi alvo, são dirigidas as expressões mais affectuosas e lisonjeiras. Ao ultimo soneto de Belmiro atrás citado, e pelos mesmos consoantes, respondeu Bocage com este lindo soneto:

Maga lyra de amor que ao Thracio vate
Lá na estancia fatal dos ais, do luto,
Déste ameigar o enorme, inexoravel bruto,
Que no ferreo portão brave range e late:

Lyra piedosa, que, apiedando Hecate,
Colheste em chão da morte um doce fructo,
Revives no aureo plectro ameno, arguto,
Do lethal captiveiro alto resgate;

Sim, divino cantor: na somnolenta
Mansão das Parcas, se a gentil consorte
Visses em flôr cahir, por lei cruenta,

Portas do Orco (arrancando a chave á Sorte)
Desfecháras co'a mão de susto isenta,
E outro milagre soffreria a morte.

bem como os seguintes quartetos:

Agora, que a seu lobrego retiro
Como que a baça morte me encaminha,
E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro;

Musa de Elmano e musa de Belmiro,
Una-se a gloria sua á gloria minha!
Meu nome aguarentou com voz mesquinha;
Eu justo ao seu não fui e a sêl-o aspiro!

N'uma nota do moribundo lê-se: « Quando o homem crê vizinhar com o seu nada, as sombras em que o envolvem e abalão as suas paixões se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano, ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já porque, evaporado o amor-proprio, attente mais nos outros que em si. Eu, talvez n'esse estado ou não longe d'elle, confesso ingenuamente que, pela suavidade e apuro do metro (nas composições lavradas com mais desvelo e gosto), pelas flôres, pelos esmaltes poeticos de que as amenisa e formoseia (em especial as bacchicas) Belmiro está mui sobranceiro aos engenhos vulgares. A razão me pede que lhe honre o merito; e o coração que lhe releve a, talvez, injustiça com que trabalhou remover-me de um gráo havido da voz publica. »

CAPITULO XXII

Continuação das relações com os Arcades. — Manoel Bernardes de Souza e Mello. — Luiz Corrêa da França Amaral. — José Thomaz da Silva Quintanilha. — Joaquim Franco de Araujo. — Os sonetos aos pennachos. — Miguel Antonio de Barros. — Anecdota. — Domingos Maximiano Torres. — Joaquim Severino Ferraz de Campos. — João de Souza Pacheco. — Francisco Joaquim Bingre. — Francisco da Silveira Malhão.

DR. MANOEL BERNARDES DE SOUZA E MELLO

Foi autor de nenias, e outras poesias melancolicas, que Bocage affirmava serem todas plagiatos, ou producções de Miguel Alvarenga, com cujos manuscriptos ficára Bernardes.

Dirigio Bocage a este o soneto :

Em ermo cemiterio, em hora escura,
Bernardes sepulcral no chão jazia,
Onde epicedio funebre tecia
Ao bem que lhe arrancaste, ó parca dura!

Era *Igenia de tal* a formosura
Que temporã descêra á terra fria;
E o carrancudo vate assim carpia
Junto da triste, amada sepultura:

« Mochos, socios de um misero que chora,
« Africanos leões, tigres de Armenia,
« Dai lagrimas ao mal que me devora.

« Acode ao lasso amante, acode, Igenia! »
Eis a campa rebenta, e surge fóra
Dous vampiros bailando ao som da nenia.

Eis-aqui outro soneto, ao mesmo assumpto que o precedente:

É mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingio varias iscas de defunto
A mascarrado e girio pasteleiro:

Foi Bernardes (o Nenias) que em máo cheiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia tambem o seu presunto
De algum com que esbarrava ainda inteiro.

Hoje atreve-se a mais, quer ver se apanha
Este, que é dos cadaveres Herodes,
Ao descarnado França um secco chispe.

Se lhes cahes, Melisêo, na mão grifanha,
Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes.
Ai pobre! queira Deos que te não bispe.

E fe[illegible] seguinte epigramma:

Envolto em pardo limiste

Bernardes nenias recita.
Ao riso ninguem resiste!
O vate funereo grita:
« Não rião, que é cousa triste. »

No tomo XX, pag. 17 da 1ª edição d'esta obra, transcrevêmos o epigramma, com os dous primeiros versos:

Elmiro envolto em liriste
Insulsas nenias recita.

Fomos victimas ahi do compilador, que com estas modificações quiz no tomo V, pag. 227, escarnecer José Agostinho; mas alcançámos certeza de que o epigramma é como no texto o damos. Tambem por sua parte José Agostinho se pretendeu arvorar em autor d'esta quintilha, convertendo-a contra Bocage, como se vê no folheto intitulado: *Considerações Mansas*.

DR. LUIZ CORRÊA DA FRANÇA AMARAL

MEMBRO DE AMBAS AS ARCADIAS

É o traductor da *Electra*, autor de *D. Maria Telles*, e de varias obras avulsas, algumas das quaes sahírão no *Almanak das Musas*.

N'uma *carta contra os intrusos poetas do presente seculo*, escripta por França a Belchior, invectivou a Bocage d'este modo:

Clama com sem igual desembaraço
N'um outeiro um pedante « Venha mote,
« Heroico, que eu só verso heroico faço!

Eis que parte; e embuçado no capote,
Mil narizes de cêra revolvendo,
Lá engendra um soneto... e de que mote!

Um verso á redea solta vai correndo,
Outro um passo não dá, por aleijado,
Com o mote nenhum connexão tendo;

Um quarteto com outro mal casado
Fazem com os tercetos, sem coherencia,
De rodilhas um sujo apontoado.

Falta-me, amigo, falta-me a paciencia,
Vendo palmas bater a um mote frio,
Sem ter de verso ao menos a apparencia.

Se um edificio levantar queremos,
Do fundamento solido esquecidos,
Um edificio vão levantaremos.

Assim charlatães cegos e atrevidos,
Nos devereis de vate o nome honroso
Do nescio vulgo aos vivas repetidos.

Não consiste n'um verso harmonioso
Da divina poesia a magestade.
Pede um contínuo estudo, e o mais copioso;

Pede um estro que espalhe a heroicidade,
E a gloria verdadeira pelo mundo,
Nas azas da maior sublimidade;

Pede emfim um engenho alto e profundo,
Que louve tudo o que louvor merece,
Em estylo grandiloquo e jocundo.

Ah! se um charlatão d'estes conhecesse
Quanto é raro um poeta verdadeiro,
Talvez de nós e de outros se escondesse!

Se visse as leis poeticas primeiro,
Inda que de passagem, fugiria
Até de apparecer em um outeiro, etc.

Foi pois a este adversario que Bocage fez varios sonetos; por exemplo:

Passava já de um mez que o bom Luceno
Fechar seus tristes olhos não podia,
Submettido á fatal sabedoria
Do respeitavel *Medico Pequeno.*

Hippocrates d'aqui, d'alli Galeno,
Empunhava o Tacão na livraria:
Remedios contra insomnia revolvia,
Porém cada receita era um veneno.

Scisma o curto doutor! sobem-lhe á mente
Do França os versos, duros como um tronco,
E recipe de alguns forma ao doente.

Em tenue dóse applica o metro branco,
Manda ler-lhe um terceto... eis de repente
Cerra os olhos o enfermo... e prega um ronco!

Dous outros sonetos se podem ler escriptos por Bocage, contra o Dr. França, sendo o primeiro precedido do titulo: *Vera effigie do Dr. França, que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta cidade o queira procurar, etc.*

Rapada amarellenta cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda;
Bôca, que á parte esquerda se accommoda...
Uns affirmão que fede, outros que cheira;

Japona, que da Ladra andou na Feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Ruço calção, que *espipa* no joelho;
Meia e sapato com que ao lodo avança
Vindo a encontrar-se co'o esbrugado artelho;

Jarra, com appetites de criança;
Cara com semelhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

Melisêo, o menor entre os nascidos,
De face cadaverica e nojosa,
Phthysico em verso, apouquentado em prosa,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,

Soltando dissonantes alaridos
Da boca transversal, erma e gulosa,
Insulta a quem de Phebo os mimos goza,
Estafa-se em preceitos não cumpridos.

Ao vate Elmano plagiario chama,
Sendo mais desprezivel plagiario
Que o que pilha, desluz, corrompe, infama.

Profanador do Aonio sanctuario,
Lobishomem do Pindo, orneia ou brama
Até findar no inferno o seu fadario!

Acerca d'este, diz Bocage, na satyra a José Agostinho:

Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos,
Pede ao bom Melysêo da Arcadia fauno
De avelada existencia, e mente exhausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alfeloa troca os sons d'Euterpe,
Os sons da sua Euterpe, e não da minha.....

DR. JOSÉ THOMAZ DA SILVA QUINTANILHA

O *atilado* poeta (como o nosso poeta lhe chamava n'uma ode) era realmente distincto, e fôra suà lyra qualificada de *milagrosa* por Bocage, de quem elle recebêra a seguinte resposta a uma sua mimosa producção encomiastica:

Eurindo caro ás musas e aos amores,
Das Tagides louçãs cantor mimoso,
Não damnes o almo verso deleitoso,
Não sôe o lasso Elmano em teus louvores.

Exprime de Hero as lagrimas, as dôres,
Do audaz de Abydo o transito afanoso,
E em fôfos escarcéos Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores.

Pinta os males de amor, d'Ignez os fados,
Canta as glorias de amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas e os agrados,

Em vez de aviventar, co'a maga lyra,
Musa infeliz que, em ancias, em cuidados,
Em soluços, em ais, arqueja, expira.

As allusões d'este soneto são a duas boas poesias de Quintanilha, a saber : a glosa de uma quadra sobre o desastre de Leandro e Hero, e um soneto a D. Ignez de Castro. De ambas essas peças possuimos os proprios autographos.

Devemos a um filho do nosso Eurindo Nonacriense (tal era o nome arcadico de Quintanilha) o ter podido compulsar um caixão de manuscriptos do poeta, ineditos quasi todos, e entre os quaes não raros versos optimos se encontrão, que tarde ou cedo hão de ver a luz.

Nem sempre soube conter-se a indole satyrica de Elmano. Vamos ver como n'outro soneto se atreveu a verberar o que na vespera louvára.

Era conhecida a historia que o nosso illustrado amigo o Sr. Innocencio da Silva conta do seguinte modo :

« O Dr. Quintanilha, que em uma epistola havia exagerado a bondade dos almoços do padre Caldas[1], compuzera um soneto em que, atado a um listão verde, mandava um beijo á sua amada, então moradora na ilha da Madeira. » (Não será a do Fayal?)

[1] Tambem possuimos o original d'essa epistola ao Caldas, que depois foi impressa na pag. 4 do *Almanak das Musas*.

O que não era conhecido era o soneto a que se alludio. Tivemos a fortuna de o encontrar; aqui o reproduzimos:

Onde a fresca Fayal, erguendo a frente,
O mar enrama que a torneia e lava,
Amor, de mando meu, se encaminhava,
Nas rôxas azas de um gemido ardente.

Do lado um beijo fervido, pendente
Em um verde listão preso levava...
Namorado penhor, que eu enviava
Ao doce bem, por quem suspiro ausente.

Chegou Amor á deleitosa ilha,
E apenas Silvia o vê, fica abrasado
Na luz celeste, que em seus olhos brilha.

Triste de mim, quanto é cruel meu fado!
Se Amor é meu rival, que maravilha
Que ella anteponha um nume a um desgraçado!

A estes versos respondeu Bocage assim:

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,
Rato, que róe do Caldas a gimbancia,
Pygmêo, de insupportavel arrogancia,
Que morde, mais que pulga ou persovejo;

Aceso no frenetico desejo
De exceder dos Quixotes a constancia,
Á frondosa Fayal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo.

Pendia em tiracollo ao deos frecheiro
A terna off'renda... Eis zephyro ladino
O beijinho impellio para o traseiro.

Quintanilha! que opprobrio! que destino!
Mimo que ia ao teu bem, tocou primeiro
O sitio infame [1] do trefego menino!

[1] No primeiro original estava a phrase de que usa o Diniz, no *Hyssope: o nedio...*

Tambem no *N. B.* á satyra *Pena de talião*, diz Bocage de Quintanilha :

« Alludo a um nojento homunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruina um soneto; o que propagou e espalhou a satyra de Elmiro, porque nunca tive a injustiça de gabar seus nadas. »

PADRE JOAQUIM FRANCO DE ARAUJO

ABBADE DE ALMOSTER

Não se confunda este Corydon Neptunino, com Corydon Erymanthêo, Pedro Antonio Corrêa Garção, para com quem Bocage professava summa veneração :

> O vate Corydon, tão caro a Phebo,
> O atilado cantor, por quem das trevas,
> Das ruinas, do pó surgindo a lyra,
> Trouxe nas cordas de ouro o som romano.

É o abbade de Almoster, autor da tragedia *Sesostris*, e do *Rei Egypcio*, traductor dos *Idyllios de Gessner*, e de muitas outras poesias ligeiras. Era homem de singular talento; facil é pois de comprehender-se o encarniçamento da luta entre os dous.

Para darmos uma idéa das mutuas iras, começaremos transcrevendo parte de uma epistola de Franco, a qual anda inserta no tomo IV do *Almanak das Musas*, pag. 129 (*Gecabo* é anagramma de *Bocage*) :

> Entrava n'este tempo pela sala
> O gran *Gecabo*, rimador famoso,
> Que mil vezes a sabia padaria,
> Nos devotos outeiros de oratorios,

De carrasco, de malvas e de ortigas,
Alegre coroára; que fallava,
Em verso de onze syllabas ou oito;
Tres horas, quatro horas; cujos versos
Erão o mimo das peraltas todas,
Por seu extremo ardor, pelos transportes
Elevados, que sempre respiravão.

Gecabo pois, o gran *Gecabo*, novo
E sublime Quixote d'estas éras,
Despotico sultão da poesia,
Que a todos fere, e só a si perdôa;
Que, para pasto dar ao negro genio
Da satyra malvada que o devora,
A começa a empregar n'aquelles mesmos
Generosos amigos, que o acolhem;
Que quer da boca quer perder um dente
Do que a fel de um soneto contra um homem...
Este convulso pois, caustico genio,
Ouvindo que uma ode eu repetíra,
Franzio o beiço, enverrugou a testa,
E sahio d'esta tripode cumana
Este cruel oraculo ou sentença:

« Disse versos o Franco!! pobre moço!
« Bom rapaz! bom rapaz! porém de versos
« Nada pesca, coitado! enthusiasmou-se
« Co'a semsabor tragedia de *Sesostris*
« (Tragedia, que entremez chamarei antes),
« Que imprimio mui contente, e quer por força
« Matar a gente com seus frouxos versos.
« Não haverá uma alma caridosa,
« Que desabuse este teimoso vate!
« Que lhe diga se deixe de poesia,
« Que deixe os versos de que nada entende,
« Para quem tem um estro... como eu tenho,
« Ardente, inextinguivel, infinito,
« A que nunca jámais se vio o fundo
« Em outeiros e salas de assembléas;
« E que escreva novenas para os cegos,
« Entremezes e autos semsabores!

« Eu fallo sem paixão : porém não soffro
« Que, onde estou, mais ninguem repita versos ;
« Pois eu sei de memoria os que hei já feito,
« Os que faço, e até mesmo aquelles versos
« Que hei de escrever d'aqui a vinte annos.
« Os meus versos são versos animados
« Pelo fogo do amor e do ciume,
« Ciume universal que me devora...
« E mais logo o verão! Venha já mote,
« Ou colcheia, ou heroico, o que quizerem!
« Franco, que toque a sua má rabeca,
« Que da rabeca do Delfim parece
« Ser filha ou neta, e que os ouvidos quebra
« Áquelles desgraçados que o escutão. »

Bocage, como de uso, pagou capital e juros.

Eis-aqui dous sonetos, que andavão nas collecções como feitos contra o Dr. França, equivocando-se os compiladores, pela semelhança do nome com o do padre Franco.

O mundo a porfiar que o Franco é tolo ;
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente!
Raspem-lhe as mãos, e ferva-lhe o carolo!

Da brilhante razão jámais o rôlo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a basofia suppre-lhe o miôlo.

Ora, vão trovador do heróe do Egypto,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Acerca dos papéis que tens escripto?

A cópia de Gessner deu-se de graça :
Psyché jaz de capella e de palmito :
Sesostris infeliz morreu de traça.

Contava Assentiz, que Bocage gostava de repetir este soneto, sobretudo pela idéa final, exclamando muita vez :

« Ó homem! não te compunge? não te mette dó este triste fim do *Sesostris!* » Repetio o pensamento, fallando do *Almanak*, na satyra a José Agostinho, que tambem para obras suas o empalmou.

Não pudemos verificar se este *Sesostris* de Franco será o mesmo *Sesostris* de Longepierre, que parece ter tido em França igual sorte, e a proposito do qual Racine fez o seguinte bonito epigramma :

Ce fameux conquérant, ce fameux Sésostris,
Qui jadis en Égypte, au gré des destinées,
Vécut de si longues années,
N'a vécu qu'un jour à Paris.

Conhecem um vigario de chorina,
De insulsa phrase, de relé maruja?
Sapo immundo, que bebe ou que babuja
No que deita por fóra a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja:
Digno rival do mocho e da coruja
Quando a voz desenfrêa, a banza afina.

Fez versos em francez... francez antigo!
Em giria de Veneza, e finalmente
Em corrupto hespanhol teve o castigo.

Elle diz que são bons, e os mais, que mente!
Põe mãos á obra! faze o que te digo...
Chicotêa esse bruto, e crê na gente!«

(*Chacoteia!* se lê na edição de Costa e Silva.) É provavel que o ultimo verso fosse mui differente.

Fez-lhe Bocage muitos outros versos satyricos. O que mais o encolerisava em Franco era a *phrase maruja*, como elle classificava o estylo do abbade de Almoster.

Á memoria de pessoa, clara pelos dons de Apollo, e que conheceu a ambos os poetas, devemos a seguinte anecdota, e os tres preciosos sonetos *ineditos*, que passamos a publicar.

Começando, pelo anno de 1800, a estender-se muito, entre as damas de Lisboa, a moda dos enfeites de palhinha em chapéos, cabello, toucados, laços, indispensaveis, borlas, pennachos, etc., compôz Franco este soneto, cujos 5° e 6° verso completou a diligencia do Sr. I. F. da Silva :

Fizestes bem, madamas de Lisboa,
Em adornar de palha as vossas testas.
Se algum critico máo *vos chamar bestas*,
Logo em vosso favor *lhe estou na prôa:*

Um tal adorno não foi feito á tôa,
Nem sem pensar se fazem cousas d'estas.
Brilhai nas procissões, brilhai nas festas
Co'esse palheiró, que sem peso vôa.

O que temo é que os *bois, burros e machos*
Contra vós armem desigual batalha,
Se o comer lhes roubais para os pennachos.

Mas emfim não sintais por isso falha!
As flôres, chapelinõs, fitas, cachos,
Fazei de corno, se faltar á palha!

Apenas este soneto veio ás mãos de Bocage, censurou-o logo com este outro :

Li as quatorze regras aos *pennachos*,
A trova, que se orelhas nos magôa.
Viva a maruja phrase : *Estou na prôa...*
Modelo singular de termos baixos!

A lembrança dos *bois, burros e machos*
É lembrança feliz! é cousa boa!

Pois o *palheiro qüe sem peso vôa!*
Isso dá jus á cilha e berbicachos.

O lugar onde a mão findou seis linhas
Podia muito bem ficar em branco,
Sem fazer falta ás pobres das vizinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco:
A idéa tem mais sal que tres marinhas...
E a *cornea conclusão* laureia o Franco!

Fez ainda o que em seguida transcrevemos, dando-se n'este a particularidade de ser feito pelos mesmos consoantes do satyrisado:

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,
Ó testa capataz das ôcas testas!
Vive entre os teus iguaes! vive entre as bestas,
E entre bestas vivendo abate a prôa!

Quem versos sem sabor produz á tôa
Só nos póde brindar com obras d'estas.
Deixa brilhar nas procissões, nas festas,
Nymphas de quem Cupido em torno vôa.

Mais bruto do que os bois, burros e machos,
Ao lindo sexo amavel dás batalha...
Porque talvez te ornou de alguns pennachos.

No amor de experta Nise achaste falha...
Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
Te fez, tosco palheiro, arder a palha.

Parece que estes pennachos, toucados e plumas derão muito no goto aos poetas do tempo. Quintanilha, n'uma epistola a Caldas (*Almanak das Musas*, IV, 96), allude a estas poesias de Franco:

A despeito dos rigidos dictames
Que austero segue o serio Neptunino,

Dos pasmosos revezes com que intenta
Lançar por terra as plumas e os toucados,
Que tornão mais gentil o gentil sexo,
Que ha de ser sempre o arbitro da terra, etc.

O mesmo Franco chama ás elegantes

. . . . . O rebanho
Dos rissados, das toucas e pennachos.

MIGUEL ANTONIO DE BARROS

No *Diccionario bibliographico* do Sr. I. F. da Silva vêm as seguintes noticias, que por curiosas extractamos, *data venia*. Filho de pais pobres, aprendeu o officio de correeiro; mas tendo obtido trato com poetas, desenvolveu-se-lhe a propensão para os versos, comquanto lhe faltassem estudos.

Começando a distinguir-se como improvisador, conquistou os applausos dos contemporaneos, a ponto de inspirar ciumes ao proprio Bocage, que entre as suas fraquezas tinha a de affligir-se, tomando como offensivos da sua superioridade, os gabos prodigalisados ao seu antigo discipulo!

A emulação subio de ponto, quando tendo Manoel Maria composto a sua metamorphose original *Arenêo e Argira*, que demos no 1º tomo d'esta collecção, pag. 252, Barros apresentou, como em competencia, a de *Cynêo e Solina*, julgada, pelo voto de alguns entendedores, superior áquella. *Este ladrão d'este correeiro é a minha sombra*, exclamava, com doloroso sentimento, o autor do *Tritão* e da *Medéa!*

N'um folheto que em 1801 se publicou, sob o titulo de *Tributo de gratidão que a patria consagra, etc.*, e para

o qual concorrêrão Bocage, Macedo, Bingre e outros, sahio um soneto de Barros, onde vinha o famoso verso :

Bandeiras marciaes enrola, acama.....

que servio por muito tempo de pabulo zombeteiro á musa satyrica de Bocage. Entre outros apodos que este lhe dirigio por tal motivo, ha um soneto raro, que o Sr. Innocencio obteve bem como a resposta de Barros, que não é menos chistosa. Para completa intelligencia, cumpriria ter presente a propria metamorphose de *Cynêo e Solina*, a que Bocagê allude principalmente no seguinte soneto :

O lacaio d'Ovidio é tal que emprehende
Mamar de um sorvo toda a Cabalina.
Fez milagres na historia de Solina.
Ninguem lhe ponha a mão, ninguem a emende!

A tal Juno a voar inveja accende;
O autor n'esta invenção não desatina.
Sons divinos lhe deu, *lettra divina*,
Porque a lingua dos passaros entende.

Faz co'os Almeidas e Ricardos vasa.
Sem saber o que diz, consegue a fama;
Enregelando ás vezes, crê que abrasa.

Ganha á noite o laurel com que se enrama,
E tendo de manhã varrido a casa,
Ao mestre correeiro *enrola a cama*.

Agora, a resposta de Miguel, parodiando, pelos mesmos consoantes, a invectiva do seu emulo :

O escalhado Bocage ardendo empr'ende
Expulsar Melibêo da Cabalina.
Um *Argira* cantou, outro *Solina* :
Ambos se mostrem, e a peior se emende!

Diz Bocage, que amor o peito acende
Do extremoso Arenêo, que desatina;
Á morte o leva protecção divina,
(O sultão do Parnaso assim o entende).

Vaidoso em vão pretende fazer vasa
Co'o suave cantor de antiga fama,
Que os insensiveis corações abrasa;

Mas ai, que de carrasco a testa enrama!
A nympha que o laureia está de casa,
E dizem por ahi que não tem cama.

Contra o drama de Santos e Silva *O Recife restaurado*, apparecêrão censuras. Bocage, attribuindo a Miguel A. Barros um soneto anonymo, que talvez tivesse sido pregado em fórma de pasquim, compôz o seguinte, em defesa do seu estimado compatricio:

Contra o drama *O Recife restaurado*
Do Milton portuguez, deste drama,
Rolho versejador seu fel derrama
Com ignorancia, inveja e odio ao lado.

Presidindo a ignorancia ao parto ousado
Lhe imprime a inveja a raiva em que se inflamma;
O odio em tosca parede *a massa acama*
Com que fica o soneto alli collado.

Novo cartaz, que gente não apinha!
Correm todos a ler o vil criterio
Exposto em phrase insulsa, audaz, mesquinha.

Eis genio velador de extenso imperio
O arranca, para ser em vil casinha
De fetida limpeza ministerio.

Note-se porém que os inimigos de Bocage forão generosos, pois talvez lhe pudessem pagar em igual moeda;

por exemplo n'um elogio ao natalicio do principe regente, lê-se

Elle acata a nação no heróe que a manda.....

Suppondo que é possivel comprehender o verso, poderia Miguel retorquir-lhe: —Sim, senhor, na pessoa do heróe que a manda, a nação, *elle a cata*.

Nos vaivens de apreciação de merito, tão communs em Bocage, foi este em outras occasiões de opinião opposta; por exemplo n'um elogio dramatico, diz elle:

Não ha de enternecer-se, arripiar-se,
A mente, o coração, na dôr de Elaire?

É o Exmo Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, de Pernambuco, um dos mais cultos escriptores do Brasil, onde goza merecida consideração. Eis como elle se exprime, n'uma carta que nos dirigio:

« A seguinte anecdota foi-me referida por um medico portuguez, que tivemos aqui, Dr. Felippe Nery, em casa de cujos parentes Bocage tinha pousada habitual, segundo frequentemente m'o asseverou; dizia mais ter sido testemunha presencial do caso. Este Dr. Nery, taciturno e serio, quando fallava de Bocage, Bressane e outros contemporaneos, tornava-se expansivo e alegre, que não parecia o mesmo. Muitos dos epigrammas contra medicos forão improvisados na sua presença, e á mesa do tal tio.

« Havia outeiro mui concorrido, n'uma vespera do Corpo de Deos. Bocage, com a sua superioridade, tyrannisava a todos os poetas; achava-se porém no torneio o Miguel (Melibêo), conhecido por mui talentoso e feliz no improviso. Deu-se a Bocage o mote:

Todo o mar em uma concha.

« Bocage, pela vez primeira em sua vida, repetio o mote duas vezes, como quem buscava consoantes. N'este entrementes, passou a freira o mote ao Miguel, que prorompeu :

Tal mote a mim? é bom dar!
Um mote de tanto empenho,
Que ainda ao mais alto engenho
Faz o topete suar?
Para um consoante achar,
Só lá se fôr o de troncha.
Buscar uma rima em oncha!
Não senhor, não póde ser :
Mais facil fôra metter
Todo o mar em uma concha.

« Bocage, affrontado, por um triz não esfola Melibêo.»

DOMINGOS MAXIMIANO TORRÊS

Este excellente poeta (Alfeno Cynthio), collega de Bocage na Arcadia, nunca tomou parte nas pugnas dos socios. Como elle, compôz tambem uma linda cantata pastoril á Immaculada Conceição de Maria ; e á morte de Elmano consagrou o seguinte soneto :

De escarnada doença trabalhado,
Dando o despojo ao pó d'onde viera,
Vaguêa Elmano de uma em outra esphera ;
Ri-se do mundo vão, ri-se do fado.

Em ineffaveis gozos engolfado
Pelos jardins da infinda primavera
Colhe a laurea que nunca emmurchecêra ;
Entre os anjos gorgêa cysne alado.

Recobra a lyra Urania tristemente,

Que as féras attrahia e a selva bruta,
Pois ser de outrem tocada não consente.

O Tejo estremeceu na algosa gruta,
Que o seu Camões lhe resurgio na mente,
E de pranto inundou a barba hirsuta.

JOAQUIM SEVERINO FERRAZ DE CAMPOS

Era escrivão do Deposito, e um dos fundadores da Nova Arcadia, e não parece ter tomado parte nas lutas que se travárão entre os exaltados da turbulenta sociedade. Muito pouco existe impresso d'este poeta, a quem os seus contemporaneos muito estimavão, chegando Bocage a qualifical-o por esta fórma :

Melindrosos pinceis menêa Alcino,
E off'rece em doce quadro amor e as graças.

E assim antepõe esse seu amigo aos que o atassalhavão; como de novo o faz, na satyra a José Agostinho, dizendo :

Verdade! Rectidão! Vós sois meus numes;
Vê se as adoro, ó zoilo! Eu amo Alcino.....

Não menos o exalta na epistola :

Teus versos li, reli, canoro Alcino!
Graças e graças me acordárão n'elles.
. . . . . .
De ti, cysne de amor, cysne do Tejo,
Por mais e mais que estude os sons mimosos,
Ave das sombras, costumada ao pranto,
Gorgeio encantador colher não póde.

JOÃO DE SOUZA PACHECO

LEUCACIO FIDO

Este Arcade, de quem existe o poema *A Genieida*, e parte de outro *A Restauração da liberdade*, havendo-se perdido muitas outras poesias suas, era um d'aquelles de quem Bocage dizia :

A lyra milagrosa.....
De Leucacio fecundo,
Que, aceso despregando ao estro as azas
Pelo ceruleo vacuo,
O sol transcende, some-se nos astros,
Do fado a nevoa rompe,
Mysterios sonda, maravilhas palpa.

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

A este constante amigo de Bocage, Francelio Vouguense, pudemos consultar para a primeira edição da presente Memoria ; jaz emfim sob a terra, tendo sido recentemente publicado um volume de suas obras. Tal era o cabedal que d'elle fazia o Sadino, que, por-exemplo, n'um soneto a Constancio, diz em nota : « A doçura d'este verso, n'uma elegia de Bingre, fez com que mui de proposito o arremedasse aqui. » N'outro lugar, assim se exprime :

Ferve no audaz Francelio, e rompe os astros,
Sacro delirio, destemida insania.

Eis-aqui parte de uma carta com que Bingre correspondeu ao nosso pedido de informações, visto como tudo

quanto provém de testemunhas oculares irradia duplicado interesse :

« Acantonado, ha quarenta e seis annos, n'estes areaes de Mira ; na longa decrepitude de oitenta e quatro, e sobretudo flagellado com agudissimas dôres de gota, mal posso satisfazer ao que V. me incumbe sobre a biographia de Bocage. Fomos intimos amigos, e socios de uma particular Arcadia, de cujos alumnos julgo que só eu resto, segundo uma carta que me escreveu José Agostinho de Macedo, proximo á sua morte ; pois me asseverava que só eu, elle e Lara restavamos da nossa sociedade. Não conservo manuscripto algum inedito de obras de Bocage.....

« Sobre o caracter, genio e enthusiasmo de Bocage, posso assegurar a V. que não teve igual no seu tempo. Foi excessivo nas suas paixões de amor e ciume, mas a sua caridade ardentissima é que não tinha parallelo. Foi honrado, verdadeiro, liberal, e muito amante da sua liberdade, figadal inimigo da escravidão. Em estro poetico não teve semelhante : se pudessem ser escriptos os seus improvisos, assombrarião a posteridade. Os Malhões, os Caldas e outros improvisadores contemporaneos erão zero á sua vista. Nunca fez um verso errado, nem ainda nos seus grandes arrebatamentos poeticos, defeito que mil vezes se notava n'aquelles outros improvisadores. Quando o aguilhoava amor ou ciume, tornava-se um energumeno poetico, até o ponto de cahir desfallecido. »

Por ultimo, aqui daremos quatro sonetos *ineditos*, que Bingre fez á morte de Bocage :

Eu sempre presumi, quando subias
Sobre as azas do estro, e ao céo te alçavas,

Caro Bocage meu, que não tornavas,
Pois que tanto nos astros te sumias.

Ai! eu bem sei que aos Deoses pertencias,
Que não eras mortal quando cantavas,
Que já muito entre nós te demoravas,
Que degradado do teu ser vivias.

Finalmente subiste e não voltaste!
Faltava ao côro ethereo a lyra tua,
Que tanto sobre a terra decantaste.

Sem ti nossa existencia em ais fluctua,
Finda o nosso prazer, pois nos deixaste
Sózinhos, sem cantor, na Arcadia nua.

Longo tempo, chorando, memorárão
Sacras filhas de Jove a morte dura
Do seu cantor Elmano, e a grande altura
Do refulgente Pindo abandonárão.

Seus instrumentos celicos quebrárão
Sobre a campa da fria sepultura;
Entre confusos ais, triste amargura,
De funebres cyprestes se c'roárão.

Apollo, sem clarão de divindade,
De bruços soluçou, beijando a lage
De seu cysne immortal, todo em saudade.

E sobre ella, com dôr, muda linguage,
Epitaphio, que passa á eternidade,
Gravou por sua mão: pôz só — Bocage!

Depois de haver cruzado o pantanoso
Turvo rio fatal do esquecimento,
Desceu Bocage ao reino do tormento,
Sem soffrer o latir do cão raivoso.

As duras leis de Minos rigoroso

Não foi ouvir co'a turba ao ferreo assento...
Pisou sem custo o negro pavimento
Do longo espesso Orco pavoroso.

Tudo folgou alli de ouvil-o e vêl-o,
Pois co'a lyra immortal que então pulsára
Tudo encantou, ninguem ousou sustêl-o.

Só o monstro, que em vida o flagellára,
O ciume cruel, tentou prendêl-o,
Se tão depressa ao Eden não passára.

Ao retrato de Bocage, por Henrique José da Silva, proximo á sua morte, fez Bingre o seguinte :

De Elmano, excelso vate que assombrára,
Com sua lyra, as praias de Ulysséa,
Lyra talvez melhor do que a phebéa,
Que se a não excedeu, certo a igualára ;

Do cysne, que tão alto o vôo alçára
Em circulos de luz, que o estro ateia,
Que acesos turbilhões, da mente cheia,
Nos improvisos canticos soltára ;

De Bocage immortal, meu socio amado,
Eis a cópia fiel, que deu á gloria
Henrique, o Zeuxis luso decantado.

Bem como o tenho impresso na memoria,
N'este painel o vejo retratado...
Eterno assim será na lusa historia!

FRANCISCO DA SILVEIRA MALHÃO

Não tolerava Bocage que em sociedade se fizesse caso de outrem, e muita resposta torta d'elle se conserva, por occasião de se não concentrarem n'elle todas as attenções : a mór parte d'esses ditos nem afogados em correctivos supportarião publicidade. Estava uma noite em casa de

Pimentel Maldonado, onde uma senhora acabava de dar um mote a Francisco da Silveira Malhão. Como este demorasse um minuto, ia já Bocage glosal-o, quando a dama lhe pedio que esperasse que o Sr. Malhão tivesse recitado a sua glosa. E elle, voltando-se indignado para o collega, exclama:

— Ó Malhão! faze lá meia duzia de *chansonetas*, que é pasto de tolos.

Longe de se encolerisar a dama, que lhe conhecia as fraquezas, começou de cortejal-o, receita infallivel para o arrebatar. Já elle estava outro, quando a offendida lhe diz:

— Ora vamos, Sr. Bocage; ha pouco pintou-me tola; ora agora peço-lhe que me faça o retrato.

Que mais era preciso para que Bocage todo se derretesse? Recitou logo este soneto (*inedito*):

Póde o tosco pincel, que mal sustento,
Pintar, ousado, divinal belleza?
Oh! quanto fôra temeraria empreza!
Pagára icária sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,
Milagre da sublime natureza!
Tens mais alto pintor; que não despreza
Pintar-te... a mão que fez o firmamento.

Tanto não posso, ó d'entre as bellas bella;
E baixará dos céos fiel soccorro,
P'ra traçar-te a paixão que me flagella?

Deliro; amavel Jonia! em vão discorro:
Confunde-me a afflicção que me atropella,
Mal sei balbuciar... que por ti morro.

Ponhamos termo a estas narrações, para que se não canse a attenção do leitor.

CAPITULO XXIII

José Agostinho de Macedo. — Seus louvores primeiros a Bocage. — Guerra da Arcadia. — Descomposturas de Bocage. — As duas famosas satyras. — Pazes á beira do tumulo. — Ode encomiastica de Macedo, a que Bocage responde com sonetos. — Epistola e epicedio de Macedo a Bocage. — Máo comportamento posterior d'aquelle contra a memoria d'este.

Tão estranhamente notaveis relações entre estes dous superiores vultos merecem mais particular menção. No fundo da alma formavão um do outro elevado e justo conceito; porém o inseparavel companheiro de ambos, o ciume, rompeu abrupto os primeiros laços de benevolencia e affeição.

Começou Macedo, tecendo os mais pomposos gabos a Bocage, chegando a proclamar que ser por elle cantado assegurava a eternidade: pouco depois deprimia-o a tão baixo ponto, que o alcunhava de *tolo!* recebendo em retribuição uma satyra immortal, em que é appellidado plagiario, zoilo, insulso e immoral! Soldada a amizade, de novo mutuamente se exaltárão ás nuvens; até que, morto Bocage, Macedo converteu o primeiro impulso de gratidão em acerbas invectivas. Do singularissimo processo d'estas pequenezas de homens grandes, é curioso enfeixar aqui provas, que aliás cumpre reproduzir, por serem, nos seus generos, mórmente algumas, de subidos quilates de merito.

Citaremos, em primeiro lugar, a ode que, em louvor de Bocage, escreveu Macedo, sendo frade graciano, e estando preso; alguns versos da qual são transcriptos na *Pena de Talião*.

Respondeu Bocage com um soneto, hoje perdido; e após estes reciprocos panegyricos, sobreveio a guerra da Arcadia, e ahi, no seu competente lugar, vimos já Bocage dirigir-lhe vituperios. Por exemplo:

— Macedos e outras pestes condemnadas,
Vós, de cujas businas penduradas
Tremem de Jove as delicadas filhas.....

— ... Vá na Ulysséa tasquinhar o *ex-frade*...

— Applaude a frioleira o *ex-frade* em ode...

— ... e tu, *ex-frade*,
Que em trovas de bumbum levas a palma...

— O tonsurado, retumbante Elmiro,
Vibra tiros ao vate, e cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança.

José Agostinho era infeliz em theatro, onde quantas tantativas fez, todas forão de desastroso resultado. Tendo elle posto em scena o seu drama *Zaida*, fez-lhe Bocage o seguinte soneto, que melhor se entende em presença da peça criticada:

Na scena, em quadra tragico-invernosa,
Zaida se impingio, fradesco drama;
Appareceu depois, com sêde á fama,
Tragedia mais igual, mais lastimosa.

O autor lamenta, em phrase apparatosa,
Esfaqueado arraes, pimpão da Alfama;
É alvar o gelã, ratinha a dama,
É o macho Simão, e a mula é Rosa.

Espicha o rabo... (Eu tremo ao proferil-o!)
Espicha o rabo alli o heróe na rua,
Qual Muratão nos areaes do Nilo!

Elmiro na tarefa continúa:
Já todos, pela escolha e pelo estylo,
Rosnão que a nova peça é obra sua.

Já os Arcades tinhão tambem a esse tempo posto Bocage pela rua da amargura, quando este compôz a traducção das *Plantas*, verso a verso, com um prologo, em que atacava os seus antagonistas, proclamando-os invejosos, corvos e furias. José Agostinho de Macedo foi logo dos que mais se escandalisárão com os tiros disparados contra elle á queima-roupa, e começou desde logo a epigrammar a versão e o prologo. D'este, dizia elle que precisava muitas erratas, por descuidos dos compositores; por exemplo o verso

> Eu, servo da moral, das leis amigo,

dizia elle ser erro de imprensa, pois no original se lia

> Eu, servo do immoral, das Lais amigo.

Macedo (*Carta de um pai para seu filho*, pag. 22) escreve: « Já vos disse, que é peça velha, do anno de 1798. » Alludindo á satyra de Bocage, e tendo aquelle sido o protogonista d'ella, parece dever ser boa autoridade.

Ha quem julgue serem as satyras posteriores a 1801, por ser d'esta data a impressão das *Plantas*, poema a que ahi se achão referencias, mas a publicação póde ter sido mui posterior á composição; sendo sabido que entre Bocage e Macedo houve estreitas relações litterarias, mostrando reciprocamente as suas producções, como diz Bocage:

> Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas,
> De muitas que soffreste, e que aproveitas....

bem póde Bocage ter mostrado a Macedo o manuscripto dos *Jardins* e das *Plantas*. Accresce o seguinte: frei

José Mariano Velloso, que, provavelmente por ser naturalista, inspiraria a Bocage a idéa de traduzir aquelles dous poemas, foi pelo anno de 1798 que encetou a publicação de muitas de suas obras, d'onde é licito presumir que n'esse mesmo tempo compuzesse Bocage as suas, até porque poemas de taes dimensões e correcção não são obras para serem compostas e impressas no mesmo anno.

Macedo affirma, como dissemos, ter sido em 1798 o successo de que vamos fallar; mas fosse quando fosse, o certo é que, achando-se já sobr'excitada a bile de Macedo, este se sahio um dia com a seguinte decantada satyra:

Sempre, ó Bocage, as satyras servirão
Para dar nome eterno, e fama um tolo.
Vive Crispino, e Cloviano, e Codro,
De Juvenal nas satyras sublimes;
E d'Horacio o rival deu nome e fama
Ao pedante Cotin. Eu não quizera
Teu nome eternisar; mas a verdade,
A justiça, a razão, mais alto bradão,
E o flagello da satyra merece
Teu estouvado orgulho, e audacia tua[1].

Não ataco a virtude, ataco o vicio;
Nunca se imputão naturaes defeitos;
O crime da vontade é só punivel.
Com semblante de satyro podias
Ser poeta, e philosopho prestante:
Foi Socrates enorme, Pope horrendo,
Era pequeno e barrigudo Horacio.

[1] Seja licito notar que este censor de orgulhos poeticos alheios, é o mesmo que de si disse, no *Oriente*:

Voz interna me diz que affronte a sorte,
Com sublimes canções vencendo a morte.

Nem ser pobre se oppõe ao genio, ás artes,
Forão pobres Camões, Homero e Tasso.
Nem ser vadio n'um poeta é crime;
Nunca um poeta bom teve outro officio.
Tu és magro, és vadio, és pobre, és feio,
E nada d'isto em ti reprovo e noto.
Mas posso emmudecer, quando contemplo
Que queres ser um despota em poesia,
E que, arrojando-te do Pindo ao cume,
Ouves já, sobranceiro ao charco immundo,
Gritar as rãs, e insectos paludosos?
Quem tão ferreo será que se contenha,
Quando as estatuas vir, que tu, soberbo,
Enramadas de louro a ti consagras?
Que um Deos te inspira, que fervendo em estro
Improvisos oraculos arrotas!
Fanfarrão glosador, chamas divina,
Celeste inspiração, celeste fogo,
Gritando amplificar ridiços motes,
E merecer d'officio um *bravo*, um *bello*,
D'um vão peralta, ou dama enfatuada,
Que pede ao céo que o trovador se cale,
E que se escute a voz do *chega a pares*,
Onde o maligno e folgazão Cupido
Faz mais conquistas, mais escravos prende,
Que enfermos mata um medico no outomno,
E que tu fazes traducções e quadras,
Que Theonio já fez ha quarenta annos.
Quem tão ferreo será, torno a dizer-te,
Que a douta penna em toxicos não molhe,
Quando te ouvir queixar de iniquo, injusto,
Innumeravel esquadrão de zoilos,
Que em vão procura denegrir teu nome?

Traductor d'aluguel, quem são teus zoilos?
Tu, que a soldo de um frade ao mundo embutes
Rasteiras cópias d'originaes soberbos?
Que vulto fazes tu? quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? glosar tres motes,
Com lugares communs de *facho* e *settas*,

Velhos arreios do Menino Idalio?
Glosar e traduzir, isto é ser vate?

Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons; é doce, é terno,
Delicado é tambem quanto cantaste
Aonde o berço tem nascido o dia.
Vê como justo sou. Mas a soberba
Fez eclipsar a luz, que em ti raiava.
N'um pelago de orgulho submergiste
O genio teu; mediocre ficaste,
E se os deoses, se os marmores, se os homens,
Negão o nome e as honras de poeta
Aos autores mediocres, acaso
Ao traductor mediocre o darião?

Que te póde abonar a eternidade?
Adubos e manteiga, traça e tudo
Que se embrulha em papeis de ineptos vates.
Nunca pôde subir da fama ao templo
Um servil traductor. Não se franquêão
As aureas portas que o Parnaso fechão
A alugados interpretes dos outros.
Ninguem te inveja, te persegue, e morde,
Que uma emprestada luz ninguem deslumbra.
Fitão-se os olhos meus na argentea lua
Sem molestia, sem dôr; que astro nocturno,
Só brilha co'o clarão que o sol lhe empresta;
Vem dos outros a luz; se em ti reflecte,
Apenas manda amortecidos raios.
Se o rival de Virgilio, o grão Delille,
Ouvisse aquelle sonoroso verso
« A azul-ferrete, a encarnada, a branca »
Com que amenos jardins tornaste em mattos,
No tribunal de Apollo querelára
Do insulso traductor, vate d'outeiros.

E arrotas nome eterno, e te promettes,
Das lethargicas ondas sacudir-te,
Brilhar com propria luz, e á eternidade
Levar comtigo a patria, e as obras tuas.

E em turvos lodaçaes deixar envolto
O lusitano côro, excepto as sete
Brilhantissimas Pleiadas que exaltas;
Gado, entre o qual cornigero levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensão
As traducções que estolido assoalhas?
E chamas douta prefação das *Plantas*
Ao proprio louvor teu, que impune entoas?
Só tu t'o pódes dar, que essa injustiça
Não cabe em versos de avisados vates.

Não foi soberba no cantor de Mantua
Agourar a seus versos nome eterno,
Pela noite dos seculos rompendo...
Tinha composto a Eneida; e se Horacio
Diz que ha de lido ser té onde Apollo
Aos ultimos Gelões seus raios manda,
O mesmo Apollo em cysne o transformára
Para poder voar d'um polo ao outro,
Nas pandas azas de fogosos hymnos:
E se de amor o interprete, se Ovidio
Promette aos versos seus que nem de Jove
As iras e rancor, de Jove os raios,
E a força sempre indomita dos annos,
Hão de trazer-lhe esquecimento ou morte,
Tinha cantado os transmudados corpos
Em novas fórmas... Que cantaste, Elmano,
Que possa assoberbar da idade a força?

A modestia é brazão de um genio illustre,
Dar-se a si mesmo um nome é vicio, é balda:
Procura merecêl-o, e deixa ao mundo,
Deixa ao futuro seculo o cuidado,
Que anticipado tens, de dar-te um nome:
Teve zoilos Homero, e os teve aquelle
Que expôz, cantando, do Troyano as armas.
Tambem Tasso os sentio, mas porque aos astros
Pôde subir nas azas da epopeia;
A inveja o perseguio, foi muda a inveja
Depois que em cinzas se tornou seu corpo.
Mas que cantaste tu de inveja digno?

A ferrea Ulina, que ninguem conhece,
E os loucos zelos de uma vil rascoa!
Se te tirão das serpes enroscadas,
E das furias crueis de Phlegetonte,
Se sahe do peito teu o inferno, a morte,
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,
Secco, infecundo, caranguejo em versos.
São em ordem retrograda já lidos
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangeticas ribeiras;
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligir-se entre si. Bem disse aquelle
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas d'antitheses, de tantas
Enfadonhas metaphoras aos pares,
« Que lido um verso teu são lidos todos: »
Enfadonha cruel monotonia,
Que os ouvidos harmonicos estafa.

Sê grato aos vates que te soffrem mudos,
Festeja a tua Ulina, e glosa em annos:
E para teres pão, traduz mais versos.
Olha o Pindaro novo, olha o Sophocles,
O novo Horacio, que persegue o vulgo
Dos subalternos vates, que não podem
Erguer á humilde traducção seus vôos;
Quem te ouvir, Rhadamanto da poesia,
Dirá que trajas tragicos cothurnos,
Que embocaste a trombeta da epopeia,
Que tens mais estro, mais furor que Estacio,
Dize que *o verso é teu, que este não morre,*
Se bochechudo, e emphatico repetes:
« Se Lysia baquear, baquêa o mundo: »
E dado que se encontre (o que te nego)
Em algum dos autores, que escrevêrão
Cá desde Castanheda ao máo Piloto
Do comboyo das petas e mentiras,
O verbo *baquear*, d'elle ignorante,
Da quéda o effeito pela quéda toma.

Grita, espuma no publico e nas praças,

Cercado de aguadeiros e marujos;
Mas louva-te a ti mesmo. Ah! pobre Elmano!
Doente imaginario, não te queixes
D'um mal que inda não sentes, nem mereces.
Tu, damnado Aristarcho, a todos ladras,
Sabujo impertinente a todos mordes.
Nos outros pões sem pejo as baldas tuas,
E queixas-te da satyra! Foi justa
De Talião a pena. E quem te escapa
Á dentada satyrica? abocanhas
A virtude e saber de um genio activo,
Porque estudou da Europa as cultas linguas,
E a patria vantajoso estuda e serve.
Que te fez Meliseo, se a fome e os annos
Lhe deixão erma e transversal a boca?
Chamas por mofa tonsurado a Elmiro:
Propria escolha não foi de Elmiro o estado.
Dizes que é baixo e côxo o Transtagano,
Dulcissimo Belmiro, e que não vôa?
Não voão tanto as pombas como as aguias;
Mas todas têm lugar no ethereo espaço.
Pindaro é forte, Anacreonte é brando:
Ambos poetas são, têm no Parnaso
Lugar diverso, e no Parnaso existem.
Se um genio triste entôa a nenia triste,
Que é guarda-mór do cemiterio exclamas;
Josino é melancolico, e risonho,
Engraçado Escavor, poetas ambos:
É Melpomene musa, é musa Erato.

Se a ninguem dás louvor, ninguem t'incensa;
Se queres ser louvado, aos outros louva:
O mundo é justo, e se o louvor mereces
O louvor te ha de dar: nunca o silencio
Foi da inveja o caracter; se emmudecem,
Tu mereces justissima indifferença.
Com prudente apathia o sabio escuta
O louvor teu, as invectivas tuas.
Um cão, que se despreza, ou cala, ou foge,
Como foge de ti timida Ulina,
Se lhe fallas d'amor, tornado em brucho;

No idyllio pharmaceutrio, inda fôra
Mais meiga Alecto, se de amor fallasse,
Arripião-se as carnes e os cabellos,
Á pobre moça que te escuta em verso!
Com torvo rosto, descrevendo os zelos.

Eia pois, meu Bocage, entra em ti mesmo,
Se queres ser louvado ajunta e prende
Boa moral com sonorosas rimas.

Não dorme Elmiro, que tu chamas zoilo,
Não deixa a minha musa o orgulho impune.

Estava o Morgado d'Assentiz na loja do Rocio, já pensando que o seu amigo houvesse faltado ao concerto de se encontrarem, e pondo o chapéo para retirar-se, quando avista Manoel Maria correndo enfiado, scintillando-lhe os olhos, transtornadas as feições, trémulos os labios, e n'um accesso de raiva delirante. Tropeçou em Assentiz, passeou precipitadamente ao longo e ao largo do botequim, articulando monosyllabos inintelligiveis, até que, fitando olhos no amigo, brada com voz de Stentor :

— Tôlo! tôlo! tôlo eu! tôlo..... *nem elle!*

E de tal modo continuou de correr pela casa, que já ião inspirando receio as faculdades intellectuaes do agastado. Passada a primeira explosão, ousando Assentiz interrogal-o sobre os motivos de tamanha colera, respondeu Bocage, sacando da algibeira um exemplar, todo esmagado, da satyra que se acabou de ler :

— Toma um lapis! Arranja papel; e escreve para ahi, antes que me estourem os miolos!

Sentou-se o amanuense a uma mesa ; e Bocage, emborcando calices de genebra, e devorando duzias de cigarros, indifferente ao movimento dos que entravão e sahião, vibrou de um só facto, dando escasso tempo ao

secretario para seguil-o, a admiravel satyra, que intitulou *Pena de Talião*, titulo ainda modesto, pois embora fosse rija a fragatinha de Macedo, não era para resistir ás baterias de Bocage.

E todavia o poemeto, com as respectivas notas, foi começado e concluido no espaço de tres horas; accrescendo para assombro a perfeição d'este monumental improviso.

Centenares de cópias correrão logo a cidade; mas denegada por parte dos commissarios da censura a licença para a publicação, foi uma cópia parar a Londres, onde, com bastantes erros, se imprimio no tomo IV, pag. 434, do *Investigador Portuguez*, precedida d'esta missiva :

« Srs. Redactores do *Investigador Portuguez*.

« Folgarei muito de ver impressa a seguinte obra do nosso Bocage, no seu jornal, e cedo remetterei outras, todas ineditas e de merecimento.

« Seu admirador e criado,
« I. A. M. C. »

Reimpressa tambem imperfeitamente em Lisboa, em 1838 (n'um folheto, que devia ser o primeiro de uma collecção de obras de Macedo), mas sem as notas, deu o Morgado o seu autographo, em 1842, a Desiderio Marques Leão, o qual nenhuma desculpa tinha de a publicar errada, como fez, e menos ainda da audacia com que elle, que iguaes culpas tinha em cartorio, declara a precedente *edição miseravel e vergonhosamente estropiada, e ridicula prova da mais supina ignorancia da parte do editor*. Accrescenta no mesmo prologo : « Parece que o poeta adivinhava este desar, porque em uma nota do au-

tographo, que possuo, roga muito aos copistas d'esta satyra, que a trasladem exactamente, para não apparecerem os versos errados. »

Dissemos, na primeira edição d'esta Memoria, que, tendo-nos servido de uma cópia má em que acharamos muitas durezas, obstaculo que nos não aplanava a confrontação das outras edições, assim o ponderámos ao Morgado d'Assentiz, o qual nos restabeleceu o texto primitivo, sobre que a reimprimímos, e então declarámos ser a nossa cópia a acurada, e mui diversa das até esse dia publicadas.

Lemos na *Collecção* de 1853, tomo III, pag. 412, o seguinte :

« Vamos porém á edição do Sr. Castilho ; queremos dizer, áquella que, depois de fazer a merecida justiça de seus antecessores, elle nos apresenta como certa, e restabelecida conforme ao texto original pelo Morgado d'Assentiz. Ahi mesmo continuão a apparecer visiveis incorrecções, *que mal deverião caber em tão acurado trabalho*. Como estamos habituados a comprovar sempre os nossos assertos, apontaremos aqui os seguintes exemplos : — 1° Na pag. 24, verso 17, lê-se *pinga* em vez de *pingue ;* 2° Na pag. 28, verso 11, acha-se *infesto* por *infecto ;* 3° Na pag. 29, verso 10, vem *instancia* em lugar de *estancia ;* etc. etc. »

Apressamo-nos pois em confrontar a nossa edição com a da *Collecção ;* teremos cuidado de annotar todos os nove lugares onde apparecem alterações, com os motivos pelos quaes pedimos licença, ou para conservarmos a nossa lição, ou para nos conformarmos com a dos collectores de 1853.

Satyras prestão, satyras se estimão,
Quando n'ellas calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vicio nota, o merito gradúa;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavão Phebo.

Elmiros de Paris, Cotins são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro:
Codros, Crispinos, Cluvienos soão,
No latido feroz do Cão d'Aquino,
D'esse cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja fantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos que Venusia illustrão,
Nos que de fama eterna honrárão Mantua,
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mévios existem; e a existencia d'elles,
Se pudesses durar, seria a tua.

Refalsado animal, das trevas socio!
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle!
Da razão, da moral o tom que arrogas
Jámais purificou teus labios torpes,
Torpes do lamaçal d'onde, zunindo
Nuvens de insectos vis, te sobem trovas
Á mente erma d'idéas, nua de arte.

Como has de, ó zoilo, eternisar meu nome,
Se os fados permanencia ao teu vedárão?
Se a ponte que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heróes transpoem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome,
Qu'em dicterios plebeos, em chulas phrases
Debalde intentas submergir comtigo!
Empraza-te a razão, responde... e treme!

Do philosopho a tez, a tez do amante —
Meditativo aspecto, imagem da alma,
Em que fundas paixões a essencia minão

(Paixões da natureza, e não das tuas) —
O que apparece em mim, á vista abjecto?
A mesta pallidez, — o olhar sombrio, —
O que preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na linguage aponta.

Qu'importa, ó zoilo, ao litterario mundo,
Que importa, descarnado e macilento[1],
Não ter meu rosto o que allicia os olhos;
Emquanto nedio e rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas
Cujos credores nos Elysios fervem,
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma,
Ostentas ferreo nume, céos de bronze,

[1] 1ª *mudança da Collecção:* Em vez de ponctuar assim, tira ella a interrogação da palavra *abjecto;* colloca virgula depois de *aponta*, e conclue com a interrogação e o sentido, depois da palavra *mundo*.

Não vale a pena discutir preferencias entre duas ponctuações igualmente insustentaveis. A que haviamos posto abonava-se com a autoridade do amigo e secretario obsequioso do poeta; a proposta pelo Sr. Innocencio abona-se com a cópia fidelissima do autographo authentico de Bocage; mas nem uma nem outra perante a boa logica, e mesmo perante a simples grammatica, póde deixar de ser suspeita de erro, e erro grave.

Para sobreprovar que no trecho occorreu viciação (voluntaria, ou involuntaria) basta considerar aquella *preterição desengenhosa*, a que ninguem pôde ainda aventar sentido.

O Sr. Innocencio tem para si que o haver esta satyra sido dictada por Bocage a Assentiz no botequim do Rocio (como o proprio Morgado nos affirmou) é menos exacto, e estriba-se em que existio d'este poema um autographo pela propria mão do poeta, como já mencionámos. Perguntamos porém ao sabio bibliographo se de ter havido uma cópia da satyra pela lettra de Manoel Maria se póde concluir que o primeiro original d'ella não houvesse sido escripto por outrem, quando elle, cheio de fogo e colera, a golphava do espirito em borbotões, incapaz então de sujeitar-se ao material e ronceiro trabalho de calligraphar. Cremos no nosso amigo Morgado, e cremos igualmente no nosso amigo e illustre academico o Sr. Innocencio. Bocage dictou a satyra pela primeira vez áquelle outro elle; depois retocal-a-hia talvez, e em todo o caso trasladou-a á sua lettra. Não ha conciliação mais natural nem mais verosimil.

E a cada berro minorando a turba
Compras na aldêa do barbeiro o voto,
Alli triumphas, e a cidade enjôas?

Tu, de cerebro pingue, e pingue face[1],
Pharisaica ironia em vão rebuças,
Quando a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co'a natureza o que é da sorte?
Ou dá-me o plano de attrahir-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo), ou não profanes
Indigencia e moral, quaes tu não citas.

Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças de Ulysséa á tôa opprimes,
Ou do bom Daniel na terrea estancia
Peçonhas d'invectiva espremes d'alma,
Que entre negros chapéos tambem negreja;
E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a encyclopedia;
Fádas, agouras o esplendor que invejas,
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a immensidade[2]
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grão, que entregue ao Deos que ardendo em estro
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á musa da morte enfrêa os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adore.

Da preferencia atroz inda não pago,

[1] 2ª *mudança da Collecção:* A Collecção, copiando as edições precedentes á nossa, tem *pingue* em vez de *pinga*. Nós mesmos assim tinhamos dado a palavra na primeira edição que da satyra publicámos, sendo o Morgado d'Assentiz quem fez esta alteração, que nos toou então. Hoje porém confessamos que em vez de *pinga* é melhor de certo *pingue*, por ser menos chulo, e igualmente energico.

[2] 3ª *mudança da Collecção:* Esta põe *immunidade*, em vez de *immensidade*. Tem razão. *Immensidade* era uma amplificação de *grandeza*, e como tal aceitavel; todavia como *immunidade* accrescenta á idéa de *grandeza* uma nova idéa, a da inviolabilidade, parece-nos preferivel a substituição do Sr. Innocencio, isto é, do manuscripto de Bocage. Foi talvez emenda posteriormente feita pelo poeta.

Das graças ao cultor, de amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouvio com dôr, com mágoa o Tibre,
Versos prepões sarmatico-latinos,
Versos que inda ao burel, e ao claustro cheirão,
E que, affrontoso a ti, de applausos c'rôas,
Só por distarem de teus versos pouco.

Sanguesuga de putridos autores,
Que vás com cobre vil remir das tendas!
Emquanto, palavroso, impões aos nescios;
E a credulo tropel, roncando, affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas
(Fallo das artes, das sciencias fallo);
Emquanto a estatua da ignorancia elevas;
Os dias eu consumo, eu velo as noites
Nos desornados, indigentes lares,
Submisso aos fados meus; alli componho
Á pesada existencia honesto arrimo:
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos,
Alli deveres, que não tens, nem prezas,
Com fraternal piedade acato, exerço;
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio.
Não me envilece alli de um frade o soldo:
Alli me esforça ao genio as igneas azas
Coração bemfazejo, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo caracter te propaga
A rapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazem de alheios fardos,
Onde a monotonia os mexe, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa,
Já co'os céos entendendo, e já co'a terra.

Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fantasque assoberbe os summos vates;
Porém graças ao dom, que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te olho,

E na publica voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganço,
É ganço, que patinha, e se enlameia
Em pobres lodaçaes, paúes do Lethes.
A circulos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrecias na sala, e Lais na alcova,
E inda ás Sérias do tempo os bravos poupo.
Insulso rimador de *fachos, settas,*
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias linguas;
Não sou, nem d'improviso, o que és d'espaço.

Claro auditorio meu, vingai-me a gloria!
Vós, que em versos altisonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do estro,
Dizei se me surgirão Grecia, Roma,
Nas promptas explosões do enthusiasmo?
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos forão,
Ou das Marilias de hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commercio e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza a cem votada?
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano:
Teus uivos, teus latidos não me aterrão,
Sou do novo trifauce Alcides novo...
Inda não farto de arrancal-o ás sombras,
As tres gargantas levarei de um golpe:
E se a canina espuma, ou sangue infesto [1],
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das furias o tição lhes torre as frontes.

Braveja, detractor, braveja, insano!

[1] Na *Collecção*, como em outras edições, está *infecto*. Póde ser uma ou outra cousa. Cita Moraes em classicos: « Ar corrompido de podridão de animaes, é *infesto*..... » Tambem *infecto* póde ser tomado sem ser synonymo de corrupto, como na *Pharsalia* (IV, 736):

. . . . . infectaque semper
Punica bella dolis.....

Tanto pois póde ser aqui sangue *maligno* (infesto) como *pôdre* (infecto).

Arde, blasphema em vão! De algoz te sirva
Tenaz verdade, que te róe por dentro;
Na voz deprimes o que admiras n'alma.
Se provas queres, eu te exhibo as provas,
Do que teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o lugar, e a vez primeira,
Em que, dado á tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o creste,
Quando inda os vôos timido soltava
Na immensidade azul que aos astros guia;
Quando (não por systema, como finges [1],
Mas só da natureza endereçado),
Seguia o rasto de amorosos cysnes,
Pousando muito aquem do gráo que occupa,
Ainda carecente da ignea força
Que á patria deu *Leandro, Ignez, Medéa,*
O Antro dos zelos, de Areneo e Argira
A historia, que o sabor colheu de Ovidio
Na dicção narrativa, esperta, idonea,
E o mais, ás musas grato, e grato a Lysia.

Da estancia onde nem sempre habita o crime [2]
Epistola sem sal, por ti guisada,
Em taes louvores incluio meu nome;
Versos escuta, que negar não pódes!
Estylo é teu, monotonia é tua!
O que n'elles se envolve escuta, em premio

[1] 5ª *mudança da Collecção:* Esta inverte assim o presente verso:

Quando não como por systema o finges.

Esta alteração parece intoleravel. Sem diversidade alguma de sentido, troca um bom verso, de pausa na 6ª, por um máo, de 4ª e 8ª.

Enche-se antibocagianamente um hemystichio com tres pallidos elementos adverbiaes successivos, seguidos logo de uma preposição. E finalmente cria-se uma amphibologia: *Quando não como?* — É preferivel a nossa versão.

[2] 6ª *mudança da Collecção:* Ahi, sim, havia o tal erro de imprensa (unico), *instancia;* por *estancia*, e tão obviamente erro, quanto na nossa edição anterior lá estava correctamente a palavra *estancia* (XX, 131). Com uma ou outra d'estas incorrecções typographicas não se deve ser severo.

Veniam petimusque damusque.

Da empreza que tomei de os pôr na mente.
« Do centro d'esta gruta triste e muda,
« Fecundo Elmano, pelas musas dado,
« O prisioneiro Elmiro te saúda,
« De teus aureos talentos encantado;
« De ti só falla, só por ti suspira,
« Em teu divino canto arrebatado. »
Quem *fertil* nomeaste, e quem *divino*...
Hoje é servil, monotono, infecundo,
De texto opimo interprete engoiado!!
Co' a idade e estudo o genio em todos cresce,
E em mim desfalleceu co' a idade e estudo?

Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Réo de lesa-razão! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flôres, conservar-lhe os fructos
Quaes erão no sabor, na tez, na fórma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, os desconheça o dono...
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse que os carretos galardôa
Do gallego boçal nos ferreos hombros?

Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, de outro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expôr na glosa
Proprio tornando e natural o alheio.....
É ser bogio ou papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as cópias d'elles,
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombrêa.

Citas um verso máo, mil bons não citas!
Citas um verso máo, que não transforma
Em mattos os jardins! é natureza
Estarem par a par espinhos, flôres;
E não sabes, malevolo, que a regra

Une a tenues objectos simples phrases?
Se imparcial, se critico escrevesses,
Centenas de aureos versos apontáras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua.
De Ausonia o quadro, ou venerando, ou bello,
Com justa, sábia mão presentarias,
Idades cento blasonando ao longe
Co' a ruina immortal da excelsa Roma;
Ante as aras carpindo amor, saudade,
E ao céo medrosas lagrimas furtando;
E aos amigos dos homens, e aos dos numes,
Na terra verdejando elysios novos,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo;
E em marmores corinthios alvejantes
O grande Fenelon, e o grande Henrique.

Se o rival de Virgilio (o que proclamas,
Porque da Gallia é filho, e não de Lysia,
A cujo seio em que borbulhão genios
Chamas com lingua audaz esteril d'elles),
Se o rival de Virgilio ouvisse os versos
De interprete fiel, não rude escravo,
Honrára co' um sorriso uteis suores.

Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas, —
Pede ao Vampiro que a ti mesmo, ha pouco,
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos, —
Pede ao bom Melisêo, da Arcadia Fauno,
De avelada existencia e mente exhausta,
Que affectas lamentar e astuto abates,
Que por alfeloa troca os sons d'Euterpe
(Os sons da tua Euterpe, e não da minha) —
Dize ao teu côro de garganta indocil,
(Sem que esqueça o pygmêo, no corpo e n'alma)
Dize dos corvos d'Ulysséa ao bando,
Que interpretes, qual fui, de eximios vates,
Não pagos de ir no rasto, o vôo altêem!
Ou tu mesmo apresenta, offerece á crise
Do gordo original versão mirrada,

Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas,
De muitas que soffreste, e que aproveitas,
N'ella (ó mágoa! ó labéo!) por ti mudados
A pompa na indigencia, o luto em riso!
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas:
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa idade succumbio rugindo;
Mas leão que de perto inda é terrivel, —
E que no quadro teu vale um cordeiro!
Ousa mais: a *Lusiada* não sumas,
Que *o numero de versos* fez poema,
Tal que seu mesmo pai sem dôr o enterra.
Expõe no tribunal da eternidade,
Monumentos de audacia, não de engenho,
O prologo alteroso em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas;
E não de inepto, de apoucado argúas
Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas,
Quem, de ephemeros vivas não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.

Nem sómente Melpomene dispensa
Grão nome, nem Caliope sómente:
Como os Voltaires na memoria vivem,
La Fontaines, Chaulieus subsistem n'ella;
Todos têm nome e gráo, tu mesmo o dizes,
Contradictorio, tumido versista.
Thema que escolhes, genero que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a gloria estão. Tem jus á fama
O vate, ou cante heróes, ou cante amores,
Comtanto que de Phebo as leis não torça,
Aos mui varios assumptos ajustadas.
Co' a materia convem casar o estylo;
Levante-se a expressão, se é grande a idéa;
Se a idéa é negra a locução negreje;
E tenue sendo se attenúe a phrase.

Segue o que tens de cór, mas não praticas;
Serás o que não és, o que não foste,

Quando das Musas no Almanak (ai triste!
Que a par de seus irmãos morreu de traça)
Forjaste de uma freira, equorea nympha;
Jacintha de um Tritão fingiste acesa;
Chamaste grande, harmonico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado [1],
Com tavernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu furia, tu dragão, que entornas peste
Por systema, por habito, por genio.
Os sete que detrahes, em que te aggravão?
Querias par a par subir com elles
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exhala
Milagres de ternura e de harmonia?
Sim; que disseras, se, ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado,
Ante a assembléa extatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, ó zoilo, tão improprio fôra,
Como annexar teu nome aos sete, e a outros,
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
E ha muito em lyra eterna ao polo erguidos.

Verdade! Rectidão! Vós sois meus numes;

[1] 7ª *mudança da Collecção:* Em vez de ***transformaste***, põe ***converteste***. Tratando-se aqui da metamorphose de Lereno em papagaio, em que será este segundo verbo superior ao primeiro? *Transformar* é mais que *converter*, porque alli, e não aqui, ha necessariamente a mudança de fórma, de construcção, de organisação. Tudo que se transforma se converte, mas nem tudo que se converte se transforma. Uma accidental e secundaria mudança póde ser *conversão*, mas é mister o ovidiano *in novas formas* para haver *transformação*. É mais propria a palavra *transformar* do que *converter*, para exprimir a mudança de homem em passaro; e a emenda da Collecção não póde ser aceita.

Vê se as adoro, ó zoilo! Eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Thomino;
No genio transcendente me arrebato;
Prezo alumnos phebêos, desprezo Elmiros...
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu que de iniquo e parcial me increpas,
Tu que em vez de razões opprobrios vibras
Perante um mundo que te sabe a historia!
Tu que, afeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde amizade,
Onde amor, e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, fantasticos direitos!
Tu... Mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão darião,
Indomito molosso, hardido ex-frade!
É comtigo a razão, qual é co' as ondas
Arte e saber do naufrago piloto:
Serás, qual és, e morrerás qual vives.

Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me,
Porque do Pindo seu te enxota Phebo [1].
Pregôa, espalha em satyras, em lojas,
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo!
Chama-me de Tysiphone enteado,
Porque em femeo, belmirico falsete,
Não pinto os zelos, não descrevo a morte!
Erra versos, e versos sentenceia!
Condemna-me a cantar de Ulina, e de annos!

[1] 8ª *mudança da Collecção:* Esta, encostando-se aqui a outra antiga edição, prefere o verso:

Porque Delio dos prologos te exclue.

Que é isto? Quem é o *Delio dos prologos?* Se Delio é Phebo, e se *Phebo é que exclue dos prologos* (será do das *Plantas?*) que quer dizer esta cousa? Que significa Apollo a excluir um mortal dos prologos? Espanta que se admitta est'outra versão, considerada como *emenda* a um verso corrente, bem feito, natural, bocagiano; verso em que o verbo *enxotar* vem com muita mais elegancia que o verbo *excluir*, e em que *Phebo* e *Pindo* se empregão sem affectação, como só é licito em semelhante genero.

Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra!
Ignora o *baquear*, que é verbo antigo
Dos Souzas, dos Arraes sómente usado!
Metonymias, synedoches dispensa!
Dá-me as pueris antitheses, que odeio!
De estafador de anaphoras me encoima!
Faze (entre insanias) um prodigio; faze,
Qual anda o caranguejo, andar meus versos!
Suppõe-me entre barris, entre marujos
(De alguns talvez teu sangue as veias honre).....

Mas não desmaies na carreira, ávante!
Eia! ardor! coração... vaidade ao menos!
As oitavas ao Gama esconde embora...
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo[1].
Mas venha o mais! epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado!

Longo tempo durou esta guerra atroz entre os dous poetas. Ainda em 1803, n'uma epistola a Belchior, dizia José Agostinho:

Tua modestia te hallucina! Eu vejo
Que o mundo, outros não tendo, applaude, acclama
Os versos do monotono *Sadino*,
Que, ignorante de harmonicos accentos,
Unisonas antitheses nos vende.

Pouco antes porém da morte de Bocage, appareceu um dia Macedo em sua casa, com as mais affectuosas e cordiaes maneiras, solicitando reconciliação, que nem

[1] 9ª *e ultima mudança da Collecção*: Põe esta *não perdes*, em lugar de *nem perdes*, com que tambem nós é impossivel concordar.
E eis-ahi *todas as reformas!*
Não ha mais uma unica differença, por insignificante que seja, entre a satyra da *Livraria classica* e a da *Collecção*.
Eis-ahi deixámos exaradas as nossas respostas de convicção sincera.

ainda em outra situação de espirito e corpo Bocage houvera recusado. E como sello das pazes, dedicou-lhe a seguinte preciosa imitação de conhecido antigo texto. (Esta ode vem na *Mnemosine Lusitana*, de 1816, pag. 196.)

Non omnis moriar: maxima pars mei
Vitabit Libitinam.....
Hor.

Fonte antiga dos mundos e dos entes,
Ó tempo! ó ser incognito! Tu pódes
Co' a vencedora planta
Pesar dos homens a soberba, o fausto.

No fabuloso Egypto inda disputem
Comtigo a duração, comtigo a força,
Pyramides excelsas,
Que vêm passar os seculos intactas:

Não do braço immortal parecem filhas,
Da natureza só parecem obras;
De teu ferro cortadas
Um dia hão de ser pó, ser nada um dia.

De teu poder veloz descubro o trilho,
Onde inda guarda o fausto, e nutre orgulho
A soberana Roma,
Que um sceptro novo nos seus montes sente.

Thermas, theatros, monumentos, tudo
É cinza, é frio pó; e entre ruinas
Teus pendões levantados
Que existio Roma aos seculos publicão.

Mas são obras mortaes; co' os homens passão!
Insaciavel tumulo dos entes,
É na tua presença
A duração de um mundo, um dia apenas.

Dos astros a tranquilla magestade
Ante o teu solio passa, e alli se murcha,
Como a flôr delicada,
Que de Syrio o fervor no campo abrasa.

Só pára o gyro da voluvel roda,
Só tua fouce estala, e immovel ficas,
Quando das musas sôa
A voz, que eternidade acolhe e guarda.

Inda de Mantua o cysne intacto existe
No oceano dos tempos e dos mundos,
E a par d'elle voando
Esta victoria obtens, fadado Elmano.

Embora vejas negrejar de perto
Para os concavos céos triste cypreste,
Que á tranquilla virtude
Mostra a patria primeira e asylo extremo;

Entre as sombras do tumulo divisa
A inextinguivel lampada, que brilha,
E que em volume eterno
Mostra teu nome sobranceiro aos evos.

Tire embora do carcere terreno
Substancia etherea, que teu corpo anima,
A fria mão da morte;
Co'a duração de um sol teus versos vivem.

Ouvio-te o Ganges, coroou-te o Tejo,
E emquanto ufanos para o mar correrem,
Ha de durar teu nome, (1)
E emquanto o polo apascentar estrellas.

Sobre a terra um deposito já deixas,
Que os seculos aos seculos transmittão,
Qual do cantor de Achilles
Passada idade deu, futura espera.

Entre os mortaes, Elmano, eterno vives;
Doce consolação, que vale o golpe,
Té dos heróes temido,
Mas grato a Horacio só, a Elmano, a Elmiro.

Do nada universal entrem no abysmo
Os arbitros do mundo e heróes de Marte:

Lus-II. 105

Quando lhes abre a campa
A morte imparcial, a terra folga.

Do nada zombão teus cadentes versos,
E a sombra do sepulcro em luz convertem:
Para si tambem guardão
A fama perennal, que aos outros derão.

Se Elmiro póde tanto, e se atrevido
Das mãos da natureza as chaves tira,
E o seu thesouro immenso,
Seus quadros e seus dons consagra em versos,

Aceita, aceita, Elmano, a ingenua offerta!
Teu nome alli publico; e mais um brado,
Pela voz da justiça
E antigo amor, á tua fama ajunto.

A este empolado panegyrico, respondeu Bocage moribundo com o seguinte soneto, a que pôz a audaciosa epigraphe:

Nomen erit indelebile nostrum.

Versos de Elmiro os tempos avassallão,
Versos que imprime em si a eternidade.
São novos estes sons na humanidade;
Cantas, ó genio, como os Deoses fallão.

Parece que as pyramides se abalão
A agouros de terrivel magestade,
Que a marmorea, estupenda immensidade
Das molles do alto Nilo á terra igualão.

Meus dias, de ouro já como os primevos,
Salvas do cru Saturno, e morte crua,
De uma e de outra existencia algozes sevos.

Rivaes a duração do sol e a sua,
Calcando a Parca, atropelando os evos,
Elmano viverá da gloria tua!

Em outro dos derradeiros sonetos de Bocage, quão amigavel é tambem a linguagem d'aquelle que já das terrestres paixões vai desprendido!

Elmiro, que de sóphia o grão thesouro
Revolves, possessor, com mão suprema,
Dá-me que o Lethes sorvedor não tema!
Por ti comprado ao tempo em versos de ouro,
Cysne, talvez que sôe á hora extrema!

Com effeito, pagou-lhe Macedo o tributo de justiça, no momento, e logo depois da sua morte, em duas inspiradas poesias, uma epistola e um epicedio, que ambos passamos a transcrever :

EPISTOLA.

Vivitur ingenio, cætera mortis erunt.
OVID.

Troou no centro da abalada terra
Trovão medonho, que bramio tres vezes;
O inferno se espantou, e as ferreas portas
Se abrem de par em par! No centro escuro
(Visto ao vislumbre de sulfureas chammas)
Se ergue um throno de ferro, horrendo e triste :
Montões de seccos, escalvados craneos
D'aqui, d'alli, no pavimento jazem
Desde a infancia dos seculos, e crescem,
E mais, e mais, co'os seculos, se engrossão :
De negro sangue fluctuantes rios
Cercão o throno infausto, os craneos cercão;
Occupa o negro solio um monstro alado;
Nas descarnadas mãos a fouce empunha,
Cujo dominio, cujo imperio é tudo :
Monstro sem olhos, sem razão; e embaixo
Tem sentados aos pés (sevos ministros),
A dura febre, a tremula velhice,
Paroxysmos crueis, e agudas dôres,

Infatigaveis sentinellas, promptas
Aos acenos do monstro, ás ordens suas.

Medonho grito deu; nas margens tristes
Do Phlegetonte, do Cocito, as furias
Tremêrão de pavor: na frente as cobras
Fazem, desfazem circulos, e silvão.
Ensaia ao vôo as azas tenebrosas,
Ergue-se, e rompe a noite; o inferno pára!

O crime as portas dos abysmos abre,
Olha contente a filha, e as portas fecha.
Quanto falta de horror no escuro inferno,
Tantó horror ganha o dia, e tanto os astros.
O sol a vio, e lhe fallece o lume:
Cobre-lhe a face embaciada o manto
Da tristeza e da dôr: qual já n'outr'ora
Gyrar o viste, ó povo de Quirino,
Quando victima foi de Roma escrava
Soberbo Julio, o sacerdote, Bruto.

Vôa ligeiro o monstro inexoravel,
Turva-se o ar, e se ennegrece o dia.
Olha ao occaso, ao nascente, ao sul, ao polo,
E diz: « É tudo o meu imperio, é tudo.
« Musas, minhas não sois, nem tu, virtude...
« Em vós o gume d'esta fouce embota;
« O fado vos escuda, o céo vos guarda;
« Quem vos cultiva é meu; cevo meus odios
« Na substancia terrena; em mais não posso.
« Cortei os fios da dourada têa
« De Mantua ao grande cysne, antes que extrema
« Puzesse a mão nas producções divinas,
« Que á inveja, a mim, aos seculos affrontão.
« (E impolidas, ó fado! eternas vivem!)
« Não vio a gloria; meu triumpho é este.
« Se trôa lá no Elysio, é que ahi Jove
« O pôz fóra do imperio e esphera minha.
« Eu mesma (e não me peza), eu mesma o louro
« Nos ares suspendi, murchei nos ares,

« Quando ao rival d'Homero, e até d'Apollo
« Ia cercar a magestosa frente.
« Cahiste, ó Tasso, e nunca a minha fouce
« Ousou cahir em victima tão nobre!
« Tu não foste immortal, roubei-te o louro :
« Cobre teus ossos, teu sepulcro enfeita,
« Mas tu és cinza, és meu ; Camões, tu mesmo
« Não viste a gloria, e mereceste vêl-a.
« Mas não me basta, insaciavel, tanto...
« Vulgares frentes para mim são estas...
« Tejo soberbo, és emulo do Tibre,
« És em cysnes, tambem, rival do Eurotas.
« Meu throno se esvaece á voz de Elmano,
« Tem por sua rival sómente a morte.
« Geme presa a seus pés, bramindo, a inveja :
« Dos genios lusos o maior é elle,
« Quando d'Apollo os dons, e a voz das musas
« Em repentinos turbilhões desata.
« Da gloria ao tempo o merito o levanta.
« Dos outros vates no sepulcro a inveja
« Pousa e descansa, e se apascenta em vivos :
« E a par d'elle cansou, e Elmano é vivo!...
« Abra a garganta o tumulo... meu raio
« Não é como os de Jove : as nuvens rasgão,
« Mil ateados são, e um desce á terra... »

Já serpeava o raio : alçou tres vezes
A frente o Tejo espavorido, e tantas
Nas margens de ouro os échos resoárão
Dos gemidos das tagides ; o brando
Dos alvos cysnes, sacudindo as azas,
Um choro levantou, qual se chegado
Lhes fosse o triste, derradeiro instante.
Do Mandovi, do Tejo, e Sado, e Ganges,
Carpindo as nymphas, que o escutárão, clamão
« Bem digno de perdão, se os surdos manes
« Soubessem perdoar!... » Emtanto os vates,
Um diamantino escudo oppoem ao monstro :
E que não podem versos! A sanhuda
Fouce nos ares encantada fica :
Tal anguicoma frente ao monstro oppunha

Persèo piedoso e Andromeda soccorre:
Inda suspensa está; respira Elmano;
Torcem-se os fados, uma vez, e esperão
Que um vate amigo te circumde um louro.
Estro phebêo, que é nume, e gloria minha,
O sacerdocio, as infulas me outorga;
Endeosar-te posso; a mente acesa
Se espraia no futuro, e volve as urnas
Do teu destino, e vê teu nome eterno.

Da elysia estancia se franquêa a porta.
Os bosques vejo que vaguêão vates:
Nos amenos vergeis quantos diviso!
Alcêo navegador, qual tu n'um tempo;
Sapho, que ardeu d'amor, qual arde Elmano;
E Pindaro tambem, que a palma eléa,
Qual déste a muitos, aos heróes já dera;
Festival Aristophanes, qual foste,
(O attico sal é teu) teus versos lião;
De tantos genios n'um só genio o fogo,
E reumido, e concentrado, admirão.
Com teu volume, e seu, d'amor ao lado,
O magestoso Ovidio, o terno, o tudo,
Não sabe distinguir o quadro, a cópia:
Tu falláras assim, se Ovidio fôras,
Elle fallára assim, se o Tejo o vira.

Um vate excelso, que ennobrece o louro,
(Que teus monstros, teus reis, Roma lhe derão)
Co' a vista, sombra, e fogo, immobil era
Em teu volume, Elmano, e volve, e admira
Só de Medêa o canto, e a voz da morte;
Medêa só lhe apraz, apraz-lhe o inferno,
Furias, Edipo, Capaneo, vingança:
Em ti se ufana, se conhece Estacio.
Encobrem tuas magestosas nuvens
Um luminoso céo, que a espaços brilha:
A sombra, a escuridão, realça as luzes.
Cospe o veneno a furia do ciume
No peito de Medêa, alli suffoca

A voz de amor, a voz da natureza.
Ternura maternal cede á vingança,
Quando a rainha dos tartareos monstros,
A espantosa Tysiphone lhe firma
Nas mãos o ferro, que degolla filhos,
Sorrio-se Estacio, e diz: « Assim quizera
« Pintar furiosa a misera Jocasta,
« Quando da frente, que o remorso esfria,
« Vio arrancar ao filho, ao esposo os olhos,
« Victima triste, sacrificio infausto
« Ás doces furias, que gozou no leito,
« Na infame noite do hymenêo nefando. »
Então Virgilio do sublime throno
Aos vates exclamou: « É nosso Elmano!
« Na terra foi rival, no Elysio amigo.
« Se a morte o rouba.ao tempo, a eternidade
« O acolhe no seu seio, ao nosso o envia..... »

Eis o que vejo, o que te mostro: vences
Na terra a inveja vil, no Elysio a morte.

Vejamos agora outra poesia de Macedo, que, em 1806, por ordem de Diogo José Blancheville, publicou a Imprensa Regia, n'um folheto de quatorze paginas:

EPICLIDIO.

Quem póde, ousado, liquidas torrentes,
Que do cume dos Alpes se despenhão,
Quando o gelo descoalha o sol brilhante,
Na carreira suster? Leva espumoso
Vortice, ao mar correndo, a pedra, o tronco;
E, desdenhando o dique, o campo alaga.
Quem póde aceso, crepitante raio
Na carreira apagar, suster na quéda?
Rompe as nuvens, estala, e desce á terra.
Bronze, ferro, são pó, se oppôr-se atrevem.

Mais rapido e veloz, batendo as azas
A engolfar-se, a cahir na eternidade,
Vôa o tempo voraz, co'a morte ao lado.
Quem póde o braço, a voz alçar, dizer-lhe:
Pára no meio da carreira, ó monstro...
Já lá no ethereo espaço o sol brilhante
Susteve o freio á rapida quadriga;
Fez-lhe aceno um mortal, fez-lh'o a virtude?
Nem da virtude a voz o tempo escuta:
Não pára a natureza; e então parára,
Se o tempo um pouco equilibrasse as azas.
Tudo o que cobre a abobada azulada,
Milhões, milhões de sóes no espaço, e quanto
No atomo terrestre habita, ou vive
No das cousas orige, o vasto oceano,
A ferrea lei do fado entrega á morte.
Inexoravel parca a fouce empunha,
Faz-lhe o tempo signal; e em pó converte
Da natureza ou dos mortaes as obras.

Cahiste tu tambem, victima infausta,
A mim tão caro, a Portugal, ao mundo,
Ás musas, ao saber; cahiste, Elmano...
Já fria, o corpo teu, lapida encerra,
E somno funeral teus olhos fecha:
Sombras, sombras sem fim, cobrem teu rosto,
E no silencio do sepulcro existes.
Anticipada mão do tempo avaro
Rompeu a têa da existencia tua...
Sombra amavel, detem-te: se inda em torno
Da campa melancolica voltêas,
O grito da verdade escuta, o grito,
Que é verdadeiro, quando trôa em sombras,
E entre montões de craneos escalvados,
Que o teu ha de augmentar; és já da morte.
Eu, e todos serão, mortaes nascêrão,
E essas que apontão seculos vorazes
Pyramides tambem. Não julgues summa
Diff'rença d'existencia, a tua e d'ellas:
A par da eternidade um ponto é tudo;
N'um mesmo pó mil seculos se ajuntão.

Nada immortal produz a natureza,
Sómente ethereo assopro aos astros vôa,
E eterna duração tem sobre os astros.
Em meio dia existe, e d'elle observa
Annuviar-se os sóes, cahir no abysmo,
Cobril-os sombra escura, e nada eterno.
Tu, sobranceiro ao tumulo, lá moras
Na região da luz, que ignora occaso;
Parece que me acenas, que me bradas
Mofando do meu pranto): « Elmiro, e julgas
« Labéo da natureza, a campa, a morte!...
« Tu dado ao estudo seu! Tu que conheces
« Da perennal especie o gyro eterno,
« E do individuo a rapida passagem?
« Tu pasmas, tu prantêas, que esmoreção
« Em viçoso jardim lyrios, ou rosas?
« Que se soltem d'um tronco as seccas folhas,
« Quando Aquilões das hyperboreas grutas
« Trazem nas azas humidas o inverno!
« Tudo corre a seu fim, corre a seu nada.
« Sahem imperios do pó, e á cinza tornão [1].

[1] O verso errado

Rasteiras cópias de originaes soberbos

foi devidamente fustigado por Bocage; e achaque é esse de que não raro adoecem as poesias de Macedo; por exemplo o verso

Quadrupede ministerio de Lisboa
(Bunros, c. VI.)

não ha covado que o meça, e muitos poderiamos identicos citar.

Dá-se porém com est'outro

Sahem imperios do pó, e á cinza tornão,

uma circumstancia risivel, pela qual os nossos velhos dirião ao seu autor: *Pela lingua peccamos, pela lingua pagamos;* e vem a ser que o proprio Macedo o chama errado.

Na sua apaixonadissima e injustissima censura dos *Lusiadas* (tomo I, pag. 40), dissecando o verso:

Começárão a seguir sa longa rota,

e proscrevendo a elisão da syllaba *ão* absorvida na vogal *a*, diz Macedo: « *Ser este um erro de metro indesculpavel!* » E elle proprio faz aqui uma

« Voando o tempo os seculos ajunta,
« E co'as immensas incansaveis azas
« Cobre os vestigios da grandeza humana:
« Na historia os deixa só, e á vista os furta.
« De Esparta, a mãi d'heróes, mãi da virtude,
« Hoje occupa o lugar mesquinha aldèa.
« De Epaminondas, de Aristides pisão
« Incultos Scythas barbaros os lares.
« Disputa-se (que opprobrio!) onde se escondão
« Hoje as ruinas da rival de Roma.
« Nem de cá Scipião, nem Mario podem
« Apontar ao lugar onde se erguêrão
« Taes muros, seus trophéos, brazão de Roma.
« Sente o sceptro e a cabana as leis da morte.
« Vistão purpura embora os hombros, cinja
« Virentes louros triumphaes a frente;
« Rasga a purpura a morte, e murcha os louros.
« Oh! se víras de cá, qual eu descubro,
« Nas barreiras do nada a terra envolta
« Em lutuoso véo, entre os brilhantes
« Ethereos mundos, que no immenso espaço
« Lançou prodiga mão d'ente-principio,
« Ríras da pequenez, ríras d'um ponto,
« Em que orgulho mortal guerrêa e vence,
« Em que marchão exercitos á morte,
« Em que atomos, quaes tu, disputão nadas!
« Víras o nada que rodeia os homens:

elisão muito menos toleravel, pois tanto repugnaria fazer uma só syllaba de *sahem*, como de *hem im!* Lá se avenha comsigo mesmo:

Æquum est
Peccatis veniam poscentem reddere rursus.

Advirta-se porém que não concordamos nós em que seja *erro de metro*. Ferreira escreveu:

Se salvão ou se perdem as obras todas.

Sá de Miranda:

Vãmente os olhos buscão aquella nobre.

Duzias de poetas do *Cancioneiro de Rezende*, e muitos outros, elidírão do mesmo modo.

« Gozão d'um só momento... é este a vida ;
« E se um momento se divide, incerta
« É sua possessão; foi-se o passado,
« É incerto o porvir. Em vão procuras
« Fixar o que passou, pela lembrança
« O futuro antever : ah! tu não tornas
« Mais extenso o momento! É flôr caduca,
« Um dia a vê no tumulo e no berço.
« Soltei-me das prisões, e quando a morte
« Ia o facho virar, clarão brilhante
« Me fez ver das paixões, do mundo o engano ;
« Do orgulho philosophico desfez-se
« A sombra, o philtro, que enfeitiça tantos.
« Maldisse a sem-razão, maldisse os monstros
« Que de meu peito desterrar quizerão
« Do meu ser immortal, d'um Deos a idéa,
« Doce consolação, que ingratos querem
« Á existencia roubar, que espinhos cercão.
« Era preciso um Deos, e um Deos existe;
« Foi minha vida, minha morte, a prova ;
« Sem premios um talento ás musas dado ;
« Vida mesquinha, e pobre, em mar, e em terra ;
« Eu no berço d'aurora, eu no occidente
« Errante, e triste, e só, sem pai, sem lares,
« Da compaixão pendente, e da ternura
« Dos homens meus iguaes, e ao jugo atado
« Da dependencia, da penuria sempre ;
« Em mim, que a somma das virtudes muito
« Dos feios vicios excedêra a somma.....
« Não póde injusto ser quem rege o todo ;
« Na morte o premio dá, deu-me a verdade,
« Deu-me a dôr, e chorei, e abrio-me o pranto
« A vereda inaccessa ao gozo, á gloria ;
« Fugírão illusões, desfez-se o encanto,
« Engano a vida foi, sciencia a morte,
« Breves instantes lugubres de pena
« De eternos bens me engolfão no oceano.
« Ultimo esforço á luz fiz na partida,
« Qual na tocha se vê, clarão que expira,
« Mostrou-me o vão e o fim d'essa ventura,
« Que encantado busquei no mundo ingrato :

« Nem eu era immortal, nem elle eterno;
« O sentimento acaba, e eu que pude
« Do naufragio salvar? o nome, a gloria.
« Triste consolação, que adoça a morte!
« Meios, que o proprio amor futeis procura,
« As urnas, mausoléos, lápidas, bustos,
« Do engenho o mór brazão, a poesia,
« Que lá procurem conservar a idéa,
« Ou da virtude minha, ou do meu rosto.
« Não se esquivão as leis que impôz o fado
« A tudo o que é mortal; que tudo acabe...
« Da verdade esta luz raiou-me n'alma,
« Fugio de minha vida a sombra espessa,
« E então soube viver, quasi expirando.
« Não profanes com lagrimas a morte,
« Volve os olhos a mim, eu vivo... » Elmano
És ditoso, eu conheço, e foi teu nume
Sempre a verdade cá. Se o labyrintho
Das fervidas paixões, quaes turvas ondas,
O teu peito agitou, tornando á calma,
Eras recto, eras bom, justo, mavioso;
E deu-te a natureza o mór presente,
Um docil coração; n'elle conserva
A virtude ascendencia, o vicio acaba,
E a fagueira illusão cede á verdade.

Eu applaudo a teus bens, choro o meu damno,
Nada é philosophia, a Estóa é nada.
Quando a dôr é pungente, e a mágoa é funda,
Não ha razão que extinga o sentimento,
Se a amizade o formou sem dependencia
D'um bem que se perdeu, se a estima é pura,
É perpetua a lembrança, a dôr perpetua.

Vi-te em braços co'a morte, e vejo agora
A pouca terra que teu corpo encobre...
Aviva-me a saudade a infausta scena:
Onde hei de achar igual no dom das musas?
Onde mais prompto engenho, estro mais vivo?

Mente vasta, deposito dos vates,
Todos erão teu dom, teu genio, todos.
Poucos tem que te opponha, ou Grecia, ou Roma.
Um rival te dão só, no engenho e arte;
Ovidio é teu rival, vence-te, e és grande;
És-lhe igual no saber, menor em lingua;
Dos quadros seus o colorido é este:
Sup'rior na expressão, no mais o mesmo.
D'Horacio é aurea a lyra, é aurea a tua:
Agudo é Marcial, agudo Elmano:
Triste Estacio e feroz, e Elmano é triste,
Se o luto falla, e a dôr personalisa.
De Mantua o cysne, em pastoril avena,
De Tytiro o prazer, de Mopso o canto,
Expôz ao Tibre absorto, a nós, ao mundo;
As mágoas de Alicuto a par lhe vão.
E se déste o não teu, venceste o alheio.
Pelo imperio botanico vaguêa
Castel; Delille nos jardins se esmera;
Brilhão muito no Sena, e mais no Tejo
Se em lusitana voz seu canto soltão.
Tinhas n'alma o terror, no estylo o pranto,
Se Melpomene acaso, alheia, e tua,
Na magoada Vestal dava um gemido.
Se co' a idade indulgente, amor cantavas,
Nunca mais terno suspirou Tibullo.

Mas eu profano a magestosa sombra,
A sombra do repouso e do sepulcro,
Se amor misturo á morte, amor ao luto.
Nem sei d'elle fallar: da idade o gelo
Me aperta o coração, me amostra a campa:
Vós, mancebos, que amais, que Elmano amastes,
Cingí de freixo a frente, ou de cypreste,
No Tejo hoje chorai Petrarca extincto!

Eu volvo a mente, o canto, a novo objecto,
Objecto que me apraz, que é só virtude.
Raro em arte e saber, mais nobre ainda
Te descubro um brazão, digno d'um sabio:

Severo rosto te mostrou no berço
Desventura cruel, seguio-te os passos
Satellite fatal, no mar, na terra:
Vio-te o Tejo indigente, o Ganges pobre:
Privado do ar commum, gemeste em ferros:
Louvavão-te o talento, e enregelavas,
Como esquecido ao premio, aos teus, á patria:
De lar em lar gyrando afflicto e triste,
Envolto em nuvens de desgraças sempre.
Porém ao mundo, que te admira, e deixa,
Déste o grande espectaculo do sabio,
Que Seneca immortal digno chamava
Até do summo Jove: um varão forte
Entre os golpes da sorte, inteiro e mudo.
Jámais te ouvi queixar: d'est'arte a rocha
Vê contra si trepar furiosas ondas,
Immovel ao furor, intacta aos golpes:
Na terra as bases tem, nos céos a frente.
Co'um ai não blasphemaste a Providencia,
Tranquillo ser quizeste; isso que foste
Das musas no thesouro achaste tudo:
Um dom da natureza é mais precioso
Que os dons da instavel sorte, e seus caprichos.
Foi tua vida ephemera, se conto
Os breves dias da existencia tua,
E hã de ser entre nós teu nome eterno.
Rasa campa te encobre entre outros mortos,
Mas tens um mausoléo, um templo, um busto
Na minha estimação, nos teus escriptos.
O que bebe no Rhodano espumante,
Os sabios d'Albion, e o douto ibéro
Te hão de aprender de cór: emquanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton,
Lhe ha de lembrar tambem d'Elmano o nome.

Não forão porém duradouros em Macedo sentimentos de admiração tão emphaticamente expressos. Aquelle a quem fazião sombra *Gabriel Pereira*, e *Filinto*, e *Camões*, não podia dormir tranquillo emquanto aos ouvi-

dos lhe soasse, com gloria, o nome de um celebrado rival. Sobretudo se lhe exacerbárão as iras contra Bocage, sete annos depois de elle morto, por occasião da publicação, em Londres, da satyra que tanto o havia pungido.

Em 1812 escreveu pois a *Carta de um pai para seu filho, estudante de Coimbra, sobre o espirito do Investigador Portuguez*, onde (nas pag. 17 e seg.) apparecem as provas de quanto este novo golpe lhe doeu. Ahi vem tambem uma analyse critica da satyra, que não impede ser ella magnifica e inspirada obra.

Accrescenta que Bocage *morreu contricto, o que deveu a elle, Macedo, a quem abraçou, morrendo*. Se, por estas palavras, José Agostinho quer significar uma *conversão* por elle promovida, seria isso contradictorio com a asserção de quantos o acompanhárão até final suspiro, e que todos exaltavão o estado de espontanea excitação piedosa d'aquella alma.'

As seguintes palavras, depois de mutuos elogios pomposos, e de uma separação eterna amigavel, revelão fundo máo de moralidade (*Carta*, pag. 23) : « ..... Reproduzirão o que o arrependimento de Bocage tinha, havia tantos annos, desapprovado, emendando os passados erros com fartos elogios impressos, de que o autor atacado fez tanto caso como dos insultos, *porque as cousas devem tomar-se como da mão de quem vêm!* »

Tambem é risivel que, tendo sido José Agostinho quem compôz a primeira satyra, menos perfeita, e pouco menos descabellada, fustigasse assim a com que Bocage lhe retorquio : « É uma satyra pessoal (o que era a d'elle?), e um libello infamatorio e infamissimo ; é uma invectiva que, até n'este genero ou especie, é vergonhosa. E a

quem não fez o defunto satyras? Cada jantar que lhe davão era pago á boca do cofre com um soneto d'este sabor. »

Não deixa tambem de ser curioso o juizo que Macedo ahi faz da famosa satyra :

« Apparece alli o seu autor, quero dizer, nenhum methodo, nenhuma ordem, nenhuma encadeação de pensamentos, nenhum fio seguido de idéas, como quem era, ou incapaz por genio de symetria, ou ignorante a fundo de todas as regras communs da rhetorica. Isto não é peculiar a esta composição; é commum a todas do mesmo autor. Pegai em qualquer obra sua, assignaladamente no 3º tomo das *suas* Rimas (de outrem), lêde o primeiro elogio de theatro, um dos capitaes e fundos do autor, que vos cahir á mão, vós tanto o lereis de diante para trás, como de trás para diante..... O poeta glosava na rua outeiralmente; a turba capotal o seguia : o cigarro lampejava na boca d'ella, e d'elle; a palavra molhava-se nas ermidas que o caminho (ai, tão bastas!) lhes offerecia, e com este môlho é que elle podia dizer ao seu insultado bemfeitor

« Me vistes ir subindo ás fontes do estro !

« Parava a procissão; e não ha cousa mais engraçada que outro verso da mesma satyra :

« Claro auditorio meu, vingai-me a affronta!

« Que auditorio, meu filho, que auditorio ! »

É sabido que Macedo tirava, por sua mão, frequentes cópias do seu *Poema dos Burros;* e como de cada vez lhe

accrescentava muitos versos, allusivos aos acontecimentos do tempo em que ia escrevendo, não ha duas que se assemelhem. Já porém no seu exemplar de 1812 Macedo exclama :

« Subito avança despolpado espectro,
Que sahe do cemiterio : inda na boca,
Inda na mão sustem cigarro e copo...
Era o vadio e glosador Bocage
Que os doze tomos do Thalmud queria
Verter, verter, verter, verter em versos!
Foge-lhe o triste vertedor Bocage,
Quando outra fórma mais risonha surge.

e n'outra parte :

Eu do Sado houve um filho, e n'este ventre
Por anno e dia me morou, qual burro.
Eu mesmo o fiz marchar do Tejo a Gôa,
Eu de Gôa o chamei de novo ao Tejo.
Não foi por certo avara a natureza :
Algum genio lhe deu, mas só faiscas
Dispersas, soltas, lhe rebentão d'alma,
Nunca á teimosa reflexão sujeita.
Secco do seu, interprete do alheio,
Viveu de traduzir, morreu vertendo.
Fez versos machinaes, juntou palavras.
De tudo cabo deu co' a escolha chôcha ;
Fez seita e tem discipulos qual elle !

Em 1813, nas *Considerações Mansas sobre o 4º tomo de Bocage*, dirigio-lhe Macedo estes singulares versos :

Deixa, ó Baccho, o teu tonel !
De andador toma a capinha !
Vai tocando a campainha
Na morte do teu Manoel !

No mesmo anno de 1813 imprimio, no *Semanario*

de Instrucção e Recreio, — *Os meus* MAS, — entre os quaes se lê o seguinte :

« Eu quizera dizer que, se dos elogios de theatro em dias de beneficiada, se tirasse o *Tejo* e a *Gratidão*, e os dous versos obrigados

> Jove foi grato á gratidão dos numes,
> De Jove a gratidão é grata ao Tejo

não ficava cousa nenhuma... Mas!

« Eu quizera dizer que precisava desasada a vataria toda que entupe os botequins de Lisboa, porque só acha harmonia e poesia no poeta Manoel do Nascimento, porque escreveu e escreve em Paris, permittindo-se liberdade de insultar a nação a cada pagina, porque em nossos escriptos não fazemos o embrexado, que elle faz, de tres chôchas phrases de 1400, vozes plebéas e gallicismos fedorentos... Mas!

« Eu tinha vontade de dizer, com toda a franqueza de um philosopho da seita dos cynicos, que é um hypocrita aquelle que, impando de vaidade, porque fez quatro quadras, dous sonetos, uma ode ás dormideiras no dia natal de uma senhora que tinha nove nomes, e 2080 traducções de cousas escusadas, e que qualquer podia ler no seu original, porque não são traducções da lingua chineza nem malaia, põe o seu retrato no frontispicio com singulares divisas de cysnes, lyras e tubas, querendo fazer conhecer ao mundo litterario, que elle, apparecendo apenas n'um botequim e pondo-se alli a escrever ou a recitar ao *claro auditorio seu*, tem encovado, não só a Grecia e Lacio, mas o mesmo Apollo com a cambada das nove musas... Mas! »

Ha quem diga que, em desforra de Bocage, foi com-

posta esta formosa decima contra José Agostinho, a tempo em que elle publicava o *Oriente :*

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões :
E das loucas pretenções
As musas se poem a rir.
Apollo, sem se affligir,
D'est'arte diz ao casmurro :
« Póde entrar, que não o empurro ;
« Não me vem causar abalo ;
« Já cá sustento um cavallo,
« Sustentarei mais um burro. »

Ignoramos quem seja o autor d'esta decima. Couto diz ser de Cardoso, o autor do *Canto de Tripoli*, do que muito duvidamos. Ha quem a supponha de Fidelis Antonio Lopes Cordeiro. O padre Ignacio José de Macedo, abbade de S. Nicoláo, diz no nº 55 do *Velho Liberal do Douro* : « *José Agostinho nunca se atreveu a escrever contra mim, apezar do epigramma que eu lhe fiz, quando elle publicou o seu Oriente.* » Suppomos porém ser esta uma falsa gloria usurpada, porque nem o padre Ignacio era capaz de compôr versos d'este merito, nem deixa a minima duvida sobre o *tullit alter*, a estropiada cópia que elle nos dá como sua, e onde o 4º, 6º, 7º e 8º verso são os seguintes :

Entrão as musas a rir
Do pretendente casmurro !
Disse : suba, não o empurro ! !
Fique cá, não me dá abalo ! ! !

É, em todo « caso, um galante epigramma, talvez inspirado por aquelle disticho de Voltaire :

Le Parnasse a bien fait de n'avoir qu'un cheval;
Si nous en avions deux, ils se mordraient sans doute.

É o que succedeu com estes dous gallos de poleiro, ou estes dous Pegasos do mesmo Parnaso.

E que se deduz de semelhantes provas de justiça e imparcialidade de Bocage para com Macedo, e de Macedo para com Bocage? Seria para taes collegas tambem d'esta *Arcadia* que se juntárão aquellas palavras:

Arcades ambo;
Et cantare pares, et respondere parati?

Para completar quanto possa referir-se ás relações entre ambos, e visto que as proseguimos até além da campa, diremos que o editor do tomo IV das *Rimas*, e 1º das *Obras posthumas* de Bocage — *Verdadeiras ineditas* — diz na prefação que a mór parte das poesias d'esse volume a conservára a irmã de Bocage; porém Pato Moniz, editor (e collaborador) do tomo V, e 2º das *Posthumas* — *Verdadeiras ineditas* — diz o seguinte, na sua prefação:

« Logo depois que falleceu Bocage, espalhou-se por Lisboa que elle deixára pouquissimos e insignificantes manuscriptos; e até se derramou o boato (que eu desde logo contrariei) de que o Dr. Francisco José Maria de S. Anna queimára a maior parte d'esses poucos que existião. » Continua dizendo ser isto inventado pelos que tinhão occultado e desencaminhado esses manuscriptos, e claramente insinua referir-se ao padre José Agostinho, suspeita para a qual não parece haver fundamento, nascendo antes do odio que Moniz lhe consagrava.

Quanto porém a Macedo, sem assumirmos responsabi-

lidade, eis como José Basilio descreve a ascendencia do padre :

O chimico infernal drogas malditas
Ajuntou n'um lambique sem demora :
Ferro, veneno, vibora traidora,
Cartas por mão de Machiavello escriptas.

Com fogo lento pragas infinitas
Ajuntou, tudo em pouco mais de uma hora ;
E pela boca do lambique fóra
Sahírão, par a par, dous jesuitas.

Foi mostrar a sua obra ao reino escuro :
Tornou-os a juntar muito em segredo,
Sahio um Manigrepo[1] inda mais puro.

O Demo, que o formou, lhe teve medo ;
Despejou o lambique n'um monturo,
E d'esta borra é que sahio Macedo.

CAPITULO XXIV

O improvisador. — Condições e circumstancias do improviso. — Perigos d'elle. — Os improvisadores em Portugal. — Bocage, seu rei. — Peculiaridades materiaes do improviso de Bocage. — Anecdotas. — Vangloria de Elmano, por esta rara qualidade. — Opinião dos que o ouvírão. — Juizo da razão fria da posteridade.

Não dá medida d'aquelle genio a simples avaliação do merito absoluto das obras que nos legou : importa antes de tudo notar que essas poesias erão geralmente improvisos arrebatados, momentaneos, fulminantes!

Como hão de olhos perspicazes de paciente critica

[1] Nome que se dá aos congregados.

atrever-se a denunciar o imperfeito dos traços e contornos da obra, qual sahio das mãos da natureza? Como ha de o instrumento que mede a luz ousar applicar-se ao relampago, que illumina, e cega, e foge?

Bemditosa sem duvida a sorte do improvisador, quando, ao tripudiar em seu delphico templo, redemoinha as intelligencias no vortice da sua, e, de envolta com os turbilhões do seu estro, arrebata, novo Orphêo, montanhas e florestas! Então, dominador e rei, estigmatisa como crime o *pensar* e o *julgar*: doceis as fascinadas turbas applaudem delirantes o sublime, o vulgar, o pessimo; porque a bitola da approvação é só uma: a embriaguez da admiração.

E essa embriaguez é de ordinario criminosa de lesa-magestade da arte. Cumpre confessar que os applausos de auditorios incompetentes provão pouco e estragão muito. Quando, já com o espirito prevenido, uma turba de animos predispostos cada um individualmente ao assombro, elevado pelo contagio á quinta essencia, vê apparecer o seu idolo; quando boqui-aberta escuta uma sequencia de versos pomposos, que parecem elevados e cheios dos mais bellos sentimentos; quando se converte a academia em espectaculo, a Castalia em Rhodano, e o monte Menalo em feira; quando se agrada tanto mais, quanto menos se é comprehendido; quando apenas se deixa tempo de respirar, vencer e applaudir; quando o festim é gratuito, ou o bilhete de entrada é só pago com palmas e exclamações; então n'este seguro mutuo, n'esta exaltação em parceria, tudo fica energumeno, e a razão põe-se de fóra observando e sorrindo.

Mofina sorte fôra porém a do inspirado, se baixando-o d'essas excelsas regiões até o terreno dos homens; se

expostos a frio esses titulos de assombro; viesse o desalmado compasso do *merito absoluto* descobrir cruelmente as inevitaveis imperfeições de obras taes. É o improviso, arvore frondosa e gigantea da natureza dos tropicos, com toda a opulencia da sua vegetação, a magestade da sua florescencia, os milagres de sua inflammada seiva... Fixai no papel mudo os traços de fogo, e pasmareis de ver transplantada para adversa terra e inhospito clima essa mesma comante arvore, já convertida em arbusto enfezado, estiolado, e quão outro! *Incedit per ignes suppositos cineri doloso.*

Cedo ou tarde chega a hora em que o incenso se dissipa, em que os coryphêos se interrompem. É mister pagar os gastos do culto, vendendo o idolo pelo seu peso. Que mudança então, e que motivo de melancolica ironia para a posteridade que empunha a balança! Seguem-se descahimentos imprevistos. Miseravel tarifa da gloria!

O que se ostentára bronze de Corynthо, reconhece-se, ao toque, ser barro pintado, que se esphacela.

E porque? porque, se a chamma applicada ao lacre faz receber n'um instante a impressão do sello, logo a mesma chamma applicada á impressão, no immediato instante a aniquila. Chamma poetica faz brotar o improviso; depois a chamma critica, destruil-o.

Plantas de estufa raras vezes equiparão as crescidas em condições naturaes; macaqueião, não igualão.

O exame geralmente se insurge contra sentenças que não passão em julgado, porque forão proferidas contra direito e sobre falsa causa. É para todos os tempos e lugares a observação de Cicero, no seu *Tratado do Orador*: « *Conciones sæpe exclamare vidi, cum verba apte cecidissent. Id enim* EXPECTANT AURES. » Sendo não menos

digna de estudo a narração, por elle addicionada, do effeito que produzio a harmonia de certa sentença n'uma oração de Carbo.

Sempre a natureza, aos povos meridionaes, liberalisou mais favores : ahi dotou o homem de mór intensidade de imaginação, celeridade de intelligencia, mimo de idéas. Os improvisadores, almas privilegiadas, em que estas qualidades se desenvolvem no maximo gráo, abundão em Portugal, como no sul da França, na Italia, na Grecia... em toda a parte onde o sol aquece e illumina a terra. Não é nas grandes cidades de Portugal (hoje só pejadas de *legisladores* e *politicos*) que buscareis agora *improvisadores ;* mas penetrai nas remotas aldèas, n'aquellas principalmente onde *esta civilisação* tem sido mais medrosa de entranhar-se; desviai-vos das estradas para os atalhos que vos intèrnem pelas Serras do Caramulo e da Estrella, e maravilhar-vos-heis do esplendor das portentosas flôres incultas d'essas florestas virgens ; da melodia, propriedade, facilidade e energia metrica de centenares de camponezes analphabetos e ignorantes, cujos desafios rememorão a vezes as eglogas de Theocrito. Presenciar aquellas athleticas lutas do espirito bruto; observar as faiscas scintillando do choque d'aquelles estros naturaes excitados pela emulação ; reflectir no inesgotavel fundo de verdadeira poesia que encerrão esses versos sem arte..... é admirar a natureza nas suas obras sublimes, na cataracta do Niagara, no impeto do Rhodano, na explosão do Vesuvio.

Entre os improvisadores porém de intelligencia culta, em Portugal, nunca outro algum rastejou a altura a que Bocage ascendeu ! De quantas assombrantes qualidades n'elle concorrião, nenhuma produzia o encanto do seu

improviso. Não era crear : era chover imagens, e pensamentos, e versos! Em seus dias de inspiração, quando no entendimento lhe circumvoava a poesia, quando sentia o Deos encher-lhe a mente, mal lhe bastava a expressão para entornar as torrentes que do cerebro lhe borbotavão.

Como as suas peregrinações por terra e mar, por mundos velhos e novos, tinhão posto á sua disposição grande numero de imagens ; como possuia um riquissimo vocabulario de escolha, e o mais obediente diccionario de rimas que nunca poeta portuguez guardou no cerebro, essas circumstancias poderosas, juntas á indole do estro, á rapidez da concepção, á volubilidade da palavra, contribuião para crear o mais fluente improvisador.

E porque tudo, nos genios-transcendentes, é digno de attento estudo, n'estas paginas conservaremos algumas das peculiaridades materiaes do improviso de Bocage. Na memoria as archivámos, desde que a nosso illustre e sabio pai, que com o poeta teve trato de amizade, ouvímos descrever aquellas scenas de gymnastica litteraria.

Ao dispôr-se a recitar, tinha por habito reclinar-se sobre algum movel, geralmente ao encosto de uma cadeira : minutos se absorvia antes de despregar labios, mas passado esse periodo de incubação entrava a sua intelligencia na posse de imperio conquistado, e não mais se interrompia a meditar.

Sobre o mesmo mote ou assumpto, nascião-lhe vinte e trinta sonetos! Apenas despejava o primeiro ou segundo, já o demonio poetico se lhe apoderava das faculdades, a ponto de o converter em energumeno; e era

então o mais perfeito e o mais extraordinario modelo da fórma *improviso*.

Por tal arte se exaltava, que as suas attitudes e ademães variavão de um modo insolito; transformava-se-lhe o semblante; faiscavão-lhe os olhos; nem lhe restava a consciencia dos movimentos singulares com que o agitava o estro. Toda a vida, por um magnetismo *sui generis*, se lhe concentrava na alma; dir-se-hia que os sentidos exteriores sentião para dentro.

Desligada assim a alma de todas as exigencias e precauções sociaes, repellia todas as vestes das convenções humanas, e apparecia-lhe nua; nem sabia hesitar em retribuir com a propria approvação ardente os milagres da sua fantasia. Pygmalião de especie nova, apaixonava-se pela imagem, obra de suas proprias mãos, delirava por ella, desposava-a. Phrase muito sua, em taes momentos, era : *Esta é minha! esta é minha! Isto não morre!* No fim de cada quarteto, extasiado da sua producção, exclamava frequentemente : *Que riqueza de metro e de imagens! Que trecho sublime!* Assim se lhe acabava o ultimo terceto, e emquanto as salas retumbavão de acclamações, interrompia-as, bradando : « *É magnifico, mas ahi vai melhor!* » e passava a outro improviso, até se lhe cansar mais a voz que a potencia creadora!

Quando se lhe afigurava que a idéa ia fraquejando, velicava o cerebro, esfregando rapidamente a testa, ou machinalmente beliscava os peitos, movimentos nunca baldados. Outra singularidade de seu espirito perspicaz : frequentemente, depois de haver recitado o primeiro quarteto, interrompia-se dizendo : « *Não vou adiante, que me não cabe o pensamento.* » E sem hesitação dardejava outro improviso.

Embora dos lados os ouvintes o cortassem : dava-lhes resposta e ia proseguindo, como se nada lhe houvesse desviado a attenção.

O exito d'estes improvisos era um contagio de delirio, transmittido do poeta ao auditorio. Quando Bocage despedia dos olhos raios, dos labios diamantes; quando o vate de sobre a tripode arremessava lavas de poesia, todos os ouvintes se afinavão por igual diapasão; e findo o accesso, o triumphador, o homem grande, baixava do Parnaso, permanecendo ainda por momentos estranho ao mundo exterior, e inconscio de quanto o circumdava.

Tal era ao mesmo tempo a sua prodigiosa memoria, que raro olvidava as suas producções, nem ainda as que, improvisadas, parecerião de antemão condemnadas a ephemera existencia.

Nem era mister indicar-lhe o assumpto ou verso inteiro para reproduzir a obra desejada. Bastava dizer-lhe : « *Bocage, recita aquelle soneto em que fallavas na Dido,* » e para logo o repetia.

Ia, por exemplo, a um outeiro, onde muitas senhoras lhe davão motes, e a cada mote fazia uma ou duas glosas. Passados muitos dias, dizião-lhe : « *Repita o quarto soneto que em tal dia improvisou ao mote que lhe deu aquella senhora das plumas encarnadas.* » Respondia logo : « *O mote foi este, e o soneto reza assim;* » e reiterava-o !

Tal era essa faculdade que, tendo-lhe sido roubados os versos que destinava á impressão, pôde todos reproduzir, como longamente narrou em prosa, e rapidamente n'estes versos com que abre o 2° tomo :

Vós, que de meus extremos sois a historia,

Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da ternura, e restaurados
Co'o prompto auxilio da fiel memoria.

É curioso ouvir da propria boca de Bocage como isto se passou. Diz elle:

« A maior parte das poesias que publico foi recobrada com a memoria em casa do meu officioso amigo José Salinas de Benevides (uma das pessoas mais benemeritas e qualificadas de Santarem), onde me avisárão de que, affectada a minha lettra por algum de muitos malevolos que, á maneira de lobos, matão ás vezes o que não hão de comer, ou (deixando figuras) por algum dos que prejudicão sem utilisar-se, fôra em meu nome extrahida ao depositario dos meus bens poeticos a caixa em que jazião, com os trastes proporcionados á minha profissão, e um tanto peiores que os versos [1]. Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior que me não podem roubar, e com effeito copiei d'elle tudo o que dou á luz, não relativo a um desastre tão impensado como penoso que me sobreveio depois, e occasionou as producções em que o choro. »

Transcrevamos n'este lugar uma anecdota, que Bingre nos relatou, n'uma carta com que nos favoreceu:

« Sendo convidada a nossa academia, pelo beneficiado Rebello, para uma sessão extraordinaria no paço da Ajuda, por occasião do nascimento da Sra. Dona Maria Theresa, primeira filha do Sr. D. João VI, forão todos os nossos socios em seges da casa real; e tendo eu ido em uma com o padre José Agostinho de Macedo, me perguntou o Bocage que obra levava elle; e dizendo-lhe eu que

[1] Não alludirá aqui o autor ao padre José Manoel de Abreu e Lima?

nenhuma, pois como elle devia fazer a oração do fe em prosa, tencionava improvisal-a..... respondeu-me cage : « *Como elle quer improvisar em prosa, hei de improvisar em verso, pois não trago nada escripto* assim o fez, em verso heroico, com tanto enthusiasi que se ergueu do môxo em que estava assentado, e virou para a porta, aonde estava o principe e a prince entre cortinas, como encobertos, e fez um genethli de repente, que assombrou toda a cortezã assembl Excitada assim a emulação de José Agostinho, improvi: este uma brilhante oração com geral applauso, de fór que Sua Alteza, quando, no fim da sessão, deu o be mão, logo alli lhe ordenou que havia de prégar o sern de *S. Pedro*, em Queluz, e desde então ficou prégai da casa : a rivalidade d'estes dous alumnos é que n'e noite os fez brilhar..... »

Mas por desgraça para Bocage (em proporção do q houvera podido ser) tambem Lucilio

> In hora sæpe ducentos,
> Ut magnum, versus dictabat, stans pede in uno,
> Cum flueret lutulentus, erat quod tollere velles;
> Garrulus, atque piger scribendi ferre laborem...
> Scribendi *recte*, nam ut *multum*, nil moror.

Em muitas de suas producções se torna Bocage a ex tar, por essa qualidade de improvisador.

Por exemplo :

> ..... quando *de chofre*
> Igneas canções brotei, co'um Deos na mente.

e n'uma epistola :

> Fui cysne junto a cysne, e dei taes vôos
> Que as azas do improviso os céos roçárão.

na Satyra:

Vós, que, em versos altisõnos, mil vezes,
Me vistes ir voando ás fontes do estro
Nas promptas explosões do enthusiasmo.

no prologo das *Plantas*:

Sinto no coração, na voz, na mente,
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E *eis o Deos! eis o Deos!* exclamo e vôo
De repente onde mil nem vão d'espaço!

Verso a que o autor pôz esta nota: « Fallo dos improvisos de que esta e outras cidades têm sido ouvintes. O prazer com que os sabios os attendem é mais um tormento para os meus zoilos. »

Pato Moniz exprime-se assim:

« De muitos dos seus improvisos eu fui ouvinte, e mais existe quem o fosse. As pessoas que nunca conhecêrão Bocage, e com razão os nossos vindouros, difficultosamente poderão imaginar a successiva torrente de boa poesia, que com incrivel rapidez produzia, nos accessos do seu enthusiasmo! Talvez, se pudessem colligir-se as suas innumeraveis composições d'este genero, serião respeitadas como o ultimo esforço do engenho humano. »

Eis-aqui o julgamento de Costa e Silva:

« É incrivel, até quasi impossivel de expressar a que ponto subia a promptidão, o impeto e perseverança do seu enthusiasmo! Nunca se lhe notou uma falta de medida, e raras vezes uma impropriedade de rimas. Seu fogo jámais o obrigou a transpôr as metas da razão, ou a descuidar-se de ornar os seus pensamentos com os floreios e feitiços da elocução. »

E é todavia esse dom, de que Bocage tanto se ufanava, essa superioridade e brilho de explosões intellectuaes, essa vagabundagem de imaginação, que principalmente constitue o segredo da admiração, do culto de quantos o conhecêrão. Alma e genio se lhe arremessavão impetuosos e subjugavão o auditorio : havia n'esse commercio intellectual, quasi diriamos, uma especie de demencia : então, se póde asseverar que a poesia pairava em outras que as terrestres regiões; que, novo Promethêo, arca por arca, lutava com a intelligencia divina; que o vate, sacerdote de um deos, animado de uma segunda vista interior, revelava essa particular intuição, por uma linguagem inspirada, audaz, febricitante; e que emfim este contagioso estado de excitação se apoderava dos ouvintes, quasi tambem desaccordados e insanos.

Mas ah ! que essa inspiração do improvisador, symbolisando uma imaginação no gráo supremo de exaltação, uma aberração intellectual, tem geralmente a sorte d'esses insectos nevropteros, que occupando os ares durante alguns minutos, n'esse curto periodo nascem, e vivem, e morrem. Sim; semelhantes producções são, por via de regra, condemnadas a cahir no olvido. E porque? porque essa epilepsia do cerebro, longe de inflammar a *razão fria*, commummente a sacrifica; porque os effeitos scenicos, para triumphos taes, demandão um dado theatro, e necessarias condições de actores, espectadores, illuminação e scenario; porque o improviso vem sempre acompanhado de imperfeições inevitaveis; é aço que não foi assaz pulido, descobrem-se-lhe os dentes da lima.

Se muitos dos improvisos de Bocage lhe sobrevivêrão, é porque, apezar do systema de fabrico, representavão

pulsações francas de um coração ardente, as quaes soem perpetuar vida ás producções.

É pois lamentavel, para a gloria verdadeira e permanente de Bocage, que interesseiros especuladores mercadejassem com a reputação de um homem eminente, attribuindo-lhe estranhas composições, e vulgarisando muitas authenticas, mas sobre as quaes houveramos de ser severos... se não desarmasse a critica o modo como forão creadas, e o destino que tinhão.

Limitar-se-hia, em taes casos, a austera critica a perguntar: « E para que forão ellas assim creadas? E para que lhes deu o autor tal destino? » E talvez que á resposta redarguisse o mestre:

> Carmen reprehendite, quod non
> Multa dies, et multa litura coercuit, atque
> Præsectum decies non revocavit ad unguem.

Sabemos que os preguiçosos (e Deos nos perdôe se fallamos como experimentado, quanto mais tratando-se de preguiçosos chamados Bocages ou Ovidios!) pretendem que o tal *decies ad unguem* sobrepuja paciencia e forças humanas; que, apenas o metal esfriou, e tomou a sua fórma, é mister deixal-o á sua sorte; que, passado um espaço de tempo, já não é o mesmo o aspecto, o sentimento, o eu; que é um outrem que põe mão sacrilega no trabalho da nossa inspiração. Proclamão-se impacientes para limar; adoptão a sentença: *Sint ut sunt, aut non sint.*

Mas qual o resultado? De trabalho ephemero, ephemera duração.

CAPITULO XXV

Prosa de Bocage. — Comparação entre a prosa e o verso. — Obras em prosa que o poeta deixou. — Seu merito relativo.

É sabido o desprezo em que de muitos poetas é tida a prosa. Entrando um amigo em casa de Voltaire, e receioso de o interromper, por vêl-o com a penna na mão, quer retirar-se, mas Voltaire lhe brada, continuando : « *Vinde! vinde ! é vil prosa que ahi estou garatujando !* » Quem aprecia o merito de tal prosa, comprehende o valor que ha de dar a este gracejo. Não é para aqui disputar preferencias : se Lamothe, Fontenelle, Montesquieu, Condillac, Buffon, Pelletan, e tantos outros, emittirão um paradoxo, estabelecendo a preeminencia da prosa sobre a poesia, ahi estão Staël, Châteaubriand, e os mais prosadores poetas, para lançarem peso grande n'essa concha da balança.

Diz M. J. Chenier, no *Ensaio sobre as Artes :*

Ainsi qu'aux vers bien faits, il faut à l'éloquence
Les sons harmonieux, le nombre et la cadence,
Les termes enrichis d'un sens plus étendu,
Des termes rapprochés l'hymen inattendu,
Ces tours, ces mouvements, ces figures pressées,
Qui font agir les mots et peignent les pensées.
Bossuet, Fénelon, leur devancier Pascal,
Buffon leur successeur, et Rousseau leur égal,
Des lecteurs délicats méritant les suffrages,
De ces trésors de style ont paré leurs ouvrages.

Seja porém como fôr, não nos legou Bocage obra al-

guma original em prosa, e ainda as traducções que n'essa fórma deixou ficão aquem de sua grande elevação.

É ainda ahi a musa pedestre, mas alada, *musa pedestris, musa ales;* ainda ahi se conhecem pegadas de gigante, e a applicação do verso de Lemierre

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes;

mas não seria tal titulo que o recommendasse á posteridade.

Accresce que se o verso era a linguagem familiar de Bocage, e a voz da sua inspiração, na prosa parece elle menos á sua vontade. Talvez que tudo quanto nos deixou, na fórma vulgar, fossem producções encommendadas. O soffrimento do trabalho quotidiano, com o intuito de occorrer ás precisões da vida, tão duro, tão cruel para as imaginações poeticas, foi expresso pelo velho Colletet n'este verso, cheio de melancolica impaciencia:

Mais quand l'*utile* prose a terminé sa tâche.....

Não merece pois este capitulo que n'elle nos demoremos; limitando-nos a indicar o que ahi se conserva.

O primeiro tomo da versão de *Gil Braz* é do nosso poeta; e o resto, á excepção de varios trechos, de Luiz Caetano de Campos, o traductor das *Viagens de Altina*.

Existe em prosa o *Ralhador*, de Brueys e Palaprat, comedia representada no beneficio do actor Diogo, e que, rodeada de quantas recommendações a podião fazer valer, teve porém a desgraça de desagradar por tal modo, que não chegou ao fim do primeiro acto.

É toda versão sua a *Galatéa*, de Florian, em prosa, com alguns versos intercalados.

É d'elle, e mui pouco castigada, a pequena novella *Rogerio e Victor*, de Sabran.

Outras traducções se lhe attribuem ; e, sabendo que frequentemente occupou o tempo com estes encargos, que lhe produzião momentanea subsistencia, não ousamos contestar essa opinião commum. Temos porém visto imputar-lhe, e denegar-lhe a autoria do conto *As Chinelas de Abu-Casem ;* de *Raymundo e Marianna*, etc.

O certo porém é que Bocage, conscio de que a sua magica penna saberia sempre ennobrecer ainda os assumptos mais antipodas do verso, tinha por contemptivel o uso da prosa. Não pretendeu ser medido por essa bitola, quem pensava como Lamartine :

L'immortelle pensée a sa forme ici-bas.
Langue immortelle aussi que l'homme n'use pas.
Tout ce qui sort de l'homme est rapide et fragile...
Mais le vers est de bronze, et la prose est d'argile!

CAPITULO XXVI

Que é poesia? — Bellezas da de Bocage. — Condições do sublime, segundo Longino. — Calor. — Imagens. — Variedade. — Altiloquia. — Poeta christão. — Singeleza. — Descripções. — Melodia. — Perfeição metrica. — Seu excesso a ponto de monotonia. — Pausar natural. — Termos auxiliares. — Intraductibilidade. — Clareza. — Onomatopeia.

Se constitue poesia o mundo ideal transportado, pelo livre pensamento, ao meio do mundo real, nunca houve genio mais eminentemente poetico. Essa ambição hardida, que esporeia a nossa alma, de imitar as obras do Creador ; — reminiscencia de celeste origem, myste-

riosa consciencia de sermos o sôpro d'Aquelle que imprime á materia fórmas innumeraveis e vida sem fim; — esse appetite, que insaciavel nos devora, de retratarmos o mundo exterior, tão formoso e variegado, e o outro mais maravilhoso mundo interior da intelligencia e das paixões; — essa titanica audacia de aspirar a aformesentar ainda as obras da creação; — esse collocar da alma do vate, na phrase de V. Hugo, como écho sonoro, no centro do universo; — essas que outros hão designado como prerogativas da alma poetica, sublime trabalho da mente dos escolhidos, essas as qualidades que estremão o genio de Bocage.

Invejava um grande rei os grandes poetas, dizendo que estes davão a corôa, emquanto elle, rei, mais não fazia que recebêl-a. E a quem póde invejar aquelle que, como Daphnis, vê a seus pés as nuvens e as estrellas?

Sub pedibusque vidit nubes et sidera Daphnis.

Exercitou-se esse homem no gymnasio interior, onde se instruem os fortes, em todas as lutas com a lingua, a prosodia, o rhythmo e a rima; lutas de que é mister sahir vencedor, para ser-se digno do nome de artista, e que dirieis serem o contraponto da poesia.

Se as origens do sublime fôrem as que Longino accusa, sentirá a critica tentações de as reconhecer frequentemente na poesia de Bocage. Ha n'ella em grande abundancia — audacia e grandeza de pensamentos, — pathetico, — applicação propria de figuras, — uso de tropos e elegantes expressões, — admiravel estructura musical e harmoniosissimo arranjo de vocabulos.

Desalmados zoilos houve, que, em suas truculentas

criticas, menos censurão o poeta do que a propria poesia. Outros lhes têm já respondido. Querer no verso a fria exactidão dos termos na prosa, — eliminar as metaphoras audaciosas, — exigir o rigor do raciocinio e o compasso da dialectica, — proscrever as imagens, o colorido, o maravilhoso, — desamparar a inspiração, reduzida aos pobres recursos da rima, do rhythmo, das inversões, ou de alguns dos mais insignificantes artificios materiaes da poesia, é desthronal-a, baixal-a do seu pedestal, converter a imaginação no positivo, transmutar a liberdade da inspiração na escravidão das mathematicas.

Vagava a mente de Bocage em esphera superior. A fronteira do seu imperio era a muralha tartara, que o sequestrava dos dominios d'essas alminhas limitadas e prosaicas. Se os houvesse escutado, tivera apagado aquelle calor d'alma, que revela a sensibilidade, que a esperta, que a refina: tivera-se tornado autor detestavel, pois

Qui dit froid écrivain, dit *détestable auteur*.

N'este poeta nunca as idéas mendigárão expressão, nunca as imagens colorido. Havia no seu harmonicon flauta, lyra, clarim, trovão.

Outros poderão, sem duvida, avantajar-se a Bocage na organisação da *cabeça*, que pensa, e medita, e sabe; nenhum na do *ouvido*, que afina, ou na do *coração*, que sente.

Quem jámais possuio, em tão eminente gráo, a arte maravilhosa de engrandecer todos os objectos? A primeira e mais inimitavel de suas bellezas é a riqueza da

palavra, a pompa da phrase, a magestade do verso! Era uma harpa de cordas novas, cordas de ouro, soltando sons té então desconhecidos. O antigo, que chamou poesia a linguagem dos deoses, e impôz aos filhos das musas o encargo de conservar constante essa linguagem ao nivel de elevação tal, houvera em portuguez escolhido Bocage para primeiro e mais digno interprete do homem, sacerdote e pontifice do bello.

Uma circumstancia notavel deslustra... ou adorna (não sabemos) este poeta singular. Não sendo a *invenção* o caracteristico da sua lyra, pois applicada razão fria e cruel ao estudo de taes versos, raro se encontrará n'elles idéa nova ou pensamento não vulgar, consistia o real segredo dos seus effeitos em apoderar-se d'essas idéas, suas ou alheias, encarnal-as em si mesmo, fecundal-as, revestil-as da sua individualidade, coloril-as, engrandecêl-as, e despedil-as assim da sua intelligencia, outras de donaire e graças, outras de magestade e vigor. Não era em Bocage a essencia que creava a fórma, porém a fórma que dava novo brilho e valor a sentimentos eternamente juvenis, porque renascem eternamente. Que admiraveis não serião os seus ramalhetes, se a arte para entrançar as flôres fosse n'elle tamanha como o gosto para colhêl-as!

A linguagem d'este poeta é um idioma de principe, que vai arrancar geralmente á epopéa, outras vezes ao genero lyrico, traços e côres especiaes, expressões transplantadas com felicidade, ou cunhadas com um sello peculiar de elevação, de graça ou de energia: é o tropo; é a conversão; é a inversão; é a faculdade de crear termos compostos; é o emprego de vocabulos e locuções mais nobres e elevadas, mais elegantes ou graciosas; é

uma poesia pyrotechnica de mil raios; é uma pintura do sentimento, da paixão, da natureza, com as côres vivissimas da mais primorosa palheta. D'elle podemos affirmar o que os Phrygios dizião de Midas, o qual convertia em ouro tudo aquillo em que tocava; assim todo o pensamento de Bocage, quando vasado na palavra, trocava-se em diamante: o assumpto mais baixo, mais esteril, mais abstruso, ostentava-se em sua boca agradavel e brilhante. Bem lhe poderião os Bocagianos chamar idioma *endeosado*, porque este poeta era um rejuvenescido deos do Olympo: viera da Attica; atravessára o Lacio; e subíra a um 3º andar da travessa das Mercês.

Se o instinctivo gosto de Bocage não pôde abrupto quebrar com as tradições seculares que, herdeiras da epopéa grega e da fé romana, semeárão ainda em seus cantos Joves, Gorgonas, e Martes; se invocou Phebo, e as nymphas do Permesso; se não depennou as azas de Cupido, nem zombou de Iris no ar, pôde, conjunctamente ao menos, segredar áquella alma immaterial e sublime que o *paganismo*, como fonte de creação, só realçava a materia; e que as maravilhas de mais elevada ordem, os milagres do espiritualismo, os arcanos da intelligencia, do sentimento e do amor, só os revelava e fecundava o *christianismo*: adivinhou que era aquell'outro o Deos da natureza perecedoura e bruta, este o Deos da natureza etherea e immortal. Entendeu que os sentimentos e enthusiasmos devião submetter-se á razão; que as eternas personificações mythologicas devião ceder lugar ás idéas abstractas, de que ellas apenas erão falsa representação; que o poeta devia libertar-se de preceitos inuteis, absurdos, nocivos, de que fôra millanariamente escravo. Ousou pois... o que em seu tempo era ousadia; e os

seus poemas á Virgem, e as suas formosissimas canções e sonetos ao Creador de todas as cousas, e as suas invocações ao christianismo, são paginas quasi sempre admiraveis.

É já poeta christão, de sentimento, moderno, actual; comprehendeu, ao fechar o passado seculo, o que depois Charles Nodier devia assim exprimir : « Todo o mundo, todos os sóes, toda a creação por um pensamento, e todos os pensamentos do homem, com tudo o mais, por um sentimento. A poesia do vulgo talvez não seja isso; mas a poesia do poeta, é-o de certo. »

N'um ponto porém se não conformou com a hodierna pragmatica; o seu amor ao bello, em todas as fórmas, o levava a repellir *les termes, tas de gueux, drôles patibulaires, habitant les patois.*

Bocage, ao montar no Pegaso, precisava esporas de ouro, e as mangas arrendadas de Buffon, ou a farda de secretario de estado d'el-rei Delio; não entendia ministros de sobrecasaca e chapéo redondo, como o marido de Mme Roland.

Desçamos porém já a especificar, mas que seja rapidamente, algumas das mais distinctas qualidades de tão primorosa penna.

Achal-o-heis por vezes brandissimo e singelo, comquanto essa não fosse a natural tempera da sua alma. São n'elle communs as descripções valentes, como n'aquelle trecho em que descreve o *Tempo:*

O velho injusto e forte,
Consumidor das cousas, encostado
No regaço da Morte,
Fouce na mão, cadaveres ao lado!

A melodia do verso bocagiano é mais que tudo incom-

paravel. A sua dicção altisona, a soberania do vocabulo, rodeião-se condignamente da mais pomposa côrte : a elegancia e o cheio do verso, — o contraste e travação das vogaes, — o magistral tecido dos sons, — a medida musical dos accentos, — produzem uma geral euphonia, que outros terão imitado : emulado ninguem.

Não neguemos porém que, visto converter-se em defeito a exageração de qualquer virtude, esta esplendida e constante harmonia, este quasi permanente pausar na sexta do decasyllabo, por exemplo, introduzem nas poesias de Bocage a monotonia da belleza, porquanto para uma composição apresentar vivacidade e força é mister attender muito a variar as pausas, a distribuição dos membros, a cadencia do periodo. Sentenças alternadas, curtas e longas, sons abruptos e discordes, desvios da cadencia regular, são conselhos artisticos que Bocage não tomava para si.

Parece que elle attendia geralmente a um elemento de perfeição metrica frequentemente descurado. A pausa do meio verso, no heroico, quando não coincidia, mais ou menos, com a do sentido, ao menos não o interrompia ou scindia, de modo que o sentido raro em Bocage luta com a harmonia. Quem lê correctamente, guia-se, para as pausas, mais pelo córte natural do sentido, que pela cesura musical do verso, pois mais val tornal-o menos gracioso, que menos intelligivel. Portanto a perfeição consiste em não estabelecer, na construcção do verso, uma contradicção entre o espirito e a harmonia, salvo quando um córte diverso traz comsigo peculiar intenção.

São Virgilio e Metastasio os que, em diversas éras, levárão á perfeição uma arte que tambem Bocage professou. Já se notou como aquelles dous mestres da poesia

souberão dar mais relevo ao seu pensamento, pelas palavras auxiliares em que o vasavão; como elles forão os que mais enriquecêrão e aformoseárão seus versos com esses epithetos creados, e quasi sempre metaphoricos, que, transportando animosamente as vozes do moral para o physico e vice-versa, estendem o dominio da imaginação.

A metaphora, a hyperbole, em Bocage, vem sempre de tal modo humanisada e possivel, que o pensamento absorto, e incapaz de nivelar a expressão baixando-a á realidade, prefere insensivelmente elevar a realidade ás regiões da expressão: o poeta que assim compõe goza do glorioso segredo de tornar poeta, com elle e como elle, o ouvinte que o admira.

Como texto de imitação, devemos ponderar que (a não ser em generos falsos) nunca o *altiloquo* d'aquelle estylo resvala para o escorregadio terreno do *empolado:* é grandeza sem affectação; não achareis locução hydropica, nem ainda na hyperbole. Distinctivo é este do verdadeiro genio, cuja sagacidade divisa constante, como pharol de escolhos, as columnas de Hercules que do ridiculo separão o sublime.

A' mesma causa é por certo devida uma das peculiaridades d'aquelle autor, a saber, que se nos afigura impraticavel traduzir-se-lhe obra alguma em outro idioma. Se Camões, incontestavelmente intraductivel (porque a escolha do vocabulo e a contextura metrica são o complemento da sua idéa) se acha, não obstante, vertido em todas as linguas; Bocage, por semelhante, mas requintado motivo, não achará estrangeiro que se abalance, Icaro conscio de quéda, a tental-o sequer.

Particularidade, tambem digna de imitação, é a de que

rarissimas vezes seja obscuro, e nunca inintelligivel (a não ser em trechos de circumstancia, carecendo do indispensavel commentario).

Não era a linguagem para Bocage, como para tantos outros, uma traidora impotente para pintar-lhe as idéas:

Quod latet arcana non enarrabile fibra.

Ha n'este dote, em relação a tal espirito, duplicado merito. A mente onde as idéas redemoinhavão, a imaginação inquieta e insoffrida, devião naturalmente insurgir-se contra a expressão tardia e lenta; as palavras, estafadas de lhe galopear após as idéas, podião succumbir em caminho; e assim um estylo elliptico facilmente se explicaria por superabundancia, por plethora de idéas. Todavia o laconismo e concisão da phrase nunca em Bocage exigio o sacrificio da clareza: provém essa clareza concisa, da propriedade admiravel da expressão, e raro de fastidiosa repetição de epithetos, pois desprezava a desairosa faculdade concedida por Quintiliano (VIII, 6): « *Poetis satis est convenire verbo cui apponitur: et ita dentes albi et humida vina in his non reprehenduntur.* »

Esta regra era do tempo dos passa-culpas, e ainda aproveitada pelos frequentadores do *salso argento*, do *bellicoso Marte* e quejandos pleonasnos; mas hoje Quintiliano supprimiria o seu *non* antes do *reprehenduntur*.

Poucos *humida vina* se encontrão nos versos de Bocage.

Dá-se n'elles, a cada passo, com modelos de imitação dos effeitos naturaes; por exemplo:

— Nos tectos, saltitando, a pedra sôa!

— Rue a raivosa rustica torrente!

— Retumba em valle e valle a grita horrenda!

brilhantes onomatopaicos versos, que, pela cadencia e som, ainda sem as palavras, indicarião a imagem que pretendem pintar, pelo menos em gráo igual aos commummente citados versos dos *Lusiadas :*

A plumbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o mar retumba e assovia ;

ou áquelles do *Affonso Africano :*

Arma! arma! tudo sôa! tudo guerra!
Sôa o mar guerra! guerra a terra sôa!
Dos valles repulsando nos outeiros,
Respondem guerra os échos derradeiros!

Nota-se haver levado a tal extremo esse culto da harmonia, que apenas se lhe descobrem rarissimos exemplos de *verdadeiros hiatos*, assim como, pela exageração d'esse cuidado, nunca fez verso esdruxulo ou agudo, a não ser por intencional symetria de terminação.

Eis-ahi altissimas qualidades de versificador, capazes de o collocar em altura inaccessivel a todos no complexo dos dotes, accessivel a raros em alguns d'elles.

CAPITULO XXVII

Generos poeticos em que Bocage se exercitou. — Satyra. — Epigramma. — Apologo e fabula.— Cantatas. — Bucolicas e idyllios.

Muito variados são os marmores litterarios com que a Bocage se póde erigir imperecedoura estatua, pois ten-

tou quasi todos os generos poeticos, embora com diversa insistencia, e desigual fortuna. Sigamol-o.

SATYRA.

Ha-a de duas especies : — uma, violenta, ou ironica, ou indignada, ou maledica ; libello infamatorio, atacando sem viseira derrubada, sem disfarce, e de frente e aristophanicamente os individuos ; — outra mais suave, sem odios, e até com sorriso nos labios, não talhando carapuças pessoaes, mas só indirectamente, ou por meio de rodeios, combatendo os vicios ou iniquidades, ou antes as manhas e os ridiculos do tempo. A primeira é um obuz, a segunda um medicamento ; a primeira uma perseguição malevola, a segunda um conselho amigo ; a primeira um fasce de lictor, a segunda uma lyra ; a primeira uma garrocha de fogo, a segunda um pharol. A primeira enfurece-se e enfurece, a segunda brinca e deixa surrir ; aquella emperra, esta corrige ; aquella destróe, esta edifica.

As tendencias naturaes de Bocage leval-o-hião ás satyras no genero de Persio ; mas a guerra que lhe fazião, talvez por culpa de seu proprio orgulho tambem, muita vez lhe pôz na mão o latego de Nemesis, e a satyra desgrenhada rompeu as carnes de muito individuo assim exposto em pelourinho ao escarneo das turbas.

É no *genero satyrico e jocoso* sempre natural e engraçado. A galanteria e sal de suas facecias, desenrugando a fronte do censor (que aliás raro acharia em taes producções o *ridentem dicere verum*) fazem todavia muitas vezes perdoar-lhe o mordaz e injusto da offensa ; e muitos *Crispinos* invejarião immortalisar-se assim nos cantos d'aquelle Juvenal.

A sua satyra a José Agostinho é um modelo, e muitos de seus trechos poderião bem aproveitar-se para uma Arte Poetica. Em muitas outras curtas producções patenteou Bocage o seu estro satyrico, para o qual evidentemente a natureza o dotára com superior talento.

EPIGRAMMA.

Esta frechazinha delicada (como diz Montesquieu, nas *Cartas Persanas*), que faz uma ferida funda e inaccessivel a remedios, nem todos a manejão com igual mestria. Boileau e Voltaire erão dous genios gracejadores por excellencia, e todavia no epigramma ficárão inferiores a muitos poetas de mais baixa esphera. Propendemos para crer, a despeito de uma opinião assaz geral, que a anthologia de Bocage não é dos seus maiores titulos de gloria.

Os verdadeiros autores de grande parte dos seus epigrammas tambem *fervem nos elysios*, pois mui grande numero, ainda d'aquelles que se imprimírão como originaes, são traducções ou imitações, e nem sempre melhoradas. Vejamos exemplos :

O epigramma :

Levando um velho avarento.....

que se lê no tomo I, pag. 209, d'esta obra, traz alli um erro, e por isso aqui o reproduzimos :

Levando um velho avarento
Uma pedrada n'um olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das duzias,
Mas sim medico perfeito,

Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

— Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço.
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.

Parece-nos ser indubitavelmente o seguinte de Beaugeard :

Un harpagon, en courant par la ville,
Par le sercin eut un œil de perclus.
Un médecin, docteur vraiment habile,
Pour le guérir demanda cent écus.
« L'ami (dit le richard) quelle erreur est la vôtre!
« Il ne faut pas deux yeux pour gagner son cercueil.
« Moi! vous compter cent écus pour un œil!
« A ce prix, je donnerais l'autre. »

O outro, que se lê no mesmo volume, pag. 211 :

Elmano, lê-me os teus versos.....

parece não ir longe d'est'outro, de Clément Marot :

Veux-tu savoir à quelle fin
Je t'ai mis hors des œuvres miennes?
Je l'ai fait tout exprès, afin
Que tu me mettes hors des tiennes.

Outro epigramma, que principia :

Disse um dia o Fado á Morte.....

parece ter-se inspirado com este, de Voltaire :

Il a rendu son âme à Dieu,
Le médecin monsieur Mathieu,
Qui rendait la ville déserte :
La mort fait une grande perte.

O epigramma :

Podre victima de Venus,
Metaphora da existencia,
Fiou-se de um boticario,
Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo
Uma gambia retorcida,
Que para a parte de fóra
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplastro lhe estende
A pharmacopolia mão,
Com que dê nome á botica,
Dando cabo do aleijão.

« Deixe estar (diz o mestraço)
« Que isto logo logo abranda. »
Que succedeu? Pôr-lhe a perna
Torta para a outra banda.

foi certamente inspirado por este, do mesmo Voltaire.

Un décrotteur à la royale,
Du talon gauche estropié,
Obtint, pour grâce spéciale,
D'être boiteux de l'autre pied.

O seguinte:

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez!
Mal haja o pai que te fez;
Devèra ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado?
Mal que a rapas, cresce logo.

é uma imitação assaz diluida de Marcial, da qual existe est'outra:

Leve-te a breca, barbeiro,
E mais a teus pais, e mãis;
Que eu cá nunca fui cachorro,
Se tu és esfola-cães!

e bem assim esta, de Lebrun:

Lambin, mon barbier et le vôtre,
Rase avec tant de gravité,
Que, tandis qu'il rase un côté,
La barbe repousse de l'autre.

Ha um disticho de Ausonio, que deu no gôto a dezenas de poetas:

Infelix Dido, nulli bene nupta marito!
Hoc, pereunte, fugis; hoc, fugiente, peris.

Eis a má traducção de Bocage:

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dous maridos no mundo.
Foges, morrendo o primeiro;
Morres, fugindo o segundo [1].

[1] Por curiosidade, vejamos diversas outras tentativas.
A seguinte é de P. Corneille:

Misérable Didon, pauvre amante séduite,
Dedans tes deux maris je plains ton mauvais sort;
Puisque la mort de l'un est cause de ta fuite,
Et la fuite de l'autre est cause de ta mort.

Eis outra variante, do mesmo:

Quel malheur en maris, pauvre Didon, te suit.
Tu t'enfuis quand l'un meurt; tu meurs quand l'autre fuit.

Outra, de Leibnitz:

Quel mari qu'ait Didon, son malheur la poursuit:
Elle fuit quand l'un meurt, et meurt quand l'autre fuit.

Outra, elogiada pelo padre Bouhours:

Pauvre Didon, où t'a réduite
De tes maris le triste sort!

O epigramma :

Se me lembró, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse.
N'uma tosse, dous se forão;
Forão-se dous n'outra tosse.

L'un, en mourant, cause ta fuite,
L'autre, en fuyant, cause ta mort.

Traducção esta censurada por Desfontaines, e substituida assim :

Hélas! que tes époux te causent de malheurs,
Didon! L'un meurt, tu fuis; l'autre fuit, et tu meurs.

A qual pouco differe da citada por Souchay :

Didon! tes deux maris te comblent de douleurs.
Le premier meurt, tu fuis; le second fuit, tu meurs.

Ouçamos Antonio Ribeiro dos Santos :

Infeliz Dido,
Tão mal casada (!),
Com dous maridos (!)
És desgraçada (!).

Com ambos elles (!)
Máo fado corres (!).
Morre um e foges (!),
Foge outro e morres!

Leamos igualmente Filinto :

Dido infeliz, a um e outro mal unida;
Morre-te um, foges; foge-te outro, morres.

Concluamos com outros, do Sr. Bruno Seabra :

Máo fado o da pobre Dido
Nas cadêas de hymenêo!
Foge, ao morrer-lhe um marido;
Foge-lhe o outro... morreu!

Que máo fado, infeliz Dido,
Co'os maridos padeceste!
Foges? — Morreu-te um marido!
Foge-te o outro? — Morreste!

Dous maridos tinha a Dido,
(Que marital fartadela!)
Mas... ó Fados! quem diria!
Foge? Morre-lhe um marido...
Vai... quando o outro fugia,
A triste... espicha a canella!

Segura noites e dias
Pódes tossir a fartar;
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar,

é tambem de Marcial; transcrevamol-o, para reconhe mos que nem o nome da desdentada se mudou (I, 2

Si memini, fuerant tibi quatuor, Ælia, dentes.
Exspuit una duos tussis, et una duos.
Jam secura potes totis tussire diebus;
Nil istic, quod agat, tertia tussis habet.

É portanto traducção, e pallida: no latim está m mais elegante. Onde o *exspuit?* aquella galante repet do curto *una duos?* o *jam?* E depois aquella *posse dentes!* E a pobreza franciscana das rimas!

O epigramma:

Mordeu uma serpe Aurelia.
Que pensais que resultou?
Que Aurelia morreu? Historia!
A serpente é que estourou,

traduzido do latim, que o tomára á *Anthologia*, já los Francezes tinha sido apropriado, como terreno d luto. Por exemplo de Fréron disse Voltaire:

Un jour, loin du sacré vallon,
Un serpent mordit Jean Fréron.
Savez-vous ce qu'il arriva?
Ce fut le serpent qui creva.

Tambem disse B. La Martinière:

Un gros serpent mordit Aurèle;
Que croyez-vous qu'il arriva?

Qu'Aurèle en mourut? bagatelle!
Ce fut le serpent qui creva.

Facil seria continuar estas confrontações.

Cumpre todavia declarar que, se parte d'estes epigrammas imitados não apontão a origem, a culpa não é de Bocage, que não presidio á publicação d'elles, sendo que a maioria dos que imprimio nos tres tomos primitivos trazia quasi sempre a indicação das origens a que recorrêra quem era incapaz de proceder como plagiario, defeito que Bocage com indignação imputa a outros.

Entre os epigrammas originaes de Bocage, avulta numero grande contra a medicina, sendo o autor um dos seus crentes, que se apressava, nas molestias, a invocar o auxilio da faculdade : não teve entretanto remedio senão sacrificar ao máo gosto do tempo, que ainda n'essa occasião não tinha para nós passado aquem da época de Molière, e mesmo de Boileau.

APOLOGO E FABULA.

Muitos dos seus apologos e fabulas moraes são traducções, como de Lafontaine o *Leão vencido*, *Raposa e uvas*, *Corvo e raposa*, *Cigarra e formiga*, *Montanha que pare*, *Leão velho*, *Leão caçando com o burro*, etc.

Todavia, ou o consideremos em relação á versificação d'esses, ou á dos originaes, reconhecemos ser elle frequentemente igual, raro superior a Belmiro Transtagano; já se vê que o collocamos em elevada altura.

CANTATAS.

Comquanto vasadas em antigas e boas fôrmas, encontra-se talvez mais originalidade n'estas que na maioria das outras producções. Ha profundo sentimento na que elevou á gloria da Virgem da Conceição. Ouçamos o que o poeta reflecte ácerca de outras : « Póde ser que se taxem de extensas as cantatas de Hero, Ignez e Medéa. Eis a minha justificação ácerca da primeira (que é a mais longa) : Julguei interessantes todas as circumstancias d'aquella desgraça, e sem colher um só passo do poema de Musêo (a cujo exame remetto o leitor), deixei correr a fantasia pelo assumpto pathetico, e nada lhe omitti que pudesse commover, inserindo-lhe o mais que devi ao meu coração, porque o coração é que produz os versos que lhe dizem respeito. A prolixidade está no enjôo : tres versos máos cansão mais depressa que uma obra abundante de imagens e pensamentos sublimes, por comprida que seja. » Recommendamos mais particularmente a cantata de Leandro e Hero.

BUCOLICAS E IDYLLIOS.

Esta fórma de poesia, uma das mais antigas, das mais delicadas, das apparentemente mais faceis, e talvez das mais inaccessiveis a quem não tiver nascido com o raro condão do genero, tem sido Capitolio para alguns, e Tarpeia para o maior numero. Os Bions, Moschos, Theocritos, Virgilios, Goldsmiths, Léonards, e Brizeux, e sobretudo os Gessners, são cometas, de orbita longa e rapida, mas de apparição secular.

Fallando agora mais particularmente da poesia campestre, notaremos quanto esses versos calão na alma, quando á imaginação recordão as scenas alegres, e os risonhos prospectos da natureza, commummente delicias da nossa infancia e mocidade, e ás quaes, nas ulteriores quadras da vida, a mór parte dos homens almeja por soccorrer-se para refocilar o espirito em regiões sempre amigas. Exhibe-nos a egloga um viver com o qual estamos costumados a associar idéas de paz, descanso, innocencia, e por isso franqueamos o coração a essas representações, que de nossos pensamentos banem os cuidados do mundo, transportando-nos a jardins alastrados de flôres, que brincão, cantão e riem, a placidas regiões elysias.

O principal encanto da poesia bucolica está pois no aspecto de tranquillidade e ventura da vida rural; illusão que o poeta com toda a cautela deve manter.

Não sabemos se é paradoxal um pensamento que ás vezes nos occorre; cuidamos que não. Este crescimento, este desenvolvimento quasi frenetico da civilização material dos nossos dias, esta tendencia geral para os prazeres da sociabilidade tumultuosa, para o luxo, para a locomoção instantanea, para o cosmopolitismo que enfraquece a idéa de patria, e não permitte olhar para os campos senão com desdem, parece dever a final destruir de todo o idyllio, matando os sentimentos singelos que o alimentavão.

Mas por outra parte; quanto mais raro se tornar o remanso, que as Naiades e as Dryades offerecem aos cançados do tumulto urbano; quanto mais longinquos se depararem os óasis no tormentoso areal da vida contemporanea, tanto mais encanto ha de sentir no murmurio

da fontainha emboscada ao pé da arvore secular onde o rouxinol canta o echo pela noite, e o pintasilgo namora a madrugada, o infastiado da locomotiva, que o transporta, recheado de negocios e penas, de uma capital a outra, de um mundo a outro mundo, estranho a ambos e a todos. A alma do homem não contrahe consorcio de inclinação com objectos apenas conhecidos; a esses ligar-se-ha, quando muito, por casamento de interesse, a que para logo se segue o divorcio e o esquecimento; mas a verdura, as aguas, o rebanho, a choça coberta de colmo, o serão das fiandeiras, os passaros, as cantigas do pastor, e o echo amante que lh'as repete, tudo isso é natureza, tudo isso nos preexistiu e nos ha de sobreviver, tudo isso é uma como parte de nós mesmos, e quanto mais raro e difficil se nos houver tornado, mais e muito mais nos deve interessar; e o idyllio então assumirá o fôro poetico de idade de oiro, a quasi religiosidade de paraizo perdido.

Tempo virá, e talvez não tarda, em que as *Georgicas*, de Virgilio, desthronizadas pelas conquistas da sciencia, e pelos milagres das artes, sem desmerecerem do seu titulo tradicional de poema perfeitissimo, hão de todavia acabar de perder a já hoje muito enfraquecida importancia que tiverão no seculo de Augusto, e ainda nos seguintes.

Quando o vapor se tiver feito agrícola, como se fez marinheiro e cavallo; quando os processos e os instrumentos antigos que primeiros domárão a terra, forem objectos de museo e do estudo dos antiquarios, ainda então, e então por ventura mais do que hoje, as deliciosas pinturas, que o poeta semeou na sua obra, como a natureza palha papoilas nas searas, hão de ser o enlevo de todos

os espiritos delicados. Ha de se exclamar com saudades, e com as proprias palavras d'elle :

Oh ! ubi campi,
Sperchyosque et virginibus bacchata Lacnis,
Taygeta! oh qui me gelidis in vallibus Hemi
Sistat, et ingenti ramorum protegat umbra !

E pois que fallamos de poesia campezina do Mantuano, diremos que Virgilio, que, comparado com Theocrito, peccou por falta de simplicidade, offerece todavia frequentemente delicadissimos trechos, que são modelos ; por exemplo, na primeira egloga achareis o verdadeiro espirito da poesia pastoril, na indicação de imagens dos prazeres campestres :

Fortunate senex, hic inter flumina nota
Et fontis sacros frigus captabis opacum.
Hinc, tibi quæ semper vicino ab limite sæpes
Hyblæis apibus florem depasta salicti,
Sæpe levi somnum suadebit inire susurro.
Hinc alta sub rupe canet frondator ad auras.
Nec tamen interea raucæ, tua cura, palumbes,
Nec gemere aeria cessabit turtur ab ulmo.

Onde se vio um quadro mais mimoso e rapido dos singelos prazeres do campo ?

Confessemos todavia que o quadro, tal como o limitárão os fundadores do genero, é restricto, e, após certo numero de combinações e descripções, a materia fica exhausta, e a poesia ulterior tem necessariamente de copiar, ou contentar-se com variantes de fórma, e reproducções de essencia.

Certo é que alguns espiritos superiores têm procurado alargar o dominio da poesia pastoril ; e em tempos

porcionalmente modernos, Guarini no *Pastor Fido*, Tasso na *Aminta*, Quita na *Lycoris*, e outros, dando mais largas dimensões a estes poemas, conservando-lhes as qualidades pastoris, a amenidade da scena, a viveza das côres locaes, a propriedade do caracter dos interlocutores, augmentárão-lhes o interesse, dramatisando-os.

Gessner foi não menos um adoravel revolucionario do genero, que soube esplendidamente remoçar. Unindo em suave amplexo as musas antiga e moderna, fez de ambas uma só musa inspiradora. Eis-ahi o mais formoso typo da bucolica.

Gessner falla ao coração; enriquece os seus idyllios com sentimentaes incidentes, scenas de ventura domestica, affeição mutua de conjuges, de irmãos e irmãs, de amantes, vida patriarchal e sympathica, desenhada com as mais vivas côres. É um Allemão dos bons tempos, sincero, amante, grave e honrado, que ainda não adivinhava os nevoeiros metaphysicos, os temporaes philosophicos, as assolações sem edificação, que poucos annos depois havião de tornar tristemente celebre a sua patria.

Joaquim de Foyos, na sua *Memoria sobre a poesia bucolica dos Portuguezes*, nota que muitos dos nossos poetas se applicárão a esta especialidade, e que, exceptuando a Italia, nenhuma nação podia exceder-nos, nem mesmo igualar-nos, pois contamos sete poetas classicos em tempo em que França, Inglaterra, e outros povos onde agora florecem todas as artes de gosto, não produzião cousa perfeita n'este genero : Sá de Miranda, Ferreira, Camões, Bernardes, Fernão Alvares, Lobo e Manoel da Veiga, poetas bucolicos em quem lemos não só partes

admiraveis, mas eglogas inteiras escriptas com grande perfeição, e competindo com o melhor da antiguidade.

Confessemos que as eglogas de Bocage são do genero velho e cansado. N'ellas introduz todas as tradições Virgilianas.

A si mesmo se apresenta em scena, sob pseudonymos, como talvez Tritão, Melibêo; e até nos idyllios de *Arselina*, e de *Crinaura ou o amor magico*, usa o seu proprio nome arcadico, *Elmano*.

Não ha negar quanto procurou impregnar-se no caracter do genero. Ahi substitue elle a sua natural altiloquia por uma singeleza amavel, a ponto que talvez seja d'essas poesias que se possa extrahir o maior numero dos seus versos, apparentemente desleixados, e que, se considerarmos a fidalguia d'aquelle estro, e a facilidade com que manavão de tal boca primorosos versos, talvez denunciem antes uma violencia feita á penna, com o intuito de tornar essa metrificação, até pelo incorrecto, mais propria de pastores, pescadores, ou analphabetos.

Quereis porém observar até onde o levou o sestro imitatorio? Encantára-o, como a todos os homens de gosto, a egloga VIII de Virgilio, Pharmaceutria, e nominalmente aquelle estribilho, repetido por Alphesibêo, de instante a instante:

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim,

acabando a egloga:

Parcite, ab urbe venit, jam parcite, carmina, Daphnis.

Para um tal adorador de repetições, este autorisado exemplo não podia deixar de ser abraçado com enthusiasmo; e no idyllio de *Crinaura*, clara imitação, tanto da mesma egloga de Virgilio, como de muitos versos de Horacio ácerca de Canidia, havendo até puras traducções no tocante a feitiçarias, o estribilho das oitavas é quasi sempre :

Trazei-me, versos meus, a minha amada ;

e o ultimo verso :

Basta, meus versos ! Alli vem Crinaura.

E, desde que estava em tão bom caminho, não devia parar.

O idyllio pastoril *Filema ou a Saudade*, em oitavas, apresenta sempre no fim de cada uma o estribilho :

Ajuda, triste lyra, os versos tristes;

acabando o idyllio pelo verso :

Não mais, ó triste lyra, ó versos tristes.

Esta repetição porém, belleza quando parca, torna-se monotona quando leva á saciedade, e faz lembrar o francez :

Je t'en avais comblé, je veux t'en accabler.

O idyllio de *Arselina* tem por estribilho :

Instrumento fiel, geme comigo,

e termina :

Instrumento fiel, põe fim ao pranto.

Ha n'esta igualmente pensamentos que são versões de Virgilio, como n'este já o crão do Syracusano.

Outro tanto póde notar-se no idyllio *Feliza;* estribilho :

Une teus sons, ó lyra, ao meu lamento ;

fecho :

Cessem, lyra, os teus sons e o meu lamento.

N'esse idyllio, cá vem o verso :

Musas, fallai ! nem todos podem tudo,

traducção litteral do :

Dicite, Pierides, non omnia possumus omnes.

Na *Elfira*, idyllio pharmaceutrio ou magico, é o estribilho :

Cede a meus versos, desdenhosa Elfira !

e o final :

Não mais, encantos meus. Cedeu-me Elfira.

No outro pharmaceutrio *Ulania ou o amor vencido*, já temos échos em duplicata ! N'uma parte do idyllio vemos :

Hecate, sê propicia a meu conjuro,

até acabar uma oitava :

Hecate está propicia a meu conjuro.

Depois, a repetição é

Sahe, venenoso amor, sahe de meu peito!

até findar o idyllio :

Amor cedeu, fugio, deixou meu peito!

Se não fosse já longa a digressão sobre este assumpto, confrontariamos muitas dezenas de versos das bucolicas de Elmano com os de Theocrito, Virgilio, Horacio (e talvez Calpurnio), d'onde são traduzidos. Virgilio era porém, sem duvida, o seu principal modelo, d'onde resultou cahir Bocage no mesmo defeito de tornar os seus pastores muito bachareis; e se no idyllio deve admirar-se a natureza nua, o de Bocage exhibe geralmente a natureza de camisa.

Concluiremos com duas palavras ácerca das *eglogas piscatorias*, atrevida innovação de Sannazaro, em tempo de Leão X. Embora possamos traduzir o verso de Lemierre :

De Neptuno o tridente, eis o sceptro do mundo.....

não ha duvidar de que para a poesia branda, singela, feliz, é improprio o theatro do oceano. Se este alguma hora se amostra placido, a sua natureza é indomita; o espirito não abraça n'elle facilmente as imagens que seduzem; a não se ser cidadão britannico, *rule the waves*, a região das aguas, com seus encantos, é desconhecida

aos leitores; e finalmente, longe de uma existencia suave, não a ha mais aventurosa e trabalhada que a do infeliz pescador, que vai buscar sua subsistencia a um elemento que não é o seu.

Esse genero não podia dar a Bocage aquillo que elle em si não continha.

Não abusemos, e para fallar de outras fórmas poeticas, fixemos aqui novo marco milliario.

CAPITULO XXVIII

Generos de poesia. — Dithyrambo. — Ode. — Poesia didactica. — Theatro. — Tragedia. — Traducções de dramas. — Elogios dramaticos. — Ambição de compôr peças originaes. — Vasco da Gama. — Eulalia. — Affonso Henriques. — Viriato. — Epopéa. — Soneto. — Suas difficuldades. — É genero em que Bocage primou. — A accusação das *poesias fugitivas*. — Perfeição não é attributo humano.

DITHYRAMBO.

Pelo seculo de Bocage andou muito em voga esse extravagante genero, em que primárão Garção, Diniz, Torres, Semmedo e outros. Não permittio o bom gosto do nosso poeta que sacrificasse n'essas falsas aras; sendo curioso que o homem a quem attribuem intemperança no beber, seja aquelle que nunca se applicou á poesia bacchica. Apenas compôz uma curiosa producção, em verso solto, que apparece no tomo IV das *Verdadeiras ineditas*, e começa assim:

> De já cansado estomago a tibieza
> Nos campos que de Tubal honra o nome,
> Nectareo moscatel, assim prosperas.

Reconheço os teus dons e os teus perfumes.
Amo o suave humor que a custo entornão
Bagos de Frontignan. O precioso
Tokai, teu digno contendor, te iguala,
Se acaso não te excede, etc.

Tambem improvisou, para a mesa, uma cançoneta bacchica, principiando :

Amor é fonte
De riso e graça, etc.

mas tudo isso vale pouco.

N'estas poesias, denunciando verdadeira ou ficticia exaltação de embriaguez (comquanto, por si só, não provem habito de ebriedade no autor), Bocage não procurou distinguir-se, talvez até por um certo pudor.

Com effeito, a musa dithyrambica não se apodera mais que do corpo de homem são, embora desde então o acompanhe a *mens non sana*. Demanda o dithyrambo verso cheio, robusto, sonoro, avinhado, rubicundo como a face do beberrão; transparente sim, mas de uma transparencia de rubim, e não de agua chilra. Aos olhos devem scintillar mil côres alegres; as rimas devem resoar como calices que se chocão, e parecem entoar saudes.

Poderia Bocage, se o quizesse, primar n'um genero para elle facil; mas desprezou-o, considerando-o inferior a si.

ODE.

Esta palavra envolve os mais diversos e contrarios generos; e todavia, se é dado congregar sob um titulo

commum essas variedades, em todas Bocage se ensaiou, com distincção.

As denominadas *sublimes*, na especie de que Pindaro é chefe, e que os imitadores quasi todos reduzírão a uma delirante desordem e grandiloqua obscuridade, forão por Bocage, em quem havia mais petrarquismo que pindarismo, cultivadas com parcimonia, como o seu bom gosto lh'o aconselhava.

As *heroicas*, consagradas á exaltação dos homens grandes, e á celebração de façanhas marciaes e preclaros feitos, ou ainda a lisonjas a vultos inferiores ao canto, são em Bocage, por via de regra, fracas; pouco póde valer aquillo para que não baixava sincera inspiração.

As odes *moraes e philosophicas*, dictadas por virtude, amizade e philanthropia, especialidade que Horacio reservára para seu eterno triumpho, odes que, dispensando exaltações de sublimidades, se contentão com medianias de estylo, descendo das nuvens á terra, costumão n'este poeta revestir de dignidade a idéa e o sentimento.

Finalmente as *anacreonticas* (que mal póde comprehender-se como sejão classificadas sob a designação dada por exemplo ás pindaricas) são no nosso autor producções delicadas e mimosas, porque ahi, mais que em outra qualquer d'aquellas variantes, o genio da poesia se afinava naturalmente pelo genero do poeta. Se ha nas suas poesias sobre o ciume uma severidade de Rembrandt, ha nas suas anacreonticas uma suavidade de Correggio.

POESIA DIDACTICA.

Do genero *descriptivo* ou *didactico* só em traducções se occupou. Devia de tal *poesia* ser adversario quem se

desgostava da simples enumeração de objectos, de um processo quasi mecanico, da collecção de pedagogicas ou prosaicas sentenças, ou de accessorios... esquecidos de que deixão por lacuna o principal. Assim o confessa Bocage, no prologo dos *Jardins*, cuja versão a medo enviou ao prelo, precedida da declaração do autor, de que « o genero didactico é necessariamente um pouco frio, e mais o deve parecer a uma nação que lhe custa muito a tolerar taes versos. »

E com effeito, que significa *poesia didactica?* Não serão antipodas estas duas palavras? Se é poesia não é didactico; se é didactico não é poesia. A unidade philosophica, a verdade fria, tem linguagem propria. Albinovano interpretando a astronomia, Manilio catalogando os resultados da astrologia, são falsa sciencia e poesia falsa. A poesia é o bello; a sciencia é o util; digamos com Goethe : « Cuidemos do bello; o util lá cuidará em si. »

Narrar em verso as leis conhecidas, segundo as quaes se move um mundo, moral ou sideral, é descrever o que está descoberto, e o que todo se apresenta ao telescopio, ou ao compasso; é intrometter-se nos deveres da sciencia, usurpar-lhe as funcções, e embaraçar a sua linguagem tradicional com ornamentos superfluos e perigosos. Mas deixar-se levar após todas as meditações suggeridas pelo espectaculo infinito da vida, na terra e nos céos, é direito legitimo de qualquer, e portanto do poeta, a quem é licito então traduzir em linguagem magnifica, diversa da prosa e da musica, as conjecturas eternas da humanidade curiosa. Escrevendo o que é, degrada-se o poeta; desce á bitola do professor. Contando o possivel, fica fiel ás suas funcções; é uma alma collectiva, que interroga, que chora, que espera, que adivinha.

Bocage era poeta; não podia ser autor de grammaticas em verso, ou de poesia polytechnica.

THEATRO. TRAGEDIA.

Ensaiou Bocage as suas forças, por meio de traducções, para, imbuido no genero, se abalançar a composições originaes.

Verteu o *Ralhador*, de Brueys e Palaprat, comedia em tres actos, que existe, e foi, no seu tempo, representada e pateada no theatro da rua dos Condes.

Tambem traduzio o drama *Euphemia*, de Arnaud, uma das primeiras producções que deu ao prelo.

Não menos verteu a tragedia, que elle denominou *Ericia, ou a Vestal*, ácerca da qual ja fallámos, tomo II, pag. 275.

De Metastasio traduzio parte do *Attilio Regulo*, ácerca do qual fallámos, tomo II, pag. 275, e ainda trataremos, discorrendo sobre as versões.

Não qualificaremos como verdadeiras producções de theatro os elogios dramaticos, e as allegorias scenicas, de ridicula memoria,

> Versus inopes rerum, nugæque canoræ,

litteratura bastarda, versificação de estalo, delirios poeticos. Apezar de que, até onde possivel, a severidade da execução corrigisse a futilidade do genero, releva confessar que, salvo uma ou outra sentença elevada, quando não turgida, pouco se perderia desapparecendo da face da terra as proprias peças d'estas, que sobrevivêrão a outras muitas compostas por Bocage, d'esta fórma facticia,

ephemera, só toleravel emquanto subsiste a impressão das circumstancias-mãis do elogio, que a arte desapprova e repelle. A essa é que deveria dar-se o nome de poesia fugitiva.

Injustos detractores de Bocage censurão as suas producções d'esta ordem, como se os defeitos proviessem do autor! Tanto é menos merecida a censura, quanto Bocage era o proprio que reconhecia o falso e ridiculo de semelhantes peças, como frequentemente dizia; e n'uma advertencia á sua *Virtude Laureada*, exprime-se do seguinte modo:

« *Injustiça seria exigir o desempenho* de todos os preceitos dramaticaes em uma *composição d'este genero*, cujo merito essencial é *aprazer aos olhos, por meio do espectaculo e variedade das scenas.* »

Fez um pobre libretto para musica: *A Concordia entre Amor e a Fortuna*, e outro chamado drama *A virtude laureada.*

Ardia Bocage por apresentar-se, com obras originaes, ao monstro das cem cabeças denominado publico; comquanto a desconfiança de suas proprias forças o fizesse lutar com os desejos [1].

Aquelle espirito agil, e penetrante olhar, aquella phrase limpida e intelligencia rapida, aquelle vibrar de olhos do improvisador que instantaneamente lhe revelava o ponto particular por onde a idéa se ostentava incisiva e brilhante, isso tudo bastaria para denunciar um cerebro apto para a tragedia ou epopéa? Seria este porém capaz

[1] Disse-nos D. Gastão que Bocage tinha grande terror do theatro, e que, incitado a escrever dramas, respondia sempre: « Nada; isso demanda mais assento e experiencia; tenho medo de *fazer batatas* » (sua formal expressão).

fixar-se longamente n'um pensamento, abraçal-o no todo, medir-lhe o alcance ou as consequencias, analysar, profundar, crear novas relações, sobredourar tudo com o raro dote da invenção possante? Quem tão bem conhecia o cinto de Venus, conheceria acaso igualmente o escudo de Achilles?

Talvez não. E talvez por sentil-o é que Bocage hesitasse em se despenhar no inflammado sulco dos Phaetontes.

Escalar os céos é sem duvida gloriosa empreza; a ousadia é propria de poetas; mas não seria para elles que se inventou a fabula dos Titães fulminados?

O pendulo da vontade de Bocage oscillava pois entre ambição e medo. Das muitas tentativas dramaticas e tragicas, em que a morte o atalhou, alguns vestigios ficárão; bem póde dizer-se que elle, como André Chénier, podia, na sua ultima hora, batendo na testa, exclamar:

Il y avait quelque chose là.

A Pato Moniz devemos os poucos fragmentos que hoje possuimos de Bocage, avido de enriquecer a sua corôa com dramaticos laureis; sendo ainda para louvar o seu respeito ao horaciano exemplo do *celebrare domestica fata*, escolhendo sempre, para o seu theatro, argumento portuguez, com aquelle tacto fino que faltou a Sá de Miranda e a Ferreira (excepto na *Castro*).

A tragedia *Vasco da Gama ou o Descobrimento da India pelos Portuguezes* parece que nunca chegou senão ao fim do 1º acto, segundo o testemunho de Pato Moniz, que inteiro a ouvio ler ao poeta. Moniz conservou a 1ª scena, e os primeiros versos da 2ª, que não inspirão grandes

saudades do que falte, nem mesmo permittem entrever qual o enredo da tragedia, que se passava em Calecut, no palacio do Çamorim.

Narra Pato Moniz : « Pouco antes de Bocage cahir no leito da morte, haviamos ajustado que elle viria passar em minha casa um par de dias, occasionando principalmente esta convenção a idéa de pôrmos em limpo, e completar, corrigindo, uma das suas tragedias originaes, que intitulava *Eulalia*, cujo assumpto era imaginario, e ao acabamento da qual só faltava uma scena no 4° acto, porque o mesmo Bocage, assaltado de um dos phrenesis do seu genio, a rasgou, depois de muitas emendas que não lhe aprouverão; e a penultima scena do 5° acto, que deixára incompleta pela ancia de escrever a catastrophe, e que sempre assim ficou. »

Diz o mesmo que Bocage tinha mais tres tragedias originaes : *Vasco da Gama*, *Viriato*, e *Affonso Henriques*, bem que todas incompletas, e accrescenta :

« Quem lidou com Bocage não se admirará d'esta extravagancia : a sua fantasia era como as borboletas ; e ainda para este deleixo talvez concorreria a má escolha dos assumptos, que de si são mais epicos que tragicos. »

Esta tragedia, *Eulalia ou a Vingança de Amor*, que Moniz elogia muito, e de que poucos fragmentos nos deixou, só permitte que lhe adivinhemos este enredo :

No solar do rico homem Ramiro, n'uma das provincias do norte de Portugal, se passa o principio da tragedia, e o final no do velho Jayme, pai de Eulalia. Ramiro, descendente de Egas Moniz, está para casar com Mathilde, joven viuva, de elevada estirpe ; mas este casamento de razão contraría o coração de Ramiro, que está apaixonado por Eulalia, a qual em segredo adora Arnaldo, filho

de Rugerio. Não podendo Ramiro resistir ao seu coração, rompe com Mathilde, e, ao saber que o obstaculo aos seus desejos é Arnaldo, provoca-o a um duello, e é vencido. Jayme não consentia na união de sua filha com Arnaldo, porque o pai d'este fôra perjuro ao rei e á patria. Ramiro, desesperado por têl-o pela vez primeira trahido o ferro, vinga-se, como vilão, do seu vencedor, assassinando-o traiçoeiramente; e explicando com mentira a morte de Arnaldo, vai pedir a mão de Eulalia, a qual, sabedora de tudo, lhe responde assim:

Oppressor da ternura e da innocencia,
Verdugo do infeliz que extincto adoro,
Torpe do sangue, da perfidia negro,
De mim queres amor! Eu só te posso
Amar como no inferno as furias amão.
Eis o amor de que és digno: um ferro; a morte.

Eulalia mata Ramiro, e depois apunhala-se, em presença do pai, que nos braços do cadaver cahe desfallecido.

Ha sem duvida ahi bastante acção, e é de crer que em muitas scenas apparecessem formosos lances, e versos como Bocage os sabia fazer, apezar de que os que se salvárão não são dos mais perfeitos.

O que sobrepuja a todas as tentativas dramaticas de Bocage, a julgar pelo que ainda conservamos, é o drama heroico intitulado *Affonso Henriques ou a Conquista de Lisboa*, do qual quasi só falta no primeiro acto o final. Diz Moniz haver o poeta concluido tres actos, dos cinco para que talhára o drama.

Se este, em todas suas partes, era tão bello como no que d'elle conhecemos, parece-nos que devia ser uma

das mais ricas producções do estro do Sadino. Elle nos revela que o maravilhoso talento de tão inspirado vate facilmente se adaptaria a todos os generos. Este 1° acto é de uma magnificencia espantosa : versos muito bem feitos ; linguagem altiloqua ; caracteres bem pintados ; variedade de dizer ; interesse sustentado, e até perigosamente sobr'excitado desde as primeiras palavras do drama ; sentenças philosophicas, maximas politicas, dictames religiosos, regras do coração no amor e na amizade, tudo isso fulgura em elegantissimas phrases. A falla de Affonso Henriques, dirigindo-se successivamente, em fórma de proclamação, aos seus companheiros d'armas, aos fidalgos inglezes e belgas, aos cruzados, a Egas Moniz, e a final aos seus soldados, é de uma grandeza epica. A descripção, feita por Arnaldo, do combate e da victoria está primorosa. O dialogo entre Guilherme e Arnaldo, em que este descreve o amor que o devora para com a moura Zaida, filha d'el-rei Osmin, e aquelle o dissuade, é todo de um calor, de uma valentia, que ao leitor não permitte cansaço pelo numero avultado de versos. De tudo isto folgariamos de dar aqui amostras, se a extensão do acto, onde quasi nada ha que refugar, nol-o não vedasse.

É este drama, aos nossos olhos, que denuncia em Bocage um talento dramatico de primeira plana, se a este nobre ramo da litteratura tivesse querido applicar-se.

Se é licito acreditar na asserção de A. M. do Couto, fôra para poema o primeiro plano d'esta obra, que só depois Elmano tentára converter em drama.

Foi este 1° acto o que lhe furtára o padre Abreu e Lima, como dissemos tomo II, pag. 229.

Poucos versos existem dos dous actos, concluidos, da

tragedia *Viriato ou o Heróe Lusitano*, que devia ter cinco, e a que Moniz faz grandes elogios.

E eis-ahi os titulos informes, por onde nos ficou possivel entrever o talento dramatico do nosso illustre poeta.

EPOPÉA.

Tambem a essas alturas se remontarião as aspirações do nosso Bocage, se mais longa vida lhe houvera o destino permittido.

São em verdade os generos epico e dramatico os pinaculos da poesia, pela grandeza da obra, pela difficuldade de execução, em relação aos tres grandes pontos : acção, caracteres e dialogo ou narração ; em relação á unidade do assumpto, á sua grandeza, ao seu interesse ; em relação á clareza, aos incidentes, á animação, ao fogo, á variedade, á força, á propriedade, ao colorido, á elevação finalmente do plano e sua execução.

Diz A. M. do Couto que Bocage se abalançára a um poema epico, cujo heróe era *Affonso de Albuquerque;* que elle mesmo lhe ouvio recitar não poucas estancias d'este poema, que Bocage conservava de memoria.

Pato Moniz, indignando-se de que não apparecessem muitos manuscriptos deixados por Bocage, affirma haver entre elles sessenta e tantas oitavas, principio de um poema que Bocage imaginára *sobre o descobrimento da America.*

Eis como de si mesmo fallava Bocage, n'uma ode :

. . . . . .
Do autor distingues o homem.
. . . . . .
E se as musas de si lhe derem tanto,

Que emboque epica tuba,
Que o som da eterna Iliada renove,
Dirás, dirás absorto :
Na voz que me ferio revive Homero.

Mas o homem que de si tanto se vangloriava quando rodeado do *claro auditorio seu*, parece que se tornava outro quando a sós com a sua consciencia, pendulo incansavel que ora magnificando-lhe as forças, ora attenuando-lhe as que em realidade tinha, oscillava de exageração em exageração. Na satyra a José Agostinho se descreve elle assim :

..... Não de inepto, de apoucado arguas
Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas ;
Quem, de ephemeros vivas não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.

E pois que nos não deixou provas d'esses atrevimentos a menos nem a mais, só poderemos aventar o que, n'este genero, seria, mas não chegou a ser.

SONETO.

Reservámos para fecho este Koh-i-noor da corôa do nosso poeta. O soneto, esse tão acclimado fructo, que para as nossas terras transplantou o sabio infante D. Pedro de Alfarroubeira, foi o genero em que incontestavelmente primou. Mais poderiamos, para honrar Petrarcha, chamal-o o Bocage italiano, do que, para honrar Bocage, designal-o pelo Petrarcha portuguez. Diremos todavia que mil *poemas longos* compôz o Petrarcha portuguez, a ser certo que

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.

E com effeito, a imperiosa necessidade de concentrar em quatorze versos uma acção, uma pintura, ou uma expressão rica de sentimento; de banir o termo improprio e o verso frouxo; de enriquecer com a rima a razão, em vez de subordinar-lh'a; de talhar em quatro periodos de dimensões prefixas a totalidade do conceito, nem sempre assim divisivel, por sua indole; de forçar a uma multidão de consonancias; de arrastar a intelligencia n'um crescendo de interesse, até no ultimo verso fechar a porta do magestoso templo com chave de ouro; complexo de tão tyrannicas exigencias dá um merito excepcional ao bom soneto, que é, na linda phrase de José Delorme, gotta de essencia, encerrada n'uma lagrima de crystal. N'essa fórma poetica é Bocage sem segundo, não diremos já em Portugal, mas no mundo. É a phenix que esperava Boileau, quando, ao fallar do soneto, exclama:

> Mais en vain mille auteurs pensent y arriver :
> Et cet heureux phénix est encore à trouver !

Diz o Sr. Fernando Diniz que Bocage, como todos os poetas de alma sensivel, precisou muitas vezes pintar os padecimentos de uma vida tumultuosa. Sente-se, ao ler-lhe as obras, que devia ser sua existencia rapida, porque não erão imaginarias suas angustias. Quem lê os sonetos da mór parte dos grandes poetas, quasi sempre n'elles descobre vestigios das impressões mais vivas que os agitarão, e estas curtas poesias parecem essencialmente proprias para reproduzir uma prompta commoção da alma, um movimento do coração, que para sempre seria perdido, se alguns versos não bastassem para lhe photographar a vivacidade ou a tristeza. É nos sonetos que muitas vezes se estudão os sentimentos do Tasso, de Camões, de Milton.

A todos os homens de gosto espanta que a utilissima collecção, impressa em Paris, sob o titulo *Parnaso Lusitano*, achando em Camões quinze sonetos proprios para ser dados como typo do genero, não encontrasse mais que onze em Bocage, cujos peiores sonetos (quasi diriamos) igualão os melhores de Camões[1]! E mais, diz o editor d'essa obra, que « no soneto é que Bocage arranca a palma aos modernos vates lusitanos; o que não deve causar admiração, se se reflectir que o curto estadio d'esta pequena peça lhe permittia desenvolver toda a ardencia momentanea do seu estro, e notorio é que *as de maior tomo quasi sempre ficavão por acabar*. Eis a causa por que grande parte de suas obras se compõe de fragmentos : a sua fantasia era como as borboletas. »

Esta desassisada censura, de não ter completado obras de maior tomo, é tão commum como a de se não haver abalançado ao genero epico ou tragico. Sem pretendermos investigar se a asserção é veridica; e, quando o fosse, quaes os motivos de uma circumstancia ou casual, ou filha de mil razões independentes de talento ou aptidão, perguntaremos a taes criticos :

Dada (mas não provada) a accusação, *quid ad rem?* Quando eu leio as fabulas de Lafontaine e as comedias de Molière, vem-me nunca ao pensamento inquirir se esses homens terião podido compôr a *Eneida*, ou a *Phedra*, ou as *Orações de Cicero*, ou a *Logica de Aristoteles*, ou o *Espirito das Leis?* Por que craveira se mede o valor po-

[1] Quanto mais propriamente se diria de Bocage o que J. M. de Souza disse de Camões!

« A imaginação de Camões foi fertilissima em sonetos. É notavel e digna de admiração a quantidade de excellentes e perfeitos, além dos muitos bons que produzio. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o caracter d'este pequeno poema. »

tico de Horacio ou de Béranger, que nunca escrevêrão [illegible]as de grandes dimensões? Que vale mais, uma enorme [illegible]ha, ou um diamante que se aperta na mão? Não é axioma do gosto o *in tenui labor?*

Essas questões ridiculas são sancadilhas de vaidade ciumenta, que, inhabilitada de acommetter o que encontra, vai atacar o que não acha.

Que attentado o do homem! ter escripto peças fugitivas!

Os que escrevêrão *pesadamente* sobre as suas poesias *ligeiras* são como os empregados das nossas alfandegas, que imprimem os seus chumbos sobre as gazas leves da Italia.

Se uns alcanção curtas famas com obras longas, outros conquistão longas famas com obras curtas.

Quereis que elle seja apenas um espirituoso rimador, um autor de versos duplamente numerosos, um poeta que apenas resvalava sobre a superficie das cousas, um espirito frivolo e gracioso, penetrado das mais fugitivas auras do viver do seu tempo? pois não quereis pouco.

Se Bocage tivesse alcançado a meta commum da vida humana, talvez que o seu genio não conhecesse fronteiras; talvez mesmo que houvesse devassado para a arte novos horizontes, sem contentar-se com o *uti possidetis;* e que aquelle que apenas foi herdeiro, se houvesse tornado conquistador.

Ao rebatermos esta estulta accusação vibrada contra Bocage, não nos podemos esquivar ao prazer de rememorar uma das mais bonitas canções posthumas de Béranger *Os grandes projectos*, prima co-irmã, no pensamento, da 1ª ode de Anacreonte:

J'ai le sujet d'un poëme héroïque;
Qu'avant dix ans le monde en soit doté!
Oui, le front ceint d'une couronne épique,
Dans l'avenir fondons ma royauté!

Mais mon sujet prête à la tragédie;
J'y pourrai prendre un plus rapide essor:
Dialoguons, et ma pièce applaudie
M'enivrera d'honneur, de gloire et d'or.

La tragédie est un bien long ouvrage;
L'ode au sujet, comme à moi, convient mieux.
Riche d'encens, elle en fait le partage
Aux rois d'abord, et, s'il en reste, aux dieux.

Mais l'ode exige un trop long flux de style;
Mieux vaut traiter mon sujet en chanson.
Dormez en paix, Pindare, Homère, Eschyle;
J'ai rêvé d'aigle, et m'éveille pinson.

Sans s'amoindrir, quel grand projet s'achève?
Plus d'un génie a dû manquer d'entrain.
Ainsi de tout. Tel qui restreint son rêve
A des chansons, laisse à peine un quatrain.

Resumindo-nos.

Todos esses milagrosos segredos que a arte ensina e a natureza revela forão apanagio do inspiradissimo poeta, para o qual toda a dôr, toda a paixão, todo o sentimento, por mais mudo, sublime ou indescriptivel que fosse, achava, em lingua de homem, palavras e côres. Não se estendião para elle as raias da faculdade de sentir além das de exprimir. Ninguem entoou mais melodiosos cantos; ninguem trajou mais sumptuosas vestes; ninguem fallou mais fidalga lingua; ninguem vibrou com mais mestria a corda da sensibilidade!

. . . Teve *senões*: quem o contesta? e o seguinte capitulo os denunciará com rigor.

[illegible]ras ha que, encerrando grandes irregularidades, [illegible]les transgressões das leis da critica, todavia conquistão geral e duradoura admiração. Assim, Shakspeare, irregularissimo em seus dramas, abunda em tamanhas bellezas, de ordem superior, que subjuga a censura e triumpha.

Mas, [illegible] de pisar com repugnancia esse terreno, fechemos co[illegible]ma citação de Longino :

« Perdôe-se aos que subirão mui alto o baquearem alguma vez; aos que possuem immensos thesouros desprezarem parte de suas riquezas. Não será criticado o que erros não commetter ; mas só o que produzir grandes bellezas conquistará admiração. Que espanta que aquelle que nunca se elevar, não tema quédas ? Só nos impelle a natureza a venerar o que é *grande;* e um unico dos formosos trechos dos nossos escriptores de prima ordem basta para eclipsar-lhe todas as imperfeições[1]. »

[1] Permitta-se-nos transcrever aqui umas notaveis palavras de Montaigne (*Essais*, liv. V, cap. XXXVII) :

« Voicy merveille! Nous avons bien plus de poëtes que de juges et interprètes de poésie; il est plus aysé de la faire que de la cognoistre. A certaine mesure basse, on la peult juger par les préceptes et par art : mais la bonne, la suprême, la divine, est au-dessus des règles et de la raison. Quiconque en discerne la beauté d'une veue ferme et rassise, il ne la veoid pas, non plus que la splendeur d'un esclair : elle ne practique point nostre jugement; elle le ravit et ravage. La fureur qui espoinçonne celuy qui la sçait pénétrer, fiert encores un tiers à la luy ouyr traicter et réciter ; comme l'aimant non seulement attire une aiguille, mais infond encores en icelle sa faculté d'en attirer d'aultres. »

CAPITULO XXIX

Manchas d'este autor. — O dever de imparcialidade. — Deficiencia de invenção. — Algumas mais ou menos raras vezes má escolha de assumpto. — E grandiloquia sobre objectos que a não comportavão. — E ponto de admiração frequente. — E de interrogação. — E palavras substituindo idéas. — E vocabulos improprios. — E locuções peregrinas. — E versificação deleixada. — E cacophonias. — E b[illegible]s. — E epithetos mal cabidos. — E toantes e consoantes em versos soltos. — E consoantes errados. — E rimas pobres. — E lhe por lhes. — E o pallido lhe. — E imagens falsas. — E metaphoras mancas. — E hyperboles hespanholadas. — E má combinação metrica das alcaicas. — E variedade do accento nas mesmas palavras. — E antitheses e geminações. — De como não procede a arguição sobre desordem de pensamento. — Analyse severa de uma poesia, como exemplo. — Conclusão.

Age! quæso;
Tu nihil in magno doctus reprendis Homero?
Hor., liv. I, sat. x.

Philoxène Boyer, n'uma das suas prelecções, desenvolveu eloquentemente a these de que a admiração do genio envolve taes thesouros de graça, que basta votar-se ardentemente ao culto de um grande homem para já se não poder ser homem mediocre; e provava-o com exemplos decisivos, e rara erudição.

Foi nossa resolução não empunhar, n'estas monographias, nem o azorrague nem o thuribulo, mas sim o facho da verdade, sem prevenção, até onde podemos chegar. Corre por esse mundo litterario muita moeda falsa, em materia de critica; mas taes posses não substituem titulo, nem a critica tolera prescripção contra ou a favor de reputações usurpadas. Deveremos rehabilitar muito escriptor injustamente rebaixado, reduzir ao devido valor alguns renomes exagerados, e sobretudo convencer

de que nem ha escriptor tão incorrecto que não contenha algo aproveitavel, nem tão perfeito que deva considerar-se irreprehensivel. Não existe vulto com jus a estatua no pantheon da poesia, que não legasse paginas merecedoras do golfão do olvido.

É sestro, nos que se dão ao estudo de um autor, apoderarem-se por elle de certa parcialidade, de admiração ou de censura, com que o juizo completamente se desvaira; a cataracta, que embarga os olhos da razão, mal permitte divisar, por entre espesso nevoeiro, o que outros vêm, como sol de meio-dia.

Quem se applica a um quadro inteiro de uma litteratura, expõe-se menos a estas injustas disproporções, do que quem apenas está arcando com um só assumpto.

Esforçar-nos-hemos sempre para que nos não verberem com semelhante arguição; e nova prova passamos a dar aqui, seguindo os elevados elogios que a Bocage dirigimos, de uma critica imparcial, que aponte as maculas principaes de suas producções.

A origem do capital defeito das poesias de Bocage consiste em que a sua assombrosa *potencia imaginativa* não era acompanhada, se assim nos podemos expressar, de *força* igual *de invenção*. Bocage revestia a idéa, dominava-a, etherisava-a, mas não a achava; raro a creou: trabalhava o aço, transformando-o em instrumento luzente, prestadio e admiravel, mas não ia arrancal-o ás entranhas da terra.

Infeliz ás vezes na escolha dos assumptos, não podia extrahir d'elles o que n'elles se não continha. Por mais que se esprema o seixo, nunca deitará succo.

Revestia, de tempo a tempo, com estylo impropriamente grandiloquo objectos que nem sempre o compor-

tavão. Essa exaltação produzia o effeito d'aquellas febres em que se vive da propria substancia, correndo-se risco de morte. Em taes circumstancias, quanto mais o estylo se exalta, tanto mais o assumpto se rebaixa; a poesia imita então um zabumba, estrondoso masôco.

Se em quasi todos seus versos originaes se escolhesse o *ponto de admiração* para, no fim da phrase, substituir qualquer outra pontuação, ir-se-hia seguro de tornar mais facil e clara a leitura. É um enthusiasmo em sessão permanente, commoção perenne, exclamações de espanto, admiração, ciume, odio, alegria, pezar, e semelhantes, uma especie de inalteravel

Heu pietas! heu prisca fides! invictaque bello dextra!

Nada ha que mais repugne do que o transporte..... a sangue-frio. Nada gela tanto como os delirios simulados da febre poetica; gerão quasi sempre hyperboles que fazem sorrir, e discordancias que ferem gosto e razão. A disproporção entre os majestosos andaimes e o mesquinho edificio denuncia logo a deficiencia de inspiração, e a esterilidade do assumpto. É uma comedia de sublimações sybillinas, que a ninguem illude.

Bocage então indifferentemente o seu *Lauda*, *Sion*, a proposito das maximas e das minimas cousas.

Estremecido receio de emprego de expressões familiares, baixas ou triviaes, algumas vezes, conservando aliás o pensamento natural, tornou a expressão turgida. Essa pompa e apparato de termos, esse esforço para elevar os objectos sobre pedestaes, torna o poeta suspeito de que, reconhecendo-se fraco em sentimento, buscasse sustentar-se nas palavras; parece isso regra de montaria poetica: — cravar esporas no Pegaso, que estaca.

O mesmo diremos das interrogações com que nos fatiga. Quando demasiadas, esfrião. Quem se põe sempre a fazer-nos perguntas, mostra que não está seguro das suas phrases; obriga-nos contra vontade a um dialogo; e inspira-nos desejo de lhe dizer que se metta com a sua vida, nos pinte os seus sentimentos e pensamentos, e não esteja a peitar-nos para nos tornar seu complice.

Sobretudo nos improvisos (o que é mais desculpavel) não raro arredondava o periodo, ou dava satisfação á harmonia, empregando vocabulos improprios, cunhas (*complementa numerorum*, como lhes chama Cicero).

Talvez possa ser accusado de usar, uma ou outra vez, de termos pouco vernaculos, e locuções peregrinas, que assim consagrou, mas que realmente não precisavão fóros de cidade.

Comquanto raramente, póde apontar-se-lhe versificação desleixada; falha sensivel, porque a contraposição a torna mais ostensiva; por exemplo:

— O meu rebanho definhou, de sorte.
— Depois que te perdi, que anda cahindo.
— A frouxidão no amor é uma offensa.
— Mandão voltas de amor e de lealdade.
— Pela tua cabal felicidade.
— Metade do infeliz genero humano.
— Deriva da mulher gosto e desgosto.
— Goza mais de um caracter a cascata.
— Saltão, recahem, e escumão, e esbraveião.
— Não temem a tesoura as arvores.
— É certo que não pódes.
— Gravar illustres aventuras n'elle, etc.

tudo isso é prosa, e mal medida, de que varias repetições n'aquellas paginas se poderião apontar.

Tambem não seria impraticavel denunciar algumas cacophonias, como :

— Ao soberbo *Hidalcão com mão* guerreira.
— Do philosopho a *tez, a* tez do amante.
— Que atrás do som fantastic*o corria.*
— Fui abysmado *por ca*lumnia infida.
— Feminina caterva as ar*mas mede.*
— A agua mantenha a liberdade *que ama.*
— *Echos que* morais nas grutas.
— Assim Jove fallou. Sa*turno annue.*
— O Medo, o Assyrio *cahe, cahe* Roma e Grecia.
— De um lado a vida *tem, tem* de outro a morte.
— Assalteado o céo não se *te antolhe,* etc.

Usa de certas palavras tão amiudadamente, que as diriamos quasi bordões, tornando-se epithetos ou exclamações parasitas; por exemplo : *Baquear*, *turvar*, *numes*, *quadro*, *damnar*, *claro*, *vil*, *alto*, etc. Este bordão da palavra *alto* é tambem intoleravel na *Ulysséa*, de Gabriel Pereira de Castro ; mas Bocage era capaz de chamar, ao mesmo tempo, alto a um cedro do Lybano e a um cogumello. Defeito é este aliás communissimo nos autores de maior nota : quasi não abrireis um canto dos *Lusiadas* onde não encontreis a palavra *ledo*. Na oração *pro lege Manilia*, nada menos de onze vezes empregou Cicero a locução *esse videatur*.

Além d'estes epithetos frequentes, usa, de tempos a tempos, uns adjectivos mais que improprios ; por exemplo :

— Tal eu vi de Saint-Cloud o *amavel* bosque.
— Para [illegible] espaço *insulso*, etc.

Faz lembrar a [illegible]*nte déesse* de Amadis Jasmin :

Endymion fut heureux un long temps
De prendre en songe *infini* passe-temps,
Pensant tenir sa *luisante déesse !*

e em J. B. Rousseau :

Et le *crocodile infidèle*
Du Nil ne trouble plus les eaux.

Ás vezes descuida-se, e em verso solto apresenta proxima ou seguidamente toantes e até consoantes :

— . . . . . sempre flôres,
Sempre o templo de Flora ou dos Amores.
— As sensações dirige até ás flôres,
Olhou primeiro os vegetaes amores.
— Os sanhudos irmãos guerreião, berrão,
Na lide porfiosa os dous esmerão
Escarcéos e escarcéos lá se atropellão.
— D'aquella por quem vivo e por quem morro,
D'aquella que ultrajei, porém que adoro,
D'aquella em cujas iras, quando as soffro.
— Mas ha cousa em que só de um erro leve
Nascem mil consequencias pezarosas.
Isto, que mais e mais sondar se deve.

Acontece tambem, que, por negligencia, erra consoantes.

Por exemplo : as palavras *detem-te !* parece que as lia *detente*.

— Mas a bella Acidalia, a quem *sómente*
Rende o travesso infante vassallagem,
Lhe apparece e lhe grita : Amor, *detem-te!*

e n'outra parte :

— Emquanto... ah traidor falso? meu bem, *detem-te!*
Abafa a minha voz; [illegible]

n'uma ode :

Onde voas? *detem-te!*
As estrellas não toques!
A terrivel justiça não provoques
Do braço *omnipotente.*

Suspeitamos que no seculo passado se pronunciasse *detem-te* de um modo diverso do que hoje usamos, pois com effeito no *Diccionario das rimas*, de Guerreiro, apparece rimando com *ente*. Se porém havia erro em Bocage, talvez proviesse da rapidez do trabalho; é assim que no harmonico versificador Méry, vemos igualmente rimar *Rome* e *royaume*, *Satan* e *tam tam*, etc.

Numerosos são os casos de rima pobre, dando a miudo por consoantes iguaes tempos de verbos da mesma conjugação, e outras semelhantes pobrezas.

Emprega ás vezes o relativo *lhe* por *lhes*, o que já, em *Memorias* anteriores, denunciámos como negligencia mui commum nos nossos classicos, a que todavia não quizeramos que se désse o nome de simples idiotismo.

. . . as obras suas,
E para *lhe* augmentar honra e proveito.

e n'este:

Quando iroso calor *lhe* acende o peito, etc.

e n'estes :

Vinde salvar estes pardaes castiços...
Mas ah! poupai-*lhe* as filhas delicadas.

Este pallido *lhe* é cunha de que faz frequentemente

deploravel abuso. Assim n'uma ode ao visconde de Balsamão :

A mente *lhe* bafeja ;
Arduas combinações *lhe* induz, *lhe* aplana ;
Politica suprema,
Onde a sagacidade abrange a honra,
Lhe ministra, *lhe* apura ;
N'um quadro luminoso o bem da patria
Lhe conserva ante os olhos.

Em sete versos seguidos, seis *lhes !*
N'um idyllio :

Lhe derribasse as ferteis oliveiras,
Se o fogo *lhe* engulisse as sementeiras,
Se a cheia *lhe* afogasse os nedios gados.
— *Alli* derrama da clemencia o nectar,
Alli, deidade austera, *alli* justiça
Teu rispido amargor com *elle* adoça ;
N'alma idéas prestantes *lhe* aposenta,
Arduas combinações *lhe* induz, *lhe* aplana.

(outra vez).

As suas imagens são muitas vezes desencavadas, improprias, falsas ; são frechadas que errão o alvo, como se poderia justificar em numerosos casos ; por exemplo :

Como as formigas pelo chão no estio,
Ou como as folhas pelo chão de inverno,
No afflicto coração que em ais te envio
Jazem penas crueis quaes as do inferno.

Onde se vio jámais comparar penas com folhas e formigas ! Accresce que a comparação parece só referir-se ao numero. E o *jazer* é estar ; em quanto folhas no inverno, e formigas no verão, caminhão, rojão.

De longe a longe manqueja a metaphora ; e a mutua

transformação do moral em physico e do physico em moral, por tal fórma se vê atordoada, que nem tempo tem para completar-se. N'uma *alcaica* á memoria do principal *Mascarenhas*, depois de personalisar a morte, exclama :

> O monstro escuta trêmulos *suspiros*,
> *Que* de mil almas *voão*
> *Aos* grossos *ares turbidos* ;

e para entendermos por que razão os *ares* são *turbidos*, põe em nota : *Era na força do inverno!* Esses *suspiros*, que *moralmente* sobem, aos *ares physicamente turbidos*, dão uma imagem aleijada ; e varias d'estas poderiamos reproduzir.

Por exemplo, lugares ha onde as metaphoras se transformão em trocadilhos por triplicata :

> Até que vás *luzir* na eternidade,
> Levarás *nova luz* ao *novo* mundo !

Estas metaphoras doudas, chovendo, não são sem exemplo em grandes escriptores ; tambem Horacio disse (O. I, 27) :

> Ah miser
> Quanta laboras in *Charybdi!*
> Digne puer meliore flamma ;

e Shakspeare : *To take arms against a sea of troubles* ; mas isso não são mais do que defeitos esplendidamente autorisados. Estas cousas confundem intoleravelmente a imaginação, e mui finamente observou Quintiliano : « *Id imprimis est custodiendum, ut quo genere cœperis translationis, hoc finias. Nec autem, cum initium a tempestate*

sumserunt, incendio aut ruina finiunt; quæ est inconsequentia rerum fœdissima.

Tem ás vezes hyperboles, verdadeiras hespanholadas, que fazem lembrar aquelle modesto epitaphio de Carlos V:

> Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine cœlum,
> Sidera pro facibus, pro lacrymis maria.

Estas audacias cegas, mas onde a mentira é flagrante, nunca poderão constituir verdadeira belleza.

Espantamo-nos de que o harmoniosissimo ouvido de Bocage lhe não fizesse proscrever o uso das alcaicas, de neafinadissima combinação metrica.

Nada menos melodioso que a combinação do verso eneasyllabo acabando por esdruxulo, com o hexasyllabo ora grave ora esdruxulo!

> Longe os aromas com que teu halito
> Fecunda as mentes dos vates inclitos,
> Que em altisono metro
> Vão arrostar com Jupiter.

Não apontaremos [illegible] erro a poetica [illegible] de collocar, em certas palavras, o accento onde apraz. Afigura-se-nos porém que a [illegible]ynerasia da nossa lingua nos não faculta a mesma quasi illimitada licença que aos Italianos a sua; e que sempre offenderá o ouvido, que o mesmo orador ou poeta nos intercalle o *demócrata*, a *Prosérpina* e o *limitrophe* com o *democráta*, a *Proserpina* e o *limitróphe*. Sendo assim, pediriamos a Bocage que modificasse varios trechos, como este:

> Qual cérbero, úlulan[illegible]
> Surge do ardente Bár[illegible]

e depois :

De quantos monstros o Baráthro encerra.

Repetimos ser isto, quando muito, uma incorrecção, mas nunca um erro. Gabriel Pereira de Castro, que versificava mui ricamente, usou com frequencia d'esta faculdade, por exemplo na palavra *Protheo*. Lia-a *Prothêo* no verso :

Os males que *Prothêo* vaticinava.

e tambem leu *Prótheo* muitas vezes, como nos versos :

— Respondeu-me : só *Prótheo* tem subido.
— Como a *Prótheo* abraçou e as graves penas.
— Sesta, entra *Prótheo* quando o sol ardia.
— Força, espantado *Prótheo* em pé se erguia.
— Emtanto *Prótheo* toma do ar delgado.
— De *Prótheo* a prophecia não te espante, etc.

Citámos de ambas as medidas da palavra *Protheo*, na mesma obra, para corroborarmos a asserção de que semelhantes [illegible] apparecem em bons metrificadores; e apontámos maior numero de exemplos de *Prótheo* que de *Prothêo* para servir de resposta a outra ridicula censura de José Agostinho de Macedo a Camões, pois analysando a oitava 19 do canto 1° dos *Lusiadas* :

As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de *Prótheo* são cortadas,

diz o seguinte : « Nós não dizemos senão *Prothêo*, e começão os *erros de metro*, que são não só frequentes, mas innumeraveis ! ! »

O mais deploravel porém de todos os achaques de Bocage, e tanto mais lastimoso quanto até n'isso formou escola, é o quasi permanente abuso de uma figura que requer summa parcimonia e tacto. Umas cousas, a que nem sabemos se *antitheses* se deve chamar, umas cousas monotonas e soporiferas chovem nos seus versos, a ponto de os alagar e de afogal-os. Esses brincos podem aprazer, trazidos habilmente, muito a furto e raros, mas prodigalisados assim! revelarião, não gosto, mas simples, pouco invejavel talento mecanico : é uma tautologia, uma battologia atroz, não inspiração de genio : e triplicando por negação, na satyra, a esta accusação de Macedo, Bocage foi cego para com um seu injustificavel desar.

Abramos um volume ao acaso :

— Ditoso quem por ti morre de amores;
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira.....
— Coração, coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura?.....
— Mil males me agourou com torvo aspecto;
Mil males me agourou, mas indiscreto....
— Como as formigas pelo chão de estio
Ou como as folhas pelo chão de inverno.
— Que nem me furte um vão contentamento
Que nem me durmo em sonhos a ventura!.....
— Quem é feliz, que meritos precisa?
Que dons ha de mister quem tem ventura?.....
— Alguns então lhe chamão desventura,
Chamão-lhe alguns então felicidade.....
— Nasceste, Analia, rio-se a natureza,
Cresceste, Analia, rirão-se os amores.....
— Nise mimosa, como as graças pura,
Amavel Nise, como as graças bella.....

Paremos, que seria transcrever parte grande dos volumes. Não duvidou o mestre escrever...

Audivere, Lyce, Di mea vota; Di
Audivere, Lyce!

mas rarissimas vezes empregou esta fórma, que, mais que outra alguma, por sua eterna repetição, desorna os versos de Bocage.

É uso qualificarem estas semsaborias como *antitheses;* nem isso chegão a ser. É condição da antithese o contraste ou opposição dos dous membros da phrase, mas em Bocage quasi nunca ha contra-posição, e sim uma repetição pueril, sem sentido, sem intenção, que não lisonjeia o espirito nem o ouvido. Ha merito na antithese, quando as palavras e os membros da sentença contrastados têm construcção analoga e se correspondem, como por exemplo n'aquelle passo de Cicero, defendendo Milão: « Quem igitur cum omnium gratia interficere noluit, hunc voluit cum aliquorum querela? Quem jure, quem loco, quem tempore, quem impune, non est ausus, lume injurio, iniquo loco, alieno tempore, periculo capitis, non dubitavit occidere? » Eis-ahi um bellissimo exemplo de verdadeira antithese; e apezar d'isso, o abuso d'esta figura, como em Seneca entre os Latinos, em Young entre os Inglezes, torna o estylo desagradavel. Ora, se isto assim é quando ha contraste, intenção, que fará quando a repetição é puramente material, quasi estribilho! Ha passos semelhantes em grandes poetas, quem o duvida? Quando Ovidio escreveu

Semibovemque virum, semivirumque bovem ....

fez incontestavelmente uma Bocagice; e, o que é mais, ha ouvidos apuradissimos aos quaes causou agrado; mas d'essas apparece em Nasão uma de quinhentos em quinhentos versos.

Isto, em Bocage, são simples geminações; isto é poesia tirada em publica-fórma; para isto é que disse Lamotte-Houdard:

L'ennui naquit un jour de l'uniformité.

Accumula, por vezes, com estas semsabores congeries, um joguete de palavras, que ainda mais ridiculas as torna. Faz dizer ao pobre Cupido:

Eu, que prazer sentia
Em forjar aos *Mortaes mortaes* pezares!

O deleite de pôr o *mortaes mortaes* não lhe consentio reflectir que as duas accepções da palavra *mortal*, por nem serem ahi *contraste* nem *ligação*, sacrificando razão a ouvido, produzião effeito monstruoso.

De passagem diremos haver imperfeições, como taes qualificadas em Bocage, que são, a nossos olhos, belleza não vulgar. Ha quem lhe censure desalinho, falta de ordem, nexo, deducção. Notou-se que muitos de seus versos podem indistinctamente ser lidos, dando o mesmo sentido, em ordem natural ou retrograda; assim acontecerá; nem queremos ponderar que ha geralmente nas idéas um crescendo, que lhes fixa o lugar que occupão. Mas o certo é serem todos esses admiraveis versos, retratando animadissimos o pensamento do autor, e que, escriptos de um só tiro, nos transportão inteiros, por essa mesma alcunhada negligencia, ao espirito do poeta. Daremos um exemplo, em que bem assentão estas considerações.

José Agostinho, analysando a *Pena de Talião*, declama contra essa composição, e observa que os seguintes ver-

sos dão o mesmo sentido, e ficão igualmente collocados, ou sejão lidos do primeiro ao ultimo ou do ultimo ao primeiro :

Repimpado nos pulpitos que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas.
Trovejas, enrouqueces, não commoves.
Gelas a contrição no centro d'alma.
Ostentas ferreo nume, céo de bronze,
E a cada berro, minorando a turba,
Compras na aldêa do barbeiro o voto,
Tu, de cerebro pingue e pingue face.

« Na satyra apparece o seu autor; quero dizer, nenhum methodo, nenhuma ordem, nenhuma encadeação de pensamentos, nenhum fio de idéas; como quem era — ou incapaz, por genio, de symetria, — ou ignorante a fundo de todas as regras communs da rhetorica. Isto não é peculiar a esta composição ; é commum a todas do mesmo autor. Não tinha mais que fogachos, sem a força e ordem do discurso logico ou rhetorico. » (*Carta de um pai*, pag. 22).

Leia-os Macedo como quizer, que serão sempre bellissimos versos.

Son style impétueux souvent marche au hasard :
Chez elle un beau désordre est un effet de l'art.
(Boileau.)

A maior, a menor e a consequencia, são regras para o syllogismo, e o syllogismo é pesadelo da poesia; porque essa especie de permanente raciocinio fôra tão impertinente na poesia como figuras do estylo o serião nas mathematicas. Continuada illação delata esforço e estudo; apparencia de estudo e esforço mata a admiração.

Porém afim de comprovarmos plenamente a imparcialidade com que distribuimos encomio e censura, segundo nossas humildes opiniões, apresentaremos uma analyse, severa mas rapida, de alguma producção de Bocage, da qual se deduza que nem tudo n'este autor é digno de imitação; e que pelo contrario a attenção ensinaria a resguardar de faltas em que até genios taes como este podem cahir. Abramos algum dos volumes em que se não lance a agua benta de inedito; por exemplo, o tomo 2º das *Rimas*, revisto e publicado pelo proprio autor. Analysemos um soneto que demos no tomo I, pag. 153, applicando-lhe compasso de razão desapaixonada e fria.

Parece-nos melhor methodo irmos seguindo em notas essa analyse do texto. O systema critico adoptado n'estas notas é o empregado por La Harpe no seu *Curso de Litteratura*. Quem fôr familiar com esta excellente obra, longe de severas, acoimará de suaves as nossas reflexões. Na escolha das imagens é La Harpe sobretudo minucioso, quasi diriamos, de requintada subtileza. Exige, para que a imagem mereça a sua approvação, que, dando-se-lhe vida, como a estatua de *Promethêo*, o quadro fique digno, elegante e nobre: proscreve os *Cupidos disparando settas das covinhas da barba*, e outras imagens que taes, por darem, convertidas em quadro, pintura ridicula. Tambem declaramos de antemão que cada uma das maculas que vamos apontar se justificaria com exemplos em bons autores, se jámais exemplos pudessem tornar bom o que de si o não é.

« *Queimando o véo* [1] dos seculos futuros,

[1] Queimando o véo. Não se diz *queimar o véo dos seculos*, mas sim

« *O vate aceso* [1] em *divinaes luzeiros* [2],
« *Assim cantou*: e aos *échos pregoeiros* [3]
« *Exultárão*, Sion, teus sacros *muros* [4]

« O Justo [illegible]rá dos *astros puros* [5]
« Em *deleitosos, candidos chuveiros* [6].

rasgal-o, corrêl-o ou *erguêl-o*. E porque? porque sendo o intuito do escriptor não demorar-nos a contemplar o véo, mas quanto antes descobrir-nos o que elle occultava, importa que o véo desappareça instantaneamente, o que se verificará sendo *erguido*, *rasgado* ou *corrido;* aliás temos duas imagens prejudicando-se mutuamente, o accessorio tomando o lugar do principal, e a figura duplicando-se. Em vez de nos fixarmos desde logo, como cumpre, nos objectos patenteados, desvairamos a imaginação para inopportunamente mirarmos o espectaculo das labaredas que consomem o véo.

Demais, n'estes rasgos audaciosos, importa que a imagem fique altiva e grande. Esses attributos reunirá o propheta, espedaçando o véo, com valentes e ousadas mãos; porém metter-lhe nos dedos uma tocha, e vêl-o deitar fogo a um canto do véo, ou pegar-lhe de si o fogo dá idéa triste, quasi ignobil.

Por ultimo, esta imagem parece, em Bocage, um bordão; n'umas endechas a Armia, tambem se lê:

Queimando o véo dos fados
Co'a luz da fantasia.

[1] O VATE A ESO. Um *véo queimado* e um *vate aceso* é muito lume de mais. E um *vate aceso a cantar* só se é como os meninos da fornalha.

[2] DIVINAES LUZEIROS. Temos *vate aceso*, *véo queimado*, e *luzeiros* que incendião. E muita combustão para dous versos.

E não está apropriada a locução de *divinaes luzeiros*. Diz-se com acerto que o Espirito Santo desce em *linguas* de fogo sobre os Apostolos no cenaculo; já porém não seria acerto igual chamarem-se essas *linguas, luzeiros*.

E um vate a acender-se em luzeiros faz extravagante figura.

Finalmente, suppomos que em lingua portugueza a palavra *luzeiro* só se applica propriamente á luz *que esclarece*, e não á luz *que queima:* é n'esse sentido que se chamão *luzeiros* a *olhos*, a *sabios*, a *sóes*, a *astros*, etc.

[3] ÉCHOS PREGOEIROS. Ainda quando essa grammatica fosse excellente, e a locução pura, *échos pregoeiros* é pleonasmo.

[4] EXULTÁRÃO TEUS MUROS. Ha exemplos d'esta figura; porém muros a exultar, e a exultar aos échos, sempre constituem as taes imagens aleijadas. Só se teve em vista imitar poesia biblica.

[5] ASTROS PUROS. Astros puros aqui são mel doce; e se foi exigencia do consoante:

La rime est une esclave et ne doit qu'obéir.

[6] DELEITOSOS, CANDIDOS CHUVEIROS. Que serão *chuveiros candidos*, e sobre-

« As féras dormirão com os cordeiros [1],
« Suarão *doce mel* [2] *carvalhos duros* [3].

« A virgem será mãi; *vós dareis flôres* [4]
« *Brenhas intonsas* [5], em *remotos dias* [6],
« Porás fim, *torva guerra* [7], a teus horrores. »

Não! não sonhou o altisono Isaias!
O' reis, ajoelhai! correi, pastores [8]!
Eis a prole do Eterno; eis o Messias!

tudo *chuveiros deleitosos?* Verbos de encher, sem graça nem sentido, que não resistem á minima analyse. E um Justo, a descer em chuveiros, deleitosos!

[1] As féras dormirão com os cordeiros. Máo verso, que dá tanto mais nos olhos, quanto mais irreprehensivel é toda a metrificação que o rodeia.

[2] Doce mel. Faz lembrar o achado d'aquelle famoso bacharel, que, acarretando para tudo a sua erudição, começava o seu douto discurso sobre o mel: *Senhores, o mel é doce, segundo Plinio.*

[3] Carvalhos duros. Portanto tambem ha *carvalhos molles!*

E onde está aqui a implicancia, a contraposição, a impossibilidade? *Dormirem lobos com cordeiros*, está bem, porque essa circumstancia é contraria ás leis da natureza; mas não é certamente, por ser o *carvalho duro*, que não sua mel. Manarão por acaso de plantas molles as gommas e resinas? Qual a molleza do pinheiro ou do cypreste?

[4] Vós dareis flôres. Esse *vós* disparata com o quarteto que precede. Descreveu-nos *na* 3ª *pessoa* o acontecimento das féras e cordeiros, dos carvalhos e mel; e agora (sem motivo plausivel, nem symetria) descreve *em* 2ª *pessoa* o das brenhas e flôres, da guerra e horrores!

[5] Dareis flôres, brenhas intonsas. Brenha é matto, bosque, selva: onde achou o poeta a impossibilidade de que um bosque dê flôres?

Quanto ao epitheto, é igualmente desgraçado. Póde o que é intonso dar flôr; nem as ha mais bellas, por exemplo, do que as orchideas, flôres silvestres de florestas virgens.

[6] ..... em remotos dias. Estas palavras estão ahi deslocadas. O seu cabimento era no fim da prophecia; ou, mais propriamente, logo ao principio: *Lá em futuros, remotos dias, realisar-se-hão os seguintes acontecimentos*: essa é que é a ordem natural; mas interromper a exposição dos successos com a intempestiva declaração de que se hão de verificar em dias remotos, é uma synchise inadmissivel, que as exigencias da rima não desculpão.

[7] Torva guerra. Todos os epithetos n'este soneto são reprehensiveis. Os luzeiros *divinaes;* os astros *puros;* os chuveiros *candidos;* o mel *doce;* o carvalho *duro;* as brenhas *intonsas;* e a guerra *torva!* Traz á idéa o que Quintiliano diz dos epithetos superfluos, que são, como n'um exercito, onde cada soldado tivesse seu pagem, o que daria dobrada gente, mas não dobradas forças.

[8] Ó reis, ajoelhai! correi, pastores! Segundo esta gradação, e pondo a

Já se vê que muito dista esse soneto da perfeição, e igual trabalho poderia emprehender-se, com o mesmo resultado, em centenares de outros improvisos de Bocage.

Em resumo. Os grandes dotes de Bocage não o salvão de imperfeições, que tanto cumpriria evitar, como honraria emulal-o em suas incomparaveis bellezas. O porque o genio se caracterisa é por accumular assaz d'essas bellezas para que se desculpem os senões. Está preenchido o fim, quando em vez de os espinhos afogarem as flôres, são as flôres que velão os espinhos. O *aliquando bonus dormitat*, de Horacio, e o *summus est, homo tamen*, de Quintiliano, até aos Homeros se applicão.

D'essas nodoas ha de a maxima parte attribuir-se á deslumbradora, mas fallaz vantagem do improviso; e tanto que um estudo analogo, applicado aos *Jardins*, ou a outra das suas composições esmeradas, produziria resultado contrario, achrysolando centenares de reconditos triumphos. Os effeitos do momento comprão-se á custa de mais perduraveis louros; o que houvera podido vir a ser monumento de immarcessivel gloria, rasteja, para vindouros, no terreno da mediocridade; o que alcançaria o *decies repetita placebit* é d'essa altura removido á baixeza do *placuit semel!*

Sirvão estas considerações para fixar no espirito da juventude a conveniencia do *nonum prematur in annum*,

palavra *pastores* no lugar de honra, parece dar á hierarchia pastoril mais consideração que á soberana!

E se precisa, para que os pastores venhão, mandal-os correr, como é que logo ajoelhão os reis, sem correr nem vir?

Por ultimo, ha mór signal de adoração no ajoelhar que no correr; portanto devia aquelle verbo collocar-se posteriormente a este.

de Horacio, ou da regra d'[illegible] nosso bom Ferreira, o qual levava a exigencia ao ponto de preferir a arte á natureza.

Ensina muito, e muda um anno, e um dia !
Como em pintura os erros vai mostrando
Depois o tempo, que o olho antes não via !

Travaillez à loisir.....
Et ne vous piquez point d'une folle vitesse

CAPITULO XXX

Traducções. — É o mais firme titulo da gloria de Bocage. — Difficuldade das boas versões. — Opinião de varios sobre as de Bocage. — Como este se ufanava de tal perfeição. — Linguas de que elle verteu. — Hespanhol. — Gil Braz. — Italiano. — Imitações de Metastasio e Tasso. — Inglez. — Fragmento de Fingal. — Francez. — São admiraveis essas traducções. — [illegible]mplo. — Obras francezas que traduzio. — Musa greco-latina. — [illegible]ego. — Latim. — Se Bocage o sabia bem ou não. — A metrificação latina confrontada com a portugueza. — Quantidades e syllabas. — As versões de latim podem ser dadas como modelo. — Confrontações. — Obras gregas e latinas que traduzio. — Conclusão.

TRADUCÇÕES.

Em multiplices titulos assenta a gloria de Bocage, mas em nenhum com mais razão do que no primor de suas versões. Não entraremos aqui na renhida questão do merito relativo das composições originaes ou traduzidas; assaz se ha escripto pró e contra. Só diremos que transportar as riquezas de um idioma para outro, mui diverso de indole e constituição; apoderar-se, em gráo igual, dos mais reconditos segredos de duas linguas, sabendo dissecar as mais tenues fibras de ambas; incorporar na

propria a intelligencia alheia, e d'ahi observar o assumpto de um modo identico; digerir a idéa, em vez de reproduzil-a na sua crueza; conhecer como se foge da fidelidade infiel, que, prendendo-se ao vocabulo litteral, olvida ser o pensamento e não a palavra que se transporta; lutar com athleta de estylo; rivalisar com victorias do engenho; ornar a phrase estranha de vestes e côres nacionaes, tão conchegadas e proprias, que os mais atilados olhos se enganem; são meritos relevantes, que podem dar tanto como producções originaes de subido quilate.

Mal hajão os que em nossa terra hão vilipendiado o mister, aliás nobre, de traductor, com o commercio ignobil da especulação litteraria, e entulhado os prelos de chamadas versões (as quaes nem chegão a ser as *caixas opticas* do nosso Garção), em que o vocabulo francez vem, salva a desinencia, espairecer no seu torrão; em que a locução transpyrenaica pasma de ver-se daguerreotypada, sem inversão, ou traço, que a inculque lusitana. É assim que o opprobrio de traductores taes destinge na importante arte de traduzir, e que se nece animo para imitar os Ferreiras, os Francos Barreto Ericeiras, os Ribeiros dos Santos, os Filintos, os

[1] « A traducção de um grande escriptor, diz La Harpe, é um combate de estylo e uma rivalidade de genio. Em nossos dias, traducções hão sido obras de talento, e duradouros titulos de celebridade. »

« O ponto principal para que olhão n'uma traducção os eruditos é a fidelidade d'ella; os homens disertos olhão para o matiz bem correspondente das bellezas da cópia ás bellezas do original. » (Filinto, XI, 185.)

« ..... Traduzí, alumnos de Apollo!... Não cuideis que esse merito é mesquinho. Outro merito não teve o latinissimo Plauto, nem *Oratio bene morata* de Terencio, que, com pouca alteração das comedias gregas, nos deixárão obras immortaes para modelo. (*Id.*, 200.) »

cages, os Barretos Feios, os Castros Antonios, os Seabras, etc.

Foi a esta qualidade de obras que Bocage consagrou mais desvelos e que mais pulio, ás vezes com paciencia estranha a seus habitos; por isso as obras de mór vulto, mais apuradas e dignas de apontar-se como typos, são as suas maravilhosas traducções. Diz-se que, por occasião da publicação do *Canto de Tripoli*, Antonio Ribeiro dos Santos lhe mandára estes dous epigrammas:

Um é original, outro versão,
Varios na lingua, mas tão bem parecidos,
Que dirias que forão produzidos
Por um esp'rito só, uma só mão.

— O poeta e o traductor
Tanto entre si se ajustárão,
Que parece que elles ambos
N'uma só lyra tocárão.

E nem haverá hyperbole n'esta asserção, pois o Sr. Mello Moraes nos affirma ter Cardoso assegurado que trabalhára no poema latino á mesma mesa com Bocage, que ia *pari passu* compondo a versão portugueza. Accrescentou mais ter Cardoso dito que dera a Bocage por este admiravel trabalho tres mil e duzentos réis!

Diz Costa e Silva: « Fallei de Bocage como traductor. Eis por onde a sua perda é verdadeiramente sensivel, e talvez irreparavel para a nação! Sim; tarde, bem tarde, veremos nascer entre nós um traductor poeta que o rivalise! Rarissimos tem contado a Europa, porque a traducção é um dos misteres mais arduos da poesia; e quem não desanimará de entrar na estrada, que foi inaccessa

aos Voltaires, aonde os Popes tropeçárão, aonde os Delilles cahem tanta vez? »

D'esta sua perfeição se ufanava Bocage. No prologo que antepôz ao segundo tomo das *Rimas*, exprime-se elle assim :

« O sabio imparcial (em quem só me louvo) talvez não desdenhe estas novas rimas, especialmente na traducção das *Metamorphoses* que incluem ; as quaes me afagárão o amor-proprio, que todavia poderá illudir-me (como a muitos, sem que eu saiba porque os illudo) ou por ventura elles mesmos). Aos que professão porém [illegible]inidade, pergunto com afouteza, se as citadas versões provão ou não o uso e a intelligencia d'aquelles autores, e se apparece n'ellas o caracter e a energia do texto, ou se indicão o soccorro inutil das languidas traducções francezas, com que alguns Bavios e Mevios (que não só os deu Roma) sabem latim e grego... na opinião dos que mal entendem a lingua materna? »

Acompanhemos Bocage, nos idiomas de que verteu :

Hespanhol. Não nos demoraremos n'este paragrapho; se traduzio directamente d'essa lingua, foi sómente o 1° tomo do *Gil Braz;* a fórma prosa, a semelhança dos idiomas, a insignificancia (relativa) do ensaio (posto que Link exalte esta versão como magnifica), tudo nos induz a passar esta materia em silencio.

Italiano. Não existem verdadeiras versões de italiano, como em outro lugar dissemos. As *imitações* de *Metastasio* e *Tasso* não mostrão que Bocage possuisse a lingua a fundo, mórmente sabendo-se de que auxilio para estes trabalhos lhe era o Morgado de Assentiz. Seja como imitação, seja como traducção, as suas tentativas do italiano são as menos felizes; e se o seu credito houvesse de estribar-se na unica obra de certas dimensões, *Attilio*

Regulo, muito e muito padeceria, pela confrontação com o delicioso Metastasio, cujo original (apezar da absurda asserção do *Correio Brasiliense*, de Julho de 1815, de que mais parecem os versos de Bocage o original que a traducção) sobreleva infinitamente a tão pallida e desfigurada cópia.

Com effeito, este drama, em Bocage, acha-se privado de muitos dos meritos que em Metastasio o aformoseião, parecendo obra de quem quer e não póde, ou antes de quem não quer as *ariettas*, deliciosas de harmonia, rima e suavidade, mas pela mór parte contendo sentenças ou simples expressão de sentimentos, forão quasi sempre supprimidas por Bocage! Nos córtes era um Attila; por exemplo, só ao 2° acto cassou nada menos que as ultimas duas scenas e meia; e para darmos testemunho da amplissima liberdade da traducção, vejamos como vertia o fim do acto 1° :

ATT. Chi creduto l'avrebbe! Il padre stesso
Congiura á danni suoi.
BAR. Giá che il senato
Non decise finor, molto ti resta,
Attilia, onde sperar. Corri, t'adopra,
Parla, pria che di nuovo
Si raccolgano i padri. Adesso é il tempo
Di porre in uso e l'eloquenza, e l'arte.
Or l'amor dé congiunti,
Or la fé degli amici, or dé romani
Giova implorar l'aîta in ogni loco.
ATT. Tutto farò; ma quel, ch'io spero, é poco.
Mi parea, del porto in seno,
Chiara l'onda, il ciel sereno;
Ma tempesta piú funesta
Mi respinge in mezzo al mar.
M'avvilisco, m'abbandono:
E son degna di perdono,

Se pensando [illegible] chi la desta,
Incomincio a disperar.

Segue-se uma scena de *Barce* só. Vejamos agora como Bocage procedeu : essa scena XI totalmente a supprimio, e a que acabamos de trasladar, imitou-a assim :

ATT. Filha desventurada! oh! céos! que devo
Concluir do que ouvi? Seu proprio damno
Machinará meu pai?
BAR. Como o senado
Inda não decidio, resta-me muito,
Attilia, que esperar.
ATT. Eu parto, eu corro.
Fadigas, submissões, lagrimas, rogos,
Tudo em uso porei. O prazo é curto.
Dissolvidar primeiro que os conscriptos
Outra vez se congreguem. Eis o tempo
De apurar a eloquencia, os artificios.
Amparo, auxilio implorarei a todos,
E farei bandear ao meu partido
O tribuno, os conscriptos, os clientes,
O povo, Amilcar mesmo, os mesmos numes.

E é a isto que chamão traducção? Repetimol-o; as tentativas italianas de Bocage são o infimo de seus titulos de gloria.

INGLEZ. Diz Couto : « Consta que soubera o inglez, e julga-se que só com seu trabalho o aprendêra, pois se não sabe de mestre que o ensinasse. »

Esta asserção é porém desmentida por Costa e Silva, nas seguintes palavras : « Estando eu em casa do poeta, obra de um mez antes do seu obito, lhe fallei do *Paradise Lost*, e [illegible] todo o enthusiasmo que suscita aquelle poema em quem conhece quaes sejão as verdadeiras bellezas da poesia : ao que elle me tornou que o seu voto

não era de todo o peso em semelhante assumpto, por lhe ser estranho o idioma de Milton, mas que tendo-o lido nas traducções de Racine filho e Delille, lhe parecêra uma epopéa tão acabada como eu dizia. »

Amigos de Bocage nos derão igual certeza. Accresce que elle nunca publicou versão alguma, directa nem indirecta, de inglez. Depois da sua morte, fez-se-lhe o insulto de attribuir-se-lhe (not. IV de D. M. Leão) um pessimo fragmento de Fingal, que á simples inspecção deve instantaneamente ser repellido como apocrypho. Onde está n'aquelles versos pallidos, prosaicos, plebeos, uma sombra da grandeza, da magestade, tanto do bardo escossez como do bardo sadino? onde a nobreza, a audacia, talvez mesmo a tumidez de Ossian, que [illegible]des aliás tão unisonas com o estylo e a maneira de Bocage? Este portuguez será aquelle gaelico quando andrajos fôrem purpura regia. Não calumniemos Bocage, isso não é d'elle.

Francez. Comquanto fosse materna a costella franceza de Bocage, o idioma francez foi-lhe ensinado por seu pai, o Dr. Soares Barbosa, como affirma Couto.

Esta lingua sim. Penetrára Bocage no amago do seu espirito, como no da propria; e de tal fórma compenetrou francez e portuguez, que idiomas tão varios de indole pasmárão de assim se ver fundidos. Raro é o verso portuguez inferior ao seu equivalente; a miudo lhe sobreleva tanto como a nossa áquella linguagem. Por mais pintada, mimosa ou elegante que a palavra seja, encontra em Bocage outra que a vença em elegancia, propriedade ou mimo: a pallida collocação franceza vem cá enriquecer-se naturalisando-se; nem ha difficuldade, por mais ardua ou invencivel, que Bocage não supere.

Suppondo que escrevemos para quem possa avaliar

toda a especie de meritos litterarios, transcreveremos versos francezes seguidos da traducção de Bocage, recommendando essa confrontação minuciosa, que, sem precisão de outros trabalhos, fixaria ao poeta elevadissimo lugar. Note-se que, por via de regra, Bocage traduzia verso a verso! o dodecasyllabo no decasyllabo! a lingua das palavras curtas na das palavras longas! o idioma formado, no que ainda carece de muito complemento! tudo isso aggravado ás vezes pelas difficuldades e natureza de um poema didactico! Vejamos, por exemplo, o começo da versão dos *Jardins*; o que d'este começo se conclue, poderia applicar-se ao poema todo, e a todas as suas outras analogas versões.

Le doux printemps revient, et ranime à la fois
Les oiseaux, les zéphyrs, et les fleurs et ma voix.
Pour quel sujet nouveau dois-je monter ma lyre?
Ah! lorsque d'un long deuil la terre enfin respire,
Dans les champs, dans les bois, dans les monts d'alentour,
Quand tout rit de bonheur, d'espérance et d'amour,
Qu'un autre ouvre aux grands noms les fastes de la gloire!
Sur un char foudroyant qu'il place la victoire!
Que la coupe d'Atrée ensanglante ses mains!
Flore a souri; ma voix va chanter les Jardins;
Je dirai comment l'art, dans de frais paysages,
Dirige l'eau, les fleurs, les gazons, les ombrages.

Toi donc, qui, mariant la grâce et la vigueur,
Sais du chant didactique animer la langueur,
O muse! si jadis, dans les vers de Lucrèce,
Des austères leçons tu polis la rudesse;
Si par toi, sans flétrir le langage des dieux,
Son rival a chanté le soc laborieux;
Viens orner un sujet plus riche, plus fertile,
Dont le charme autrefois avait tenté Virgile.
N'empruntons point ici d'ornement étranger;
Viens! de mes propres fleurs mon front va s'ombrager;

Et, comme un rayon pur colore un beau nuage,
Des couleurs du sujet je teindrai mon langage.

Renasce a primavera; influe e anima
As aves, os favonios, flôres, musas.
Que novo objecto á lyra os sons me pede?
Ah! quando a terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes,
Quando [illegible], tudo se inflamma
De am[illegible]nça e de ventura,
Outr[illegible]em Phebo acesa,
Abra [illegible]ia aos grandes nomes;
N'um [illegible]nte alce o triumpho;
Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel
Do vingativo Atrêo. Sorrio-se Flora,
Vou cantar os Jardins, dizer qual arte
Em terreno loução dispõe, regula
As flôres, a corrente, a relva, as sombras.

Tu, que, o vigor e a graça entrelaçando,
Dás ao canto didactico energia;
De Lucrecio na voz se outr'ora, ó musa,
As austeras lições amaciaste;
Se pôde o seu rival, sem que nos labios
A linguagem dos numes desluzisse,
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fertil ornar, mais rico assumpto,
Assumpto amavel, que tentou Virgilio.
Mãos não lancemos de atavio estranho;
Das minhas mesmas flôres vou c'roar-me;
Qual pura luz, que bella nuvem doura,
A expressão tingirei na côr do objecto.

O verdadeiro methodo de avaliar estas bellezas, é em primeiro lugar ir seguindo attentamente a confrontação, e observando a grandeza dos obstaculos vencidos; depois lançar mão de tentativas iguaes de outros autores, para ver como procedêrão em casos iguaes. Por exemplo,

abrir-se-ha a traducção da *Arte Poetica*, tão elogiada pelo proprio Boileau, e ver-se-ha o verso :

> Pour lui Phébus est sourd, et Pégase est rétif,

traduzido pelo conde da Ericeira em

> Nunca Phebo concede a attenção pura,
> E o Pegaso volante e generoso
> Se lhe nega, detido e vagaroso!

deslavado e prolixo traslado, que [illegible] assim dá a idéa do original. Lereis logo abaixo

> Et, poursuivant Moïse au travers des déserts,
> Court avec Pharaon se noyer dans les mers,

vertido [illegible]:

> E, seguindo a Moysés n'esta fugida
> Pelos desertos barbaros e escuros,
> Do cruel Pharaó entre os pezares,
> Corre a afogar-se em tormentosos mares! etc.

É este cotejo o que dá a real medida ao valor dos versos bocagianos. Todavia para sermos inteiramente justos, não devemos calar aqui outro athleta, de igual força, em semelhante genero de lutas. As versões de Francisco Manoel são tambem singulares modelos. Os *Martyres*, o *Oberon*, o *Vert-vert*, são cópias que emparelharião com o exemplar, se não fôra a quasi constante escabrosidade do metro, e o crespo da phrase, ás vezes excessivo, comquanto rica e riquissima de vernaculidade quasi sempre. Permitta-se-nos portanto que, pela communidade de assumptos, de tempos e de meritos, aqui accrescentemos alguma cousa.

Querendo nós averiguar qual dos dous, Filinto ou Bocage, levava a palma ao outro em traducções de fran-

cez, tomámos o *Vert-vert*, porquanto, apezar de ser *freiratico* o Filinto, achavamos n'aquelle genero certas difficuldades [1] que podião contrapesar as da especialidade didactica; e até por ser bom passaporte a modesta desculpa do habil traductor [2]. O resultado foi ficarmos perplexos, sem a um nem outro ousarmos proclamar vencedor. Eis-ahi, como prototypo, o principio d'aquella obra:

Vous, près de qui les grâces solitaires
Brill[illegible] et règnent sans fierté;
Vo[illegible] né pour la vérité,
Sait al[illegible]s vertus austères
Le goût, les ris, l'aimable liberté,
Puisqu'à vos yeux vous voulez que je trace
D'un noble *Oiseau* la touchante disgrace,
Soyez ma muse, échauffez mes accents,
Et prê[illegible]-moi ces sons intéressants,
Ces tendres sons que forma votre lyre,
Lorsque *Sultane*, au printemps de ses jours,
Fut enlevée à vos tristes amours,
Et descendit au ténébreux empire.
De mon héros les illustres malheurs
Peuvent aussi se promettre vos pleurs.
Sur sa vertu par le sort traversée,
Sur son voyage et ses longues erreurs,

[1] « *Vert-vert*, diz d'Alembert, em mãos de outro qualquer, mais não houvera sido que uma chocarrice insipida e monotona, destinada a morrer no recinto do claustro onde nascêra *. Teve Gresset, no seu ermo, a arte de adivinhar a medida exacta de jovialidade que podia produzir interesse em obra cujo assumpto tão futil devia parecer. »

Esta consideração tem aterrado os poetas estrangeiros. Existe todavia uma traducção do *Vert-vert* em latim (impressa em 1752 e rarissima) que, apezar da sua reputação, é inferior á do nosso poeta.

[2] « Não confiem demasiado na versão d'este poemetto; que eu mesmo nem mui fiel a creio, nem tão engraçada como o original. » Fil. El., *Nota final*.

* E com effeito Gresset entrára, aos dezeseis annos, na companhia dos Jesuitas, e foi por causa d'este poemetto que d'ella foi expulso.

On aurait pu faire une autre Odyssée,
Et par vingt chants endormir les lecteurs.
On aurait pu, des fables surannées,
Ressusciter les diables et les dieux;
Des faits d'un mois occuper des années,
Et sur des tons d'un sublime ennuyeux,
Psalmodier la cause infortunée
D'un Perroquet non moins brillant qu'Énée,
Non moins dévôt, plus malheureux que lui;
Mais trop de vers entraînent trop d'ennui.

Vós, junto a quem as graças solitarias
Desafeitadas brilhão, dóceis reinão;
Cujo esp'rito, pascendo só verdades,
Desposar sabe co'a virtude austera
Gosto, risos e amavel liberdade;
Vós, que aos olhos quereis que vos retrate
D'uma *Ave* illustre o caso mavioso,
Musa sejais-me, e me aqueçais o canto!
Dai-me esses ternos sons, sons tão de affecto,
Que a vossa lyra despedio suave,
Quando *Sultana*, no verdor da vida,
Á vossa mágoa e amor arrebatada,
Desceu mesquinha ao tenebroso imperio.
Os do heróe meu illustres infortunios
Podem seus fóros ter aos prantos vossos.
Sobre sua virtude e sorte adversa,
E errores longos da fatal viagem,
Compôr outra Odysséa facil fôra,
E ao leitor dormentar com cantos vinte.
Facil fôra, com fabulas sediças,
Resurgir deoses, resurgir demonios,
Com proesas de um mez pejar dez annos,
E com sublimes sons enfastiosos,
Caso acerbo psalmear de um *Papagaio*
Que a Enéas lhe não cede em lustro e brio,
Como elle pio, se infeliz mais que elle.
A sobejo poetar sobejo enojo!

Uma pouca mais de melodia, e fôra Bocage estreme.

Não ha negar ser esta versão superior á famosa latina, de que atrás fallámos, e que principia assim:

Tu, quam musarum simplex circumvolat ordo,
Et charitum numerus, tu, cui mens conscia recti,
Et risus molles, ludosque, jocosque severæ
Jungere virtuti docta est; si tanta cupido est
Fortunam *volucris* cognosce et nobile fatum:
Musa aderis, precor, et cantus mihi præcipe quales
Lugubris ingemuit lyra, cum crudelibus orci
Sultana, imus amor dominæ, est immersa tenebris.
Heroïs c[illegible]s lacrymas extundere possit
Immani[illegible]tute animi atque errore viarum
Illineret [illegible]rtas immenso carmine, ritu
Vatis Mœonii; languentia lumina somno
Obrueret, vacuas et cantu obtunderet aures.
Et sinuosa queam deducere facta per annos
Mendaci Cithara. Cantarem fluctibus actum
Heroa, Æneæ similem pietate verenda;
Sed miserum magis, at raro mens sustinet ægra
Tot versus.

Copiaremos ainda em seguida um soneto, que, sem valer a honra da traducção, é todavia o supra-summum da difficuldade do genero:

A LA COCHENILLE.

Un figuier non figuier, une plante non plante,
Une feuille sans arbre, un arbre sans rameaux,
M'a produit, par merveille, en ces mondes nouveaux,
Que l'avare Espagnol, par ses courses, fréquente.
Je ne suis néanmoins, ni fleur de lui naissante,
Ni fruit, ni bois, ni suc; et mes grains, bien que beaux[1],

[1] Cita-se commummente, para provar quanto em geral são curtas as palavras francezas, o verso de Racine:

Le ciel n'est pas plus pur que le fond de mon cœur.

Aqui temos outro verso de palavras monosyllabicas: avalie-se por ahi o

Ne sont que le logis de pourpres vermisseaux,
Qui vivent attachés sur sa feuille piquante.
De leur sang desséché naît ma belle couleur,
De leur mort mon repos, mon bien de leur malheur,
Qui me substituera à la pourpre prisée.
J'égale, en mon clair-brun, son éclat précieux,
Et si mon inventeur ne loge entre les dieux,
Au moins par moi mon Inde est immortalisée!

Figueira que o não é, planta não planta,
Folha sem arvore, arvore sem rama,
Me produz, qual assombro, em novo mundo
Que o soberbo Hespanhol frequenta avaro.
Da figueira não sou nem flôr nem fructo;
Lenho ou succo; e meus grãos, inda que bellos,
São de purpureos vermes só a estancia,
Que na folha mordaz estão cerrados.
Do sangue, que lhes cevão, sahe côr bella;
Minha fama e meu bem da morte d'elles,
Com que a prezada purpura me iguala.
Vale o pardão meu sua viveza;
E se o meu inventor não se une aos deo
Ao menos a India minha immortaliso.

Não multiplicaremos estes documentos honrosissimos, pois fôra mister transcrever tudo. O modo como Bocage praticamente entendia o encargo de traductor, elle mesmo nol-o revela, quando, no prologo da *Eufemia*, nos annuncia a especie de desvelos a que se deu:

« Emquanto á versificação, a do original é harmoniosa, apropriada ao assumpto, branda ou energica, segundo o gráo e qualidade da paixão que exprime. Estremei-me o que pude em imital-a, e em evitar os gallicismos, de que

espinhoso de semelhante versão, contendo *todas as idéas* em numero igual de versos!

abunda grande parte das nossas traducções, e que nos enxovalhão o fertil e magestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas que o estudárão mal. Cuidei igualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possivel, excepto nos lugares onde os genios das duas linguas discordão muito : então, apoderado do pensamento do autor, tratei de o representar a meu modo, conformando-me n'isto ao sabido, mas pouco executado preceito de Horacio [1] :

« Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres, etc. »

Ainda n'outras partes denuncia o esmero com que a estes trabalhos se consagrava. No prologo dos *Jardins* : « ..... me incitou a versifical-o em vulgar, apurando n'isso o cabedal que possuo em poesia, cabedal muito inferior ao apreço e acolheita de que estou em divida com os meus compatriotas. O amor á gloria e á gratidão talvez ainda crie na minha alma um ardor que a fecunde, julgando-me digno do affecto com que me honra o publico ; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel que pude ordenal-a, e em que só usei o circumloquio nos lugares cuja traducção litteral se não compadecia, a meu ver, com a elegancia que deve reinar em todas as composições poeticas. »

Em muito tinha Bocage, e com razão, este seu prodigioso talento, alardeando até de que ha, entre as suas versões, algumas que sobrepujão aos originaes. No prologo das *Plantas* :

As *Plantas* de Castel vaidosas surgem

[1] Que não julgamos ter escripto esta maxima com a intenção que Bocage lhe attribue.

Em mais propicio chão, mais doce clima,
De mais puros favonios animadas.
No caro, brando seio, acolhe-o patria,
Risos, perfumes, o verdor, o esmalte,
Com que, em versos gentis, das graças mimo,
Florece a natureza, a mãi de tudo.
Cordial gratidão te deve a lida,
O desvelo, o suor, que em mim forcejão
Para teu nome honrar e honrar meu nome, etc.

Forão mui numerosas as suas versões de francez. Em prosa, *O Ralhador*, de Brueys e Palaprat. Em verso os poemas *Agricultura*, de Rosset (cujos primeiros cinco cantos são d'elle e o sexto de Pato Moniz), as *Plantas*, de Castel, e os *Jardins*, de Delille; os dramas *Eufemia*, de Arnaud, e a *Vestal;* [illegible]nhas, de diversos; a *Galatéa*, de Florian; varias [illegible]las de Lafontaine; ode *á existencia de Deos*, de Racine; episodios da *Henriada;* a *Descripção do diluvio*, por Gessner; uma *Cantata* de J. B. Rousseau; parte da *Columbiada*, de Mme du Bocage; um fragmento do *Merito das Mulheres*, por Legouvé (poema que pouco depois foi todo vertido pelo visconde da Pedra Branca), allegorias, anacreonticas, madrigaes e epigrammas de Perrault, Rabutin, Robert, Mme Bernard, Mlle Scudéry, Dufremy, Danchet, Parny, etc.

Grego e latim. Após as decadencias litterarias, as verdadeiras renascenças começão sempre mergulhando-se nos estudos classicos gregos e romanos, eterna fonte de Juvença. Entre nós as duas renascenças dos tempos de Sá de Miranda a Camões, e da Arcadia, manifestárão-se pela imitação ou versão d'aquellas velhas musas sempre juvenis.

Quando a poesia está perdida, o vate, como Antéo, recupera as forças, tocando a terra da poesia, implorando o principio da vida aos genios originaes.

O grego e o latim serão eternamente inexhauriveis cornucopias, que todas se desentranhão em flôres e fructos.

Este grande serviço foi prestado por Bocage não menos que por todos os officiaes generaes da nossa milicia litteraria.

Uma circumstancia nos prendeu a attenção. No catalogo das obras impressas na *Officina Chalcographica*, inserto ao cabo da primeira edição do *Consorcio das Flôres*, vem annunciada como *estando já debaixo do prelo* a traducção das *Odes de Anacreonte*, *com o texto grego*, pelo Sr. Bocage, entrando até em tão miudos pormenores, como é a indicação de que vem *adornada de vinhetas e remates finos, e de [illegible]to de quarenta estampas!* Ahi se promette igualmente continuar as edições dos *poetas gregos, vertidos pelo mesmo poeta*. Ora, como nunca estas promessas se realisárão, comquanto feitas quatro annos antes do fallecimento do nosso vate, investigámos se taes manuscriptos existirião nos archivos da *Imprensa Nacional*, herdeira da *Chalcographica* : nem vestigios, nem tradição! Os amigos que ainda restão de Bocage declarão não terem a minima noticia de que elle se houvesse dado a estas obras ; e nós, suspeitando ser aquella uma esperteza de editor, duvidamos muito de que Bocage as escrevesse, ou ainda de que, para tental-o, soubesse bastante do idioma grego.

Latim. Tem-se controvertido se Bocage sabia ou não o latim.

Encetárão este debate dous condignos athletas, os elegantes interpretes de Tacito e Ovidio, o Sr. Lacerda, D. José, no *Correio Portuguez*, o Sr. Castilho Antonio, na *Revista Universal Lisbonense*. Deu origem á contro-

versia o paragrapho do *Prologo das Metamorphoses* em que nosso sabio irmão modestamente explica o motivo porque, entre os seus, intercalou versos de Bocage; e nem devemos privar os nossos leitores de um artigo notavel em que o Sr. Castilho Antonio se offereceu para ventilar a questão. Eil-o :

« Lançára eu, no prologo da minha versão de Ovidio, estas palavras, fallando do seu incomparavel traductor Bocage.....

« Este sim; que era digno de traduzir Ovidio. O seu e meu amigo, Morgado de Assentiz, me tem affirmado que Bocage não sabia o latim ; que por conveniencias das phrases patentes, rastreava, desencantava o sentido do autor. Ha mais galhardo talento, e peregrino adivinhar! O mais, de seu o tinha elle; e com que abundancia! Estylo terso e nobre; linguagem pura e clara; dicção concisa e ornada ; versificação deliciosa, como nenhuma, nem antes, nem depois d'elle, ainda entre nós appareceu. Tencionára, segundo podemos conjecturar, naturalisar portuguez ao poeta romano, por tantos respeitos seu parente e amigo : alguns passos deu n'esta diligencia, e ainda mal que forão tão poucos! e se lhe houvera chegado a vida, ou, na que teve, lhe não houverão sobrado trabalhos, preguiça, desconcertos, miseria, e desamparo, particularmente de homens alumiados, nenhuma duvida ha de que as *Metamorphoses* romanas já ha muito tempo se poderião dizer nossas. As fabulas, que traduzio, não era possivel, a quem quer que fosse, dar-nol-as, nem mais fieis, nem mais elegantes. Tomei-me o pulso a mim mesmo : e reconhecendo que, para o igualar, me fallecião, innegavelmente, as forças, assentei em tomar d'elle quanto era feito ; e dando um do-

cumento, não duvidoso, de sincera humildade, incorporal-o na minha obra; assim o fiz!.....

« Todo este periodo é a mais completa, livre e sincera vassallagem que a Bocage podia jámais ser tributada. Nada cerceei de quanto bem havia para dizer a seu respeito; e se alguma cousa d'esta vez dissimulei, eu, que aos defeitos de meus pobres escriptos não costumo perdoar, foi o que em sua fama, fama aliás inferior a seu merecimento, podia pôr alguma nodoa, lançar alguma sombra de menoscabo; porque emfim um grande homem é tambem um homem. Houve entretanto quem nas minhas palavras encontrasse injustiça contra Bocage, ao qual ninguem, que eu saiba, a não ser elle proprio, tributou nunca maior admiração do que eu.

« Em um artigo estampado no *Correio Portuguez* de 29 do passado Dezembro e reimpresso ao outro dia no *Diario do Governo*, se lêm estas palavras: « Pessoas « com quem tratámos por largo tempo intimamente, e « que, quasi todas, já de entre nós desapparecêrão, fre- « quentes vezes nos repetirão que lhes era da maior ad- « miração o como Bocage, de mocidade tão estragada, « achava tempo que lhe proporcionasse entranhar-se « tanto ao fundo no conhecimento das linguas latina, « franceza e italiana, e com especialidade da latina, que, « de menos facil accesso, era por ventura a que Bocage « possuia cabalmente. Este testemunho em que nos es- « tribamos, é de pessoas a quem Bocage deveu, não só « amizade singular, mas tambem favor constante; faz- « nos portanto força irresistivel. »

« Temos pois em bem claros termos assentada uma questão de historia litteraria; mas entre quem? Não certamente, pelo menos até agora, entre mim e o autor

d'este artigo, mas entre o nosso insigne latinista, litterato, amigo intimo, e admirador summo de Bocage, o Sr. Morgado de Assentiz, que vivo está, e não renegará seu dito, e outros, tambem amigos do poeta, que ao autor do artigo fizerão encontrado depoimento. Tanto estes como o seu antagonista me parecem, n'este caso, igualmente respeitaveis; elles, porque se persuadem, ainda que sem razão, que o denegar-se a seu amigo Bocage a sciencia do latim é destruir-lhe uma parte de seu credito: e o Sr. Morgado, porque entenderá que o traduzir Ovidio como Bocage o fez, sem ser mui cabal latinista, e supprindo o saber com o instincto do engenho e do gosto, vem a ser gloria muito mais subida, e talvez unica.

« Elles pois, que entre si averiguem essa questão, se val a pena, e lhes agrada fazêl-o; e a final saberemos quem melhores documentos possue para triumphar. Por parte do Sr. Morgado de Assentiz estou eu certo que não recusará uma disputa, que, pois que é toda entre partidarios do seu grande poeta, e ácerca d'elle, por qualquer parte que se resolva, por nenhum modo lhe ficará sendo deshonrosa. Entretanto não pretendo eu declinar totalmente de mim esta questão: e posto que nada aqui me obrigasse a entrar n'ella, pois que nem pró, nem contra, affirmei, nem disse cousa alguma no meu prologo; e por outra parte, já, ha alguns annos, imprimi, aonde quer que fosse, que Bocage era em latim primoroso sabedor; devo, e quero dizer, n'esta materia, a minha opinião actual, que é a mesma do Sr. Morgado, assentando-a em fundamentos que me parecem mui seguros.

« Mas para isto ouçamos primeiro a contraria. . .

. . . . . .

Não teve mais andamento esta polemica, cumprindo todavia que a lealdade rectifique um facto, a saber: que suppomos ter havido equivocação na intelligencia dada ás palavras de Assentiz, o qual, segundo julgamos, só reflectio que « sabendo Bocage mui bem latim, era incomprehensivel como o houvesse profundado, visto como a constante dissipação da sua vida, por necessidade e tendencia, nunca lhe outorgou tempo ou vagar para estudos pausados e longos. »

Cumpre ainda ponderar que, além dos já citados passos, n'outros se gloría Bocage de possuir o latim magistralmente. Nas suas notas á satyra, diz elle ter-lhe José Agostinho mil vezes rogado que lhe castigasse a sua versão de Estacio, « na qual (accrescenta) *o caracter e a phrase do original padecem inclemencias.* »

E, dada por impossivel a *adivinhação dos pensamentos alheios*, por mais conformes que fossem caracter e gosto, só se explicaria a intelligencia de um original em pouco sabida lingua, pelo compulsar de traductores, commentadores e annotadores. Supponho que Bocage pudesse encontrar centenares de annotadores das *Metamorphoses de Ovidio*, onde achou elle os da *Elegia a D. Rodrigo*, e os do *Canto de Tripoli*, e os do *Consorcio das Flôres?* N'esses ao menos, que nunca em outra lingua se escrevêrão, clara fica a perfeita intelligencia do original latino.

Nem é mister argumentar com inducções, onde existe certeza. D. Gastão nos affirmou têl-o visto frequentemente trabalhar, passeando, com o texto latino na mão, dictando com rapidez, e raro consultando um máo dicionario. Accrescentou que o proprio *Canto de Tripoli* foi composto de um modo singular, como já atrás dissemos haver-nos sido repetido por outro cavalheiro, pois Car-

doso é Bocage o fizerão conjunctamente! Cardoso, dizendo alto o verso latino, e Bocage, escrevendo logo o correspondente verso portuguez.

Algumas anecdotas occorridas com D. Gastão provão, não sómente a sagacissima perspicacia de Bocage, mas tambem quanto com o idioma latino era familiar. Eis uma que elle nos contou. Regressavão ambos de Belem, em companhia de Assentiz e Pato, praticando sobre as difficuldades da boa versão do latim, attento o cerrado e admiravel mecanismo d'aquelle sapientissimo idioma; e como Bocage defendesse a contraria these, certificando que a opulenta rica portugueza quasi se lhe nivelava, podendo geralmente, em ambito igual, conter iguaes riquezas, começárão todos os seus companheiros, já antagonistas de opinião, a exigir de Bocage provas praticas da sua: foi um verdadeiro triumpho para a intelligencia humana e para a lingua portugueza, pois apenas dos labios de um sahia o mais conciso verso latino, dos de Bocage nascia outro, riquissimo, mais curto verso portuguez. Dizia-lhe um:

Dicite, Pierides; non omnia possumus omnes

e Bocage respondia:

Musas, cantai! nem todos podem tudo!

Bradava um:

Omnia Pontus erat; deerant quoque littora Ponto

e Bocage, sem titubar:

Já tudo é mar; e ao mar já faltão praias;

e assim em duzias de pasmosos exemplos.

Comquanto esta anecdota nos fosse narrada como acabamos de a transcrever, impressiona-nos a circumstancia de que estes versos apontados sejão exactamente os que Bocage nos deixou nos lugares competentes das suas traducções!

Poderiamos mostrar as circumstancias que, n'esses casos excepcionaes, tornárão facil essa traducção verso a verso; alcançar permanente e intencionalmente esse admiravel resultado, nunca foi dado em lingua portugueza (com todas as condições da boa versão) senão á estupenda traducção da *Arte de Amar*, de Ovidio.

Attenda-se bem a estas considerações. Emquanto a nossa lingua, como as modernas, faz consistir a melodia do verso no numero das *syllabas*, na disposição dos accentos e pausas, e na rima, medião Gregos e Romanos os seus versos por *quantidades*, isto é, pelo comprimento ou curteza das syllabas, o que era factivel em idiomas onde cada syllaba, na quasi totalidade dos termos, tinha quantidade fixa e determinada, porque entre essas nações o modo de pronunciar tornava isto tão perceptivel que uma syllaba longa era contada como exactamente igual em tempo a duas breves. Já se vê que, no hexametro, por exemplo, o numero de syllabas variava, podendo chegar até dezesete, e não contendo menos de treze, quando era regular; e todavia o compasso musical conservava-se precisamente o mesmo em todos os versos hexámetros, e sempre igual ao de doze syllabas longas. Para regular o tempo de cada verso, e a apropriada mistura e successão das syllabas longas e curtas precisas, inventárão-se os pés metricos, dactylos, jambos, espondeos, etc. Por estas medidas se regulava a certeza de cada verso, e a sua melodia. Exigia-se, por

exemplo, que no hexametro ficasse a quantidade das syllabas disposta de modo que elle pudesse ser escandido ou medido por seis pés metricos, fossem dactylos ou espondeos (pois o compasso de ambos era igual), só com a restricção de que o quinto pé era regularmente dactylo, e o ultimo espondeo.

Em portuguez tem apparecido tentativas de metrificação por quantidades, como no latim, e o Dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha apostolou essa adopção; mas a ella se oppõe o genio da nossa lingua. Temos, sim, mais ou menos respeito á quantidade, na pronuncia; muitas palavras, mórmente as de bastantes syllabas, têm as syllabas longas e curtas, isto é, as quantidades invariavelmente fixadas; mas ha muitas outras cuja quantidade é arbitraria, como acontece com muitos bisyllabos, e monosyllabos. Pronunciamos de modo as syllabas (com tão insignificante differença entre longas e curtas, e tamanho arbitrio de elasticidade), que a quantidade, de per si, seria elemento insufficiente na versificação portugueza. Provém quasi a unica differença perceptivel entre nossas syllabas, de que algumas têm aquella percussão de voz que denominamos accento; ora nem sempre este accento torna a syllaba mais longa, pois só lhe imprime força maior de som; e é infinitamente mais de uma dada ordem e successão de syllabas accentuadas ou não, que do comprimento d'ellas, que depende a melodia do nosso verso. Se tomarmos um de Bocage, e o recitarmos, alterando a quantidade das suas syllabas (ainda quando são perceptiveis as nossas quantidades), nem por isso padecerá muito a musica do verso; emquanto, se não accentuarmos as syllabas conforme o prescreve o metro, totalmente se lhe destruirá a melodia.

Concluamos porém o que de Bocage temos a dizer como latinista.

Aprendeu latim dos dez aos quatorze annos. Assim nol-o asseguram as pessoas de Setubal, e o certifica Costa e Silva na sua *Noticia sobre Bocage*, por estes termos: « Preenchido o indispensavel estudo das primeiras letras, foi Bocage confiado ao professor regio D. João de Medina, para que o instruisse na lingua do antigo Lacio, que nos abre a porta ao conhecimento das sciencias: suas bellissimas traducções mostrão quanto aproveitou n'esta classe. »

Lê-se na *Memoria* de A. M. do Couto: « Aos dez annos de idade começou a estudar o idioma latino com o professor regio D. João de Medina, o qual, á boca cheia, affirmava nunca víra tão raros talentos, porque expunha e se adiantava nas materias que se seguião ás que na aula se explicavão, com tamanho desembaraço e certeza, que parecia adivinhal-as; penetração tão quente e tão profunda, que em prazo breve o pôz capaz de entender os autores romanos, independente das lições do mestre e de quaesquer outros alheios soccorros: a frequencia da grammatica latina foi curta e pequena. »

O mesmo Costa e Silva, citando o disticho posto como epigraphe por Bocage á sua versão de fragmentos das *Metamorphoses*:

> Entre ferros cantei, desfeito em pranto:
> Valha a desculpa, se não vale o canto,

accrescenta o seguinte: « Foi durante esta detenção (em 1798) que elle verteu a maior parte do 1° livro das *Metamorphoses* de Ovidio, com tal perfeição e elegancia, que ao lêl-a é difficil que se résista á tentação de desejar

tacitamente que elle estivesse mais tempo preso, para assim enriquecer a nossa litteratura com a completa versão d'aquelle poema, o mais engenhoso monumento da poesia romana. »

Parece-nos pois que as duas versões d'este idioma podem ser dadas como modelos d'este genero, pela propriedade da expressão, harmonia de metro, fidelidade de traslado, e valentia de linguagem.

Para d'esta verdade darmos amostra, não iremos procurar as obras longa e sabiamente annotadas; presentaremos porém curtos indicios de versões (verso a verso!) de tentativas poeticas latinas originaes de autor portuguez e contemporaneo. Vejamos o principio da elegia a D. Rodrigo, da primeira edição, de 1800, trazendo o texto latino em frente; igual vantagem ha na primeira edição do *Canto de Tripoli*, do mesmo anno; e na dita do *Consorcio*, sobre as quaes deve este estudo fazer-se.

Cum Te distinxant magnarum pondera Rerum,
Attamen Ingenio cuncta minora Tuo,
Grandia miscere exiguis, Vir maxime, tentans,
Insani videar jure tulisse notam.
At quo non sese insinuat vox blanda precantis?
Panduntur precibus limina celsa Poli.
Hora mihi aderit; subduci Rebus agendis,
Quæ Te circumdant, si brevis hora potest.
Inspice placatus curas, longosque labores:
Ante oculos puncto stet Tibi multa dies.

Quando altas cousas em teus hombros pesão,
Bem que inf'riores a teu genio todas,
Misturar intentando o tenue e o grande,
Terei, celso Varão, d'insano a fama.
Porém, supplice voz onde é vedada?
As portas de ouro o céo franqueia ás preces.

Um momento me basta, se um momento
Do grave ministerio extrahir pódes.
Lidas, cuidados meus benigno attenta!
Longo espaço a teus olhos seja um ponto.

Transcrevamos tambem alguns versos dos com qu
ore o *Canto Heroico de Tripoli* :

Tu ne, musa, time! fidens tua plectra moveto!
Ardua si tentas, haud viribus æqua, labori
En DEUS aspirat, cui non certaret Apollo,
Non Heliconiadum turba ingeniosa sororum.
Pindum ac Parnassum vani lusere Poetæ ;
Nusquam Hippocrene : Solio tibi manat ab alto ;
Quæ tardam exacuat felix audacia mentem.
Hac secura voles; tranareque nubila cœli,
Et pelagus valeas ; valeas arcana subire,
Incertæ nondum famæ corrupta loquelis, etc.

Musa, não temas! Vibra afouta o plectro!
Se tentas sublimar-te a grandes cousas,
Se mais que a força tua é tua empresa,
Eis NUMEN bemfazejo inspira o canto,
NUMEN, de QUEM rival não fôra Apollo,
Nem de Aonias irmãs turba engenhosa.
Sonhão poetas vãos Parnaso e Pindo,
Hippocrene é chimera : a ti dimana,
Do solio desce a ti feliz audacia,
Que a mente acobardada esforça, agita.
Assim remontarás segura os vôos ;
Assim, transpondo os céos, transpondo os mares,
Irás desentranhar, colher arcanos,
Não corruptos na voz da fama incerta, etc.

Dão estes trechos, por certo, idéa ainda pallida do eal merito d'estas versões; e abertas essas paginas á entura, em toda a parte se acharáõ iguaes modelos de onrosa imitação.

De autores gregos (provavelmente em versão latina) e dos latinos, traduzio Bocage : *A sepultura ou morte de Adonis*, de Bion; *Amor fugido*, de Moscho; 5ª *egloga* de Virgilio (Menalca e Mopso); Episodios dos *Fastos* e das *Metamorphoses*, de Ovidio; o *Bosque de Marselha*, de Lucano; *Epigrammas*, de Marcial, etc., e bem assim o *canto de Tripoli*, de J. V. Cardoso; a *Elegia a D. Rodrigo de Souza Coutinho*, do mesmo; o *Consorcio das flôres*, de Lacroix, etc.

Eis-ahi como suppomos dever Bocage ser encarado, em sua qualidade de traductor.

Ainda em vida porém, e até depois de morto, se fez crime a Bocage de transportar, com tão inexcedivel primor, para a sua as riquezas de outras nações! Este serviço foi-lhe imputado a desdouro, reputado carencia de força imaginativa, e nem ao menos mereceu as honras do *privilegio de introducção!* A resposta, ainda a Bocage se proporcionou occasião de a dar, na archi-famosa satyra :

Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Réo de lesa-razão! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flôres, conservar-lhe os fructos,
Quaes erão no sabor, na tez, na fórma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe ou desconheça o dono....
É fadiga vulgar?...
Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, de outro idioma discernindo os genios;
O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando e natural o alheio.....

É ser bugio, papagaio, Elmiro?
Confronta originaes e a cópia d'elles;
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende e com Delille hombreia!

E em verdade, que se ha n'essas palavras altiva ufania, não as accusem de infundada philaucia. Traduzir como Bocage, é ser consummado e primoroso autor; e para o zoilo, *plus enclin à blâmer que savant à bien faire*, mais lhe valêra, se aspirasse a duradoura existencia, imital-o, do que abalar tão devida e arraigada gloria.

CAPITULO XXXI

Influencia de Bocage na lingua e poesia portugueza. — Os progressos d'este seculo. — Não assim na poesia. — O tempo de Bocage foi de transição. — O Elmanismo. — Os imitadores. — Bocage e Filinto. — Opiniões dos Srs. Garrett, Alexandre Herculano e Castilho Antonio.

Fechava Bocage os olhos, e um grande seculo abria os seus. Já não foi dado ao poeta presenciar as maravilhas que este, mais que outro algum de seus predecessores, legará ao porvir. A materia fez, nos ultimos sessenta annos, milheiros de conquistas; mas conquista mais nobre, mais grandiosa, mais fecunda é a que tem alevantado o nivel geral da intelligencia; n'este sentido a humanidade, contada pelo numero, ha subido mais em sessenta annos que em todos os evos anteriores. Já não ha classes desherdadas; nenhum privilegio arrebata ao genio o talher que lhe cabe no esplendido festim a que o genero humano indistinctamente concorre. Congratulemo-nos pelos progressos da materia; mas aos progres-

sos agigantados da instrucção do mundo entoemos hosannas!

E todavia, confessemol-o, á poesia não tem cabido parte igual n'este adiantamento; na quantidade, sim; mas na qualidade? Exceptuadas brilhantes excepções, dirieis que as musas, atordoadas com o fragor e a matinada do martello, da politica, e do leilão, fugirão! É porque as florestas virgens, povoadas de arapongas, sabiás e borboletas, aquelles encantadores de sons, estas esplendidas de côres, essas florestas que abrigão a viração suave, o frescor permanente, as nascentes crystallinas, se a mão do homem as prostra transformão-se, civilisão-se, morrem. Esse chão, antes tapetado de folhagem, sustenta hoje palacios, theatros, armazens, ruas e praças; mas contentai-vos com isso: sabiás, borboletas, desapparecêrão; frescura, só nas lojas de sorvetes; agua, só nos canos dos chafarizes.

Não é pois este o seculo da poesia; só hoje poderia um Pelletan negal-o: nunca tal succedeu, nunca tal succederá mais. Honrai os poetas (diz J. Janin), honrai os poetas! é o brado de todas as gratidões e de todas as sabedorias. Honrai os poetas, e não vos surja á mente a idéa de lhes oppôr os milagrinhos de cada dia. Primeiro que se tornasse a compôr uma Iliada, o homem prendeu o sol ao seu carro. Embora crescessem na opinião publica a bussola e a electricidade, não ha de ultrapassar o *qu'il mourût!* do velho Horacio. A quem as quizer, deixemos as locomotivas do caminho de ferro, mas adoremos as elegias de Lamartine, as fabulas de Lafontaine, as virgens de Raphael, os sonetos de Bocage! Alimentai, com o vosso dinheiro, a industria e os seus prodigios! Entregai o mundo aos pariás de bigorna e do

martello... porque não? Exaltai-nos os milagres modernos; estamos promptos para os reconhecer, mas não para adoral-os. Não ha duvida : o tempo está anticipado; o Oceano supprimido; o espaço subjugado. Mas de que servio essa empalmação do espaço, se apenas der como resultado ligar o idiota que está em Lisboa ao idiota que está em Petersburgo? E o vosso telegrapho electrico, para que presta, se se limitar a dar mais depressa em Londres o valor dos fundos em Berlim? O curso dos papeis sabia-se no dia seguinte. Fallai-nos da divina *Eneida;* ahi tendes maravilha contra a qual nada póde prevalecer. Pondes, sim, os corpos em presença; e as almas? Abraçais a redondeza com um só balcão; pondes em contacto todas as burras, e todos os escriptorios; mas os pensadores?

Não; a poesia, o grande, o bello, a arte, o sentimento, não tem progredido alapar da industria e dos confortos physicos. Pelas condições do hodierno viver, os actuaes Camões são todos menos autores de *Lusiadas*, que provedores de defuntos e ausentes; e, pela insaciabilidade do Minotauro politico, menos frequentadores do valle de Tempe que das espeluncas eleitoraes.

Os dias de Bocage não erão ainda bem isto, mas uma transição. Comquanto houvesse distinctos vultos no curto prazo em que Elmano os teve por contemporaneos, foi elle que por sobre todos se elevou. Qual porém a influencia que lhe foi dado exercer?

Coube-lhe uma honra, que nem sempre, confessemo-lo, é monopolio do genio. Formou uma escola poetica, vasta, ardente, exclusiva, enthusiasta, devorada d'essa insoffrida intolerancia que distingue os neophytos de novo culto, ou renegados de religião velha. Mas geralmente

os que n'essa escola professárão, levando o culto a ponto de fanatismo e superstição, imaginavão que o genio de Bocage os fecundava, quando ao contrario os devorava. Impotentes para alcançar as bellezas que erão o *eu* de Bocage, até nos defeitos o tentárão imitar, e ahi com pleno exito, pois tiverão a arte de excederem infinitamente o modelo!

Na mão de taes imitadores o vocabulo altiloquo foi-se convertendo em empola tumida; a locução magestosa, em algaravia himpada e sesquipedal; a paixão ardente, em delirio desordenado e artificioso; a opulencia metrica, em monotonia de som; a abundancia em diluvio; a antithese em alforge! Pobres imitadores! pobres loucos do Pirêo! Sonhavão ser Bocage o centro planetario lá d'elles, que mais não erão do que mariposas esvoaçando em torno do facho a que se queimavão!

Quando Voltaire deu o *Tancredo*, correu que na scena figuraria o cadafalso de *Amenaide*, cousa em que o autor nunca pensára; mas por esta occasião lhe escrevia um fino critico: « Livre-nos Deos de que deis semelhante exemplo; pois se o genio levantar no theatro o patibulo, viráõ os imitadores pendurar-lhe o enforcado! » Quasi todos os discipulos de Bocage pendurárão o enforcado; não attribuamos pois ao mestre os desvarios, de que é innocente.

Mas em que estado achou elle a poesia portugueza?

Varios periodos, mui dissemelhantes e caracteristicos, têm marcado o canto nacional, já nos generos da sua predilecção, já nos modelos de seus arremedos. A poesia lyrica dos trovadores, importada pela côrte provençal de D. Henrique, vio substituir as suas *redondilhas* e feiticeiras *chacaras* pelo antigo *romance* de Gil Vicente e

Bernardim Ribeiro, pela *philosophia* de Sá de Miranda e Ferreira, assim como pela inclassificavel *bastardia poetica*, de que é prova o *Cancioneiro de Rezende*: creada com Camões a epopéa e a lingua, cahio a arte divina, d'essa suprema altura, no gongorismo e na baixeza, em que retouçou até depois de extincta a dominação estrangeira, para, em tempos de Pombal, vir a renascer o culto do estro, sob as fórmas mais desveladamente classicas, sobrepujando comtudo o genero e estylo bucolico [1].

Foi n'este estado de cousas que, além de cem homens de engenho, abrírão o seculo, para capitaneal-o, Bocage e Filinto, ambos revolucionarios e reformadores, aquelle o reformador pela natureza, este o reformador pela arte. Ambos formárão vasta escola. A de Bocage não podia deixar de ser numerosa, não só pelo merito e encanto do mestre, mas porque a sua lyra foi familiar com todos os estylos e com todos os generos. Soneto, ode, madrigal, epigramma, idyllio, drama; jocoso, grave, domestico, sublime, tudo forão teclas que elle pulsou no seu variadissimo instrumento.

Tres das mais elegantes e competentes pennas de Portugal tiverão occasião de confrontar o merito dos dous escriptores, e de emittir opinião sobre a influencia de Bocage na poesia nacional. Os curiosos nos agradecerão por certo de substituirmos aqui as nossas palavras por escriptos dos Srs. Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Castilho Antonio, limitando-nos a poucas linhas mais.

[1] Com os tempos variárão tambem os typos das nossas litteraturas, procurados no estrangeiro. Fôra facil fixar os limites da influencia provençal, latina, italiana, hespanhola, desde meado seculo passado substituida pela franceza.

Eis-aqui como sobre este ponto se exprime o Sr. Garrett, no *Bosquejo historico*, discurso que precede o *Parnaso lusitano* :

« Miseria é, que o geral dos Portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos, que essas calumnias apregoavão : passou em julgado que os classicos se não podião ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho, nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

« N'este estado de cousas apparecêrão em Portugal dous homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso engenho poetico, Francisco Manoel e Bocage. Aquelle, filho da escola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas; e já imbuido no gosto da antiguidade, já imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quasi desde a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a effervescencia dos primeiros annos, ardente cantor das paixões, enthusiasta, agitado do seu proprio natural violento, rapido, insoffrido, sem cabal instrucção, para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

« Ambos começárão imitando os grandes mestres de seu tempo, seguindo cada um em seu genero o estylo e gosto adoptado e geral, desde a restauração das lettras no meado do seculo. Mas não são engenhos grandes para seguir, senão para fundar escolas : nem tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo jugo de imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage, a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo theatro das glorias portuguezas, voltando da Asia, foi recebido em Lisboa entre os applausos dos muitos admiradores que já tinha

deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se esta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas idéas ateou o enthusiasmo geral; a mocidade inflammou-se com o nome de Bocage: de enthusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viã já defeitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio erão superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de João III e do de José I. Esta era a opinião commum da mocidade; e tão geral se fez, tantas vezes a ouvio repetir o objecto de tal idolatria, que força era que a acreditasse, que com ella se desvanecesse e desvairasse.

« Isso lhe acontéceu. O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exageraçõos : essas erão as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subio a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação fantastica, abandonou a natureza, e a suppôz acanhado elemento para o genio. Mais elle repetia *eternidades*, *mundos*, *céos*, *espheras*, *orbes*, *furias*, *gorgonas*, mais dobrava o applauso; mais delirava elle, mais o admiravão. Ao cabo, nem elle a si, nem os outros a elle o entendião [1]. *Pari passu* que as idéas desvairavão, desvairava tambem o estylo, e emfim se reduzio a uma continuada antithese, perpetuos trocadilhos, *tours-de-force*,

[1] Assim lhe succedeu, principalmente em muitos dos, por natureza e essencia, hyperbolicos elogios dramaticos; genero de composição extravagante e quasi sempre ridiculo.

pulos, saltos, rompantes, castelhanadas, com que se tornou monotono e (usarei de uma expressão de pintor) *amaneirado*.

« A metrificação de Bocage, julgão-a sua melhor qualidade; eu a peior; ao menos a que peiores effeitos causou. Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As varias idéas, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras cousas, variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa; o mesmo tom, embora afinado; a mesma harmonia, embora perfeita; o mesmo compasso, embora exacto, fazem monotona e insupportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E taes são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos : digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse numero me conto) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mecanico das vozes a harmonia intima da idéa; supprir com as vibrações, que só podem ferir a alma pelo orgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as côres, as fórmas dos quadros naturaes; eis-ahi a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras bellas artes; mas quão difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! Poucos o conseguirão : Francisco Manoel foi entre nós o que mais finamente o entendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

« Porém nos intervallos lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, despossesso do demonio das hyperboles e antitheses, ficava seu engenho a sós com a natureza e em paz com a verdade,

então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina tempera d'esse raro engenho que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo, os costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a soltura, a fome. Muitas epistolas, varios idyllios maritimos, algumas fabulas e epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de gloria. Dos sonetos ha grande cópia que não tem igual nem em portuguez, nem em lingua nenhuma; de uma força, de uma valentia, de uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escassa. Sabia pouco a lingua; a força do grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma, só as dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille e Castel são primorosas.

« Mas de traducções estamos nós gafos : e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogárão os estrangeiros. Traduzir livros de artes, de sciencias, é necessario, é indispensavel; obras de gosto, de engenho, raras vezes convem; é quasi impossivel fazêl-o bem; é mingua e não riqueza para a litteratura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem asssim faz, accommoda-as ao caracter nacional, dá-lhes côr de proprias, e não só veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como traductor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e indole nacional : assim fizerão os Latinos, que sempre imitárão os Gregos e nunca os traduzírão; assim fizerão os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a *Iliada*, Camões a *Eneada*, Tasso os *Lusiadas*, Milton a *Jerusalem*, Klopstock o *Paraiso perdido*, nenhum d'elles fôra tamanho poeta, nenhuma d'essas linguas se enriquecêra com tão pre-

ciosos monumentos: e todavia imitárão uns aos outros, e d'essa imitação lhes veio grande proveito.

« Esta mania de traduzir subio a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do publico, que não só lhe não agradavão, mas quasi não entendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduzio-se a monotonos sonetos, a trovinhas de amores, a insipidas enfiadas

De versinhos anões a anãs Nerinas.

« Tão baixos nos puzerão os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a critica estigmatisou com o nome de *elmanistas*, e de *elmanismo* sua affectada escola! N'elles se mostrárão exagerados os defeitos todos do enthusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

« Mas emquanto Bocage e seus discipulos tyrannisavão a poesia e estragavão o gosto, Francisco Manoel, unico *representante* da grande escola de Garção, gemia no exilio, e de lá, com os olhos fitos na patria, se preparava para lutar contra a enorme hydra, cujas innumeras cabeças erão o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que ião devorando a litteratura nacional.

« A sua epistola sobre a arte poetica e lingua portugueza, que vai á frente d'esta collecção, póde rivalisar com a de Horacio aos Pisões: força de argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo ahi peleja contra o monstro multiforme.

« Que direi das odes? Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subio tão alto como a portugueza na lyra de Francisco Manoel. Que ha em Pindaro compa-

ravel á ode a *Affonso de Albuquerque?* onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos *Gamas?* se o patriotismo fallasse alguma hóra aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia elle dizer-lhes igual áquella inestimavel ode que se intitula *Neptuno aos Portuguezes?* E quando a liberdade trôa na espada de Washington, submette os raios de Jupiter e o sceptro dos tyrannos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Pen os laços de fraterna união! Que immenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objectos! Quando nas odes a *Venus*, a *Marfida*, a *Marcia voltando inopinada*, no *Hymno á noite* se requebra em amoroso jubilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de estylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero horaciano não é elle tão puro e perfeito como Garção, mas nem entendeu menos nem imitou peior o seu modelo.

« Entre as epistolas ha muitas admiraveis : dos contos e fabulas, alguns com elegante sal e chiste. As traducções do *Oberon* de Wielland, da *Guerra punica* de Silio Italico, mas sobre todas, a dos *Martyres* de Châteaubriand, são thesouros de linguagem e de poesia.

« Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza : só per si Francisco Manoel valeu uma academia, e fez mais que ella; muita gente abrio os olhos, e adquirio amor a seu, tão rico e bello, quanto desprezado idioma : e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus fóros e liberdades.

« Nos ultimos periodos de sua longa vida, afrouxárão as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos *Martyres* (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno, como de um octogenario se podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e santo horror, o fez cahir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tamanhas como o pregoou a inveja e a ignorancia. »

Ouçamos agora o Sr. Alexandre Herculano, no *Elogio Historico* do amigo de Bocage, Sebastião Xavier Botelho, lido em sessão do Conservatorio Real de Lisboa :

« A Arcadia derrubára a poesia seiscentista: cumprira com sua missão. Depois dogmatisou e morreu. Foi de inanição. Esta sociedade, tão activa, tão belligerante, tão ruidosa nos seus começos, expirou, e nem sequer o mundo litterario deu tino d'isso. Era que a Arcadia nunca propriamente vivêra, porque nunca representára uma idéa progressiva.

« Foi depois d'ella que floreceu Bocage e a sua escola, um de cujos luminares era o Sr. Sebastião Xavier Botelho. Resta-me trazer á vossa memoria o lugar d'esse poeta e d'essa escola nos annaes da arte.

« Bocage vinha depois de duas restaurações classicas, ou romanas; assistira ao derradeiro clarão da segunda, e fôra educado por ella. Os seus primeiros poemas são moldados pelos dos arcades, mas já n'esses poemas ha mais inspiração, porque Bocage nascêra e não se fizera poeta, como se havião feito aquelles, se exceptuarmos Garção. As variedades, que gradualmente apparecêrão no seu estylo e pensar, forão mui pouco distinctas, salvo na

metrificação, em que escureceu completamente os arcades, e na tendencia, visivel nas suas melhores composições, para substituir a mythologia pagã pela allegoria, o que deveu talvez á influencia dos poemas descriptivos francezes, a que o materialismo e a incredulidade do seculo decimo-oitavo tinhão reduzido a poesia d'aquella nação.

« Mas é, senhores, sob outro aspecto que importa considerar este homem extraordinario, para avaliar a missão da sua escola, e saber qual transformação o apparecimento d'ella veio produzir na arte.

« Na litteratura dos arcades, como nas litteraturas da época de D. João III e da época de Augusto, a poesia tinha sido essencialmente cortezã, aristocratica, altiva. Os pastores da *Arcadia* nunca assistirão aos mais sublimes espectaculos do universo, nunca sentirão no coração essas paixões violentas que devorão as existencias. Que sabião elles dos campos de batalha, das sedições, dos grandes crimes e das virtudes? Elles ignoravão o que são lagrimas de desterro, o que são contentamentos de tornar a ter patria. Odios, fanatismos politicos, ancia de gloria popular, ambições, miserias humanas, não existião para elles. Os mares e os seus terrores, as solidões profundas das serranias, o ruido das torrentes, o sibilar dos ventos por gandras bravias, não imaginavão o que fosse. As procellas emfim da natureza, e as mais terriveis ainda do espirito, em que parece deleitar-se o poeta d'este seculo grave e triste, — porque o convertêrão á melancolia e ao cogitar profundo os seus destinos solemnes, — tudo isso era alheio á suave existencia dos arcades. Sacerdotes, magistrados e servidores do Estado, o seu monte Menalo era uma sala adornada de sedas e razes; a sua lyra ou rabil uma penna muitas vezes dourada; as suas inspirações

uma vasta erudição. Assim os affectos e imagei
poemas vacillavão entre a frieza e trivialidad
geração e mentira, porque para elles as paixõe
reza estavão nos livros. Os livros forão o seu u

« Bocage porém não era arcade. Era um l
povo, que alimentava no espirito todas as paix
tas, e muitas vezes freneticas e desregradas d
como o vulgo, ajuntava a feios vicios nobres e
virtudes. Era o trovador, que improvisava os
admiraveis versos no meio das multidões, á
ou dos astros da noite, nas orgias das cidades,
campestres, em todos os lugares, a todas as
pois de Camões, Bocage foi o nosso primeiro p
lar : como Camões, foi pobre, foi criminoso,
fadado ; adormeceu, como elle, muitas vezes n
das vagas do oceano, e como elle orvalhou de
pão do desterro, e veio morrer na patria sobre
da miseria. Semelhante ao enfermo do Evang
sou pela terra, abandonado, pobre, nú ; mas
antigos romeiros trovadores, alegrou ou com
animos das classes não privilegiadas, ás quaes
los tinhão feito esquecer que a poesia era
principalmente para ellas.

« Bocage é o typo mais perfeito da sua es
feito devia sêl-o. Ella popularisou a arte, porq
principalmente para o povo, e embalou ao mes
com as melodias da linguagem, com o sonoro
essas almas rudes, mais attentas á harmonia
que ao poetico do pensamento.

« Feita assim a poesia plebéa, duas conseq
vião seguir-se d'esse passo gigante, a liberdad
e o apparecimento do theatro. A poesia popul

como o povo, quando começa a pensar e deixa de querer, todas as leis que se fundão em autoridade ou tradição e não em conveniencias; e o drama é a fórma mais completa da arte, quando esta se faz burgueza. Não aconteceu todavia assim: a razão d'isso é obvia.

« A revolução litteraria que a geração actual intentou e concluio, não foi instincto; foi resultado de largas e profundas cogitações; veio com as revoluções sociaes, e explica-se pelo mesmo pensamento d'estas. Mas nem Bocage, nem os poetas que o imitavão ou seguião suas doutrinas, se doutrinas havia n'essa escola, curavão de averiguar theorias estheticas; porque os tempos da grave discussão ainda não erão vindos. Poetas inspirados deixavão-se ir ao som das suas inspirações, vivião n'uma especie de excitamento intellectual: o estro, em que tantas vezes fallão, era uma realidade, e o improviso a fórma commum em que davão vulto aos seus pensamentos e affectos. Esses engenhos ardentes respiravão n'uma atmosphera de enthusiasmo, de ebriedade poetica. Semelhantes á avezinha, que solta o seu gorgeio como aprendeu da natureza e do gorgeio paterno, elles, no seu poetar espontaneo, aceitavão sem exame as regras que lhe ensinára a Arcadia. E que podião fazer os pobres poetas peões, senão curvar a cabeça ao voto dos mui eruditos e cortezãos pastores do monte Menalo?

« Por isso a escola bocagiana preparou só metade da revolução artistica: trouxe a poesia dos corrilhos e salões aristocraticos para a praça publica; mas não a fez nacional. Esta difficultosa empreza estava em grande parte guardada para um poeta tão romano em intenções e desejos, quanto portuguez na indole do seu engenho. Francisco Manoel foi quem acabou o que Bocage começára,

completando pela nacionalidade o plebeismo da arte. Feito isto, seguia-se a revolução, e um poeta mancebo, desterrado como Francisco Manoel, rasgou a bandeira romana e hasteou a portugueza. *Dona Branca* e *Camões* forão o signal da revolta. As tradições da Arcadia estavão irremissivelmente condemnadas. »

Entre varios discursos do Sr. Castilho Antonio, escolhemos uma das suas notas ao poemetto *O Dia da Primavera*:

« No tempo em que eu cursava meus estudos na Universidade de Coimbra, florecia ella com muitos e bons engenhos de mancebos dados ás bellas-lettras. E porque ainda então se não tinhão acendido os desastradissimos odios das parcialidades politicas, a Hobbesiana propensão de guerrear se exercia nas lettras. Duas seitas de escrever se contavão, a cada uma das quaes não faltavão admiradores, apostolos e evangelistas, assim como por isso mesmo inimigos, escarnecedores e parodiadores. Os livros, em que uma juramentava os seus adeptos, erão Gessner e Bocage; Filinto era o alcorão da outra. Gessner, quanto ás cousas e affectos, e Bocage quanto ao terso e lustroso de estylo e metro, erão os idolos de uma; os da outra erão, quanto a cousas e affectos Filinto, quanto a estylo e metro Filinto, e Filinto quanto a tudo em que Filinto pudesse bem ou mal ser imitado. Tinha cada uma d'ellas suas vantagens e seus descontos, como agora claramente diviso, quando as considero com animo livre e desassombrado de preoccupações. Não fallarei aqui de Gessner, porque já no prologo o fiz; confrontarei sómente, e de corrida, Elmano e Filinto.

« A ambos dotára a natureza de talentos, assaz fortes todavia para que pudessem cunhar á sua feição a poesia

de seus tempos. Elmano, que talvez em seu genero nos ficará sendo unico, de força devia deslumbrar e encantar pelo caudal inexhaurivel, brilhante e estrepitoso de sua vêa, que eu appellidarei, e ria quem rir, um Niagara de talento : e assim como os que pasmão diante d'essa grande cataracta, de puro embevecidos em sua cópia e magnificencia, não têm olhos para notar o esteril do seu curso, o assolador do seu impeto, e os penedos que roja, envoltos e disfarçados com suas aguas, assim os que presentes assistirão ao poetar de Bocage, ou da tradição o recebêrão, fascinados com os seus estrondos, espumas e iris, mal se podem lembrar de lhe desejar affecto, siso e exactidão, que muitas vezes lhe fallecem.

« Cinco cousas, pelo menos, para o bom poeta se requerem : *faculdade inventiva*, *faculdade sensitiva*, *sciencia*, *lingua*, *e ouvido;* ainda com estas cinco, outra, que talvez resultará sempre de sua união, e sem a qual todas as mais serão baldadas; falto d'aquelle discernimento prompto, que a muitos erradamente pareceu instincto, e a que se costuma dar nome de *gosto*. Em raros sujeitos concorrem tantos predicados : por isso só de longe a longe apparecem os maximos poetas, e já se dão por grandes aquelles a quem menos faltou d'estes requisitos.

« *Faculdade inventiva*, ou não a tinha, ou apenas a tinha Manoel Maria ; a sua quéda para traductor bastaria para indicio, se de indicios se carecesse, aonde claras reluzem as provas : um *Fado*, um *Jove*, *Eternidade*, *Natureza*, *Sóes* e *Céos* são o *index rerum notabilium* da maior parte de seus escriptos ; e tanto abunda n'estes bordões sustedores e disfarçadores de sua fraqueza, como Ferreira (e quem descobrirá os meus?) na cansada repetição do *esp'rito*, Jorge de Montemaior na de *hermoso* e

hermosura, Pina e Mello na de *alento* e *impulso*, Alfeno Cynthio na de *santo* (epitheto, que por mais não ter onde o pegue, até o põe, se bem me lembro, como arrebique na cara de suas pastoras e namoradas); com a differença que os particulares bordões d'estes poetas, e ainda outros de outros muitos, não são, em suas obras, senão meras circumstancias e accidentes, [illegible] de Bocage menos são estribilhos do que fundo e substancia de inteiros e repetidos periodos.

« De *faculdade sensitiva* talvez o houvesse menos escassamente dotado a natureza, mas outras qualidades que lhe ella mesma deu em maior auge, taes como volubilidade de fantasia, aspereza de condição, espirito sobranceiro e satyrico, e coração, como elle mesmo confessa,

Mais propenso ao furor do que á ternura,

lhe entibiarião os affectos benignos, de que só a longes distancias lhe sahe, como a descuido, algum reflexo. A estes máos e naturaes elementos accrescêrão desvarios da fortuna ou do acaso, bem valentes para de todo lhe seccarem a fonte das branduras. Vida, mal preparada de educação, nua dos amoraveis habitos domesticos, desalumiada de doutrina e estudo, aturdida de applausos continuos e encarecidos, amargurada a miudo de pobreza, vagabunda entre amigos não amados e por terras não suas, vida, porque tudo diga, corrida á ventura e sem norte conhecido, desenfreada de todas as leis, solta por todos os vicios, cynica por timbre e por indole silvestre e bravia, como podia ser que lhe não tisnasse no germen os affectos maviosos? Isso foi, e isso conhece quem bem attento o ler e meditar. Mas em desconto, as paixões

fortes, como o ciume, a colera, a vingança, sente-as e pinta-as vigoroso, assim como todos os objectos grandiosos, remontados, encarecidos, ou terriveis. Não vos debuxará um mendigo, avergado de annos, estendido n'umas palhas esquecidas, junto do cão seu ultimo companheiro, e orando no desamparo da noite, por quem, sem o convidar para a sua fogueira do inverno, lhe deu fóra da porta meia fatia de pão; nem ainda as caricias de uma mãi a seu filho : mas dir-vos-ha, rico e altisono, os impetos de uma tempestade, a sanha de uma batalha, as iras de uma madrasta, ou as furias de um infeliz que pragueja sua má ventura.

« Os affectos e a invenção póde a *sciencia* por algum modo suppril-os, opulentando-nos com os affectos e invenção de melhores autores, uma vez que por nós tenhamos a arte de bem escolher, bem digerir, e bem converter esses litterarios alimentos em substancia nossa, em nosso proprio ser; ainda mui boa estrella é essa; e não poucos dos afamados, desde Virgilio até os nossos dias, só á sciencia, e a essa arte de a aproveitar, haverão devido a melhor parte do seu credito. É o saber principio e fonte de bem escrever, dizia o mestre dos poetas: e dizia o dos oradores que uns e outros era mister entenderem de tudo. E se já isso foi nos tempos antigos conselho e quasi preceito, preceito absoluto se tornou, e necessidade, para quem escreve n'estes tempos, em que a luz se derramou mais ampla, em que as sciencias, cansadas de viver sobre si, se congregárão como boas irmãs em uma só familia, juntárão os seus patrimonios em commum, e cada uma ajudando a todas as outras, vem a por todas ellas receber um infinito accrescimo em seu peculio. Limitadissima era a instrucção de Bocage : o latim

e o francez, na primeira de cujas linguas mórmente era primoroso sabedor, segundo referem, puderão ter-lh'a dado copiosissima; mas nem a viveza de seu animo, os prazeres e os divertimentos que em seu cerrado circulo o trazião como enfeitiçado, lhe permittião estudos, nem são elles facil cousa para pobres e viciosos, nem o que era saudado por divino, como quer que *desatasse na voz o aceso turbilhão* de suas idéas, carecia de ir excavar em livros o suado cabedal com que outros negocêão veneração.

« Quanto á *linguagem*, não será pejo dizer que a usava limpa e sã, não se podendo tachar a sua de mendiga e remendada, como a já muitos dos seus contemporaneos vinha acontecendo, nem encarecer de rica e ambiciosa; pouco tinha lido do portuguez, mas esse pouco com aproveitamento; só d'isso ajudado, e do latim, lá se foi remindo e esteando a sua musa, sem emprestimos do francez; e este carecer de vicios já então era grande virtude. Para lhe darem, como a texto, cabimento em nosso diccionario, não vejo eu razão sufficiente, assim como a não ha para o desprezo e esquecimento em que os havidos por puritanos o deixárão cahir. Uma cousa é porém verdade irrefragavel, e é que em nenhum escriptor, antigo, nem moderno, apparece a lingua portugueza mais senhoril e polida, mais igual e ao meio entre o usual e o sublime, entre a penuria e a prodigalidade.

« Somos chegados á *harmonia*, o mais eminente merito de Bocage, e no qual nem antecessor teve, nem ainda até hoje successor. De todas as partes que em Bocage concorrião para poeta, nenhuma havia tão delicada, e em que tanto se houvesse a natureza esmerado como o ouvido. A verdadeira musica dos nossos metros, parti-

cularmente do decasyllabo, não só a desempenhou e ensinou elle, senão que a inventou; e com felicidade tão rara, que não cuido se possa apontar hespanhol, e nem por ventura italiano que o iguale, e mais é o italiano, pela abundancia de suas brandas e variadas vogaes, pelo moderado e macio de suas consoantes, pelas licenças e elasticidade de seus vocabulos, muito mais prompto e domavel para todo o uso metrico do que o portuguez. Poucos estafárão tanto os consoantes como Bocage (e ainda ahi é grande o seu louvor, que não é dado rimar mais primorosamente); mas a ninguem erão os consoantes mais escusados: são esses para o verso uns arrebiques e signaes com que os mal assombrados se disfarção, para poderem apparecer, mas de que os graciosos e bellos não carecem, nem os devem consentir, por não parecerem mênos do que são. Porque não ousarei eu dizer, que mais são os seus versos poeticos, do que era poeta elle proprio? Como simples cantilena agradão, agradão ainda quando por vãos os engeita o juizo, e o coração por frios; um estrangeiro que, ignorante d'esta lingua, os ouvisse bem e devidamente ler, recrear-se-hia com a toada de um bem tangido instrumento. Grande excellencia por certo é esta, á qual principalmente deveu levar trás si suspensos e encantados os animos, e por onde logrou ser, sem o cuidar, fundador de uma escola, que, se me não engano, ainda de todo não passou. Toda a gloria de engenho é ouro em que nunca faltão fezes; o produzir, pela magica de sua versificação, uma seita de versificadores, por honroso se pudera haver, se aos discipulos pudesse ter transmittido, juntamente com as normas, o talento, a força, a graça e o gosto com que as produzia e aperfeiçoava; porém quiz algum genio máo, para lhe

humilhar a vaidade e descontar a victoria, que a maior parte de seus sectarios menos lhe tomasem a melodia do que os escarcéos, as empollas, os trocadilhos, as apostrophes, as redundancias, e os versos que já se hoje chamão de dobrar :

— Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.
— Vio n'ella os risos, vio as graças n'ella.
— Um Deos não é perjuro, um Deos não mente.
— Que não paga de um Deos, de um céo não paga.
— Ousaste pregoar mais céos, mais deoses.

versos, que, parcamente lançados, como nas obras de Virgilio, têm graça; semeados a frouxo são affeites e desdouros do estylo.

« Do seu *gosto* já me julgo dispensado de fallar, porque me parece que o que d'isso pudera dizer por si mesmo está nascendo do que fica dito. Concluamos que de Bocage digo em geral, com suas excepções se ha de entender, porque por uma parte muitas paginas ha suas, mórmente em algumas traducções do francez, onde parece lhe esqueceu pôr o tal verniz de dicção e sons que para si inventára, e de que a ninguem deixou a verdadeira receita; e por outra parte tambem, obras temos suas, mórmente sonetos e traducções latinas, cabaes e redondissimamente perfeitas. Passemo-nos já a tomar iguaes contas a Filinto.

« Muito mais melindroso é este processo, até porque já o querer tomar-lh'as será, para seus apaniguados, um crime de leso-Apollo e primeira cabeça. Valha-me porém a declaração que faço, de que em tudo quanto disser não seguirei outras partes que as de minha razão, declarando *previamente* que muito pouco dou eu mesmo por ella;

mais são consultas que faço que sentenças que profiro, e antes exercicios de imparcialidade do que acintes de inimigo; de ninguem o sou, quanto mais de poetas, de perseguidos, de velhos, de mortos. Foi tempo em que eu, obscuro poetastro do Mondego, ria e vazava epigrammas contra o traductor dos *Martyres;* hoje se me afigura muito mais valioso. É elle o mesmo, mudei eu; Deos sabe quantas vezes mudarei ainda com os annos; do mudar não é nossa a culpa; nossa é porém, feiissima, a de persistir no erro conhecido; se a republica litteraria tivesse inquisidores, por heresia e contumacia me não havião de relaxar ao braço secular. Ha por ahi muito homem do meu officio, que possa dizer de si outro tanto? Mas deixemos esses que estão vivos, e vamo-nos a Filinto.

« Se é ou não *creador*, já vi ser renhida questão entre ociosos; para mim tenho que semelhante titulo mal lhe póde caber. O frequente verter, ha pouco disse eu que denunciava esterilidade; e pudera accrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, cuido que nas lições litterarias do doutor inglez Blair, e que muito me cahio; a saber, que o costume de traduzir, bem que olhado pela rama pareça dever ser fructifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. Comparal-o-hei com o linho, que, apezar de tão preciso no mundo e de tão agradavel aos lavradores depois de colhido, por isto só desgosta a muitos d'elles, que a terra onde se creou fica magra, e, como elles dizem, queimada para outras novidades. Muito mais de metade dos tomos de Filinto trazem no titulo os nomes de autores estranhos, devendo-se ainda lançar a este rol, por boa restituição, bastantes obras, que, talvez por descuido, imprimio sem nenhuma menção de serem, como erão,

vertidas. As imitações são, no merito e inconvenientes, meias traducções, e as do nosso poeta são numerosissimas, disfarçadas umas, outras manhosamente dissimuladas. No resto que é de sua lavra, apenas se nos depara cousa que abone talento original e productivo : são os chamados lugares communs de poesia philosophica, que já por safados custão a passar, e as tão esfalfadas visões e apparecimentos de Apollos, de Musas, de Amores, de Pégasos, e de outros mil defuntos, a quem o tempo já comeu o balsamo, e que todavia são ainda a unica povoação de quasi todos seus poemas, tanto jocosos como serios. Algumas vezes me vem desconfianças de que n'aquelle passo da satyra do *Bilhar*, em que o nosso Tolentino parece rir de certas odes, contra Filinto ia tirada a setta de sua critica :

> Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
> Alça o trilingue, mádido tridente;
> Mas que Górgona philtra? eu vejo, eu vejo...
> Em dizendo isto é ode certamente.

« Em *affectos* porém sobreleva a Bocage, e não abunda. A espaços lhe vislumbrão assomos d'aquella scismadora melancolia, que mais ou menos respira em todos os bons poetas. As amarguras e saudades, que em tão larga vida e desterro lhe não faltárão, alguma, e não rara vez, lhe soprárão versos amoraveis, e deliciosos de tristeza. É este de todos os dotes de poeta o mais caramente comprado; sendo assim que Deos sabe quantas vezes em applaudir um verso que nos toca, batemos por ventura palmas a calados infortunios de quem nol-o escreveu. Não nos assumptos ditos *sentimentaes* se conhece tanto *o verdadeiro* sentimento, como nos de indole mais fria

e isenta; porque, se n'estes ultimos apparece inesperada uma palavra maviosa, n'uma flôr de festa uma nodoa de lagrima a descuido, ahi vem o infallivel documento de ternura e suavidade; e d'estas sombras de lagrimas, d'estas palavras maviosas achamol-as em Filinto.

« Na *sciencia* é que elle mais notoriamente leva a palma ao seu contendor. Que muito? com o dobro de vida, com precisão de estudar para se divertir das mágoas e ganhar pão, com o ar e trafico de Paris, onde todos inspirão e expirão lettras, e com tão espaçosa velhice, pingue quadra em que as paixões, quietando, nos deixão todo o silencio, remanso e curiosidade necessarios para o estudo! Tornárão-se-lhe familiares os classicos portuguezes e latinos, de uns e outros dos quaes talvez Bocage não tivesse acabado dous ou tres volumes; familiares os classicos francezes, hespanhóes e italianos, e ainda as versões dos inglezes e allemães. Á roda d'elle chovião de dia a dia, e de hora a hora, os fructos novos de todos os ramos das sciencias, de que é impossivel a quem por lá vive não provar, até sem querer, e ao cabo não se nutrir e fortificar. Entretanto repararia eu, se o ousasse, que para quem logrou concurso de tão favoraveis circumstancias, como as que sua má estrella lhe deparou, não sahio Filinto o que se pudera esperar de noticioso e culto; e ou desaproveitou o maná que ás mãos do espirito lhe chovia, ou se o tomou lhe não luzio. Á primeira d'estas duas conjecturas me inclino, porque, segundo o que de seu natural alcanço por suas obras, parece-me que na lição das estranhas mais se ia á caça de vocabulos e phrases curiosas, insolitas e atrevidas, do que de doutrinas e philosophia. A sua era meã e usual; cansados louvores á liberdade, á amizade e á sã virtude

ao estudo, ao descanso e ao deleite, alguns arremeços de encontro aos Bonzos e Naires, eis-ahi sondado até ao lastro o seu poço de saber moral; alguma historia não rara, antiga e moderna, eis todo o seu saber positivo; e todo o seu saber natural, alguns dos principios geraes e diarios das sciencias physicas. É certo, que se mais avultados fossem estes seus cabedaes, e vêa mais fecunda lhe consentisse anciar mais altas cousas do que palavras e phrases, não se deixára ficar tanto atrás, no meio de um seculo novo e alado de poesia; não se contentára o seu estro abstémio com a agua do Parnaso até a ultima hora da vida; e não nos deixára seus volumes pejados quasi só de fabula, como armarios de musêo antiquario, onde se não vai procurar qual é o mundo em que vivemos, mas deduzir de truncados e desluzidos fragmentos, o que em tal ou tal parte da terra houve lá n'outros tempos, com os quaes e com a qual só pouco ou nada temos. Diz um escriptor insigne, que a poesia, assim como outr'ora viveu de fabula, revive hoje e se apascenta de verdade. Melhor dissera que de verdade viveu em todos os tempos a nobre poesia, pois que o que para nós se descobrio fabula, era, nos dias em que appareceu e florio, verdade de factos, ou capa allegorica de verdades, mui crida e sincera. Resumamos: Filinto soube mais que Bocage, menos do que pudera, e diverso do que devêra saber.

« A *linguagem*, de que pela ordem se me segue fallar, mais requeria n'este caso um tratado do que uma nota de fugida. Algum dia o tentarei, quando me achar mais de assento e sobre mão do que agora, que as justas raias d'este escripto me estão tolhendo. É a linguagem e elocução a principal feição caracteristica de Francisco Manoel, como de Manoel Maria o é a harmoniosa elegancia.

« A torrente das hyperboles e conceitos ia arrasando e engolindo todo o nosso Parnaso, quando para lhe pôr a ella diques, e a elle salval-o, e repovoal-o de natureza, appareceu a Arcadia. Detençosa e ardua se representava a obra, como aquella em que a razão nua tinha de lutar com a imaginação delirante. Para anteparar impetos de vêa, tão engrossada com as continuas nascentes e tão copiosas, de Italia, Hespanha e Portugal, já tão senhora do leito e dominadora das margens, era mister que braços fortes lhe levantassem muralhas solidas de grossa e pesada cantaria. Vírão os arcades como lhes estavão á mão as obras, não todas primorosas, mas quasi todas massiças, dos nossos quinhentistas e dos romanos classicos; crão accommodadas ao intento, dizião com seu gosto e costume; valêrão-se d'ellas, accrescentárão-lhes as suas proprias, levantárão o muro; bramio, quebrou e escoou-se a inundação. Raro é o bem, que, só porque o é, não traga outros comsigo; dos trabalhos, que havião tido por fim acabar com os nojos e puerilidades do falso engenho, nasceu um conhecimento mais profundo da linguagem, mais extremoso amor á sua pureza, e o começo do encarniçado e ainda não findo pleito, entre a puridade e o gallicismo. Verdade é que n'este segundo campo se não guerreou com tão favoravel marte como no primeiro; porque se as maravilhas da *Phenix Renascida* passárão, os gallicismos forão em successivo crescimento, sendo já hoje tão caudaes e trasbordados, que principío a desconfiar não haverá remedio senão rendermo-nos, encruzar os braços, e deixarmo-nos ir ao fundo; tanto estou convencido de que nem a propria razão é poderosa contra o espirito de um povo; e a final de contas, Deos sabe, até n'isto, o que é razão!

« Era Filinto, por sua amizade e commercio intimo com os sujeitos de maior credito na Arcadia, e por motivos de sua propria conveniencia, homem que de necessidade devia entrar na pendencia, e sustental-a até á ultima ; n'isso assentou, e o cumprio mui pontualmente. Entendeu desde todo o principio, como aquelle a quem não fallecia bom juizo, em se prover das armas seguras e bem temperadas, sem que lhe não conviria arriscar-se no combate ; e se as defensivas que vestio lhe pudessem ter sahido tão impenetraveis ás settas do ridiculo, como as offensivas que meneou erão fortes e penetrantes, guapissimo cavalheiro houvera apparecido, e invencivel. Do antigo portuguez e do latim instituio concertar toda sua armadura ; com diurna e nocturna mão versou pois os monumentos de ambas estas linguas ; e quanto do portuguez já feito se podia enthesourar, ou se lhe podia accrescentar por derivação, por composição, por analogia, por translação, ou por qualquer outra licença poetica, sem embargo de desenvolta e extrema, tudo ousou com hardimento verdadeiramente admiravel. Fez estranheza a novidade ; offendêrão-se os mimosos com o escabroso e difficil de tal estylo ; arripiárão-se os pusillanimes com o arrojo, os ignorantes e preguiçosos com a immensa fadiga que bem vião seria necessaria para entender (não só imitar e seguir) quem tão por fóra caminhava das veredas batidas e vulgares. Todos estes, e com elles os invejosos, sahírão em campo, combatêrão, e apupárão ; e quanto mais apupavão, e combatião, mais recrescia em Filinto o acintoso proposito de se não descer do começado, antes encarecêl-o sempre até o ultimo ponto. Outra causa havia, que para isto lhe fazia força, e era conhecer como sem estes bordados, recamos e relevos de

phrase, o cabedal de suas galas poeticas apparecia, qual em realidade era, grosso, commum e de mui baixa valia. Mas quer o movesse esta causa bem perdoavel, quer fosse generosidade com que se offerecia aos motejos, e desapreço de muitos, com o só intuito de restaurar, e avantajado, o edificio do idioma portuguez, sempre fica certo que, n'este particular, mereceu mui bem de sua patria, e a deixou muito mais medrada do que a achára. Oxalá que dous ou tres mais, dotados de igual credito, puzessem como elle peito á empreza; e muito embora demasiassem como elle; cunhassem a flux tudo quanto dão as minas portugueza e romana; ainda muito ouro puro de dicção viria enriquecer-nos, e facilitar-nos o trato; posto que tambem como elle lá cunhassem á mistura ouro enfezado, não de lei, nem de receber; o juizo publico estremaria umas de outras moedas, e as engeitadas a ninguem farião mal, se não fosse ao credito de seu autor. Assim crescêra cabedal, que ainda mingúa para as obras do engenho patrio. Nossa lingua, qual por ora a temos, e até restituindo-lhe todos seus fóros cahidos, todas suas joias enterradas, não suppre as hodiernas precisões do espirito. Quando a esphera do saber, sentir e pensar, se está de hora para hora dilatando no mundo, do qual nós outros (ainda que o não pareçamos) somos tambem parte, forçado é que a esphera da expressão ao mesmo compasso se dilate e engrandeça. Repôr ao idioma quanto já teve, será louvavel consciencia, porém não bastará, se após isso se lhe não der, com mão liberal, mas prudente, quanta substancia nova elle possa receber e commutar, para que na apostada carreira que os entendimentos das nações agora levão para o infinito desconhecido, o da nossa, por fraco e sem azas, se não deixe ficar atrás.

« Voltemos a Filinto. Não decidirei se houve ou não bom fundamento para o allegarem por autor e texto, como o fizerão na quarta edição do diccionario de Moraes; nem ousaria eu pôr mão no fogo pela infallibilidade de sua pureza, porque (mas a medo e submisso vai o dito, que por dito e não sentença merece venia) aqui ou acolá se me figura enxergar por suas paginas algumas nodoas d'aquella mesma côr a que nunca perdoou odio. Mas se as ha, são manchas, ao passo que o geral de sua escriptura é recheiado de muitas preciosidades para quem pôz peito a bem escrever esta lingua. Por toda a parte lhe estão pullulando lusitanismos em vocabulos, phrases, collocação, inversões, geito e feição de periodos, que se houver gosto em quem lê para os joeirar e limpar de alguma mistura chôcha ou sediça, farão muito bom sustento para poetas e prosadores. *Se houver gosto*, puz eu, e muito que o puz de industria, porque, os que d'elle carecerem, lição tal só os fará mais ridiculos; os que ainda o não houverem formado, e se metterem por esses onze e mais volumes, sem bom e constante Mentor, não sei se em linguagem e em poesia viráõ nunca a dar fructo que bem saiba e se abençôe.

« Em summa, Francisco Manoel do Nascimento foi um martyr da religião de nossa lingua; para lhe lançar mais gloria, cerceou a sua propria; com o excessivo das joias com que a arreou, deixou-a affectada, e menos matrona grave do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida; mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros, porém tarde e mui tarde, será levada; foi, porque tudo diga, um destemperado despertador, que nos pôz a pé para o dia das lettras. Quero repetir, fez serviço talvez maior

que nenhum dos classicos, mas é de todos o menos para seguir ás cegas. Bem haja elle que tocou a alvorada para nos acordar; mal haja quem quizer ficar com trombeta tão rouca e dissonante a tocar alvoradas todo o dia; já estamos acordados, cabe agora aproveitar o tempo, como gente de juizo.

« Se da lingua passamos em Filinto á *harmonia metrica*, damos maior salto que o de Leucade, e, como cumprindo igual oraculo, ou nos afogamos em um mar bravo, ou de lá surdimos curados de todo amor a tal poeta. Em nenhuma das quatro ou cinco partes do globo, e em nenhuma éra se metrificou jámais tão dura, deleixada e insolentemente. Se alguma vez se esquece com dous ou tres versos bons, logo se vinga com duas ou tres duzias, que se os reduzissem a linhas iguaes, não serião mais nem menos que desasseiada prosa. E ainda é para agradecer quando só lhe falta melodia, porque algumas vezes nos dispara versos em que as pausas vêm todas desconjuntadas, e outros em que sobejão syllabas, por mais que a maço as procuremos entalar e embeber umas por outras. A sua rima é por via de regra desnatural e pobre; os seus sonetos e toda sua lyrica de consoantes, enxabimentos ou arripios. Bem se alcança como crão arrufos de maltratado, as injurias que em muitas partes vomitou contra a rima, e não como as de Boileau, vozes só de um juizo rigoroso, que de dentro das lettras as media. Nos defeitos de versificador fez, de idade para idade, successivos e notados progressos, sendo assim que, ou por deleixo, ou por certa petulancia, em que engenhos grandes muitas vezes cahem, tomando por timbre o escarnecer do publico, quanto mais ia usando do officio, tanto mais desprimoroso se foi mostrando,

até ganhar tão duro callo na consciencia, que nem a deliciosa harmonia dos versos de Racine lhe podia já ao cabo inspirar um só verso toleravel de traducção.

« Do muito que só deixo apontado se deduz a idéa que para mim tenho do seu *gosto;* melhor seria, do que só deixal-a deduzir, declaral-a. Parece-me pois ser o seu gosto pouco e máo; e n'isto estribo o parecer : 1° que para suas obras originaes costumava de escolher fracos sujeitos; 2° que as pejava de taes invenções, que já em tempo dos Romanos o não erão; 3° que por vida se repete, e por costume redunda; 4° que na ordem desordenadissima em que seus escriptos pôz, anda o peior tão travado com o melhor, e as puerilidades vergonhosas com as odes que lhe lucrárão o nome, que sem que o lustre do bom disfarce o máo, o esqualor e nojo d'este deturpa e estraga aquelle; 5° que se, para traduzir, elegeu ás vezes bons originaes, taes como o *Oberon* e os *Martyres*, outras os escolheu desenganadamente incapazes, taes como a triste historia em verso da Guerra Punica; outras vezes, escolhendo originaes optimos, nem antevio, nem pelo discurso do trabalho conheceu, nem sequer sentio depois de findo (porque talvez se o sentisse nos houvera poupado a ler a versão), que havia n'essas obras exclusivos e essencialidades, quer da lingua em que estavão feitas, quer do engenho que as fizera; haja vista ás tão graciosas e admiraveis fabulas de Lafontaine, que em Filinto parecem tanto as mesmas, como a estampa de Bertoldo se pudera julgar retrato do Apollo de Belvedere, etc., etc., etc.

« Taes são hoje para mim Filinto e Bocage; mui outros dos que já me parecêrão, e talvez dos que me hão de parecer quando novos livros, novas cousas, e o rodear dos

annos me houverem feito seu ordinario e incontrastavel officio. N'aquellas éras pois, que já éras antigas se me representão aquelles meus tempos, cahia todo, com o meu Gessner em braços, para a parte de Bocage, mancebo e lustroso; e se me figurava que se lograsse traval-os, fundil-os em um, faria obra de se me agradecer. Os partidarios de Filinto, que, não sei porque, trazião guerra declarada com Bocage, vierão sahindo de seus montes escarpados, empeçados e tenebrosos, para dar vaias e tirar remessos de epigrammas ao nosso bando; cerrámo-nos com a bandeira; démos sobre elles com iguaes armas, foi batalha campal, rôta e sem misericordia; não houve mortos nem captivos, poucos transfugas, feridos muitos. Recolhidos nas trincheiras, cantámos, uns e outros, como é costume, *Te Deum* da victoria; dobrámos a altura aos vallos, e profundez aos fossos que nos estremavão; jurámos não aceitar nunca pazes, quanto menos commettêl-as, nem consentir em alguma cousa que ás dos inimigos se parecesse. Eu, que fôra dos mal feridos e ainda palpava as costuras, como havia de faltar a nenhum ponto da conjuração? Muitos d'elles merecerião tratados, mas porque não fazem para o fim d'esta nota, venho aos esdruxulos, e só libarei a materia...

« N'esta incerteza correu a cousa até os nossos tempos, em que dous homens de força, dous athletas da poesia, representando cada um uma das encontradas opiniões, devião ter perante os olhos publicos um calado e rijo certame, para decisão ultima da contenda. Foi Bocage o mancebo, cavalleiro da metrificação lisa e uniforme; o velho Filinto da mixta e liberrima. Todo o empenho de Bocage era harmonia constante, todos os seus versos forão graves, e de compasso batido : Nascimento

queria por cima de todas as outras cousas dar todas suas idéas, boas ou más, graudas ou miudas, mui bem pintadas e repintadas, que ainda quando insignificantes, não deixassem de ferir na vista. Servia Bocage ao metro como a senhor ; Nascimento como de escravo se servia d'elle, trazia-o rôto, contrafeito, demudado, e por todas as ilhargas estalando com o peso da carga. Se é licito comparar estes dous poetas com outros dous romanos, de muito mais subidos quilates, digo, que são na metrificação decasyllaba, o que nos distichos elegiacos eroticos forão Ovidio e Propercio. O disticho de Ovidio é sempre torneado por medida, nada lhe falta nem sobra, reluz de polido, e algumas vezes pouco pesa; nos de Propercio ha sempre mais succo de cousas (bastante espremeu d'elles Ovidio para seu remedio); mas o hexametro sahe a miudo desalinhado, o pentametro dissonante de sua usual toada; acabando não em disyllabo, como para bem o requer o geito de tal metro, mas em trisyllabos e quadrisyllabos, á moda de Catullo; partem-se menos apuradamente os hemistichios, embebe-se e embrulha-se em demasia o pentametro no hexametro, e, o que mais rijo é, o hexametro de um disticho no pentametro do anterior; o que não tira ser Propercio, em meu conceito, um poeta de mui alta valia (e não sei se diga que o unico amante apaixonado dos antigos, com licença dos grammaticos e dos preguiçosos que o engeitão por escuro), e Ovidio um dos mais bem assombrados engenhos do mundo.

« Do que levo ponderado, se é exacto como cuido que é, segue-se que nem Bocage, nem Filinto crão para modelos absolutos, e que tão desaccordado andava quem não consentia em verso que não fosse grave, como quem esdruxulava por vida e fóra d'aquelles casos em que o

esdruxular traz em si mesmo a desculpa e o louvor. »

Após tão autorisadas vozes, nada accrescentaremos, até porque a nossa humilde opinião resulta já de quanto levamos dito no decurso d'esta obra.

CAPITULO XXXII

Juizo de autores sobre Bocage. — Como os estrangeiros nos costumão julgar. — Opinião de Sané, — de Vogel, — de Ferdinand Denis, — de Balbi, — de Link, — de Backford, — de Freire de Carvalho, — de Couto, — de Costa e Silva, — de Ignacio José de Macedo.

Frequentemente, pelo decurso d'esta memoria, deixamos apontados trechos em que Bocage foi julgado por outros homens illustres: a esses extractos nos reportamos. Tambem nos não parecem dignas de transcripção as exaltadas exagerações que idolatras do poeta lhe disparárão á queima-roupa: os encarecimentos e hyperboles do enthusiasmo zombão da fria razão, que se vinga em pagar-lhes capital e juros. Apenas trasladaremos os testemunhos apparentemente imparciaes, contentando-nos, pelo que toca ás amplificações poeticas, com a indicação dos livros onde os curiosos poderão satisfazer o desejo de esgotar a materia. Tanto n'um como n'outro caso, é obvio que, longe de coincidirmos sempre com a opinião dos autores que vamos citar, deixamos a cada um a plena responsabilidade do seu juizo critico.

Pouco achamos em livros estrangeiros. N'esses, por via de regra, avulta em supremo gráo a absoluta carencia de conhecimento da lingua que julgão, do assumpto que

sentenceião. Entre elles tem tido quasi constante voga a pedagogica sentença de que o autor dos *Lusiadas* abrio e fechou em Portugal as portas da litteratura! Não deixa de nos causar espanto a perpetuidade d'esta moda, ao ver que, a não ser de longe, ninguem reconhecerá o esqueleto sequer de Camões nos varios retratos que d'elle se têm tirado em todas as linguas; porém mais nos assombra ainda o desafogo com que esses imparciaes e intelligentes arbitros mergulhão assim no Lethes: o moderno *Plauto*, Gil Vicente, o creador da comedia em linguas vivas; Bernardim Ribeiro, o romanceiro suave e mimoso; o vate philosopho Sá de Miranda; o laborioso e incansavel Ferreira; Côrte-Real, o precursor da poesia descriptiva; o melancolico e meigo cantor do Lima, Bernardes; o bucolico Lobo; os epicos Mausinho, Castro, Sa Menezes, Durão, e Gama; os distinctos pastores da Arcadia, Garção, e Diniz, e Quita, e Gonzaga, sem contar tantos outros brilhantes pharóes da intelligencia, ou ainda tantos que este seculo ha visto addicionar a honrosa relação dos eleitos de Apollo [1].

Vejamos porem o juizo de alguns autores estrangeiros

[1] Para formarmos idéa do conhecimento de causa com que aliás illustres estrangeiros julgão a nossa litteratura, não é possivel adduzir mais frisante exemplo do que o juizo de Sismondi, no seu livro sobre *Litteratura* [illegible], acerca do nosso inimitavel e portentoso de natural Nicoláo [illegible]

[illegible] os dous volumes de poesias de Nicoláo Tolentino, professor de [illegible] Sei que tem grande reputação entre os Portuguezes, mas não pude [illegible] de sentimento poetico (!)... Os seus sonetos, odes, [illegible] satyras, acho-os quasi sempre rasteiros, fracos e prosaicos (!!). [illegible] inspiração poetica foi em duas peças — a um amigo sobre [illegible] em que recusa fazer versos a Crescentini, por [illegible]

[illegible] as palavras que ahi ficão excitão mais asco ou compaixão. [illegible] P. Gastão, deu-nos um Diccionario *Uni-*

ácerca de Bocage, e encetemos a materia por um, cujas palavras confirmão plenamente o que acabamos de expender, tanto mais culposamente quanto o autor de uma obra com o pomposo titulo de *Introducção sobre a Litteratura portugueza* devia dar prova de intelligencia e criterio, em vez de escrever um embrexado de palavras, sem crise nem verdade.

A. M. Sané (*Poésie lyrique portugaise, ou choix des odes de Francisco Manoel*). — « Tem-se *exagerado* o merecimento de Barbosa du Bocage, poeta fallecido ha dous annos. A apotheose litteraria que lhe fizerão (emquanto mal se occupão de um lyrico *muito superior*, *Maximiano Torres*) convenceu a todos os homens de *gosto puro* que a arte em Portugal *vai degenerando*, e que os *arrebiques* e a *affectação* predominão *sobre as bellezas nobres*, singelas e verdadeiras! Não dizemos que Bocage seja *de todo máo poeta;* quando não é guindado, faz seus versos elegantes e agradaveis. Traduzio as *Estações* de Lambert, os *Jardins* do nosso Delille, e o *Poema das Plantas* de Castel; mas tudo isso recheiado dos defeitos habituaes que acabamos de apontar. Lá quanto a traducções em verso, vai-se hoje elevando em Portugal um talento... que isso é que ha de deixar Bocage a perder de vista. A versão do *Jardim Botanico* (*Botanic Garden*) de Darwin, em verso portuguez, revela um poeta

versal, onde todos os autores portuguezes começavão logo por ver seus nomes estropiados, *secundum morem;* e o juizo é por exemplo:

« *Conto — Pretaná* (*Louis*). » (Que vem a ser o *Luiz do Couto Pestana*, pobre autor da mais pobre *Quiteria Santa!* diz o critico:) « Esta admiravel producção do engenho humano constitue innegavelmente o maior poema, a mais assombrosa epopéa que existe em lingua portugueza, infinitamente superior aos *Lusiadas;* mas os Portuguezes, não sabemos porque, preferem Camões. » O mesmo julgador chama Vieira o maior charlatão que em Portugal empunhou a penna.

da grande escola, que ha de honrar o seculo decimonono se ficar no bom caminho. » (Alludia a Vicente Pedro Nolasco.)

Carl Vogel. — « O antigo estylo bucolico cedeu aos esforços colligados de todos os homens intelligentes, que antecedêrão o actual periodo litterario. Mas essa reacção, mais fructo de gosto que de genio, só a principio produzio uma caterva de producções das linguas antigas e modernas, e de imitações descoradas de estranhos modelos. Cumpre todavia distinguir como um dos mais fecundos e estimados dos poetas, que a nova senda traçárão, a Manoel Maria Barbosa du Bocage. »

Ferdinand Denis (*Resumo da historia de Portugal*) — « E então appareceu um poeta, tão estimado em todas as classes da sociedade, que a sua reputação se tornou popular; Manoel Maria Barbosa du Bocage. Fallou á sua nação idioma desconhecido, em que alterna energia e graça. Foi um d'esses poetas guerreiros, a quem as viagens e os infortunios revelão grandes pensamentos: transportou-se á India, percorreu as costas da China, pôde em Macáo lamentar a sorte do grão vate, com o qual teve uma semelhança mais, a de ser obrigado a de lá sahir por motivo de uma satyra contra o ouvidor. Cheio de instrucção, e de espirito prodigiosamente atilado, teve a mofina sorte de derramar o seu enthusiasmo por um nunca acabar de assumptos, sem applicar-se a grandes composições : adivinha-se n'elle o verdadeiro poeta, que não cura de ser autor. »

O mesmo autor (no opusculo intitulado *Camões et ses contemporains*[1], acabando de fallar de Filinto Elysio,

[1] Suppomos que este opusculo serve de prefacio á traducção das *Œuvres*

continúa) : — « Passemos agora a segundo poeta do seculo decimo-oitavo, Bocage, contemporaneo de Manoel, e, posto que fallecido ainda muito moço, unico rival que se lhe póde oppôr.

« Barbosa Bocage era de origem franceza, e diz-se aparentado com a mulher celebre do seu appellido. Nenhuma existencia de poeta foi mais vagabunda e angustiada que a sua. Teve commum com o autor dos *Lusiadas*, ir á India, e ser tambem lá maltratado ; com a differença porém, de que as desgraças de Camões se achão travadas com os acontecimentos do seu seculo, e que em suas paixões, e em todas as suas desventuras, havia sempre uma especie de nobreza, que alentava os seus brios de cavalleiro. Camões tinha podido dizer, alludindo a um poeta naufrago, que todos conhecião :

> Aquelle cuja lyra sonorosa
> Será mais afamada que ditosa,

e entre os ultimos trances da agonia : *morro, mas com a minha patria;* porém no seculo decimo-nono, que poderia um poeta achar em Gôa, ou que teria elle, no seu regresso, para contar em Lisboa? Bocage pois não achou na antiga capital das Indias portuguezas senão grandes recordações apagadas; e todavia melhor lhe fôra o contemplar aquelles restos gloriosos, curtir as saudades da patria, do que as infelicidades que o esperavão em Portugal. « Succeda o que succeder (dizia elle) n'este seculo « em que ha tantos protectores, em que a industria faz « tão maravilhosos prodigios, está claro que um poeta

complètes de Camões, par Fournier et Desaules, mas publicou-se á parte n'um folheto de 87 pag.

« não irá morrer ao hospital. » Mas o certo é que Bocage padeceu todos os infortunios, que de ordinario aguardão o homem que sente a dignidade da sua alma e a incontrastavel adversidade da sua sorte; não teve, como o Camões, um escravo que piedosamente se compadecesse da sua pobreza; se não morreu no hospital de S. José, foi mister que um seu amigo o recolhesse em casa, e lhe acudisse na sua ultima enfermidade!

« Dizem as bocas do mundo que elle levára uma vida muito estragada, que era incorrigivel, e que ninguem lhe valia porque elle não se lhe dava de ser desgraçado: creio n'esta ultima asserção, e sobretudo nas interminaveis angustias do genio. Lancemos pois um espesso véo sobre a sua vida, tal que o fez exclamar:

Outros querem louvor, eu só piedade!

« Em vão se procurará em Bocage aquelle accurado estudo de estylo e sabor dos autores antigos, que tanto distingue os arcades, e sobre todos Francisco Manoel; e n'esta falta de systema consiste principalmente o seu merito, pelo que bem podia elle dizer como Lamartine:

Je chantais mes amis comme l'homme respire.

« A sciencia do rhythmo e da linguagem não tem que ver com a sua poesia; e comtudo, essa sciencia lhe era familiar, havia-a adquirido sem estudo; e principalmente quando elle conta os seus soffrimentos, as suas mágoas e os seus queixumes, se admira, mais que em nenhum dos seus contemporaneos, aquella deliciosa harmonia, aquella omnipotente musica da palavra que arrebata antes de ferir o pensamento. Vibrava então, como elle

mesmo diz, essa voz mysteriosa que retumba além dos mundos e dos seculos.

« O que porém mais singularmente contribuio para afamar o nome de Bocage, e dar-lhe tal celebridade popular, que chegou até a ser-lhe funesta tanta lisonjaria, foi a rara facilidade que tinha de improvisar. Não era o estudo silencioso e meditado que lhe inspirava as suas mais bellas composições. Euphon, como diria Hoffman, influia em Bocage, por subitas fantasias e ardentes inspirações : era então que elle improvisava entre o susurro dos cafés ou das praças publicas, e estes rasgos sempre harmoniosos do seu poetico engenho, raras vezes precisavão ser retocados : os versos, recitava-os elle como os havia composto, ainda mesmo sob a impressão do enthusiasmo, e para ouvintes mais numerosos que entendedores, avassallados já a todos os caprichos do seu estro.

« Ainda que a sua sorte nunca melhorou, Bocage teve ao menos a fortuna de ver que o comprehendião. O seu pensamento não foi um pensamento perdido : milhões de vozes repetírão os seus versos, e Portugal deve-lhe uma especie de seita poetica, cujas incoherencias, um tanto vagas, forão apontadas com o nome de *Elmanismo*.

« O que sempre me pareceu cousa muito de notar em Bocage, é que, com tão valente e espontanea inspiração, prestasse tantas vezes as suas harmonias ás concepções alheias. Deve-se attribuir á quadra ou ao paiz? Seria fadiga da alma, falta do necessario repouso e commodos, ou tendencia do seculo em procurar a poesia onde quer que a podia achar? Talvez que, por tudo isto, os melhores versos de Bocage sejão os das suas traducções, posto que as obras que elle traduzio pertenção hoje a uma escola morta em França.

« Nas composições originaes, nunca este poeta se entregou a obras de longo fôlego, dado que jámais recuasse perante quaesquer difficuldades; e que seu engenho, ordinariamente tão impetuoso, tão fecundo, não deixasse de se comprazer em submetter-se por momentos ás regras concisas de um soneto, ainda que para logo recobrava a sua ingenita liberdade, partindo rapido como uma centelha.

« Nas suas canções, idyllios e epistolas, revela sempre a mais profunda sensibilidade; mas, força é confessal-o, esta sensibilidade resvala para delirios vagos, e um sentimentalismo affectado. Vê-se que muitas vezes a idéa lhe fica suspensa como hallucinada ou sem vigor. É que tambem Bocage, com tantas qualidades de grande poeta, era um homem a quem a desgraça havia quebrantado o genio. E póde ser que alguns dias antes da sua morte, elle houvesse revelado os seus mais dolorosos segredos de harmonia, unindo as suas pungentes recordações aos lamentos de uma chorosa mãi que acabava de perder sua filha. Foi lendo esta elegia, que Francisco Manoel exclamou que Bocage *era poeta.* »

Balbi (*Ensaio estatistico sobre o reino de Portugal*). — « Os preceitos e exemplos de Bocage não tiverão força para repulsar do Parnaso portuguez a caterva de poetas mediocres, que ao lado dos arcades se levantárão. Excedia Bocage, no satyrico, a todos os poetas de seu tempo, sendo o terror dos máos escriptores. Foi um dos maiores lyricos portuguezes, e o primeiro dos poetas modernos d'aquella nação. Sua poetica imaginação deixou escriptos de tal força, energia e delicadeza, e tão feliz versificação, que nenhum outro ainda o igualou. Seus sonetos são perfeitos : desde o seculo decimo-quinto que se tra-

balhava n'esse mais difficil de todos os generos : sonetos havia que passavão por bons, porém veio Bocage e eclipsou tudo, fixando o gosto incerto, erigindo-se em mestre d'aquelle genero, e ascendendo a perfeição tal, que nenhum de seus discipulos a pôde attingir, sendo tido até por inimitavel. Primou igualmente no idyllio, na cantata, na epistola e nas quadras. Foi o maior improvisador portuguez; e comquanto legasse obras do maior merito, nunca a posteridade imaginará o alcance de semelhante genio. Memoria prodigiosa; apurado gosto; conhecimentos profundos em litteratura; familiaridade com as linguas modernas, especialmente francez e italiano; todavia um natural deleixo de genio, portentosa facilidade, e talvez mais que tudo o máo gosto dos seus admiradores, o desviárão de emprezas condignas do seu talento. Contentou-se com triumphos que mal lhe custavão instantes de reflexão. Quantas obras deixou forão improvisadas, pois nunca emendou nem releu. As bellas traducções das *Metamorphoses de Ovidio* forão todas improvisadas, bem como as suas outras versões de francez e latim : bastaria a dos *Jardins* de Delille, para assegurar o renome de um poeta, e mais não lhe custou senão poucos dias de trabalho. Na flôr da idade, de vida estragadissima, tinha-se entretanto assenhoreado da lingua e antiga litteratura portugueza em tal gráo, que assombrava os sabios. Traduzio o poema latino *Tripoli*, de Cardoso, verso por verso, provando assim a grande semelhança das duas linguas, a opulencia da portugueza, e a industria do traductor. »

Link (*Travels in Portugal, London* 1801). — « A muitos Portuguezes perguntei quaes erão os melhores poetas modernos, e aos livreiros quaes as poesias mais procura-

das; todos respondião que Manoel Maria Barbosa du Bocage. Este autor tem summo talento para poesia; domina completamente a sua lingua; é nervosa a sua expressão, e (o que raro se une a taes qualidades) a sua versificação é harmoniosa. Não se apaixonou pelo estylo mellifluo, commum na versaría portugueza; e comquanto, na mór parte de seus cantos, prevaleça certo tom de melancolia, sempre se exprime com todo o fogo da indignação. Evita com fortuna os *concetti* dos Italianos e Hespanhóes, e só o podem accusar de hyperbole, ou do emprego de linguagem pomposa em assumptos que demandão estylo diverso. Um dos seus poemas sobre a *Immaculada Conceição* fará despontar o sorriso em alguns leitores, mas ha n'elle verdadeira, talvez demasiada magestade. »

Backford (*Italia, Hespanha e Portugal*, 8 de Novembro de 1787). — « Verdeil trazia comsigo o governador de Gôa, D. Francisco Calhariz, e um pallido, exquisito mancebo, o Sr. Manoel Maria, a creatura mais extravagante, mas talvez a mais *sui generis*, que nunca Deos formou. Aconteceu estar este moço n'um dos seus dias de bom humor e de excentricidade, os quaes, como sol de inverno, vinhão quando menos se esperava. Mil ditos graciosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil golpes satyricos por elle incessantemente disparados, nos fizerão a todos morrer de riso. Quando porém começou a recitar algumas de suas producções, nas quaes grande profundidade de pensamento se liga com os mais patheticos toques, senti-me estremecido e arrebatado. Em verdade póde dizer-se que aquelle estranho e versatil caracter possue o verdadeiro segredo de encantar, segredo que, á vontade do seu possuidor, anima ou petrifica um *auditorio* inteiro.

« Reparando elle quanto me estava attrahindo, disse-me :

« Não esperava que um Inglez tivesse a condescen-
« dencia de prestar, a um moço obscuro e moderno ver-
« sejador, a minima attenção. Vós pensais que os Portu-
« guezes não têm poeta senão Camões, e que Camões
« nada escreveu que valesse a pena de ler-se senão os
« *Lusiadas*. Aqui tendes um soneto que vale a metade
« dos *Lusiadas:*

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros
D'onde toda a tristeza se desterra ;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra ;

Emfim tudo o que a rara natureza
Com tantas variedades nos off'rece,
Me está (se não te vejo) magoando.

Sem ti, tudo me enjôa e me aborrece ;
Sem ti, perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza.

« Não escapou ao nosso divino poeta uma unica ima-
« gem de belleza rural ; e que pathetica não é a applicação
« da natureza ao sentimento ! que fascinadora languidez,
« como arrebóes do sol da tarde, se não derrama por
« sobre esta composição ! Se alguma cousa sou, fez-me
« este soneto o que sou ; porém que sou eu comparado
« com Monteiro? Julgai ! » Continuou, pondo em minha
mão alguns versos manuscriptos d'este autor que os

Portuguezes aprecião muito. Ainda que estes versos erão melodiosos e cheios de vigor, devo confessar que o soneto de Camões e muitos dos versos do Sr. Manoel Maria me agradárão infinitamente mais; mas a verdade é que eu não estava sufficientemente iniciado na força e nos segredos da lingua portugueza, para ser competente juiz; e este transcendente genio só revelou alguma falta de penetração, imaginando que eu fosse um d'esses juizes competentes. »

Dazobry e Bacholet, no seu *Diccionario Geral de Biographia, Historia e Geographia*, dizem : « Tem Bocage a harmonia dos vocabulos, a sciencia do rhythmo e da linguagem. Na egloga, soneto e epistola, mostra sensibilidade. »

Bouillet, *Diccionario Universal de Historia e Geographia*.—« Teve um talento extraordinario para o improviso. Não menos tinha grande pendor para a satyra, d'onde lhe resultárão varios dissabores. »

A. Timoni (*Tableau synoptique et pittoresque des littératures les plus remarquables*, pag. 115). — « Bocage, poeta cheio de enthusiasmo, de inspiração e de harmonia, compôz cantatas, idyllios e epistolas, que todavia não estão a abrigo da critica. »

Fresse Montval (*Nouvelle Biographie universelle*). — « Seu nome famoso foi coroado com uma aureola de gloria; seus cantos voárão de boca em boca, e tornou-se chefe da escola conhecida com o nome de *Elmanismo*. »

Venhamos porém já a escriptores nacionaes:

Francisco Freire de Carvalho (*Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*, pag. 252). — « Foi Bocage um dos mais promptos, ferteis, harmoniosos e sensatos improvisadores, não só de Portugal, mas talvez da Europa. *Dotado* além d'isto de um talento felicissimo para a tra-

ducção em verso, como o attestão os seus escriptos, e o apregôão ainda hoje com admiração todos quantos gozárão do prazer de o escutar em seus assombrosos raptos. »

Antonio Maria de Couto (o professor de grego e bellas-lettras, a quem Bocage chamava professor grego de bellas-lettras no Prologo ás poesias satyricas). — « Bocage fez, como os entendedores conhecem, uma revolução na poesia com rima e sem ella, por modo que se não confunde o seu estylo, nem com os poetas que o antecedêrão, nem com os que lhe forão coevos ou succedêrão, bem que uns e outros mereção com razão os elogios que se lhes têm dado. »

José Maria da Costa e Silva. — « Em nenhum ou em poucos homens o phrenesi metrico se desenvolveu com tanta impetuosidade como em Bocage! O fantasma da gloria o senhoreava com tal despotismo, que todas as commodidades, todos os prazeres, nada erão para elle, á vista da lisongeira esperança de immortalisar-se pela poesia..... Acha-se em Bocage o fogo do enthusiasmo, e a louçania e pureza da lingua, cujo atticismo possuio no maior gráo. »

Padre Ignacio José de Macedo, Velho Liberal do Douro, *in-fine*. — « Lembro aos candidatos da poesia, que leião e releião Bocage, o qual, além de um estro superior a tudo d'aquelle tempo, tem uma medida muito exacta, é sempre sonoro, e nunca lhe apanhei um descuido, ainda quando improvisava. Foi attendendo a esta cadencia e metrica exactidão que Filinto lhe chamava *numeroso Elmano*, diante de quem elle *depunha a lyra já velha, já cansada*. »

Constancio, na *Introducção aos Annaes*, exprime-se assim:

« Um só homem dos que vivêrão n'estes ultimos annos em Portugal era capaz de combater e de confundir a numerosa turba dos rimadores sem estro, sem lição, e sem gosto. Era elle dotado da mais fecunda imaginação, de uma facilidade de improvisar rimas apenas crivel; tinha gosto, critica, erudição e perfeito conhecimento dos classicos nacionaes e estranhos; e não obstante este raro concurso de qualidades preciosas, poucas composições originaes nos deixou nas suas obras, assaz volumosas, veramente dignas de admiração e de servir de norma aos vindouros. Que faltou pois a Bocage para se elevar á preeminencia a que o seu grande engenho o destinava? O ter vivido em outro seculo, e ter poetado á face de um publico capaz de o dirigir por uma sã critica, e de rebater n'elle os effeitos de uma nimia fecundidade, a qual, assomando o estro em rimas, improvisos e outros jogos poeticos, amortece no vate o fogo creador, cujo influxo o póde só exaltar e suster no vôo atrevido ás regiões do bello e sublime. Não é minha intenção menoscabar o engenho de Bocage, e o merecimento de muitas traducções, e de algumas das suas composições poeticas, e a facil versificação e pura linguagem de todas. Só deploro, como Portuguez e como amigo intimo que fui d'elle, que de tão raro genio, de tão fecunda, rica e brilhante imaginação, colhesse a patria tão escassos fructos. A elle mesmo fiz repetidas vezes estas observações, estimulando-o a que, deixando trovas, das quaes, pelo pouco que lhe custavão, elle fazia pouco apreço, aspirasse a emparelhar, e até a remontar acima dos vates lusos. Talvez, se a morte não tivesse tão cedo terminado a sua existencia, que, docil a estes conselhos, dos quaes elle melhor que ninguem conhecia o valor, teria empre-

hendido trabalhos de maior monta, e deixado á posteridade um monumento duradouro, digno d'ella e do seu autor. »

O Sr. Rebello da Silva, n'um estudo sobre as *Memorias de litteratura contemporanea*, do Sr. Lopes de Mendonça, publicado em 1855 na *Revista Peninsular*, exprime-se d'est'arte :

« A indole e a influencia de Bocage offerecem grandes difficuldades para se avaliarem á luz propria.

« Inconstante e fogoso, e nobre de espirito e fragil de caracter, Elmano resumia quasi todas as prendas e todos os defeitos dos poetas nos dous periodos que representa.

« Para o apreciar é necessario penetrar na sua intimidade, e pôr de lado os louvores contemporaneos, e bastantes vezes as paginas dos seus livros.

« Sedento de applausos, prompto em conceber e exprimir, e devorado de implacavel ciume contra os talentos inferiores que elle proprio elevava, honra-os sem causa com a sua emulação, offerece-nos a sua carreira duas faces e duas naturezas inteiramente diversas.

« O sublime *cantor de Leandro e Hero* não é o repentista retumbante dos outeiros e cafés. O generoso e compassivo Manoel Maria, sempre disposto a consolar a pobreza e afflicção, está longe do satyrico desapiedado, cuja Nemesis delirante não perdôa a nenhum affecto, nem esquece a mais leve offensa do amor-proprio.

« Os desgostos e as distracções forão os maiores inimigos da sua gloria. Dotado, como poucos, pelas musas, que o fadárão desde o berço como seu valido, faltou-lhe o tempo, e chegou tarde para elle a época da reflexão, e dos fructos sasonados.

« Até onde alcançaria aquelle engenho, desassombrado das paixões que a miudo o offuscavão, e estabelecido o equilibrio entre as faculdades da razão e os thesouros da fantasia?

« Eis o problema que a morte deixou suspenso, e que só arriscadas conjecturas podem rastrear.

« Seria extensa a sua inspiração, como era radiosa e vehemente nos curtos vôos que levantou? O calor, o brilho do estylo, que lhe dourão a phrase, sobresahirião nos cantos de um poema longo, com a mesma valentia? Ousaria tentar a lingua tragica, interpretando os segredos do coração e do sentimento, e não as folhas mortas dos livros?

« Náo é facil responder. Desappareceu justamente na occasião em que promettia mais.

« Entre duas escolas, uma de imitadores, que ajoelhavão diante das regras impostas, outra de partidarios da liberdade das fórmas, ligados contra o rigor da servidão classica, a qual pertenceria, e para qual d'ellas o encaminharia a sua vocação?

« Tudo nos diz que para a segunda.

« Se a rapidez da escripta e a falta de pausa o inclinavão a aproveitar os moldes e o colorido da seita greco-romana, modificada pelos exemplos das musas italianas e francezas, os arrojos do estylo, o rasgado das idéas, e a viveza em sentir e pintar, attrahião-o para a renascença, chamada romantica, que muitas vezes pareceu antever.

« Quando se esquece das prisões antigas e se entrega ás commoções que o arrebatão, a dôr e a ternura chorão na sua lyra, como se os dedos de moderno bardo fizessem estremecer as cordas. São momentos, são lampejos, sei; mas quem adivinhou mais peregrinamente a suavidade

melancolica de Lamartine, e os sombrios e ardidos commettimentos de Byron e de Hugo?

« Bocage estudava pouco, e não reflectia mais. O seu cabedal de saber era portanto acanhado. Á força de genio e por illuminação espontanea, é que suppria os dons adquiridos, que se ganhão á custa de vigilias e fadigas.

« Versado na lingua latina e na franceza, sabia apropriar á nossa, com rara felicidade, as bellezas dos autores estranhos, ostentando nas magnificencias do verso toda a pompa que o Portuguez comporta. As suas traducções são verdadeiros primores.

« Elmano, entretanto, não era proprio para conceber a revolução da arte, nem para a dirigir. Depois de feita seguil-a-hia como apostolo fervoroso, como um dos mais incansaveis apologistas; mas traçal-a, e executal-a elle, excedia os seus poderes, e os limites naturaes da sua indole.

« N'este sentido, o grande serviço que lhe devemos reduz-se á audacia venturosa com que arrancou a poesia das aulas de Minerva, e meia desgrenhada, meia composta, a vulgarisou nas praças e nas palestras, acclamando-se rei das canções, e tornando-as populares e plebéas como os auditorios que extasiava nos seus repentes.

« Foi um passo notavel, sem o qual a renovação, que se insinuou depois, quasi desapercebida, encontraria nas fronteiras vigilantes Argos, para a fazerem retroceder, negando-lhe os fóros da hospitalidade e da naturalisação, e expellindo-a antes de a conhecer.

« As *Memorias de litteratura contemporanea*, abraçando em breve quadro toda a existencia de Bocage, e accusando as feições proeminentes d'esta physionomia

movel, e ardua de reproduzir, corrigem os juizos mais levianos, exarados nos *Ensaios de critica*, e dão-nos parecido e melhorado o retrato que a principio ficára apenas em esboço. Não juraria em todas as asserções do autor, mas não receio assegurar em geral, que esculpio o vulto com firmeza, e que não lhe errou as linhas e os toques mais sensiveis. »

Sem emittir opinião sobre o valor real das *Memorias de litteratura contemporanea;* sem apreciar o seu merito, sob os aspectos da sciencia, da critica, da profundidade, da vernaculidade: extractaremos todavia algumas ponderações do infeliz Sr. Lopes de Mendonça, por suppômos dever aqui archivar os juizos que ácerca do nosso poeta hão sido proferidos. Eil-as, em excerpto :

« ..... Bocage é para nós mais do que uma individualidade poetica, cheia de vigor e de energia : é o typo dos destinos d'essas existencias ignoradas, victimas da época em que nascêrão, victimas da sociedade que lhes servia de algoz, victimas do proprio talento que as abrasava. Chatterton morreu de fome, porque essa opulenta aristocracia ingleza achava que era bastante, para que o genio vivesse, applaudir o genio. Bocage recebia uma esmola por um soneto, e, vendo-se isolado, deixou-se morrer.

« ..... Parte das suas desgraças nasceu da irritabilidade do seu caracter, e da selvatica independencia do seu orgulho. Não lhe faltárão protecções sinceras, nem mãos amigas que apertassem cordialmente a sua. Mas como poderia elle alimentar a mais energica e activa de todas as paixões n'uma organisação superior, como era seguramente a do fogoso vate, — a ambição?

« Avido de gloria, sedento de louvores, insaciavel de applausos, a sociedade dos outeiros, as sucias dos cafés,

e os chás dos grandes da côrte, erão theatro demasiadamente estreito para a actividade do seu espirito. Para apagar essa melancolia vaga, esse fastio moral, que se apoderão dos que nascêrão marcados pelo dedo da Providencia com o cunho de uma vasta intelligencia, é que talvez se désse aos excessos da devassidão, que lhe cavárão um tumulo prematuro.

« ..... Se os tempos fossem outros; se Bocage não tivesse de desperdiçar as faculdades na tumultuosa agitação de uma vida incerta e atravessada de prazeres frivolos, cremos que um monumento litterario havia de conceder ao seu nome gloria mais solida do que a que alcançou com os rasgos caprichosos da sua musa aventurosa e ligeira.

« ..... Foi por causa das rivalidades litterarias (da segunda *Arcadia*), e das rixas poeticas, que Bocage se abandonou a todo o fogo do improviso, e dispersou as faculdades em assumptos de occasião, em vez de as reunir para obras de mais vulto e valia. Era necessario para deslumbrar os vates, que contavão resistir á sua dictadura intellectual, que o poeta se entregasse aos delirios da improvisação, e com os versos excitados por abundantes libações, com a voz tremula, o rosto em suor, os olhos esgaseados, compuzesse os sonetos lubricos, as decimas, as satyras, as quadras impias, que lhe valêrão uma reputação popular, e os applausos unanimes dos entendedores.

« Glorias fugitivas são sempre as que se alcanção nos fogosos artificios do repentista. A poesia vive sobretudo da inspiração; mas não póde existir desacompanhada da reflexão e do estudo. N'uma ou n'outra occasião seria possivel que o soneto, a decima, o epigramma pudessem merecer os louvores de uma critica imparcial; depois a

imaginação exhausta havia de cahir forçosamente na vulgaridade, e abandonar as tradições da arte.

« ..... Bocage parece que teve o presentimento da sua morte prematura. Pouco tempo antes de cahir doente, havendo-lhe morrido uma sobrinha de cinco annos, e tendo expirado no mesmo predio um homem de sessenta, e uma donzella de dezoito, o sceptico, o indifferente sentia os terrores da morte, e n'um bello soneto denunciou as amarguras que a alma sente em presença de um tão medonho espectaculo. Depois, illuminada a fantasia por um raio de fé, exclama :

> Ah! porque tremes, louco? Ah! porque penas?
> Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
> Em climas de ouro, em regiões amenas.

« O fervor religioso acordou-lhe na alma, durante a sua doença. Nos *Novos improvisos* encontra-se por exemplo este soneto, em que elle parece que adivinha todos os extases da viva crença que devião tornar tão celebre depois a musa de Lamartine :

> Comtigo, alma suave, alma formosa, etc.

« Quando a chamma de um sentimento puro animava o coração do poeta, a sua imaginação como que adivinhava a escola moderna, no que ella possue de mais terno, melancolico e encantado.

« Quem o diria! Ha sonetos de Bocage que reproduzem todo o espiritualismo plangente, que depois admiramos nas *Meditações* de Lamartine, e n'algumas odes de Victor Hugo. A inspiração do poeta era superior ás duvidas amargas do philosopho e do sceptico. E quando a sua

alma se sentia tocada de mysteriosa e intima adoração, quando a blasphemia lhe morria nos labios, afastada pelas supplicas e gemidos do amor, quando se esquecia das repugnantes orgias aonde procurava afogar os pezares do coração, a sua musa podia tornar-se irmã das que mais tarde vierão consolar a sociedade moderna das amarguras e tristezas em que a revolução e o imperio havião sepultado o mundo.

« O unico elogio que póde fazer-se a Bocage é dizer que elle appareceu mais tarde, ou nasceu mais cedo do que deveria para a sua propria gloria. Faltou lhe a atmosphera moral, aonde sua grande alma pudesse respirar á vontade. Teve de afinar o talento no tom pretencioso, e nas descabelladas pugnas litterarias em que se revolvião os poetastros que tentavão uns ser seus rivaes, outros seus imitadores.

« É raro ver ainda os mais austeros caracteres e os mais rudes orgulhos resistirem ás offensas do amor-proprio. Para essa turba de insulsos rimadores, que procuravão ultrajar o distincto poeta, não haveria senão o fulminante verso de Dante : *Non ragionar' da lor', ma guarda e passa!* Mas Bocage adoecia da molestia commum, e descendo á arena nivelou-se moralmente com os corrilhos, que passavão o tempo fazendo *versos anões a anãs Nerinas.*

« Até que ponto influe Bocage na poesia do nosso seculo?

« Seria difficil de responder á pergunta, discutindo-a minuciosamente. Bocage dulcificou, se é licito o termo, as fórmas da poesia, mas não creou um monumento que pudesse inspirar energicamente o genio litterario do futuro.

« É incontestavel entretanto que elle e Filinto Elysio legárão muito á geração que lhes succedeu : A *Primavera*, do Sr. Castilho, a *D. Branca*, do Sr. Garrett, manifestão, em differente escola, a proxima acção dos dous poetas, que em vida se saudárão e puderão comprehender-se. »

O Sr. A. Cardoso Borges de Figueiredo, no seu *Bosquejo historico da litteratura classica*, adoptou textualmente a opinião de Ferdinand Denis, tal como aqui a deixamos exarada de pag. 268 a 272.

No *Archivo pittoresco*, de Março de 1858, pag. 291, lê-se : « Improvisador sem rival, Bocage era sobretudo poeta distincto, justamente celebrado e admirado. Não houve genero de poesia em que não medisse as forças e não quizesse mostrar-se eximio. Onde, porém, se distinguio mais foi na elegia, no apologo, no epigramma, inclusive os sonetos d'este genero, na epistola e na anacreontica. Como poeta bucolico tem lugar secundario. Como poeta lyrico tem muito mais inferior merecimento. Como traductor foi admiravel. Nos seus escriptos brilha o fogo e enthusiasmo da inspiração, o atticismo, a louçania, a correcção da linguagem. O seu estylo é facil, suave, elegante, harmonioso e florido sem affectação. Versos harmoniosos e elegantemente torneados dão relevo aos traços vehementes e expressivos do seu admiravel genio. »

Uma das mais esperançosas intelligencias, dos mais altos e madrugadores talentos que têm rebentado nas terras de Santa Cruz, Manoel Antonio Alvares de Azevedo, fallecido aos vinte e um annos de idade, apezar de injusto para com Bocage em muitos pontos, n'outros o descreveu tal qual era. Ouçamol-o :

I

« O seculo decimo-oitavo agonisava livido nas suas extremas saturnaes, e o seculo decimo-nono despontava entre as desesperanças materialistas da philosophia franceza d'aquella época, como a definio Lamartine, toda mathematica, e o idealismo de Kant e Fichte, entre Voltaire que se gelava frio de morte — inda nos labios o amarello sorrir do incredulo — Byron o poeta-rei adormecia nas orgias febrís, nos sonhos tenebrosos do *Corsario* e *Lara*, como Spinello o pintor, delirante de suas visões sublimes. E em meio d'aquella grande levadia da maré das civilisações européas, quando todo aquelle mundo de além-mar, no dizer Biblico, vacillava como um ebrio, — Zacarias Werner nas noites de perdição se estendia pelo chão das tavernas da velha Allemanha, e profanava na embriaguez a sua larga fronte mystica. Inda se sentião as pégadas de sangue da revolução franceza e as mãis embalavão seus filhos com os cantos de Rouget de l'Isle e com as historias sanguentas que vírão.....

« Então, na velha Lisboa, a rainha dos mares de outr'ora, e onde as praias immundas repercutião as gritas despeadas das marinhagens libertinas do estrangeiro, terieis visto, á tarde, com os cotovelos nas mesas torpes da taverna, a cabeça desgrenhada e loura, ou, ebrio e cambaleante, no seu enthusiasmo febril, agitando a fronte acesa dos vinhos, scintillar aquelles olhos azues onde o fogo d'alma lhe passava como ao través de uma alampada de alabastro, e as palavras sonoras, os versos tumidos, e as idéas fervorosas a transbordarem-se-lhe dos labios

eloquentes, e a improvisação cada vez mais viva a brotar como dos beiços do volcão..... E depois a cabeça tornava-se mais vacillante, o olhar mais esgazeado do hallucinar; e o rei da plebe, aos applausos das turbas, rodava d'alli, immovel, turvo, como um corpo bruto. Era a embriaguez da crapula mais immunda..... Á noite não... não vos direi a noite d'esse homem de vida errante, a quem por ventura ardêra no sangue de moço amor de glorias como a Luiz de Camões; amor de mulheres-anjos como a Petrarca, que o mundo fizera misanthropo como Rousseau, gelado no seu sensualismo enthusiasta, e a corrupção desesperançára como Byron; que uma educação falha, um sonhar delirante eivára d'aquella nativa ebriedade fantastica do espirito de Chatterton e Shelley..... Quando o poeta dos lupanares, o improvisador soberbo das praças, ergueu seu brado de athêo á:

Pavorosa illusão da Eternidade!

é que as noites lhe ião bem negras á ancia do coração, que o vinho e os beijos seccos da perdição lhe não podião calar.

« E comtudo, se a educação se lhe orientára diversa, em vez do borbulhar, nas arterias, de um sangue de Ibero, do fervor de um coração de Portuguez, crestado e cinereo ao louquejar dos lupercaes... se as brizas nevoentas do norte lhe houvessem influido a irritabilidade nervosa, a melancolia hypochondriaca e spleenetica, a insania tocada de superstição, o hysterismo das terras nevoentas, esse homem houvera sido Chatterton, Byron ou Werner.....

« *Bocage* e Chatterton se assemelhão. Ambos sós —

sós! — no mundo. Ambos com cerebro sublimado ao fogo da poesia, e sem uma aureola de luz ante a qual as nações dobrassem as frontes como ante um sol; ambos soffrendo da dôr do coração.

« De Chatterton a Bocage vai talvez um passo. Mas entre ambos ha um abysmo. Entre o cantor das glorias cavalleiras do decimo-quinto seculo, das Illiadas anglo-normandas do pseudonymo Thomaz Rowley, o poeta da luta de Hastings, entre William o duque, e *King Harold — Fayr England curse and pryde*[1], e o mancebo portuguez, ante o qual Filinto Elysio desatára das fontes sua corôa de poeta-rei, ha a crença: um cria; ao outro, o materialismo, com o espinhal da parabola santa, afogára todas as sementeiras da alma. Chatterton se refugiára nas lendas da fé; revivia banhado de ondas catholicas do crer do monge saxão; Chatterton cria. Bocage era da escola de Volney e dos encyclopedistas, que em Portugal tinha por Evangelho a Voz da Razão de José Anastacio da Cunha. — Era — quem sabe? — athêo com Shelley.....

« O louro suicida de dezoito annos, na sua febre de poeta, tinha visões do espiritualismo juvenil. — Erão Eleonora[2], Oella[3], que lhe repassavão alvissimas.

« Elstrida, e Sabrina[4] sacudindo seus cabellos gottejantes nas faces de afogada, a esperança que lhe vinha nos sonhos segredar amores pela fronte pallida do abatido... Bocage, aquella alma era negra como as cavernas escuras onde o mar rebenta com um murmurio lugubre. Lá dentro a treva, o gemer de alguma dôr funda que se afoga e gela.....

[1] Canto II.
[2] *Eleonora e Juga*, poema.
[3] *Oella*, tragedia epica.
[4] *Metamorphose*.

« De Bocage a Byron, das orgias brutaes do soldado vagabundo das tascas de Lisboa aos banquetes deslumbradores, ás noites turbulentas do lord em Veneza; de Manoel Maria o miseravel, que dava ao povo como os Homeros antigos suas inspirações de poeta, ao D. Juan altivo que vendia o segundo canto do Child Harold a duas libras esterlinas o verso, vai a soberba dynastia, o orgulho ferido d'aquelle espirito que soffrêra, e muito, e ia afogar-se no vapor dos vinhos hespanhóes para *esquecer!* Não o amaldiçôem! esquecer! eis o somno de Byron.

« Bocage, como Werner, era levado por um organismo excitado ás impressões vivas. Sua alma leprada de materialismo, matizada ainda de frescuras de poesia, na luta do corpo e da alma, da eiva da materialidade, e da seiba de vida do espirito, precisava de um pousio ás agitações que a enfebrecião. A Byron erão dôres do passado que pedião o vinho real do Rheno e o gin, como o doente pede opio. A Bocage era por ventura a turvação d'aquelle espirito, o atropellado d'aquellas veias que lhe passavão pesadas no craneo; era, sobretudo, a sensualidade que tendia a adormecer a alma.

« De Werner a Manoel Maria vai menos: o adormido de embriaguez em sonhos negros debaixo das mesas carunchosas da estalagem allemã, e esse louro Portuguez estatelado á modorra na taverna, á luz fumacenta e amortecida da candêa, parecem-se muito. São duas feições louras, com olhos corados do azul dos céos do norte: ambos escurecidos do vaporar de suas tripodes pythonicas: ambos razões debeis, arrebatados como a Lenora a galope.

« A differença de um a outro d'esses ebrios, é que no

seu oscillar entre o mysticismo allemão, o scepticismo e o fanatismo, as idéas de Werner não se assemelhavão, senão na incerteza, á philosophia titubeante nas tenebras do não-crer, como alma que desespera, e banha a cabeça reproba nas ondas negras da sensualidade brutal, no lenocinio lutulento das paixões, na existencia do homem que tem medo de crer.

II

« — Matárão-te, Bocage, mas matárão um homem! — disse o Sr. Lopes de Mendonça.

« Que foi um suicidio a morte de Bocage cremol-o nós, suicidio de alma e de corpo, pois quando aquelle cadaver esfriou, já a alma lhe estacára morta. Cremos sim que Bocage morresse de dôr, talvez de loucura como Gilbert, de miseria como Malfilâtre, de orgulho como Chatterton. Mas o que o matou não foi (pensamol-o), como o quer o redactor da *Revolução de Setembro*, o afogar de suas idéas politicas, sua agonia de Encelado sob o Etna do regimen absolutista. Não o cremos : o que o matou como a Marlowe, o dramaturgo, foi a orgia, ou antes um veneno de lembranças, *seiba de morte*, como disse o Hamlet, que lhe calcinava as veias. Era aquella cabeça que se lhe enturvava no ar mephytico de uma civilisação bastarda, e acima de tudo isso o brado de voz sobrehumana que assomava ao libertino a clamar-lhe *anathema, anathema sobre ti!* como a maldição do moribundo pai de Kuntz ao parricida, no drama terrivel de Werner[1].

[1] Intitulado — *24 de Fevereiro.*

III

« Se a gloria consiste no apontar do dedo por um povo a um homem, como Horacio disse :

Digito monstrari, et dicitur : hic est !

essa gloria, que acompanhou como sombra a Werner, quando rebuçado no desalinho dos seus andrajos, ainda maculados do vinho das saturnaes da vespera, com physionomia de energumeno, seu amaneirado de homem nutrido de depravação, com essa philosophia titubante e seu systema, se a gloria é esta, ninguem mais que Bocage a ganhou.

« Dos salões frios da nobreza portugueza ás reuniões dos botequins e bilhares, onde a populaça estremecia de riso ás insulsas facecias truanescas de José Daniel, havia um nome que realçava além de tudo, o nome de um poeta, ante o qual á geração presente ninguem sobresahia : uma fronte á Camões — um estro valente e regio n'aquelle craneo do homem perdido, que dominava todas as idéas.

« E quando no theatro, sobre um mar de homens, se erguia a fronte pallida de Manoel Maria, avultando sob seus derrancados cabellos louros, no solto das vestimentas, e sua imaginação ardente lhe voava nos adejos igneos do improviso, a vida d'aquelle povo todo, das platéas mudas e anhelantes, dos camarotes apinhados, todo aquelle turbilhão de almas pendia da torrente dos labios do vate, e a voz d'elle se afogava no phrenesi dos applausos, como a do hymno do vento na ancia das ondas.

« Bocage era o verdadeiro rei d'aquellas intelligencias todas, rei solitario e soberbo como o sol, tendo como elle uma missão creadora e sublime — a do genio.

IV

« Porém Bocage não é sempre o engenho dormido na perdição, o cysne com as azas abertas cahido no pantanal, o soldado libertino, ebrio no bordel. Ás vezes quando a fronte lhe latejava mais fresca ás virações da primavera, quando o coração lhe batia mais macio, e uns olhos puros de mulher se miravão na lagôa azul da scisma do cantor, então a corda argentina da candidez virginal lhe revivia n'alma, como lagrimas crystallinas de perfume, os sonetos tão bellos que nem sonhos de Petrarca á bella Italiana, lhe gottejavão dos labios como a chuva dos rosaes em flôr. E quando elle se esvaecia no sonhar, e as visões purissimas vinhão a sorrir-lhe á miseria, elle cantava a nenia da Ignez de D. Pedro, *A amizade*, perola tão alva ensartada a esse collar venenoso da vida: e, lembrando-se da pobre mãi, elle escrevia, em tributo a esses corações de pomba, que chorão sem consolo, como a Rachel Judia, *quia non sunt*, e no seu desespero invocão:

> Não roce os labios meus nem mais um riso!
> Meu triste coração ralai, saudades.....

no canto Lamartiniano em que sua alma se lhe pendia e desfolhava como um salgueiro banhado de chuva, a vento despiedoso, se lhe estremecia mais candida do amor de mãi, n'aquella elegia suavissima, tão pura em

sua melancolia, tão bella em suas lagrimas, da *Saudade materna*.

« Ah! pobre poeta! Talvez elle de suas lagrimas perfumadas regava a capella murcha de esperanças, e o fanado das fimbrias alvacentas de anjos que lhe passavão nas sombras!

« Pobre poeta! Como Werner, ao acordar do seu pesadelo, achou ainda um canto n'alma, de accento vaporoso, como voz do somnambulismo. Venturoso só ahi, tinha a ventura de chorar. E que seria do homem sem chorar? Não é verdade, Eurico[1], que seria do homem sem as lagrimas?

« Para completar o parallelo entre Werner e Bocage, eu toquei n'essa fibra do amor do filho para a mãi.

« Werner foi o Swedenborg dramatico (como o chama um escriptor inglez de nota), o nebuloso creador dos *Filhos do Valle*, da *Cruz do Baltico*, o evocador do fantasma soberbo « *Monge brutal das tavernas da Allemanha*, » como chama Lherminier a Luthero, de Attila o barbaro, Cunegunda, e d'aquelle sanguento e fatal drama do 24 *de Fevereiro*, data que se lhe assignalára duas vezes terrivel ao coração. Werner pois, o sombrio mystico, foi aquelle coração que teve por canto cygneo a tragedia lugubre e lacrymosa, embebida do seu hysterismo doirido e sensibilidade convulsiva, da *Mãi dos Machabêos*, dedicada á sua mãi, o livro em cujo frontispicio elle escrevêra : « Minha mãi! os prazeres do amor, « e as rosas da vida, tudo, tudo me murchou sobre teu « tumulo! »

« Para mostrar a face bella do coração de Bocage, o

[1] Alexandre Herculano, *Monasticon*. I.

oleo de pureza que lhe sobrenadava ainda á lampada turvo de fèz, basta o ler do seu canto da *Saudade materna*. Onde Werner se transluz mais, já não lembrando a *Mãi dos Machabêos*, é n'aquella carta sinistra e merencoria escripta pelo poeta de Kœnigsberg a Ilitzig, o seu amigo:

« Deos quebrou-me o coração com seu malho de « bronze: minha mãi morreu-me no dia 24 de Fevereiro, « anniversario do dia em que meu amigo Minsch expirou. « Como minha poesia, e meus *Filhos da Vallada*, em que « eu cria tanta gloria, me tocárão de indizivel mágoa, « quando depois d'esse golpe eu quiz tomar a commu- « nhão dos christãos! Minha mãi! Que poesia que valha « essa d'alma que lhe fez padecer, sem queixar-se, sete « annos de martyrio e agonia? Que soffrimentos igualão « os que eu senti? E como me pesão duros sobre a alma « os erros da minha mocidade! Quanto não dera pelo « rehaver minha mãi, e resgatar minhas faltas! Meu « coração cheio de lagrimas tenta embalde alliviar-se; « os mortos não acordão, os erros não se délem; o pas- « sado é eterno e irreparavel. Deos e nossa mãi, eis o « que devêra occupar-nos antes de tudo: o resto é mes- « quinho e secundario, e absorveu-me tanto! »

« Não o pensais? essa carta é sublime.

« Werner soffrêra muito. Aquella carta é o dizer de uma existencia atribulada. A agonia da indigencia, a loucura da desgraça, echoárão muito nas cavernas d'aquelle peito de homem. O amor por aquella pobre mãi foi a aspersão lustral que lhe apurou toda aquella opulencia d'alma cahida na depravação.

« Se Bocage houvesse tido um amigo, se elle houvesse crido uma vez entre suas agonias intimas, n'um arca-

bouço de homem, talvez escrevesse uma carta como aquella. Não o fez, porque elle vio que aquelle mundo não era digno de beber-lhe os segredos fundos; havião rir-lhe do desespero.....

V

« Manoel Maria era rico de sentimentos generosos, mas o thesouro de perfumes lançado n'aquella amphora civada perdeu-se pelas fendas. Byron achou uma mulher que o amasse com um amor de escrava e de idolatra, como elle sonhára Gulnare e Myrrha a Jonica. A condessa Guiccioli talvez o arrancou do seu suicidio de scepticismo, e por isso Byron não findou talvez a loucura de uma de suas noites da orgia ao sibilar de uma bala. Manfred não rolou pelos despenhadeiros do Jungfrau, porque a mão do caçador da montanha o susteve... Bocage não teve ninguem, ninguem! D'elle, d'elle mais que de lord Byron pudera dizer a voz de mágoa : « *And none did love him.* »

« Foi bem infeliz! esse fadado louco que não pôde adormecer as suas mágoas que não na bruteza da embriaguez! essa cabeça insana, ebria de um idear vagabundo, em cuja cruz tumular a mão do forasteiro pudera cavar o epitaphio de Werner, aquelle esmolar ao viajante de uma oração de caridade pelo triste « que como Maria Magdalena amára muito, e a cujos errores cabião perdões, » o pobre Werner, que após o doudo vagar pela Europa, chorou nos tumulos de S. Pedro e S. Paulo em Roma, e errou contricto nos marmores do Vaticano, na magestade das pompas catholicas, dobrou-se

á benção do pontifice, e fez-se ordenar sacerdote pelo principe Dalberg; Werner o enthusiasta, que entre o brilhantismo romano-catholico sentio as nevoas do seu mysticismo quietista esvaecerem-se, e entre as turbas de ouvintes fez ouvir a voz de sua predica eloquente em Vienna, na Styria, na Corinthia e em Veneza.

« O Sr. Lopes de Mendonça bem o disse, a Bocage faltou a inspiração de uma litteratura contemporanea valente.

« Dessem a esse Portuguez a cópia de instrucção que mana caudal na Allemanha, embalassem-o aos *lieder* da superstição teutonica, dessem um ar em que voasse a aguia da imaginação fervorosa de Bocage, apontassem-lhe o quadro sublime para que o Correggio exclamasse *anch'io son pittore*, e Bocage fôra Werner.

« Esse toque que separa os dous vultos, essas duas creações de poeta tão attractivas, tão tendentes uma para a outra, o mar de Behring que ahi se estende entre esse Ashawero e essa Herodia, lêde a primeira pagina do nosso livro, vêl-o-heis, é que Werner era Allemão e Bocage Portuguez.

VI

« Findemos aqui. Longa já nos foi a obra. Tocáramos muito no parecer dos dous caracteres, e quizemos esboçal-o. Fômos prolixos talvez: mas a visão d'esses dous homens enlevou-nos. Sympathia ou compaixão, amor ou lagrimas, merecem-o e muito.

« Findemos pois; mas antes de dar de mão a este assumpto, uma ultima nota.

« A morte de Bocage foi sim um suicidio. Bocage morreu como Marlowe, dissemol-o. Mas já o que o matou não foi só a orgia, essa imaginação despeada á brida longa, o levar de um desviver de perdição, oscillando entre a taça regurgitada de vinho e o leito da barregã. A culpa foi tambem, como vimos, do ar que elle então respirava.

« Bocage não é um caracter esteril, por unico, no historiar da litteratura portugueza. N'aquelle homem traduz-se uma éra inteira. É o espelho onde passa com sua fluctuação de luz e sombra no rôxo crepuscular de uma nação a hora turva em que tudo se agita lugubremente, como por um enterro ou um nascer doloroso, quando, como disse o poeta das *Vozes intimas* nos *Cantos do crepusculo :*

. . . . . .
Lividos suores todas frontes banhão
Quando nos céos, nos corações dos homens,
D'envolta á luz a treva se derrama!

« Portugal mergulhára-se no crepusculo. A geração infantil de então, ao vestir a toga viril, em sua mente de mancebo acreditava-o uma aurora. Embalde as esperanças! O guerreiro do Ypiranga, sellando com seu punho de valente a carta das liberdades lusas, foi-lhe o ultimo clarão do arrebol.

« A noite portugueza, como as de verão, talvez não seja longa. Façã-a um serão de luar os trovadores de Coimbra. Sim. Mas o que não poderão fazer é adiantar o dia. »

CAPITULO XXXIII

Motivos da omissão, na edição presente, tanto de muitos excerptos como do capitulo bibliographico. — Publicações posthumas. — Considerações sobre publicações taes. — É Bocage classico ou não? — Seu timbre de vernaculidade. — Escreveu com pureza, mas não enriqueceu o vocabulario. — Bocage e Malherbe. — Se Bocage não é classico, é pelo menos escriptor de boa nota. — Apreciação geral do poeta. — Conclusão.

Um dos motivos que, em 1847, nos induzirão a escolher Bocage para figurar, entre os primeiros, n'este repositorio, foi o ser poeta estimado e popular, e não existir enfeixada em um só corpo, como a demos, a collecção de uma escolha das obras de Elmano, porquanto até então, exceptuando os tres volumes publicados em vida do poeta, quasi se dissera haverem apparecido todas as suas obras avulsas e sobre si; e todavia raros autores em Portugal fizerão com tanta frequencia gemer os prelos. Esta lacuna acha-se hoje preenchida pelo benemerito academico, Sr. Innocencio Francisco da Silva, que não só em 1853 deu á luz as obras de Bocage, n'uma collecção completa e methodica, seguida de preciosas notas, mas tambem no seu opulentissimo *Diccionario bibliographico* accrescentou quantas noticias pudessem desejar-se sobre as edições de todas aquellas obras, com o escrupulo e estudo que permanentemente distinguem esse monumento de consciencia e zelo. Hoje, assim como a *Collecção geral* nos fez supprimir dous terços das poesias que deramos na primeira edição dos excerptos, o indicado *Diccionario* nos dispensa de reproduzir o capitulo que então intitulámos *Bibliographia*, por ser

aquell'outro trabalho muito mais completo que o antes dado por nós, por não nos sentirmos disposto a sustentar polemicas sobre um ou outro ponto, e até porque não abundão no Rio de Janeiro subsidios para debates bibliographicos, não obstante a generosidade com que todas as mais importantes livrarias d'esta côrte hão sido postas á nossa disposição.

Diremos que mais dos tres quartos das edições são posteriores á morte do nosso poeta, e comquanto entre ellas grão numero sejão reimpressões, muitas das obras assim publicadas erão ineditas, e outras tantas apocryphas se cobrem com o manto do seu nome.

Aqui poderiamos ser levados a tratar ponto grave para as lettras em geral, e particularmente para a gloria dos autores. Quaes são os limites do direito de publicar ineditos?

Se a propriedade material do escripto é transmissivel, não assim a sua propriedade intellectual; se eu cedo os cruzados que a minha idéa póde produzir, nem por isso cedo a idéa, no que ella tem de immaterial e etherea, no que produz descredito ou honra; vendão embora o livro de Virgilio os seus editores ou os seus herdeiros, mas os versos de Virgilio são d'elle e são elle. Essa propriedade não se aliena, transcende os seculos sempre a mesma, e a falta de respeito a ella é sempre um roubo atroz ao autor vivo ou morto. Se elle fecundou o seu pensamento, se o vestio das suas galas, se o levantou á altura da sua reputação, se o despedio digno do publico e de si mesmo, seja o inedito bemvindo, que, sem deslustre de credito, augmenta gozo ou utilidade do homem. Mas se a pedra ainda jazia bruta, e o que houvera de ser estatua viva de Pygmalião não passa de seixo informe; se o autor quiz

em vida esconder de estranhos olhos o que d'elles não julgava digno; se a publicação da idéa incompleta, da phrase frouxa, da palavra impropria, da locução não castigada, vem minorar a consideração em que o engenho é tido, ha, não roubo, mas sacrilegio em especular assim com honra e fama.

Sacrilegio, não só porque baixão injusta e traiçoeiramente os quilates do antigo culto, mas porque a sciencia só póde resentir-se de ser offerecido pela boca de um interprete seu o que, sem merito para acolhimento, offusca as intelligencias com o brilho de um nome. Virá a mediocridade ao menos confundir o optimo com o desprezivel; virá o pavilhão victorioso cobrir toda a especie de mercancia; virá a turba dos imitadores escudar seus desvarios com o innocente exemplo do mestre. E esse idolo derrubado, ou essa fonte de scisma na igreja litteraria, veio da cynica avidez de algum... peior do que mercador de carne humana, mercador de espirito humano.

Dobrão ainda os inconvenientes, quando a obra permanentemente fixada no papel fóra momentaneo arrojo de imaginação, explosão não meditada do estro : qual é o improviso que supporte victorioso a luta do *scripta manent?*

Deve pois criterio são e mão amiga apoderar-se do inedito; e só é licita a sua vulgarisação, quando o juiz competente profere sentença honrosa para já conhecido e abalisado escriptor. Raro aconteceu assim com Bocage. Os seus ineditos impressos são na quasi totalidade inferiores ás suas publicações em vida; e deu frequentemente em taes mãos que mais nos amostrão a mascara do que a physionomia de Bocage.

Só nos falta tocar n'um ponto, que a ociosidade tem controvertido, mas que a natureza d'esta collecção nos não permitte calar :

É Bocage classico ou não?

E antes de atacar a questão, precisemos factos.

É sabido que Bocage manuseava com summo estudo os nossos classicos, e se esforçava por empregar phrase em que a vernaculidade corresse parelhas com a altiloquia; e d'estas boas diligencias deixou vestigios nos seus escriptos.

Por exemplo : tendo empregado as palavras *plantios* e *paisagens* na sua versão dos *Jardins*, de Delille, pôz-lhe a seguinte nota : « Vem no diccionario de Souza, e a harmonia e necessidade do termo animou-me a adoptal-o, parecendo-me todavia que os camponezes o usão. A palavra *paisagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons escriptores nossos, sendo um d'elles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores. »

Na satyra a José Agostinho, tendo este censurado em Bocage, como incorrecto, o uso do verbo *baquear*, não consente o aggredido em ficar sob a pressão de uma accusação de invernaculidade, e responde-lhe :

> Ignora o *baquear*, que é verbo antigo,
> Dos Souzas, dos Arraes sómente usado;

resposta esta que nos deixa duvidas, pois antes de Bocage o verbo *baquear*, *como activo*, foi empregado por classicos, sim, mas em sentido algum tanto diverso.

Usando, n'um *Elogio dramatico*, a palavra *renome*, sotopôz-lhe esta nota : « Não é gallicismo : acha-se na *Malaca conquistada*, e em outros autores de boa nota. »

N'outra, ao verso de uma ode

Vasto renome que sobeje aos evos

disse : « Em Lucena, e em outros quinhentistas de summo apreço, vem *sobejar* por *exceder*. »

No final do idyllio — *Salve, meu caro Elmano*, — acha-se esta advertencia de Bocage : « Este idyllio, como verá o leitor versado n'isso, é escripto no estylo de Fernão Alvares do Oriente. »

Ao verso do principio das *Metamorphoses*,

Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma,

pôz esta nota : « Aos grammaticos escrupulosos, que talvez queirão que este verso antes seja

Sem algum vingador, sem lei alguma,

respondo que usei o idiotismo da nossa lingua, alentado com o exemplo de Leonel da Costa, na traducção das *Bucolicas* e *Georgicas*, e com outros autores de boa nota.»

Prologo da traducção da *Euphemia* : « Estremei-me o que pude em evitar os gallicismos de que abunda grande parte das nossas traducções, e que nos enxovalhão o fertil e majestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas que o estudárão mal. »

Poderiamos addicionar outras provas de quanto Bocage manuseava os nossos classicos, procurando impregnar-se em suas puras e elegantes fórmas, ainda melhoradas por sua idade mais moderna, e sua natural altisona dicção. Quando pois um Bocage denuncia a sua ambição e o seu esforço para escrever como os classicos, acaso lhe será isso defeso?

Circumstancia singular : quem tão bem dominava o idioma, quem igualmente conversava os nossos classicos e os romanos da idade aurea, quem tinha jus para ousar, e autoridade para crear, em materia de lingua, foi n'este ponto acanhadissimo, e quasi se póde dizer que o vocabulario não adiantou cousa alguma em seus bens, provavelmente porque as jactanciosas apparencias de vaidade mentião á modestia da sua consciencia, sendo retrato da sua alma aquelle sincero verso :

Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas.

Rarissimas vezes usou pois termo que os diccionarios não conhecessem. Por exemplo, ao escrever a Salicio :

Já no bem, já no mal, e em *turvejando*
A hora do pavor, que os reis não poupa,

apresentou-se logo coberto de sacco e cinza ao publico, dizendo-lhe : « É verbo creado por mim, *mas parece-me* expressivo. »

Cremos portanto ser incontestavel que, assim como Bocage não juntou á lyra cordas novas, tambem com riquezas suas não opulentou o idioma.

Talvez (falle a consciencia!) talvez que até n'um sentido seja licito suspeitar que se esforçou por empobrecêl-o. Não poucos pontos de contacto existem entre a maneira de Bocage, e a missão que a si mesmo, na França do seculo decimo-setimo, impôz Malherbe, de quem Boileau disse :

Par ce sage écrivain la langue réparée,
N'offrit plus rien de rude à l'oreille épurée.

Ambos se distinguião por inexcedivel afinação de ouvido ;

em ambos o principal intento era a elegancia e a harmonia, mais ainda que o pensamento, a doutrina, a paixão. Ambos, intendentes da policia do idioma, verificão cada vocabulo, e quantos encontrão heterodoxos, ou de não fidalga origem, rejeitão-os, e eis ahi como encurtão o vocabulario nacional. Richelieus da lingua, a ferro e fogo a depurão; mas despovôão-a, empobrecem-a. Se ambos elles tivessem dictado a lei aos seculos, crearião desertos, e reduzirião a algumas palavras escolhidas os diccionarios de dous grandes povos.

Ao menos porém, Bocage e Filinto, no abrir d'este seculo, apostolárão doutrinas, das quaes era base o respeito á vernaculidade. Cumpre confessar que, quando nós, os da immediata geração, emigrámos de Portugal, vimos que, talvez por imitar-nos, a formosa lingua portugueza emigrou tambem, e tem custado a revocal-a.

Após estas considerações, voltemos ao assumpto :

— *É Bocage classico ou não?*

Responderemos á pergunta com outra pergunta : *Que cousa é classico?* Quaes os caracteres por onde esta honrosa qualificação se possa adquirir?

Será porque um firman, ou do homem mais illustre, ou da mais respeitavel academia, tenha em cada caso especial resolvido a questão? O modo como, já na escolha, já na exclusão, se tem procedido, mostra evidentemente não ser esse o guia seguro.

Será a impeccabilidade da linguagem do autor? Ficaria a lingua portugueza sem um só classico, pois em todos elles abundão reprehensiveis máculas.

Será uma ou outra éra litteraria, visto como todas as nações têm tido os seus seculos de *Augusto*? Fôra consagrar o absurdo de que, estacionarias, se não transfor-

mão as linguas, de que o progresso da expressão não *acompanha* o progresso da idéa: e de que a republica litteraria se converte em tyrannica monarchia.

Pensamos pois com um dos nossos laboriosos criticos (Antonio das Neves, *sobre o uso prudente das palavras, nas Memorias da Academia*: « Os que temos por autores classicos são aquelles que, com o seu talento, contribuirão mais para o progresso da linguagem e sua maior perfeição, ampliando os limites da analogia: e a melhorárão, emendando alguma cousa da sua antiga rudeza e irregularidade. » Para nós são classicos os mestres praticos da lingua; aquelles que, embora nem sempre apresentem inteira correcção ou absoluta perfeição da phrase, embora por vezes afraquem em estylo e linguagem, tal garbo e louçania, tal vigor e audacia semêão por todo o seu dizer, que o cobrem de um resplendente verniz, desafiando a imitação. Se a admiração não cegar ao ponto de persuadir, como a *Erasmo*, que toda e qualquer expressão, usada por autor idoneo, deve ser sem excepção aproveitada; se o fio de imparcial critica e seguro gosto ensinar a discernir o máo do optimo e a extrahir o ouro das fezes, em solido terreno se apoiará o que, nos segredos dos preceitores do idioma, estudar os segredos da sua propria locução. E se assim acontece com os modelos dos prosadores, mais profunda meditação merecem as obras dos vates, visto ser pela poesia que as linguas verdadeiramente se formão e se alindão.

Quem ha ahi que recusasse, se a natureza lhe offerecesse dotal-o com os dons de um Bocage, pensar, sentir, escrever como elle? Quem ha que repugnasse a dar, como propria, sua altisonante e portugueza dicção? Quem, a troco de raras incorrecções, quaes se encon-

trão nos maximos autores, não compraria a gloria que a posteridade reserva a Bocage?

Bem fizerão pois os modernos lexicographos, não recusando ás obras de Bocage um lugar de honra, em que aliás tinhão já sido precedidas pela *Traducção da Arithmetica de Bezout!* pelas *Homelias de Frei Pedro Calvo!* pelo *Santoral de F. Christovão de Lisboa!* pela *Arte do Sangrador*, e outros *classicos* a quem por certo a lingua portugueza não é devedora de tão nobres, uteis e multiplicados serviços.

Finalmente, se o capricho repellir Bocage do catalogo dos classicos, por se não superpôrem á sua lousa camadas seculares de poeira, ainda assim tolere-se que lhe demos franco ingresso, ao menos pelo seu incontestavel titulo de *autor portuguez de boa nota*, que é o que antecede á nossa Collecção.

Aqui damos por terminada a tarefa, renovando a satisfação já dada ao leitor amigo, quanto á profusão do escripto. Dissemos que esta collecção duplicaria de merito, se a mocidade, a quem principalmente se destina, encontrasse, a-la-par de bons modelos, juizos criticos imparciaes e severos, que lhe apontassem as manchas que até no mais primoroso quadro se descobrem. Não nos vangloriamos nós de haver cumprido nossa missão, mas tentámos acarretar tosca e humilde pedra, com que outros levantem monumento. Após certo numero de memorias de identica natureza, muitas materias de critica litteraria terão já sido debatidas; e então, com referencias, as poderemos encurtar. Por ora, seria inconveniente.

Percorrêmos estadio longo! Trouxemos o genio de

Bocage ao tribunal da posteridade! Não o julgárão olhos fanatisados pelo pasmo, nem desvairados pela inveja, quasi exclusivos juizes do seu engenho emquanto pertenceu á terra; e em poucas palavras se resume a nossa opinião.

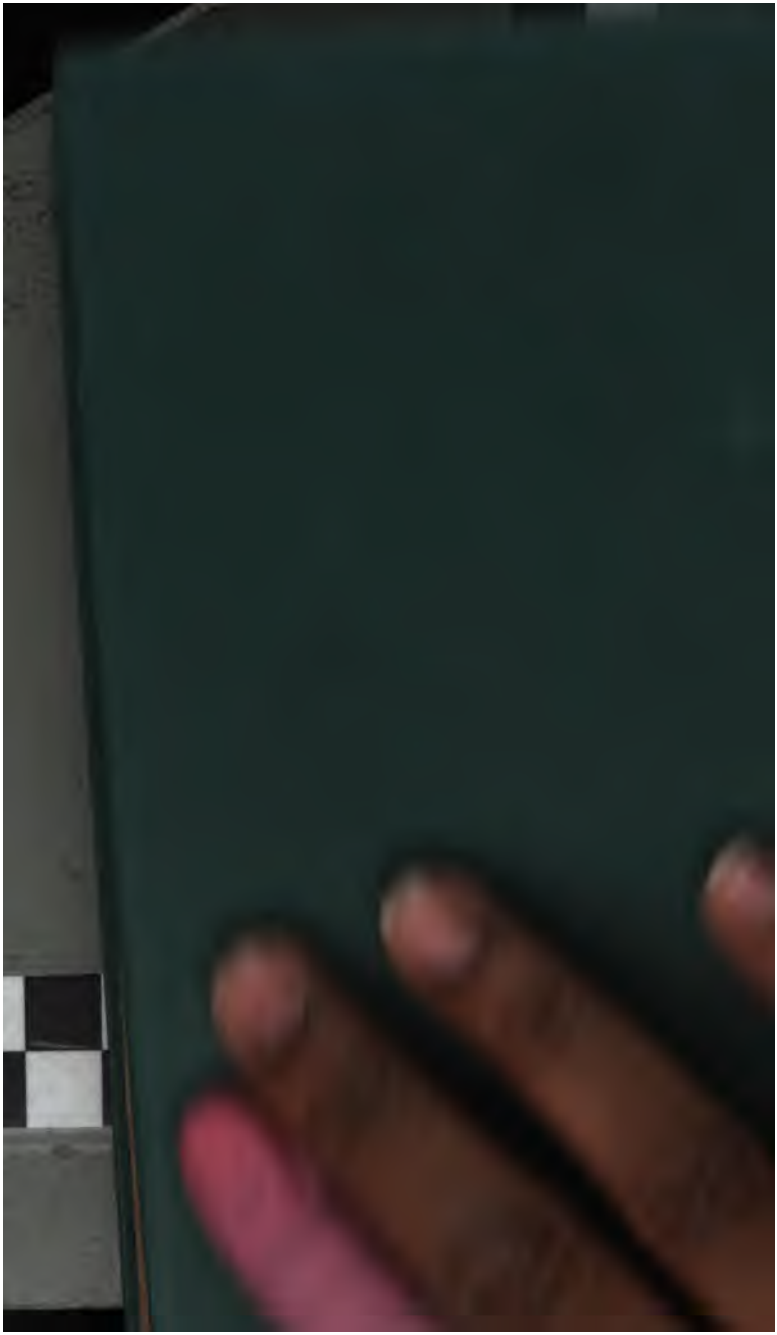
Nascêra Manoel Maria Barbosa du Bocage poeta. Prodiga a natureza, ao derramar em sua alma torrentes de estro, infundio-lhe parte grande da sciencia, que só costuma ser dominio da arte. Vida aventurosa e estragada indole o impedírão todavia de opulentar inimitavelmente as suas producções com aquelles toques magistraes que só segreda meditação, estudo, leitura e applicação. Victima de insanos applausos, e de má turba de admiradores, a elles deveu os peiores dias da sua existencia de homem, os mais ruins impulsos, e os mais discordes sons da sua lyra de poeta. Caracter fogoso e indomito, paixões arrebatadas e omnipotentes, subjugárão uma alma, aliás melancolica, em que os mais doces sentimentos vibravão escabrosos e acerbos. Ambicioso de todos os laureis poeticos, tentou, com desigual fortuna, os varios generos e estylos. Idolatra da harmonia metrica, desencantou segredos de inesgotavel melodia, e escravisou a locução, não para lhe dizer, mas para cantar-lhe os pensamentos. O idioma de Camões subio em suas mãos a tal grandeza e magestade, que nunca houve segundo typo que se lhe equiparasse. Seu estremado gosto o fez ousar uma tentativa de reacção contra o cansado e tracteado estylo bucolico. Conciso e claro, metaphorico mas natural, hyperbolico mas verdadeiro, as azas da sua imaginação levantárão o seu ouvinte á esphera onde reinava. Já, em tão verdes annos, sem par em diversos generos de poesia, todos os houvera illustrado, se a Parca não tivesse cortado tão

brilhante e esperançoso fio. Chefe glorioso de uma escola nacional, teve a dita de Molière: lançou a barra onde ninguem lh'a pôde ir buscar.

Numerosas manchas, repetimol-o, deturpão este astro da nossa litteratura; não tão desculpaveis que se lhes applique o *Non ego paucis:* por uma coincidencia memoravel, a mesma fonte d'onde manárão suas maiores bellezas, derramou a frouxo imperfeições. Nascem-lhe estas quasi sempre do excesso de qualidades excellentes e raras. O maravilhoso dom do improviso habituou-o ao desprezo da lima, do pulimento, da perfeição. A faculdade imaginativa, mostrando-lhe o mesmo assumpto sob diversas faces, degenerou na antithese e no trocadilho. O culto da melodia exagerou-o ao ponto de privar-se dos recursos que ministrão as varias musicas aos varios objectos: nem sempre comprehendeu, como Bellini, a consonancia entre a harmonia e o pensamento.

Emquanto das paixões activo enxame
Ferve no coração, revolve o peito,
Perde o caracter, o equilibrio perde
A rectidão sisuda.

Eis surge imparcial posteridade,
Na dextra subpesando ethereo facho!
Tu, candido, gentil desinteresse,
Tu lhe espertas a flamma.

O criterio sagaz, á frente de ambos,
Apparencias descrê, razões combina,
Esmiunça, deslinda, observa, apura,
E depois sentenceia!

Já sem nodoa a virtude então rutila;
Já sem mascara o vicio então negreja:
Desce ao tumulo a gloria; heróes arranca
Aos dominios da morte.